A RODA DA VIDA

UMA MEMÓRIA DE VIVER E MORRER

ELISABETH KÜBLER-ROSS

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

A RODA DA VIDA
UMA MEMÓRIA DE VIVER E MORRER
ELISABETH KÜBLER-ROSS

Índice

Capítulo 1: Não Existem Acidentes
PARTE I — “O RATO”
Capítulo 2: O Casulo
Capítulo 3: Um Anjo a Morrer
Capítulo 4: O Meu Coelho Preto
Capítulo 5: Fé, Esperança e Amor
Capítulo 6: O Meu Próprio Bata Branca
Capítulo 7: A Minha Promessa
Capítulo 8: Um Sentido de Propósito
Capítulo 9: Solo Abençoado
Capítulo 10: Borboletas

PARTE II — “O URSO”
Capítulo 11: Em Casa para o Jantar
Capítulo 12: Faculdade de Medicina
Capítulo 13: Boa Medicina
Capítulo 14: Elisabeth Kübler-Ross, M.D.
Capítulo 15: Hospital Estadual de Manhattan
Capítulo 16: Viver Até à Morte
Capítulo 17: A Minha Primeira Palestra
Capítulo 18: Maternidade
Capítulo 19: Sobre a Morte e o Morrer
Capítulo 20: Coração e Alma
Capítulo 21: A Minha Mãe
Capítulo 22: O Propósito da Vida
Capítulo 23: Fama
Capítulo 24: A Senhora Schwartz
Capítulo 25: Vida Após a Morte

PARTE III — “O BÚFALO”
Capítulo 26: Jeffy
Capítulo 27: Vida Depois da Morte
Capítulo 28: Prova
Capítulo 29: Canalizando o Outro Lado
Capítulo 30: A Morte Não Existe
Capítulo 31: A Minha Consciência Cósmica
Capítulo 32: O Lar Final
Capítulo 33: Sida
Capítulo 34: Águas de Cura

PARTE IV — “A ÁGUIA”
Capítulo 35: Serviço Prestado
Capítulo 36: O Médico da Aldeia
Capítulo 37: Formatura
Capítulo 38: O Sinal do Manny
Capítulo 39: A Borboleta
Capítulo 40: Sobre a Vida e o Viver

Dedico este livro aos meus filhos Kenneth e Barbara.
Quando tivermos feito todo o trabalho para o qual fomos enviados à Terra, é-nos permitido despir o corpo, que aprisiona a nossa alma como o casulo encerra a futura borboleta.
E quando chega o momento certo, podemos deixá-lo ir e ficaremos livres da dor, livres dos medos e das preocupações — livres como uma belíssima borboleta, regressando a casa, a Deus…
— de uma carta a uma criança com cancro

Agradecimentos

Quero aproveitar esta oportunidade para agradecer não apenas aos meus amigos de “bom tempo”, mas também àqueles que permaneceram ao meu lado nos bons e nos maus momentos.

David Richie, que conheci nos “velhos tempos” da Polónia e da Bélgica e que, apesar da sua idade avançada, continua a manter contacto e a visitar-me.
Ruth Oliver, cujo amor sempre foi incondicional.

Francis Luethy, que muito me ajudou nos meus tempos na Virgínia.
Gostaria ainda de agradecer a Gregg Furth, Rick Hurst, Rita Feild, Ira Sapin, Steven Levine e Gladys McGarrey por muitos, muitos anos de amizade.
A Cheryl, Paul e ao filho deles (o meu afilhado) ET Joseph pelas visitas frequentes.

Ao Dr. e à Dra. Durrer pela sua amizade contínua.

A Peggy e Alison Marengo por terem adotado sete bebés com sida e por serem uma inspiração para todos nós. Bem como à minha afilhada Lucy.
E naturalmente às minhas duas irmãs, Erika e Eva, bem como ao marido de Eva, Peter Bacher.

A RODA DA VIDA

“O RATO”
(primeiros anos)
O rato gosta de entrar e sair de tudo, é vivo e traquinas, está sempre à frente dos outros.

“O URSO”
(anos intermédios iniciais)
O urso é muito confortável e adora hibernar. Olha para os primeiros anos e ri-se do rato que corre de um lado para o outro.

“O BÚFALO”
(anos intermédios finais)
O búfalo adora vaguear pelas pradarias. Revê a vida num ambiente confortável e espera ansiosamente levantar o fardo pesado e transformar-se numa águia.

“A ÁGUIA”
(anos tardios)
A águia adora voar alto acima do mundo, não para olhar de cima para as pessoas, mas para as encorajar a olhar para cima.

PARTE I
“O RATO”

CAPÍTULO UM
Não Existem Acidentes

Talvez isto ajude. Durante anos fui perseguida por uma má reputação. Na verdade, fui perseguida por pessoas que me consideram a Senhora da Morte e do Morrer. Acreditam que, por ter passado mais de três décadas a investigar a morte e a vida após a morte, estou qualificada como especialista no assunto. Penso que não perceberam o essencial.

O único facto incontroverso do meu trabalho é a importância da vida.

Digo sempre que a morte pode ser uma das maiores experiências de sempre. Se viveres cada dia da tua vida da forma correta, então não tens nada a temer.

Talvez este livro, que será certamente o meu último, esclareça isso. Pode também levantar algumas novas questões e até, talvez, fornecer as respostas.

Do lugar onde me sento hoje, na sala repleta de flores da minha casa em Scottsdale, no Arizona, os últimos setenta anos da minha vida parecem extraordinários. Quando menina, criada na Suíça, nunca poderia — nem nos meus sonhos mais loucos (e eram bem selvagens) — ter previsto que um dia acabaria por ser a autora mundialmente famosa de Sobre a Morte e o Morrer, um livro cuja exploração da última passagem da vida me lançou no centro de

uma controvérsia médica e teológica. Nem poderia ter imaginado que depois passaria o resto da minha vida a explicar que a morte não existe.

Segundo os meus pais, devia ter sido uma simpática dona de casa suíça, assídua da igreja. Em vez disso, tornei-me uma psiquiatra opinativa, autora e conferencista no sudoeste americano, que comunica com espíritos de um mundo que acredito ser muito mais amoroso e glorioso do que o nosso. Penso que a medicina moderna se tornou como um profeta que oferece uma vida livre de dor. É um disparate.

A única coisa que sei que cura verdadeiramente as pessoas é o amor incondicional.

Algumas das minhas opiniões são pouco convencionais. Por exemplo, nos últimos anos sofri meia dúzia de AVC, incluindo um ligeiro logo após o Natal de 1996. Os meus médicos alertaram-me e depois imploraram-me que deixasse de fumar, de beber café e de comer chocolates. Mas continuo a conceder-me esses pequenos prazeres. Porque não? É a minha vida.

Foi assim que sempre vivi. Se sou opinativa e independente, se estou presa aos meus hábitos, se sou um pouco excêntrica, e então? Sou eu.

Separadamente, as peças parecem não encaixar.

Mas as minhas experiências ensinaram-me que não existem acidentes na vida.

As coisas que me aconteceram tinham de acontecer.

Estava destinada a trabalhar com doentes terminais. Não tive escolha quando encontrei o meu primeiro paciente com sida. Senti-me chamada a viajar cerca de 250 mil milhas por ano para organizar workshops que ajudavam as pessoas a lidar com os aspetos mais dolorosos da vida, da morte e da transição entre ambas. Mais tarde na minha vida, senti-me compelida a comprar uma quinta de 300 acres no interior da Virgínia, onde criei o meu próprio centro de cura e fiz planos para adotar bebés infetados com sida, e, embora ainda me custe admiti-lo, vejo que estava destinada a ser expulsa desse lugar idílico.

Depois de anunciar a minha intenção de adotar bebés com sida em 1985, tornei-me a pessoa mais odiada em todo o Vale de Shenandoah, e embora tenha logo abandonado os planos, houve um grupo de homens que fez tudo ao seu alcance, exceto matar-me, para me obrigar a sair. Dispararam balas pelas minhas janelas e alvejaram os meus animais. Enviaram mensagens do tipo que tornaram a vida nesse lugar maravilhoso desagradável e perigosa. Mas aquela era a minha casa e recusei-me teimosamente a fazer as malas.

Mudei-me para a quinta em Head Waters, Virgínia, dez anos antes. A quinta encarnava todos os meus sonhos e investi nela todo o dinheiro que ganhava com publicações e palestras para a tornar realidade. Construí a minha casa, uma cabana vizinha e uma casa de lavoura. Ergui um centro de cura onde

organizava workshops, permitindo-me reduzir o ritmo alucinante das viagens. Planeava adotar bebés com sida, que desfrutariam, nos dias que lhes restassem, da beleza do ar livre.

A vida simples na quinta era tudo para mim. Nada era mais relaxante, depois de um longo voo de avião, do que chegar à estrada sinuosa que conduzia até à minha casa. O silêncio da noite era mais reconfortante do que um comprimido para dormir. De manhã, acordava com uma sinfonia de vacas, cavalos, galinhas, porcos, burros, lamas… toda a ruidosa bicharada a dar-me as boas-vindas a casa. Os campos estendiam-se até onde a vista alcançava, brilhando com o orvalho fresco. Árvores antigas ofereciam a sua sabedoria silenciosa.

Havia trabalho real a fazer. As minhas mãos sujavam-se. Tocavam na terra, na água, no sol. Trabalhavam com o material da vida.

CAPÍTULO DOIS

O Casulo

Ao longo da vida, recebemos sinais que nos lembram da direção que devemos seguir. Se não lhes prestarmos atenção, tomamos más decisões e acabamos com uma vida miserável. Se permanecermos focados, aprendemos as nossas lições e temos uma vida plena e boa, incluindo uma boa morte.

O maior dom que Deus nos concedeu é o livre-arbítrio. Ele coloca sobre os nossos ombros a responsabilidade de fazer as melhores escolhas possíveis.

A primeira grande decisão que tomei inteiramente por mim aconteceu quando estava no sexto ano. Perto do fim do semestre, a professora deu à turma um trabalho. Tínhamos de escrever uma redação a descrever o que queríamos ser quando crescêssemos. Na Suíça, essa tarefa em particular era um grande acontecimento. Ajudava a determinar a educação futura. Ou se recebia formação numa profissão ou se seguia para anos de estudo académico rigoroso.

Peguei no lápis e no papel com entusiasmo invulgar. Mas, por mais que acreditasse estar a traçar o meu destino, a realidade era diferente. Nem tudo era deixado à escolha da criança.

Bastava pensar na noite anterior. Ao jantar, o meu pai afastara os pratos e observara os rostos da família antes de fazer uma importante declaração. Ernst Kübler era um homem forte e duro, com opiniões à altura. Era muito severo e exigente com o meu irmão mais velho, Ernst Júnior, e empurrou-o para um percurso académico rigoroso. Agora estava pronto para revelar o futuro das suas filhas trigémeas.

Fiquei envolvida pelo drama quando disse à Erika, a mais frágil das três, que seguiria um curso académico. Depois disse à Eva, a menos motivada, que receberia uma educação geral num colégio de raparigas. Finalmente os seus olhos pousaram em mim e rezei para que me concedesse o meu sonho de me tornar médica. Certamente que sabia.

Mas o momento seguinte nunca esquecerei.
"Elisabeth, vais trabalhar no meu escritório", disse. "Preciso de uma secretária eficiente e inteligente. Esse será o lugar para ti."

O meu coração afundou-se. Crescendo como trigémea, uma entre três raparigas idênticas, toda a minha vida tinha sido uma luta pela minha própria identidade. Agora, mais uma vez, negavam-me os pensamentos e sentimentos que me tornavam única. Imaginei-me a trabalhar no seu escritório. Teria um emprego administrativo. Sentar-me-ia a uma secretária o dia todo. Escrever números. Os dias seriam tão rígidos como as linhas de um papel quadriculado.

Não era eu. Desde cedo, tinha uma curiosidade intensa pela vida. Olhava o mundo com espanto e reverência. Sonhava ser médica de aldeia, ou melhor ainda, praticar medicina entre os pobres na Índia, tal como o meu herói Albert Schweitzer fizera em África. Não sabia de onde vinham essas ideias, mas sabia que não fora feita para trabalhar no escritório do meu pai.

"Não, obrigada!", rebati.

Naqueles tempos, tais explosões de crianças não eram apreciadas, especialmente na minha casa. O meu pai ficou vermelho de raiva. As veias das têmporas incharam de sangue. Depois explodiu. "Se não queres trabalhar no meu escritório, então podes passar o resto da vida como criada", gritou, e depois retirou-se para o seu gabinete.

"Tudo bem para mim", respondi de imediato, e dizia-o a sério. Preferia trabalhar como criada e manter a minha independência do que deixar alguém, mesmo o meu pai, condenar-me a uma vida de escriturária ou secretária. Para mim, isso teria sido como ir para a prisão.

Tudo isso fez o meu coração disparar e a minha caneta voar na manhã seguinte, na escola, quando chegou a altura de escrever as nossas redações. A minha não incluía uma única referência a trabalho de escritório. Em vez disso, escrevi apaixonadamente sobre seguir Schweitzer para a selva e investigar as múltiplas e variadas formas de vida. "Quero descobrir o propósito da vida." Desafiando o meu pai, também declarei que o meu sonho incluía tornar-me médica. Não me importava que ele lesse o meu trabalho e ficasse novamente zangado. Ninguém podia roubar-me os sonhos. "Um dia aposto que conseguirei pelos meus próprios pés", escrevi. "Devemos sempre alcançar a estrela mais alta."

As perguntas da minha infância: Porque nasci trigémea sem uma identidade própria definida? Porque era o meu pai tão duro? Porque era a minha mãe tão amorosa?

Tinham de ser assim. Fazia parte do plano.

Acredito que cada pessoa tem um espírito ou anjo da guarda. Eles ajudam-nos na transição entre a vida e a morte e também nos auxiliam a escolher os nossos pais antes de nascermos.

Os meus pais eram um casal típico de classe média-alta, conservador, em Zurique, na Suíça. As suas personalidades comprovavam o velho axioma de que os opostos se atraem. O meu pai, diretor adjunto da maior empresa de artigos de escritório da cidade, era um homem bem constituído, sério, responsável e poupado. Tinha olhos castanho-escuros que só viam duas possibilidades na vida: o seu caminho e o caminho errado.

Mas também tinha um entusiasmo enorme pela vida. Liderava animados cantares ao piano da família e vivia para explorar a beleza maravilhosa da paisagem suíça. Membro do prestigiado Clube de Esqui de Zurique, o meu pai era mais feliz a caminhar, a escalar ou a esquiar nas montanhas. Foi um amor que transmitiu aos filhos.

A minha mãe tinha um aspeto saudável, bronzeado e elegante, embora não participasse nas atividades ao ar livre com o mesmo fervor do meu pai. Pequena e atraente, era uma dona de casa prática, orgulhosa das suas competências. Era uma excelente cozinheira. Costurava muitas das suas próprias roupas, tricotava camisolas quentes, mantinha a casa arrumada e cuidava de um jardim que atraía muitos admiradores. Era um grande trunfo para o negócio do meu pai. Depois de nascer o meu irmão, dedicou-se a ser uma boa mãe.

Mas queria uma filhinha bonita para completar o quadro. Engravidou uma segunda vez sem dificuldade. Quando entrou em trabalho de parto a 8 de julho de 1926, rezou por uma menina de caracóis a quem pudesse vestir roupas de boneca. O Dr. B., um obstetra idoso, ajudou-a nas dores e contrações. O meu pai, avisado no trabalho da condição da minha mãe, chegou ao hospital no culminar de nove meses de espera. O médico estendeu a mão e apanhou um bebé, o mais pequeno recém-nascido que alguém na sala de partos alguma vez vira nascer vivo.

Essa foi a minha chegada. Pesava novecentas gramas. O médico ficou chocado com o meu tamanho, ou melhor, com a falta dele. Parecia um ratinho. Ninguém esperava que sobrevivesse. No entanto, assim que o meu pai ouviu o meu primeiro choro, correu para o telefone no corredor e informou a sua mãe, Frieda, de que tinha mais um neto.

Quando voltou à sala de partos, foi corrigido. “A senhora Kübler”, disse a enfermeira, “deu na verdade à luz uma filha.” Disseram-lhe que muitas vezes bebés tão pequenos não podiam ser identificados corretamente ao nascer. Assim, correu de novo ao telefone e disse à mãe que tinha a sua primeira neta. “Planeamos chamá-la Elisabeth”, disse orgulhosamente.

Quando voltou a entrar na sala para confortar a minha mãe, teve outra surpresa. Nascera também uma segunda menina. Tal como eu, era frágil e pesava cerca de novecentas gramas. Depois de informar a sua mãe das boas novas adicionais, encontrou a minha mãe ainda em dores consideráveis. Ela jurava que não tinha terminado, que ia ter outro filho. O meu pai achou que era disparate causado pelo cansaço, e o velho médico experiente concordou a contragosto.

Mas de repente a minha mãe começou a ter novas contrações. Começou a fazer força e momentos depois deu à luz uma terceira filha. Esta era grande, quase três quilos, o triplo do peso das outras duas. E tinha uma cabeleira cheia de caracóis! A minha mãe, exausta, ficou radiante. Finalmente tinha a menininha com que sonhara durante os últimos nove meses.

A Dra. B., uma mulher idosa, considerava-se clarividente. Éramos o primeiro grupo de trigémeos que alguma vez tinha ajudado a nascer. Estudou os nossos rostos com atenção e fez previsões à minha mãe sobre cada uma de nós. Disse que a Eva, a última a nascer, ficaria sempre “mais próxima do coração da mãe”, enquanto a Erika, a segunda, iria sempre “escolher o caminho do meio”. Depois, apontando para mim, comentou como eu tinha mostrado o caminho às outras e acrescentou: “Com esta nunca terá de se preocupar.”

Todos os jornais locais noticiaram, na edição do dia seguinte, a excitante novidade das trigémeas Kübler. Até ver as manchetes, a minha avó pensava que o meu pai lhe pregara uma partida estúpida.

As celebrações duraram dias. Só o meu irmão não partilhou o entusiasmo. Os seus dias de príncipe encantado terminaram abruptamente. Encontrou-se soterrado sob uma avalanche de fraldas. Pouco depois estaria a empurrar um carrinho pesado pelas colinas acima e a ver as três irmãs sentadas em penicos idênticos. Tenho quase a certeza de que a falta de atenção que recebeu explica a sua distância da família mais tarde.

As trigémeas em 1928.
Da esquerda para a direita: Elisabeth, Eva, Erika

Para mim, ser trigémea foi um pesadelo. Não o desejaria ao meu pior inimigo. Não tinha identidade fora das minhas irmãs. Parecíamos iguais. Recebíamos os mesmos presentes. Os professores davam-nos as mesmas notas. Nos passeios pelo parque, os transeuntes perguntavam qual era qual. Às vezes, a minha própria mãe admitia que também não sabia.

Era um peso psicológico enorme de carregar. Não só nascera com novecentas gramas e uma ténue hipótese de sobreviver; toda a minha infância foi passada a tentar descobrir quem era eu. Sentia sempre que tinha de trabalhar dez vezes mais do que os outros e fazer dez vezes mais para provar que era digna de alguma coisa… digna de viver. Era uma tortura diária.

Só em adulta percebi que, afinal, tinha sido uma bênção. Essas circunstâncias foram as que eu própria escolhi antes de entrar no mundo. Podem não ter sido agradáveis. Podem não ter sido o que eu queria. Mas foram o que me deu a fibra, a determinação e a resistência para todo o trabalho que me esperava.

CAPÍTULO TRÊS

Um Anjo a Morrer

Depois de quatro anos a criar trigémeas num apartamento apertado em Zurique, onde não havia espaço nem privacidade, os meus pais alugaram uma encantadora casa de campo de três andares em Meilen, uma aldeia suíça tradicional à beira do lago, a meia hora de comboio de Zurique. Era pintada de verde, o que nos inspirou a chamá-la de “Casa Verde”.

A nossa nova casa ficava numa colina relvada com vista sobre a aldeia. Tinha muito carácter antigo e um pequeno quintal de relva onde podíamos correr e brincar. Havia uma horta que nos fornecia legumes frescos da nossa própria colheita. Eu, cheia de energia, rendi-me ao ar livre, muito filha do meu pai. Às vezes passava o dia inteiro a vaguear pelos bosques e prados, a perseguir pássaros e animais.

Tenho duas memórias muito precoces dessa altura, ambas muito importantes para moldar a pessoa que eu viria a ser.

A primeira foi a descoberta de um livro ilustrado sobre a vida numa aldeia africana, que despertou a minha curiosidade de toda a vida pelas diferentes culturas do mundo. Fiquei imediatamente fascinada com as fotografias das crianças de pele escura. Tentei compreendê-las melhor inventando um mundo imaginário que podia explorar, incluindo uma linguagem secreta que partilhava apenas com as minhas irmãs. Implorei aos meus pais uma boneca de cara preta, algo impossível de encontrar na Suíça. Cheguei até a deixar de brincar com a minha coleção de bonecas até ter algumas com rostos negros.

Quando ouvi falar de uma nova exposição africana no jardim zoológico de Zurique, fugi sozinha para a ir ver. Apanhei o comboio, como já tinha feito antes com os meus pais, e encontrei facilmente o zoo. Observei os tambores africanos criarem os mais belos e exóticos ritmos. Entretanto, toda a vila de Meilen estava à minha procura, aflita pela fuga da malandra das Kübler. Mal sabia eu a preocupação que tinha causado quando regressei nessa noite, mas fui devidamente castigada.

Mais ou menos na mesma época, lembro-me também de ter ido a uma corrida de cavalos com o meu pai. Como era tão pequena, ele empurrou-me para a frente dos adultos para eu ver melhor. Passei a tarde sentada na relva húmida da primavera. Apesar do frio ligeiro, fiquei imóvel para apreciar a proximidade daqueles belos cavalos. Pouco depois apanhei uma constipação e a seguinte memória que tenho é de andar a dormir sonâmbula, em estado delirante, pela cave da nossa casa.

Totalmente desorientada quando a minha mãe me encontrou, levou-me para o quarto de hóspedes, onde podia vigiar-me. Foi a primeira vez que dormi longe das minhas irmãs. Tinha febre alta, que rapidamente se transformava em pleurisia e pneumonia. Sabia que a minha mãe estava zangada com o meu pai por estar ausente numa viagem de esqui e a deixar com o cansativo trio e o pequeno filho.

Às quatro da manhã, com a minha febre a disparar, a minha mãe chamou um vizinho para cuidar do meu irmão e irmãs, e pediu a outro vizinho, o senhor H., que tinha carro, para nos levar ao hospital. Envolveu-me em várias mantas e segurou-me nos braços enquanto o senhor H. conduzia rapidamente até ao hospital infantil de Zurique.

Esta foi a minha introdução à medicina hospitalar e, infelizmente, recordo-a como desagradável. A sala de exames era fria. Ninguém me dirigiu uma palavra. Nem um “olá”. Nem um “como estás?”. Nada. Um médico arrancou-me as mantas aconchegantes do corpo trémulo e despiu-me rapidamente. Pediu à minha mãe que saísse. Depois fui pesada, picada, apalpada, mandada tossir e

tratada como um objeto em vez de uma menina, enquanto procuravam a causa dos meus problemas.

A próxima memória é acordar num quarto estranho. Na verdade, mais parecia uma gaiola de vidro. Ou um aquário. Não havia janelas. Era perfeitamente silencioso. Uma luz no teto ficava acesa praticamente o tempo todo. Durante as semanas seguintes, vi pessoas de bata branca entrarem e saírem sem pronunciar uma única palavra ou oferecer um sorriso amistoso.

Havia outra cama no aquário. Estava ocupada por uma menina dois anos mais velha do que eu. Era muito frágil e a pele tão pálida e doentia que parecia translúcida. Fazia-me lembrar um anjinho sem asas, um pequeno anjo de porcelana. Nunca recebia visitas.

Ela alternava entre a consciência e a inconsciência, por isso nunca falámos de facto. Mas estávamos muito à vontade uma com a outra, relaxadas e próximas. Passávamos imenso tempo a olhar-nos nos olhos. Era a nossa forma de comunicar. Tivemos longas, profundas e significativas conversas sem nunca proferir uma palavra. Era uma espécie de simples transferência de pensamentos. Bastava abrir os olhos jovens para começar o fluxo. Oh, havia tanto para dizer.

Um dia, pouco antes da minha própria doença dar uma viragem drástica, acordei de um sono sonhador e vi a minha companheira de quarto a olhar para mim, à espera. Tivemos então uma conversa bela, comovente e intencional. A minha pequena amiga de porcelana disse-me que partiria nessa noite. Fiquei preocupada. “Está tudo bem”, disse ela. “Há anjos à minha espera.”

Nessa noite agitou-se mais do que o normal. Ao tentar captar a sua atenção, percebi que olhava para além de mim, ou através de mim. “É importante que continues a lutar”, explicou. “Tu vais conseguir. Vais regressar a casa com a tua família.” Fiquei tão feliz, mas o meu ânimo mudou abruptamente. “E tu?”, perguntei.

Ela respondeu que a sua verdadeira família estava “do outro lado” e assegurou-me que não havia motivo para preocupação. Trocámos sorrisos antes de adormecer novamente. Não tive medo da viagem que a minha nova amiga estava prestes a empreender. Nem ela. Parecia tão natural como o sol pôr-se todas as noites e a lua tomar o seu lugar.

Na manhã seguinte reparei que a cama dela estava vazia. Nenhum médico ou enfermeiro disse uma palavra sobre a sua partida, mas eu sorri por dentro, sabendo que ela me tinha confiado o segredo antes de partir. Talvez eu soubesse mais do que eles. Certamente nunca mais esqueci a minha pequena amiga que parecia morrer sozinha mas que, tenho a certeza, foi acompanhada por pessoas de outro plano. Eu sabia que tinha partido para um lugar melhor.

Quanto a mim, não tinha tanta certeza. Detestava a minha médica. Culpava-a por não permitir que os meus pais se aproximassem mais do que o outro lado da janela. Eles olhavam para mim do exterior enquanto eu desesperadamente precisava de um abraço. Queria ouvir as suas vozes. Queria sentir a pele quente dos meus pais e ouvir as gargalhadas dos meus irmãos. Em vez disso, os meus pais encostavam os rostos ao vidro. Mostravam fotografias que as minhas irmãs enviavam; sorriam e acenavam; e isso era o máximo das visitas enquanto estive no hospital.

O meu único prazer era arrancar a pele morta dos lábios gretados. Sabia bem e irritava profundamente a minha médica. Batia-me constantemente na mão e ameaçava que, se não parasse, me amarraria os braços para me imobilizar. Desafiante e aborrecida, continuei. Não conseguia parar. Era a única diversão que tinha. Mas um dia, depois de os meus pais saírem, essa médica cruel entrou no quarto, viu os meus lábios a sangrar e prendeu-me os braços de modo a não poder tocar mais no rosto.

Então usei os dentes. Os meus lábios sangravam constantemente. A médica odiava-me por ser uma criança teimosa, indisciplinada e desobediente. Mas eu não era nada disso. Estava doente, sozinha e a ansiar pelo calor do contacto humano. Chegava a esfregar os pés e as pernas um no outro para sentir o toque reconfortante da pele. Não era maneira de tratar uma criança doente, e não tenho dúvidas de que havia crianças muito mais doentes do que eu que ainda passavam por pior.

Certa manhã, vários médicos reuniram-se em volta da minha cama, a sussurrar algo sobre eu precisar de uma transfusão de sangue. No dia seguinte, o meu pai entrou no meu quarto vazio e desolado, parecendo enorme e heróico. Anunciou que eu ia receber “bom sangue cigano” dele. De repente o quarto iluminou-se. Deitámo-nos em marquesas vizinhas e ligaram-nos tubos aos braços. O aparelho de sucção e bombeamento era acionado à mão e parecia um moinho de café. O meu pai e eu ficámos a olhar para os tubos vermelhos. Cada vez que a manivela rodava, puxava sangue do tubo do meu pai e forçava-o a entrar no meu.

“Isto vai ajudar-te a ultrapassar o pior”, disse encorajador. “Em breve vais poder ir para casa.”

Naturalmente, acreditei em cada palavra.

Fiquei triste quando o procedimento terminou, porque o meu pai levantou-se e voltou a deixar-me sozinha. Mas passados alguns dias, a febre baixou e a tosse diminuiu. Então, uma manhã, o meu pai voltou a aparecer. Ordenou-me que me levantasse da cama, com o meu corpo frágil, e que caminhasse pelo corredor até uma pequena sala de vestir.
“Está lá uma coisinha à tua espera”, disse.

Embora incerta nos meus passos, o espírito em alta levou-me pelo corredor, onde imaginei que a minha mãe e as minhas irmãs me preparavam uma surpresa. Em vez disso, entrei numa sala vazia. A única coisa que lá estava era uma pequena mala de couro. O meu pai espreitou e disse-me para a abrir e vestir-me rapidamente. Estava fraca e preocupada em cair, e mal tinha forças para abrir a mala. Mas não queria desobedecer-lhe e talvez perder a oportunidade de ir para casa com ele.

Então usei toda a minha força para a abrir. E encontrei a maior surpresa da minha vida. Dentro, as minhas roupas estavam cuidadosamente dobradas, claramente obra da minha mãe, e em cima de tudo estava uma boneca preta. Era o tipo de boneca preta com que eu sonhara durante meses. Peguei nela e comecei a chorar. Nunca tinha tido uma boneca só minha. Nada. Nem um brinquedo nem sequer uma peça de roupa que não partilhasse com as minhas irmãs. Mas aquela boneca preta era obviamente minha, só minha, claramente distinta das bonecas brancas da Eva e da Erika. Estava tão feliz que me apetecia dançar — se as minhas pernas fracas o tivessem permitido.

Em casa, o meu pai levou-me ao colo escadas acima e pôs-me na cama. Nas semanas seguintes, aventurei-me apenas até à cadeira confortável da varanda, onde descansava com a minha preciosa boneca preta nos braços, deixando o sol aquecer-me a pele enquanto olhava com admiração para as árvores e flores onde as minhas irmãs brincavam. Estava tão feliz por estar em casa que não me importava de não poder brincar com elas.

Infelizmente, perdi o início das aulas, mas num dia de sol a minha professora preferida, a Frau Bürklí, apareceu em nossa casa com a turma inteira. Juntaram-se debaixo da minha varanda e fizeram-me uma serenata com as minhas canções alegres favoritas. Antes de partir, a minha professora deu-me um adorável urso preto cheio dos mais deliciosos trufes de chocolate, que devorei a uma velocidade recorde.

Lenta mas seguramente, voltei ao normal e, como percebi muito mais tarde na vida, muito depois de ter passado a fazer parte das fileiras daqueles médicos de bata branca do hospital, isso deveu-se em grande medida ao melhor remédio do mundo: o cuidado, o conforto e o amor que recebi em casa… e uns quantos chocolates também!

CAPÍTULO QUATRO

O Meu Coelhinho Preto

O meu pai deliciava-se a tirar fotografias das ocasiões de família, que organizava meticulosamente em álbuns. Mantinha também diários pormenorizados sobre quem proferira as primeiras palavras, aprendera a gatinhar, a andar, dissera algo engraçado ou perspicaz — recordações preciosas que me faziam sempre sorrir até a maioria ter sido destruída. Felizmente, continuam todas guardadas na minha memória.

O Natal era a melhor época do ano. Na Suíça, cada criança esforça-se por inventar presentes feitos à mão para todos os membros da família e parentes próximos. Nos dias que antecediam o Natal, sentávamo-nos juntos a tricotar capas para cabides, a bordar lenços bonitos e a pensar em novos pontos para toalhas e naperons. Fiquei tão orgulhosa do meu irmão quando ele trouxe para casa um kit de engraxador que fizera na aula de marcenaria da escola.

A minha mãe era a melhor cozinheira do mundo, mas tinha um grande orgulho em preparar ementas especiais e novas durante as festas. Era muito exigente quanto aos sítios onde comprava a carne e os legumes, e não hesitava em andar quilómetros para ir buscar uma coisa especial a uma loja do outro lado da aldeia.

Embora, aos nossos olhos, o meu pai fosse poupado, trazia sempre para casa, pelo Natal, um ramalhete de anémonas, ranúnculos, margaridas e mimosas frescas. Ainda hoje consigo sentir o aroma dessas flores todos os dezembros apenas fechando os olhos. Também trazia caixas de tâmaras, alguns figos secos e outras guloseimas que tornavam a época do Advento mística e especial. A minha mãe enchia todos os jarros com flores e ramos de abeto e decorava a casa de forma especialmente bonita. Havia sempre um ar de expetativa e entusiasmo.

No dia 25 de dezembro, o meu pai levava-nos, a todas as crianças, a dar um longo passeio à procura do Menino Jesus. Bom contador de histórias, fazia-nos acreditar que o brilho na neve era sinal de que o Menino estava apenas uns momentos à nossa frente. Nunca o questionávamos, caminhando por florestas e por cima de colinas, sempre a esperar que o conseguíssemos ver com os nossos próprios olhos. A caminhada durava várias horas, até anoitecer, quando o meu pai, com um suspiro de derrota, decidia que era hora de regressar a casa para a Mãe não se preocupar.

Mas mal chegávamos ao jardim, a minha mãe, embrulhada num casaco grosso, regressava também, aparentemente de algumas compras tardias. Entrávamos todos em casa ao mesmo tempo e, com grande excitação, descobríamos que o Menino Jesus tinha aparentemente estado na nossa sala e acendido todas as velas de uma enorme e requintadamente decorada árvore

de Natal. Havia embrulhos debaixo da árvore. Comíamos um grande banquete enquanto as velas tremeluziram. Depois, recolhíamos para a sala de estar, que também era a sala de música e a biblioteca, e a minha família começava a cantar as velhas e queridas canções de Natal. A minha irmã Eva tocava piano e o meu irmão acompanhava na concertina. O meu pai tinha uma lindíssima voz de tenor e todos se juntavam. Depois, o meu pai lia uma história de Natal com as crianças sentadas, enlevadas, a seus pés. Enquanto a minha mãe reacendia as velas da árvore e preparava a sobremesa, nós andávamos à socapa à volta da árvore, a tentar adivinhar o conteúdo de cada embrulho. Finalmente, depois da sobremesa, abríamos as prendas e jogávamos até à hora de deitar.

Nos dias normais de trabalho, o meu pai saía cedo de manhã para apanhar o comboio para Zurique. Voltava para o almoço e depois tornava a sair para a estação. Isso deixava à minha mãe muito pouco tempo para fazer as camas e limpar a casa antes de preparar o almoço, que geralmente tinha quatro pratos e era a principal refeição do dia. Tínhamos todos de estar à mesa, e levávamos "o olho de águia" do meu pai, disciplinador severo, se fizéssemos demasiado barulho ou não acabássemos tudo o que tínhamos no prato. Raramente precisava de levantar a voz; quando o fazia, todos se portavam depressa. Caso contrário, convidava-nos ao seu gabinete e sabíamos o que isso significava.

Não me lembro de o meu pai perder alguma vez a cabeça com a Eva ou a Erika. A Erika era invulgarmente boa e calada o tempo todo. A Eva era a preferida da minha mãe. Assim, o Ernst e eu éramos os alvos habituais. O meu pai tinha alcunhas para todos nós: a Erika era Augedächli, que quer dizer "pálpebra", um gesto simbólico de como se sentia próximo dela, e talvez porque a via sempre meio a sonhar, meio a dormir, com os olhos quase fechados. Porque eu saltava sempre de ramo em ramo, chamava-me Meisli, ou "passarinho", e mudou para Müesli, ou "ratinho", porque eu nunca parava quieta. A Eva era Leu, que significa "Leão", provavelmente pela quantidade de cabelo magnífico que tinha, bem como pelo bom apetite! O Ernst era o único chamado pelo nome próprio.

À noite, muito depois de regressarmos da escola e o meu pai do trabalho, juntávamo-nos todos na sala de música e cantávamos. O meu pai, um animador muito requisitado no prestigiado Clube de Esqui de Zurique, assegurava-se de que aprendíamos centenas de baladas e canções populares. Com o tempo, tornou-se óbvio que a Erika e eu não tínhamos qualquer aptidão musical e só acrescentávamos notas desafinadas a um concerto de resto animado. Como resultado, o meu pai destacou-nos para a copa. Quase diariamente, enquanto os outros cantavam, a Erika e eu acabávamos a lavar a loiça do jantar e a cantar sozinhas. Mas não nos importávamos. Quando terminávamos, em vez de nos juntarmos aos outros, sentávamo-nos no balcão,

cantávamos por nossa conta e enviávamos pedidos de favoritas como “Ave Maria”, “Das alte Lied” e “Always”. Eram os melhores momentos.

À hora de deitar, partilhávamos camas idênticas e roupa de cama igual e punhamos as roupas iguais em cadeiras iguais para a manhã seguinte. Das bonecas aos livros, tudo era igual para as três. Era de enlouquecer. Lembro-me do meu pobre irmão ser usado como cão de guarda durante as nossas idas ao penico. O trabalho dele era garantir que eu não me levantava antes do tempo e não fugia antes de as minhas irmãs acabarem. Ressentia esse procedimento e sentia-me como se me tivessem metido uma camisa-de-forças. Tudo isso atiçava o meu desejo de ter uma identidade própria.

Na escola, eu era muito mais individual do que as minhas irmãs. Excelente aluna, especialmente a matemática e línguas, mas era sobretudo conhecida por defender crianças fracas, indefesas ou com deficiência dos que arranjavam sarilhos. Os meus punhos martelavam as costas dos rufias da escola tantas vezes que a minha mãe já estava habituada a que o rapaz do talho, coscuvilheiro da vila, passasse por nossa casa depois das aulas a dizer: “A Betli vai chegar tarde hoje. Está a dar uma tareia a um dos rapazes.” Os meus pais nunca se zangavam, porque sabiam que eu só protegia quem não se podia defender.

Ao contrário das minhas irmãs, eu também estava muito envolvida com animais de estimação. No fim do jardim-de-infância, um amigo próximo da família voltou de África e deu-me um macaquinho a que chamei Chicito. Tornámo-nos rapidamente amigos especiais. Colecionava também todo o tipo de animais e dirigia um hospital improvisado na cave para pássaros, rãs e cobras feridos. Uma vez tratei uma gralha magoada até recuperar a saúde, de modo a poder voltar a voar. Imaginava que os animais sabiam instintivamente em quem podiam confiar.

Da esquerda para a direita e de cima para baixo:
Ernst, Elisabeth, Eva, Erika

Isso era certamente verdade quanto à dúzia (ou mais) de coelhinhos que mantínhamos num pequeno cercado no jardim. Eu era principalmente responsável por limpar a casinha deles, assegurar que tinham comida e brincar com eles. Embora a minha mãe pusesse guisado de coelho no menu de poucos em poucos meses, eu convenientemente nunca pensava em como é que os coelhos iam parar à panela. Por outro lado, reparava que os coelhos só se aproximavam do portão quando eu entrava, nunca quando alguém mais da família aparecia. Esse favoritismo inspirou-me a mimá-los ainda mais. Pelo menos conseguiam distinguir-me das minhas irmãs.

Quando começaram a multiplicar-se, o meu pai decidiu reduzir o número e manter apenas um mínimo de coelhos. Não percebo porque fez isso. Não custavam nada a alimentar, pois comiam dentes-de-leão e erva, e não faltava nenhuma das duas no nosso quintal. Mas ele deve ter achado que, de algum modo, estava a poupar dinheiro. Uma manhã pediu à minha mãe que fizesse assado de coelho. Depois agarrou-me. “Leva um dos teus coelhos ao talho a caminho da escola”, disse. “Depois traz de volta à hora de almoço para a Mãe poder cozinhá-lo a tempo do jantar.”

Embora sem fala com a ideia do que me pedia, obedeci. Nessa noite, vi a minha família comer o “meu” coelho. Quase me engasguei quando o meu pai sugeriu que eu provasse um bocadinho. “Talvez uma perna”, disse. Recusei teimosamente e consegui evitar um “convite” ao gabinete do meu pai.

Este drama repetiu-se durante meses, até que o único coelho que restou foi o Pretinho, o meu favorito. Era uma grande bola de pelo gorduchinha. Adorava aninhá-lo e despejar-lhe todos os meus segredos. Era um ótimo ouvinte, um maravilhoso “psiquiatra”. Estava convencida de que era o único ser vivo em todo o mundo que me amava incondicionalmente. Então chegou o dia que temia. Depois do pequeno-almoço, o meu pai disse-me para levar o Pretinho ao talho. Saí para o exterior a tremer e desfeita. Ao pegá-lo ao colo, confessei-lhe o que me tinham mandado fazer. O Pretinho olhou para mim, com o narizinho cor-de-rosa a tremer.

“Não consigo fazê-lo”, disse, e coloquei-o no chão. “Foge”, supliquei. “Vai.” Mas ele não se mexeu.

Por fim, fiquei sem tempo. A escola estava prestes a começar. Então agarrei o Pretinho e corri até à talho, com as lágrimas a correrem-me pelas faces. Pobre Pretinho, tenho de pensar que pressentiu que algo terrível estava prestes a acontecer. Quero dizer, o coraçãozinho dele batia tão depressa quanto o meu quando o entreguei ao talhante e segui apressada para a escola sem me despedir.

Passei o resto do dia a pensar no Pretinho. Perguntei a mim mesma se já teria sido morto, se ele sabia que eu o amava e que sentiria a sua falta para sempre. Arrependi-me de não me ter despedido. Todas estas perguntas que me fiz, para não falar da minha atitude, plantaram as sementes do meu trabalho futuro. Detestava o que sentia e culpava o meu pai.

Depois da escola, entrei devagar na vila. O talhante estava à porta da loja à minha espera. Ao entregar-me o saco com o Pretinho, disse: “É uma pena dos diabos teres trazido este coelho. Daqui a um dia ou dois, ela teria tido coelhinhos.” (Eu não sabia que o Pretinho era fêmea.) Não pensei que pudesse sentir-me pior, mas consegui. Depositei o saco ainda morno no balcão. Mais tarde, sentei-me à mesa e vi a minha família comer o meu coelho. Não chorei. Não queria que os meus pais soubessem o quanto me tinham magoado.

Concluí que, obviamente, não me amavam, e portanto tinha de aprender a ser rija. Mais rija do que qualquer pessoa.

Enquanto o meu pai elogiava a minha mãe pela refeição deliciosa, disse a mim própria: “Se conseguires aguentar isto, então consegues aguentar qualquer coisa na vida.”

Quando eu tinha dez anos, o meu pai mudou-nos para uma casa muito maior, a que chamávamos “a Casa Grande”, mais acima, nas colinas por cima da vila. Tínhamos seis quartos, mas os meus pais continuaram a pôr-nos, às três raparigas, no mesmo quarto. Nessa altura, o único espaço que me interessava era o ar livre. Tínhamos um jardim espetacular, dois acres de relvado, flores e uma horta, claramente a origem do meu interesse para toda a vida em cultivar tudo o que floresce. Estávamos também rodeados por quintas e vinhas dignas de livro de imagens, e, ao fundo, via-se uma cadeia de montanhas escarpadas com picos nevados.

Vagueei por todo o campo, à procura de pássaros feridos, gatos, cobras, rãs e vários outros animais. Levava-os de volta para a nossa cave, onde montei um belo laboratório. Chamava-lhe orgulhosamente “o meu hospital”. Para os pacientes menos afortunados, criei um cemitério debaixo de um salgueiro e mantinha a zona sombreada decorada com flores.

Os meus pais não me protegiam da vida e da morte tal como aconteciam naturalmente, o que me permitiu absorver as diferentes circunstâncias, bem como as reações das pessoas. No terceiro ano, a minha turma recebeu uma nova menina chamada Suzy. O pai, um jovem médico, acabara de mudar a família para Meilen. Não era fácil começar uma nova prática médica numa

aldeia pequena, e o pai teve dificuldade em arranjar doentes. Mas toda a gente achava a Suzy e a irmã mais nova adoráveis.

Alguns meses depois, a Suzy deixou de ir à escola. Depressa se espalhou a notícia de que estava gravemente doente. Toda a vila culpou o pai por não a conseguir curar. Logo, não devia ser bom médico, raciocinavam. Mas nem os melhores médicos do mundo poderiam ter ajudado. A Suzy, ao que se soube, tinha contraído meningite.

A vila inteira, incluindo as crianças da escola, acompanhou o seu declínio gradual: primeiro instalou-se a paralisia, depois a surdez e, finalmente, perdeu a visão. Os habitantes, embora tristes pela família, eram como a maioria das pessoas de aldeia: temiam que a doença horrível pudesse entrar em suas casas se se aproximassem demasiado. Consequentemente, a nova família foi praticamente ostracizada e deixada sozinha numa altura de grande necessidade emocional.

Perturba-me pensar nisso agora, embora eu fizesse parte de um grupo de colegas da Suzy que continuou a manter contacto. Eu dava bilhetes, desenhos e flores silvestres à irmã para levar para casa. “Diz à Suzy que estamos a pensar nela”, disse. “Diz-lhe que tenho saudades.”

Nunca esquecerei que, quando a Suzy morreu, as cortinas do seu quarto estavam fechadas. Recordo-me de me sentir triste por ela estar isolada do sol, dos pássaros, das árvores e de todos os sons e visões encantadores da natureza. Não me pareceu certo. Nem o pranto e a dor que se seguiram, já que eu achava que a maioria dos habitantes de Meilen se sentiu aliviada por o suplício finalmente ter terminado. Sem motivo para ficar, a família da Suzy mudou-se.

Fiquei muito mais positivamente impressionada com a morte de um amigo dos meus pais. Era agricultor, provavelmente na casa dos cinquenta. Anos antes, tinha sido ele quem levara a correr a minha mãe e a mim ao hospital quando eu tive pneumonia. A morte veio depois de cair de uma macieira e partir o pescoço, mas não o matou de imediato.

No hospital, os médicos disseram-lhe que nada podiam fazer, e ele insistiu em ser levado para casa para morrer. Houve tempo suficiente para a família, os parentes e os amigos se despedirem. No dia em que fomos, estava rodeado pela família e pelos filhos. O quarto transbordava de flores silvestres, e a cama estava colocada de forma a poder olhar pela janela para os seus campos e árvores de fruto, literalmente os frutos do seu trabalho que sobreviveriam ao passar do tempo. A dignidade, o amor e a paz que vi deixaram-me uma impressão duradoura.

No dia seguinte, ele morreu, e regressámos nessa tarde para ver o corpo. Eu estava muito relutante, nada ansiosa pela experiência de um corpo sem vida. Cerca de vinte e quatro horas antes, aquele homem, cujos filhos andavam comigo na escola, pronunciara o meu nome, um doloroso mas sentido "pequena Betli". Mas a visita acabou por ser um momento fascinante. Ao olhar para o corpo, percebi que ele já não estava ali. O que quer que fosse a força e a energia que lhe davam vida, aquilo por que lamentávamos, tinha desaparecido.

Na minha mente, comparei a morte dele com a da Suzy. O que quer que lhe tenha acontecido ocorreu no escuro, por detrás de cortinas corridas que impediram até os cálidos raios de sol de entrarem nos seus momentos finais. O agricultor morrera do que hoje chamo uma boa morte — em casa, rodeado de amor e agraciado com respeito, dignidade e afeto. A família disse tudo o que havia a dizer e chorou sem quaisquer remorsos ou assuntos por resolver.

Pelas poucas experiências que tive, percebi que a morte é algo que nem sempre se pode controlar. Mas, havendo alguma escolha, isto parecia o certo.

CAPÍTULO CINCO
Fé, Esperança e Amor

Tive sorte na escola. O meu interesse pela matemática e pelos estudos em geral tornava-me uma daquelas crianças estranhas que adoravam ir à escola. Mas tinha a reação oposta às aulas semanais obrigatórias de religião. Foi uma pena, porque em criança eu tinha claramente uma inclinação espiritual. Mas o pastor R., o ministro protestante da vila, ensinava as escrituras ao domingo enfatizando o medo e a culpa, e eu não me identificava com o deus dele.

Era um homem frio, brutamontes e pouco sofisticado. Os seus cinco filhos, que sabiam quão pouco cristão ele era na verdade, apareciam na escola com fome e com o corpo coberto de nódoas negras. Os coitadinhos tinham um ar cansado e gasto. Nós levávamos-lhes sandes às escondidas para pequenos-almoços tardios e metíamos camisolas e almofadas por baixo dos rabos para conseguirem aguentar sentados nos bancos de madeira no exterior. Acabaram por chegar ao recreio os segredos da família — todas as manhãs o pai venerado lhes batia a valer com o que tivesse à mão.

Em vez de o confrontarem pelo comportamento terrivelmente abusivo, os adultos admiravam os sermões eloquentes e altamente dramáticos; mas todas nós, crianças sujeitas ao seu modo ditatorial de ensinar e à disciplina rígida, sabíamos melhor. Um suspiro durante a lição, ou um ligeiro virar de cabeça,

resultava numa forte reguada de madeira no braço, na cabeça ou na orelha, ou pior.

Ele caiu em desgraça para mim, tal como a religião em geral, no dia em que a minha irmã Eva foi chamada a recitar um salmo. Tínhamos memorizado o salmo na semana anterior. A minha irmã sabia-o na perfeição. Mas antes de terminar, a rapariga ao lado dela tossiu. O pastor R. pensou erradamente que ela lhe tinha soprado o salmo ao ouvido. Sem fazer perguntas, agarrou cada uma pelas tranças e bateu-lhes com as cabeças uma na outra. O estalo dos ossos produziu um som que fez toda a turma estremecer.

Foi demais, e eu explodi. Atirei o livro preto dos salmos que tinha na mão à cara dele. Acertou-lhe em cheio. Ele ficou atónito e olhou diretamente para mim, mas eu estava demasiado indignada para me deixar intimidar. Gritei que ele não praticava o que pregava. “Não é um exemplo de um ministro carinhoso, compassivo, amoroso e compreensivo”, berrei. “Não quero fazer parte de nenhuma religião que esteja a ensinar!” Depois desatei a correr, saí da escola e jurei nunca mais voltar.

A caminho de casa, estava perturbada e assustada. Embora soubesse que a minha ação era justificada, temia as consequências. Imaginei-me expulsa da escola. Mas o maior desconhecido era o meu pai. Nem queria pensar em como me iria castigar. Por outro lado, ele não era fã do pastor R. O pastor escolhera recentemente os nossos vizinhos como a família cristã mais exemplar da aldeia, e no entanto todas as noites ouvíamos os pais a gritar, a discutir e a bater nos filhos. Ao domingo, faziam boa figura. Mas o meu pai questionava-se sobre como o pastor R. podia ser tão cego.

No caminho para casa, parei para descansar à sombra de uma das grandes árvores nos limites de uma vinha. Esta era a minha igreja. Os campos abertos. As árvores. Os pássaros. O sol. Não tinha dúvidas quanto à santidade e ao assombro inspirados pela Mãe Natureza. Intemporal e fiel na sua aparência. Bela e muito benéfica no trato com os outros. Perdoadora. Este era o meu refúgio dos problemas, o meu porto seguro dos adultos fingidos. Isto, sim, trazia verdadeiramente a mão de Deus.

O meu pai compreenderia. Foi ele que me ensinou a venerar o esplendor generoso da natureza, levando-nos em longas caminhadas pelas montanhas, onde investigávamos os lameiros e os prados, nadávamos em ribeiros límpidos e frios e abríamos os nossos próprios trilhos por florestas cerradas. Levou-nos em agradáveis caminhadas primaveris e também em expedições perigosas pela neve. Contagiou-nos com o entusiasmo pelas montanhas mais altas, por uma edelweiss meio escondida na rocha ou pela visão fugaz de uma rara flor alpina. Saboreávamos a beleza de um pôr do sol. Respeitávamos também o

perigo, como quando tive uma queda quase fatal para dentro de uma profunda fenda glacial — e só pude ser resgatada porque levava a corda de segurança.

Esses trilhos que traçámos ficaram gravados nas nossas almas para sempre. Antes de ir para casa, onde a essa hora a notícia do meu confronto com o pastor R. certamente já teria chegado, rastejei até a um recanto secreto no prado atrás da nossa casa. Considerava-o o lugar mais sagrado de todo o mundo. No centro de um pedaço de natureza virgem, tão densa de vegetação que nenhum outro ser humano a tinha penetrado — exceto eu — havia uma enorme rocha, talvez com metro e meio de altura, coberta de musgo, líquenes, salamandras e bicharada. Era o único sítio onde eu podia tornar-me uma só com a natureza e onde nenhuma outra alma em todo o universo me conseguiria encontrar.

Subi ao topo da rocha. Com o sol a filtrar-se através das árvores como nos vitrais de uma igreja, ergui os braços ao céu como uma índia e entoei uma oração inventada por mim, agradecendo a Deus por toda a vida. Senti-me mais próxima do Todo-Poderoso do que o pastor R. alguma vez me poderia levar a estar.

De regresso ao mundo real, a minha relação com o espírito era objeto de debate. Em casa, os meus pais não fizeram uma única pergunta sobre o incidente com o pastor R. Interpretei o silêncio como apoio. Mas três dias depois, o conselho escolar reuniu de urgência para discutir o assunto. Na verdade, discutiram apenas a melhor forma de castigo. Não tinham dúvidas de que eu estava errada.

Felizmente, o meu professor preferido, o senhor Wegmann, convenceu o conselho a deixar-me dar a minha própria versão do incidente. Entrei nervosa. Assim que comecei a falar, encarei diretamente o pastor R. Ele estava sentado de cabeça baixa e mãos postas, a imagem da piedade. Depois mandaram-me ir para casa e aguardar.

Os dias seguintes passaram muito devagar e, então, numa noite, o senhor Wegmann veio a nossa casa depois do jantar. Informou os meus pais de que eu ficava oficialmente dispensada das aulas do pastor R. Ninguém ficou desagradado. A leveza do castigo implicava que eu não agira de forma imprópria. O senhor Wegmann perguntou-me o que achava. Respondi que me parecia justo, mas que, antes de o dizer oficialmente, queria mais uma condição cumprida. Queria que a Eva também ficasse dispensada das aulas do pastor R. “Concedido”, disse o senhor Wegmann.

Para mim, nada havia de mais divino nem de mais inspirador de fé num poder maior do que o ar livre. O ponto alto da minha juventude foi, indiscutivelmente,

o tempo que passámos numa pequena cabana alpina em Amden. O melhor guia, o meu pai, apontava-nos algo sobre cada flor e cada árvore. Esquiávamos no inverno. Todos os verões, ele conduzia caminhadas rigorosas de duas semanas que nos ensinavam vida espartana e disciplina estrita. Também nos deixava explorar os lameiros, prados e ribeiros que corriam pela floresta.

Mas quando a minha irmã Erika perdeu o entusiasmo por esses passeios, ficámos preocupados. Aos doze anos, começou a sentir-se cada vez mais desconfortável a ir caminhar. Na excursão anual da escola, de três dias, à qual iam vários adultos e um professor, ela recusou-se terminantemente a participar. Isso devia ter sido uma bandeira vermelha de algo mais sério. Tendo caminhado longas distâncias com o meu pai com muito pouca comida ou conforto, estávamos bem treinadas para tais viagens. Nem a Eva nem eu compreendíamos qual era o problema da nossa irmã. O meu pai, que não tolerava “mariquinhas”, simplesmente impôs a lei e obrigou-a a ir na mesma.

Foi um erro. Antes de partir, queixou-se de dores fortes na perna e na anca. No primeiro dia, ficou muito doente. Um dos professores e um pai trouxeram-na de volta a Meilen, onde foi hospitalizada — o início de anos de abusos por médicos e hospitais. Embora estivesse paralisada de um lado e coxeasse do outro, ninguém conseguia fazer um diagnóstico. Sofria tanto e com dores de tal maneira que, muitas vezes, quando a Eva e eu chegávamos da escola, ouvíamos a Erika a gritar no quarto. Naturalmente, isso levou a muito andar em bicos de pés pela casa e a abanões de cabeça por causa da pobre Erika.

Como não se conseguia verificar um diagnóstico, muita gente achava que aquilo era histeria ou simplesmente uma forma de fugir ao desporto e às atividades físicas. Anos mais tarde, a obstetra que nos fez nascer fez grandes esforços para encontrar um diagnóstico, que acabou por ser uma cavidade no osso da anca. Em retrospetiva, ela tinha poliomielite combinada com osteomielite. Na época, isso era difícil de diagnosticar. Num dos hospitais de ortopedia torturaram-na obrigando-a a subir uma passadeira rolante onde tinha de dar passos longos e dolorosos. Achavam que, se fizesse exercício tempo suficiente, deixaria de “fingir”.

Ficava frustrada com o sofrimento da minha irmã. Felizmente, uma vez feito o diagnóstico e administrado o tratamento adequado, a Erika pôde ir estudar para Zurique e viver uma vida boa, produtiva e sem dores. Mas sempre senti que um médico competente e humano podia ter feito muito mais para ajudar. Uma vez, durante as hospitalizações da Erika, escrevi-lhe uma carta a prometer a minha intenção de me tornar exatamente esse tipo de médica.

Claro que o mundo precisava de cura, e em breve precisaria ainda mais. Em 1939, a máquina de guerra nazi começava a libertar a sua força destrutiva. O nosso professor, senhor Wegmann, oficial do Exército suíço, preparou-nos para o eventual rebentar da guerra. Em casa, o meu pai recebia muitos homens de negócios alemães que falavam de Hitler e diziam que os judeus estavam a ser reunidos na Polónia e alegadamente assassinados em campos de concentração, embora ninguém soubesse ao certo o que lhes acontecia. Mas toda a conversa sobre a guerra deixava-nos assustados e inquietos.

Numa manhã de setembro, o meu pai poupado apareceu em casa com um rádio, luxo na nossa aldeia. De repente, porém, era uma necessidade. Todas as noites, às sete e meia, depois do jantar, juntávamo-nos à volta da grande caixa de madeira e ouvimos os relatos do avanço da Alemanha nazi pela Polónia. Tomei o partido dos valentes polacos que arriscavam a vida a defender a pátria e chorei quando ouvi descrições de como as mulheres e crianças de Varsóvia morriam na linha da frente. Fervilhava de raiva quando ouvi relatos de que os nazis estavam a matar judeus. Se fosse homem, teria ido lutar.

Mas eu era uma rapariga, não um homem. Em vez disso, prometi a Deus que, quando fosse suficientemente crescida, viajaria para a Polónia e ajudaria aquelas almas corajosas a derrotar os seus opressores. “Assim que puder”, sussurrei. “Assim que puder, irei à Polónia ajudar.”

Entretanto, odiava os nazis. Passei a odiá-los ainda mais quando soldados suíços confirmaram os rumores sobre campos de concentração para judeus. O meu próprio pai e o meu irmão viram soldados nazis, postados ao longo do Reno, dispararem metralhadoras sobre um rio humano de refugiados judeus que tentavam atravessar para a segurança. Poucos chegaram vivos ao lado suíço. Alguns foram apanhados e enviados para campos de concentração. Muitos flutuaram rio abaixo, mortos. As atrocidades eram demasiado grandes e numerosas para serem escondidas. Toda a gente que eu conhecia estava indignada.

Cada emissão de notícias da guerra soava para mim como um desafio moral. “Não, nunca nos renderemos”, eu gritava ao ouvir Winston Churchill. “Nunca!” Enquanto a guerra grassava, aprendemos o significado do sacrifício.

Refugiados cruzavam as fronteiras suíças em massa. Foi preciso racionar alimentos. A minha mãe ensinou-nos a conservar ovos para durarem um ano ou dois. Os relvados transformaram-se em batatais e hortas. A nossa cave continha tantos frascos e conservas que parecia um supermercado moderno. Orgulhava-me de saber sobreviver com comida cultivada em casa, fazer o meu próprio pão, conservar frutas e legumes e prescindir de antigos luxos. Era

apenas uma pequena contribuição para o esforço de guerra, mas deu-me uma nova confiança na autosuficiência — e, mais tarde, isso viria a dar jeito.

Atendendo às condições nos países vizinhos, tínhamos muito por que agradecer. A nível pessoal, as nossas vidas estavam relativamente pouco perturbadas. Aos dezasseis anos, as minhas irmãs preparavam-se para a confirmação, um acontecimento marcante para uma criança suíça. Estudavam com o pastor Zimmermann, um renomado ministro protestante em Zurique. A minha família tinha uma longa ligação com ele, e havia amor e respeito mútuos.

À medida que a data se aproximava, ele confessou aos meus pais que sonhara presidir à confirmação das trigémeas Kübler — uma forma subtil de perguntar: "E a Elisabeth?"

Eu não tinha intenção de entrar na igreja, mas o pastor pediu-me que lhe dissesse todas as minhas críticas à igreja. Passei por elas uma a uma, do pastor R. à minha convicção de que nenhum Deus, especialmente o meu, podia caber debaixo de um único teto ou ser definido por leis ou convenções humanas. "Então porque", perguntei, interessada, "é que hei de fazer parte de uma igreja assim?"

Em vez de tentar mudar a minha opinião, o pastor Zimmermann defendeu Deus e a fé argumentando que o que importava era como as pessoas viviam, não como adoravam. "Cada dia tens de tentar fazer as escolhas mais altas que Deus te oferece", disse. "É isso que determina verdadeiramente se uma pessoa vive perto de Deus."

Concordei e, assim, algumas semanas depois da nossa conversa, o sonho do pastor Zimmermann tornou-se realidade. As trigémeas Kübler estavam de pé num palco lindamente decorado, dentro da sua igreja simples, enquanto ele se erguia sobre nós e recitava um versículo da Primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios: "Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; mas o maior destes é o amor." Depois o pastor Zimmermann voltou-se para nós, ergueu a mão sobre as nossas cabeças e concedeu a cada uma uma única palavra, como se nos incarnasse.

A Eva foi fé. A Erika foi esperança. E eu fui amor.

Numa época em que o amor parecia escasso em todo o mundo, aceitei isso como um dom, uma honra e, acima de tudo, uma responsabilidade.

CAPÍTULO SEIS
A Minha Própria Bata

Quando a minha escolaridade pública terminou, na primavera de 1942, eu tornara-me uma jovem adulta madura e ponderada. Tinha pensamentos profundos na cabeça. Quanto ao meu futuro, estava decidido: faculdade de medicina. O desejo de me tornar médica era tão forte como sempre. Sentia, literalmente, uma vocação para a profissão. O que poderia ser melhor do que curar os doentes, dar esperança aos desesperados e confortar quem sofre?

Mas o meu pai continuava a mandar, e a noite em que voltou a pensar no futuro das três filhas não foi diferente daquela tumultuosa noite na cozinha da família. Enviou a Eva para um colégio de educação feminina (finishing school) e a Erika para o liceu em Zurique. Quanto a mim, o meu pai voltou a destinar-me a secretária/contabilista do seu negócio. Mostrou pouco discernimento sobre quem eu era ao explicar que me estava a proporcionar uma oportunidade maravilhosa. “A porta está escancarada”, disse.

Não tentei esconder a desilusão e deixei claro que nunca, mas nunca, aceitaria uma sentença de prisão dessas. Tinha um intelecto criativo e reflexivo e uma natureza irrequieta. Morreria sentada a uma secretária todos os dias.

O meu pai enervava-se depressa. Não estava interessado em debates, sobretudo com uma criança. O que é que uma criança sabia?

“Se a minha proposta não te convém, então podes ir trabalhar como criada”, bufou.

Um silêncio tenso apoderou-se da sala de jantar. Eu não queria discutir com o meu pai, mas cada fibra do meu corpo recusava o futuro que ele escolhera para mim. Considerei a alternativa que me dera. Certamente que não queria trabalhar como criada, mas queria ser eu a tomar as decisões sobre o meu futuro.

“Vou trabalhar como criada”, disse, e mal o disse, o meu pai entrou no gabinete e bateu a porta.

No dia seguinte, a minha mãe viu um anúncio no jornal. A viúva francófona de um professor abastado, em Romilly, uma aldeia no Lago Léman, procurava ajuda para cuidar da casa, três crianças, animais e jardim. Fiquei com o lugar e parti uma semana depois. As minhas irmãs ficaram tão aborrecidas que nem foram despedir-se. Na estação de comboios, lutava com uma mala de couro antiga quase do meu tamanho. Antes de eu partir, a minha mãe deu-me um chapéu de abas largas para condizer com o fato de lã e pediu-me que

reconsiderasse. Apesar de já ter saudades de casa, fui demasiado teimosa para mudar de ideias. Tinha tomado a minha decisão.

Arrependi-me assim que desci do comboio e cumprimentei a minha nova patroa, Madame Perret, e os seus três filhos. Falei em Schweizerdeutsch (suiço-alemão). Ela ofendeu-se de imediato. “Aqui fala-se só francês”, disse. “A partir de agora.” Madame era uma mulher grande, pesada, de mau feitio. Tinha sido a governanta do professor, mas, depois de a mulher dele morrer, casou com ele. Depois, ele morreu. Herdou tudo, menos a boa disposição dele.

Essa foi a minha má sorte. Trabalhava das 6 da manhã até à meia-noite todos os dias, com meio dia de folga dois fins de semana por mês. Começava a encerar os soalhos de manhã e a polir a prata e, depois, fazia as compras, cozinhava, servia as refeições e arrumava pela noite dentro. À meia-noite, a Madame costumava querer uma chávena de chá. Finalmente era-me permitido ir para o meu quartinho. Normalmente adormecia antes de a cabeça tocar na almofada.

Mas, se a Madame não ouvisse a enceradora a trabalhar na sala às seis e meia, batia à minha porta. “Hora de começar!”

Nas cartas para casa, nunca admiti que tinha fome e era infeliz, sobretudo quando começou o frio e se aproximaram as festas. À medida que chegava o Natal, as saudades de casa tornavam-se desesperadas. Ficava triste ao lembrar o som da família inteira a cantar canções alegres de Natal ao piano. Imaginava os trabalhos manuais que as minhas irmãs e eu fazíamos umas para as outras. A Madame limitava-se a fazer-me trabalhar ainda mais. Recebia constantemente visitas e, depois, proibia-me de olhar para a árvore de Natal. “Só família”, dizia com desdém, num tom ecoado pelos filhos, que não eram muito mais novos do que eu.

Toquei no fundo na noite em que deu um jantar de festa para antigos colegas universitários do marido. Por ordem da Madame, servi espargos como entrada e corri para a sala de jantar para levantar os pratos assim que tocou a campainha a avisar que os convidados tinham acabado. Mas, quando entrei, vi que os espargos ainda estavam em todos os pratos. Dei meia-volta e saí. A Madame tocou de novo. A mesma cena repetiu-se. E depois aconteceu uma terceira vez. Teria sido cómico se eu não achasse que estava a perder o juízo.

Finalmente, a Madame entrou tempestuosamente na cozinha. Como podia ser tão estúpida? “Entra e tira esses pratos”, disse, furiosa. “As pessoas instruídas só comem as pontas dos espargos. O resto fica no prato!” Talvez. Mas, depois de levantar os pratos, devorei o que sobrara dos espargos por comer. Sabiam tão bem como pareciam. Ao engolir a última ponta, entrou um dos convidados

da Madame, um professor, que perguntou o que estava eu ali a fazer. Disse-lhe que estava a morrer de fome e tinha praticamente nenhum dinheiro. “A razão por que aguento um ano inteiro é que preciso de ser suficientemente crescida para entrar num laboratório”, disse, com as lágrimas a aflorar nos olhos cansados. “Quero formar-me como técnica de laboratório para depois ir para a faculdade de medicina.”

O professor ouviu com simpatia. Depois deu-me o seu cartão e prometeu ajudar-me a encontrar um emprego num laboratório adequado. Ofereceu também alojamento temporário em sua casa, em Lausana, e disse que avisaria a esposa assim que chegasse. Em troca, eu tinha de prometer que deixaria aquele sítio horrível.

Antes do Natal, tive meio dia de folga. Fui a Lausana e bati à porta do professor. A esposa atendeu e informou-me, tristemente, que o marido tinha morrido uns dias antes. Conversámos longamente. Disse que ele até procurara um trabalho de laboratório para mim, mas que não sabia onde. Saí ainda mais deprimida.

De volta a casa da Madame, trabalhei mais do que nunca. Na véspera de Natal, tinha a casa cheia de convidados. Eu andava constantemente a cozinhar, planear, limpar e lavar. Uma noite supliquei à Madame para ver a árvore de Natal. Bastavam cinco minutos. Precisava de me reabastecer espiritualmente. “Não, ainda não é Natal”, disse, horrorizada, e reiterou a advertência anterior: “Além disso, isto é para a família. Não para empregados.” Nesse instante, decidi ir-me embora. Quem não partilha a sua árvore de Natal não é digno do meu trabalho e do meu cuidado.

Depois de pedir emprestada uma mala de palha a uma rapariga que eu conhecia em Vevey, tracei a fuga. Quando a enceradora deixou de zumbir, como de costume, na manhã de Natal, a Madame entrou no meu quarto e ordenou-me que começasse a trabalhar. Mas, em vez de obedecer, informei-a, com ousadia, de que tinha deixado de encerar os soalhos de vez. Depois agarrei nas minhas coisas, pus tudo num trenó e corri para apanhar o primeiro comboio para fora da cidade. Fiquei a dormir em Genebra, em casa de uma amiga, que me mimou com um banho de espuma, chá, sandes e bolos, e depois me emprestou dinheiro para o resto da viagem até casa, a Meilen.

Cheguei a casa no dia a seguir ao Natal. Escorreguei o meu corpo magricela pela portinhola do leite e rumei direta à cozinha. Sabia que a família estaria nas montanhas no habitual refúgio de férias, por isso foi uma agradável surpresa ouvir um ruído no andar de cima e ser afinal a minha irmã Erika, cuja perna debilitada a fizera ficar. Ela ficou tão surpreendida e feliz quanto eu ao

descobrir que os sons que ouvira no piso de baixo vinham de mim. Passámos a noite inteira sentadas na cama dela, a pôr a conversa em dia.

A família Kübler family, cerca de 1942.
Da esquerda para a deirita: Elisabeth, a mãe, Eva, Ernst, o pai dela e a Erika

Contei as mesmas histórias no dia seguinte aos meus pais, que ficaram zangados por eu ter passado fome e sido explorada. Perguntaram-se por que não tinha voltado para casa mais cedo. A minha explicação não agradou ao meu pai, mas, tendo em conta o que eu passara, moderou a zanga e deixou-me desfrutar de uma cama confortável e de refeições nutritivas.

Quando as minhas irmãs regressaram à escola, voltei a enfrentar o velho problema do meu futuro. Mais uma vez o meu pai ofereceu-me um emprego no seu negócio. Mas desta vez acrescentou outra opção, que revelava grande crescimento pessoal da parte dele. Disse que, se eu não quisesse trabalhar lá, podia arranjar um emprego que eu quisesse, um trabalho que me fizesse feliz. Foi a melhor notícia da minha jovem vida, e rezei para encontrar alguma coisa.

Poucos dias depois, a minha mãe soube de uma vaga num novo instituto de investigação bioquímica. O laboratório ficava em Feldmeilen, a poucos quilómetros de Meilen, e soava perfeito. Marquei uma entrevista com o dono do laboratório e vesti-me a rigor, a tentar parecer mais velha e profissional. Mas o Dr. Hans Braun, um jovem cientista ambicioso, estava-se nas tintas. Parecia freneticamente ocupado e disse que precisava de pessoas inteligentes para começar de imediato. “Podes começar já?”, perguntou.
“Posso”, respondi.

Fui contratada como aprendiz.
“Há só um requisito”, disse. “Traz a tua própria bata branca de laboratório.”

Era a única coisa que eu não tinha. O coração afundou-se-me. Tive medo de ver a oportunidade a escapar, e suponho que isso se notou.
“Se não tens, terei todo o gosto em fornecer uma”, disse o Dr. Braun.

Fiquei em êxtase e ainda mais feliz quando, na segunda-feira de manhã, às oito, cheguei ao trabalho e vi três maravilhosas batas brancas, com o meu nome bordado, penduradas na porta do meu laboratório. Não podia haver ser humano mais feliz no planeta.

Metade do laboratório do Dr. Braun era dedicada à produção de cremes, cosméticos e loções, enquanto o lado onde eu trabalhava era uma grande estufa concebida para investigar o efeito de materiais cancerígenos em plantas. O Dr. Braun teorizava que agentes causadores de cancro podiam ser testados com precisão e baixo custo em plantas em vez de animais. O entusiasmo dele tornava as ideias mais do que plausíveis. Com o tempo reparei que às vezes chegava ao laboratório deprimido e desconfiado de tudo e de todos e passava o dia trancado. Mais tarde percebi que era maníaco-depressivo. Mas as suas variações de humor nunca interferiram com as minhas tarefas, que incluíam injetar certas plantas com substâncias nutritivas, outras com carcinogéneos e depois registar, em livros de apontamentos, observações rigorosas sobre quais cresciam normalmente, em excesso, de modo anómalo ou simplesmente mal.

Não só fui arrebatada pela importância do trabalho, que tinha a possibilidade de salvar vidas, como recebi lições de química e ciência de um técnico de laboratório simpático que alimentava o meu apetite ilimitado de aprender. Ao fim de alguns meses, comecei a ir a Zurique dois dias por semana para aulas de química, física e matemática, e a bater trinta colegas rapazes com notas máximas. A segunda melhor média pertencia a outra rapariga. Mas, após nove meses de felicidade, o sonho transformou-se em pesadelo quando o Dr. Braun, que gastara milhões a abrir o laboratório, faliu.

Ninguém soube até chegarmos ao trabalho numa manhã de agosto e encontrarmos o escritório fechado. O destino do Dr. Braun era tão incerto como o seu paradeiro. Ou estava internado devido a um dos seus episódios maníacos, ou estava na prisão. Quem sabia quando o voltaríamos a ver? Acabou por ser nunca. Entretanto, os polícias à porta informaram-nos de que estávamos despedidos, mas, generosamente, deram-nos tempo para arrumar o laboratório e salvar os dados pertinentes. Depois de partilharmos um chá de despedida triste, entrei em casa recém-desempregada e profundamente arrasada por mais um sonho ter sido desfeito.

Como resultado do azar, encontrei a chave para a minha carreira futura. Ao acordar de manhã, bastava imaginar-me a trabalhar no escritório do meu pai para deixar de ter pena de mim própria e começar a procurar emprego. O meu pai deu-me três semanas inteiras para procurar novo trabalho. Se até lá não encontrasse nada, tinha de começar como sua contabilista — um destino inconcebível depois da felicidade de trabalhar num laboratório de investigação. Sem perder tempo, agarrei no anuário telefónico de Zurique e escrevi, com febril intensidade, a todos os institutos de investigação, hospitais e clínicas.

Além das notas, cartas de recomendação e fotografia, implorava uma resposta rápida.

Era fim de verão, não particularmente boa altura para procurar emprego. Corria todos os dias ao marco do correio. Cada dia parecia um ano. As primeiras respostas não foram favoráveis. Nem as da segunda semana. Todas admiravam o meu entusiasmo, o amor pelo trabalho deles e as minhas notas, mas os lugares de aprendizagem já estavam preenchidos. Encorajavam-me a candidatar-me no ano seguinte. Teriam todo o gosto em considerar-me então. Mas isso era tarde de mais.

Durante quase uma semana esperei todos os dias junto ao correio sem sorte. Depois, perto do fim da semana, o carteiro trouxe a carta por que eu rezara. O serviço de dermatologia do Hospital Cantonal, em Zurique, acabara de perder um dos seus aprendizes de laboratório e precisava de preencher a vaga rapidamente. Não perdi tempo a ir. Médicos e enfermeiros apressavam-se pelos corredores. Inspirei o cheiro característico da medicina, comum a todos os hospitais, como se fosse o meu primeiro fôlego, e senti-me em casa.

O laboratório de dermatologia ficava na cave do hospital. Era dirigido pelo Dr. Karl Zehnder, cujo gabinete sem janelas estava enfiado num canto. Via-se que trabalhava muito. Havia papéis por toda a secretária e o próprio laboratório fervilhava de atividade. Após uma boa entrevista, o Dr. Zehnder contratou-me. Mal podia esperar para contar ao meu pai. E tive um prazer extra em dizer ao Dr. Zehnder que, quando começasse na segunda-feira de manhã, levaria a minha própria bata.

CAPÍTULO SETE
A Minha Promessa

Todos os dias, ao entrar no hospital, inspirava aquilo que para mim era o cheiro mais sagrado, santo e maravilhoso de todo o mundo e depois apressava-me para o meu laboratório sem janelas. Nesta época estranha e caótica de guerra, quando faltavam coisas básicas como comida e médicos, eu sabia que não ficaria para sempre no andar de baixo — e tinha razão.

Ao fim de várias semanas no emprego, o Dr. Zehnder perguntou se eu estava interessada em tirar amostras de sangue a doentes de carne e osso. Os doentes de quem eu iria colher sangue eram prostitutas em fases avançadas de doença venérea. Naqueles tempos, antes da penicilina, os portadores de doenças venéreas eram tratados como os doentes de sida viriam a ser nos anos 80 — eram temidos, abandonados, ostracizados, trancados. Mais tarde, o Dr. Zehnder admitiu que esperava que eu dissesse que não. Em vez disso, marchei diretamente para a enfermaria lúgubre.

Acho que é isso que separa quem tem vocação para a profissão de cura de quem a faz pelo dinheiro.

As doentes estavam todas em péssimo estado. Os corpos estavam tão gravemente infetados que a maioria nem se conseguia sentar numa cadeira ou deitar na cama. Em vez disso, estavam suspensas em redes. À primeira vista, eram criaturas patéticas e sofredoras. Mas eram seres humanos e, quando lhes falei, descobri que a maioria era gente extremamente calorosa, simpática e atenciosa, rejeitada pelas famílias e pela sociedade. Não tinham nada, o que me fazia querer ajudar ainda mais.

Depois de lhes tirar sangue, sentava-me nas camas e conversávamos horas sobre as suas vidas, o que tinham visto e vivido e a existência em geral. Percebi que tinham necessidades emocionais tão prementes como as físicas. Ansiavam por amizade e compaixão, que eu podia oferecer, e, em troca, abriram-me o coração tanto quanto os olhos. Foi uma troca justa que me preparou para pior.

A 6 de junho de 1944, as tropas Aliadas desembarcaram na Normandia. O Dia D. Mudou a guerra, e depressa sentimos os efeitos da invasão maciça. Os refugiados afluíram à Suíça. Vieram em vagas. Durante dias. Centenas de cada vez. Marchavam, coxeavam, rastejavam e eram carregados. Alguns vinham de tão longe quanto França. Alguns eram homens idosos feridos. A maioria eram mulheres e crianças. Praticamente de um dia para o outro, o nosso hospital transbordou com estas vítimas traumatizadas. Conduziram-nos diretamente para o serviço de dermatologia, onde os pusemos na nossa grande casa de banhos e os desinfestámos e desinfetámos.

Sem sequer pedir permissão ao chefe, trabalhei diretamente com as crianças. Untei-as com sabão líquido para tratar a sarna e esfreguei-as com uma escova macia. Depois de vestirem roupa acabada de lavar, dispensei o que me pareceu precisarem mais: abraços e palavras de acalento. “Vai ficar tudo bem”, dizia.

Isto continuou sem parar durante três semanas. Perdi-me completamente no trabalho necessário e pouco pensei no meu próprio bem-estar quando outros estavam tão piores. As refeições tornaram-se assunto secundário. Dormir? Quem tinha tempo? Rastejava para casa depois da meia-noite e recomeçava ao amanhecer. Estava tão focada nas crianças assustadas e sofredoras, tão fora do ciclo diário normal, tão ocupada com responsabilidades alheias às do laboratório, que fiquei vários dias atrasada em relação a uma grande novidade: o meu chefe, o Dr. Zehnder, saíra e fora substituído pelo Dr. Abraham Weitz.

Eu estava ocupada demais a tentar arranjar comida suficiente para os refugiados esfomeados. Com a ajuda de outro aprendiz do laboratório, um traquina chamado Baldwin, que gostava de arranjar confusões, engendrámos um plano para encher aquelas barrigas a reclamar. Várias noites seguidas,

encomendámos centenas de refeições completas à cozinha do hospital, fomos buscá-las com carros grandes e distribuímo-las pelas crianças. Se sobrava alguma coisa, alimentávamos os adultos. Por fim, depois de crianças e adultos estarem lavados, vestidos e alimentados, eram levados para várias escolas da cidade e entregues à Cruz Vermelha.

Inevitavelmente, sabia que o desvio de preciosos géneros alimentares seria detetado e resultaria em medidas disciplinares. Só esperava que não fossem demasiado severas quando o Dr. Weitz me chamou ao gabinete — estava à espera de ser despedida. Além da comida, esquecera-me completamente de me escusar do trabalho no laboratório, para não falar de ter ido cumprimentar o novo chefe. Mas, em vez de me dar uma reprimenda, o Dr. Weitz elogiou-me. Admitiu que me observara de longe a trabalhar com as crianças e que nunca vira ninguém tão absorvido e tão feliz no que fazia. “Tens de cuidar de crianças refugiadas”, disse. “Esse é o teu destino.”

Não podia sentir-me mais aliviada ou inspirada. Depois, o Dr. Weitz continuou a falar-me da necessidade urgente de cuidados médicos no seu país natal, a Polónia devastada pela guerra. As histórias horríveis, sobretudo as das crianças judias em campos de concentração, comoveram-me até às lágrimas. A própria família dele sofrera imenso. “Precisam lá de pessoas como tu”, disse. “Se puderes, se acabares a tua aprendizagem, tens de me prometer que irás à Polónia ajudar-me nesse trabalho.” Agradecida por não ser despedida e também inspirada, eu prometi.

Mas, depois, caiu o outro sapato. Nessa noite, o administrador-chefe do hospital chamou-me a mim e ao Baldwin ao seu gabinete. Caída de fadiga, só sentia desdém por aquele burocrata mimado, gordo e autossatisfeito, sentado atrás de uma grande secretária de mogno, a fumar um charuto e a olhar para nós, humildes técnicos de laboratório, como se fôssemos ladrões. Exigiu que reembolsássemos o custo das centenas de refeições que servíramos às crianças refugiadas ou que arranjássemos um montante equivalente em senhas de racionamento. “Se não”, disse, “serão imediatamente despedidos.”

Fiquei desolada, pois não queria perder o emprego e a aprendizagem, mas não tinha acesso a esse dinheiro. Na cave, o Dr. Weitz percebeu que algo estava terrivelmente errado e levou-me a confessar. Abanou a cabeça, enojado, e disse-me para não me preocupar com a burocracia. No dia seguinte, foi ter com os líderes da comunidade judaica de Zurique e, com a ajuda deles, o hospital foi rapidamente reembolsado das refeições não autorizadas com um grande número de senhas de racionamento. Não só mantive o emprego; como reafirmei a promessa feita ao meu benfeitor, o Dr. Weitz, de ajudar a reconstruir a Polónia quando a guerra terminasse. Eu é que não fazia ideia de quão cedo isso seria.

Incontáveis vezes, ao longo dos anos, eu ajudara o meu pai a preparar a nossa cabana da montanha, em Amden, para receber visitas, mas foi diferente quando ele me pediu para ir com ele no início de janeiro de 1945. Por um lado, eu precisava do descanso de fim de semana. Mas ele também prometeu que os visitantes seriam pessoas de quem eu iria realmente gostar — e tinha razão.

Os nossos convidados eram do Serviço Internacional Voluntário para a Paz (IVSP). Eram vinte ao todo e eram, para mim, um grupo de idealistas, na maioria jovens e inteligentes, de todas as partes da Europa. Depois de muita cantoria alegre, risos e comilanças vorazes, ouvi, deliciada, vários membros explicarem como o IVSP — fundado após a Primeira Guerra Mundial e mais tarde modelo para o Peace Corps americano — se dedicava à criação da paz mundial e da cooperação.

Paz mundial? Cooperação entre nações e pessoas? Ajudar as populações arrasadas e devastadas da Europa quando a guerra acabasse? Estas pessoas descreviam os meus maiores sonhos. As histórias de trabalho humanitário eram música para a minha alma. Ao descobrir que havia um escritório em Zurique, quase só pensei em inscrever-me. E, assim que pareceu que a guerra poderia terminar em breve, preenchi a candidatura e imaginei-me a sair da ilha pacífica que era a Suíça para ajudar os sobreviventes dos países europeus devastados.

Falar em música para a alma: não houve sinfonia maior do que o som que encheu os exteriores a 7 de maio de 1945 — o dia em que a guerra na Europa terminou. Eu estava no hospital. Como que por sinal, mas de forma espontânea, os sinos das igrejas por toda a Suíça começaram a tocar. Todos ao mesmo tempo, fazendo o ar vibrar com o repicar jubiloso da vitória e, sobretudo, da paz. Com a ajuda de vários trabalhadores do hospital, levei paciente após paciente, incluindo os demasiado fracos para se levantarem, até ao telhado, onde puderam juntar-se à celebração.

Foi um momento partilhado em igualdade por todos, dos mais velhos e frágeis aos recém-nascidos. Uns de pé, outros sentados. Outros em cadeiras de rodas ou deitados em macas, alguns com dores intensas. Mas, naquele instante, isso não importava. Estávamos cosidos por amor e esperança, a essência da existência humana — e foi, para mim, algo belíssimo e inesquecível. Infelizmente, foi apenas uma ilusão.

Quem pensasse que a vida voltara ao normal só precisava de se juntar ao IVSP. Poucos dias após o fim das celebrações, fui contactada pelo líder de um contingente de cerca de cinquenta voluntários que planeavam atravessar as recém-abertas fronteiras de França e reconstruir Écurcey, uma pequena aldeia outrora pitoresca que fora quase totalmente destruída pelos nazis. Queriam que eu me juntasse a eles. Mal podia imaginar sorte maior do que largar tudo e ir — embora houvesse tanto a fazer antes.

Havia, claro, o emprego. Mas o Dr. Weitz, o meu maior apoiante, concedeu-me de imediato uma licença do hospital. Em casa a história foi outra. Quando trouxe o assunto à mesa do jantar — mais como facto consumado do que pedido de permissão —, o meu pai explodiu dizendo que eu estava doida. E ingénua quanto a todos os perigos lá: minas, falta de comida, doenças. A minha mãe, a ponderar os futuros mais previsíveis das minhas irmãs, sem dúvida desejava que eu fosse mais como elas em vez de enfrentar tais perigos. Mas nenhum deles compreendia a minha obsessão. O meu destino, fosse ele qual fosse, ficava muitos quilómetros adiante, algures no deserto do sofrimento humano.

Se alguma vez lá queria chegar, se alguma vez queria ajudar, tinha de pôr-me a caminho.

CAPÍTULO OITO
Um Sentido de Propósito

Parecia uma adolescente a ir para um acampamento quando pedalei numa bicicleta velha que alguém arranjara, cruzando a fronteira até Écurcey. Era a minha primeira vez fora da segurança das fronteiras suíças, e tive uma aprendizagem rápida sobre a tragédia que a guerra deixara. Écurcey, um lugarejo pitoresco antes da guerra, estava completamente destruído. As casas, arrasadas. Alguns homens jovens, todos feridos, vagueavam sem rumo. A população restante era, sobretudo, de idosos, mulheres, um punhado de crianças e um grupo de prisioneiros nazis detidos na cave da escola.

A nossa chegada foi um grande acontecimento. A aldeia inteira saiu à rua, incluindo o presidente da câmara. “Nunca estive tão agradecido”, disse. Eu sentia o mesmo — grata pela oportunidade de servir pessoas que precisavam de ajuda. O grupo inteiro do IVSP transbordava vitalidade. Tudo o que eu aprendera até então, desde as competências básicas de sobrevivência que o meu pai me ensinara nas caminhadas na montanha aos rudimentos de medicina que apanhara no hospital, foi rapidamente posto ao serviço. O trabalho era tremendamente gratificante. Cada dia tinha um sentido de propósito.

As nossas condições de vida eram miseráveis, mas nunca fui tão feliz. Dormíamos em beliches partidos ou no chão, ao relento. Se chovia, molhávamo-nos. As nossas ferramentas eram picaretas, machados e pás. Uma senhora mais velha — teria uns sessenta e tal anos — contava histórias de ter feito trabalho semelhante após a Primeira Guerra Mundial, em 1918. Fazia-nos sentir abençoados pelo pouco que tínhamos.

Sendo a mais nova das duas voluntárias, nomearam-me cozinheira. Como nenhum dos edifícios de pé tinha cozinhas utilizáveis, alguns de nós montámos

uma ao ar livre, com um enorme fogão a lenha. A comida era um grande problema. As nossas próprias rações desapareceram quase de imediato por as repartirmos com toda a aldeia, e, na mercearia local — milagrosamente intacta —, não havia nada além de pó nas prateleiras. Muitas vezes eram precisos vários voluntários o dia inteiro só para vasculhar os bosques e quintas à volta em busca de comida suficiente para uma única refeição. Houve vezes em que um único peixe seco tinha de alimentar cinquenta pessoas.

Mas compensávamos a falta de carne, batatas e manteiga com camaradagem vibrante. À noite partilhávamos histórias e cantávamos, o que, descobri, era apreciado pelos prisioneiros alemães na cave da escola. Quando chegámos, reparámos que os prisioneiros eram levados todas as manhãs para os campos em redor e obrigados a percorrer toda a área. Ao pôr do sol, regressavam menos um ou dois. Ao perguntar, soubemos que estavam a ser usados como varredores humanos de minas. Os que não voltavam tinham explodido nas minas que eles próprios plantaram. Indignados, pusemos fim à prática ameaçando caminhar à frente deles e passámos a pô-los em obras de construção.

Com exceção dos habitantes locais, ninguém ali odiava mais os nazis do que eu. Se os crimes cometidos naquela própria aldeia não bastassem para me atiçar a aversão, bastava pensar no Dr. Weitz, no laboratório, a perguntar-se se algum familiar na Polónia ainda estaria vivo. Mas, nas primeiras semanas, vi aqueles soldados como seres humanos: derrotados, desmoralizados, com fome, aterrorizados com a possibilidade de serem despedaçados pelas suas próprias minas — e o meu coração abriu-se. Em vez de “nazis”, vi neles apenas homens carentes.

À noite, passava-lhes pequenas barras de sabão ou lápis e papel pelas grades das janelas da cave. Eles, por sua vez, despejavam a alma em cartas comoventes que eu escondia na roupa e enviava às famílias quando regressava a casa. Anos depois, as famílias desses soldados — a maioria regressou viva — enviaram-me os mais agradecidos “obrigados”. Na verdade, o mês que passei em Écurcey, apesar das provações, apesar do coração partido ao ter de voltar, não podia ter sido mais positivo. Reconstruímos muitas casas, sim. Mas o melhor que demos àquelas pessoas foi amor e esperança.

Em troca, confirmaram-nos que este era um trabalho importante. Ao partir, o presidente da câmara despediu-se e um velhote doente, que fizera amizade com todos os voluntários mas me conhecia melhor como “a cozinheirinha”, entregou-me um bilhete: “Prestaste o mais elevado serviço humanitário. Escrevo-te porque não tenho família. Quero dizer-te que, quer vivamos quer morramos aqui, nunca te esqueceremos. Aceita um profundo, sentido obrigado e amor de um ser humano para outro.”

Na minha busca por descobrir quem eu era e o que queria fazer na vida, esta mensagem foi daquelas que ajudam. O mal da Alemanha nazi foi punido durante a guerra e continuou a ser levado a julgamento depois. Mas percebi que as feridas da guerra — o sofrimento e a dor residuais vividos em praticamente todas as casas —, tal como os problemas atuais de violência, sem-abrigo e sida, não poderiam sarar se pessoas como eu, como o IVSP, não reconhecessem o imperativo moral de arregaçar as mangas e ajudar.

Transformada por essa experiência, achei difícil lidar com a prosperidade da minha casa suíça. Havia tanta abundância. Custava-me conciliar lojas cheias de comida e negócios prósperos com a dor e a ruína no resto da Europa. Mas também era necessária em casa. Com a anca lesionada, o meu pai estava a vender a nossa casa e a mudar-se para um apartamento mais perto do escritório em Zurique. Com as minhas irmãs a estudar pela Europa e o meu irmão na Índia, fui eu que empacotei os nossos pertences e tratei do resto.

Emocionalmente, sentia-me muito confusa. Tristemente, percebi que aquilo era um adeus à minha juventude, às caminhadas gloriosas pelas vinhas e às danças na minha rocha solar privada, no prado. Ao mesmo tempo, tinha crescido bastante e estava pronta para entrar na fase seguinte. Por pouco tempo, voltei a trabalhar no laboratório do hospital. Em junho, passei no exame de aprendizagem e, no mês seguinte, consegui um espetacular emprego de investigação no departamento de oftalmologia da Universidade de Zurique. Mas o meu chefe, o Professor Marc Amsler, um médico famoso, que me deu responsabilidades extraordinárias, incluindo assisti-lo em cirurgia, sabia que eu não planeava ficar mais de um ano. Não só estava a estudar para entrar em medicina, como também tinha ainda o IVSP na cabeça.
E a promessa que tinha feito ao Dr. Weitz. Sim, a Polónia continuava nos meus planos.

“Ah, a andorinha tem de voar outra vez”, disse o Dr. Amsler quando apresentei a minha demissão no hospital, após o IVSP me ter chamado com uma nova missão. Ele não estava zangado nem desiludido. Durante o ano anterior já antecipava a minha partida, pois tínhamos falado muitas vezes sobre o meu compromisso com o IVSP. Notei, aliás, um brilho de inveja nos seus olhos. Os meus continham a promessa de uma nova aventura.

Era primavera. O IVSP prometera ajudar os habitantes de uma cidade mineira de carvão, poluída, nos arredores de Mons, na Bélgica, a construir um parque infantil numa montanha, acima do ar sujo e poeirento. Soube que era um compromisso assumido antes da guerra. O chefe do escritório de Zurique explicou-me que poderia ter bilhete de comboio apenas até onde os trilhos chegavam, mas garanti-lhes que conseguiria fazer o resto do percurso à boleia. Ao atravessar Paris, que nunca tinha visto antes, carreguei a minha mochila atulhada de albergue em albergue até chegar à cidade mineira enegrecida.

Era um lugar deprimente, onde a sujidade enchia o ar e cobria tudo de um cinzento poeirento e baço. Devido a horríveis consequências, como a doença do pulmão negro, a esperança de vida rondava pouco mais de quarenta anos, o que não era grande futuro para as encantadoras crianças da aldeia. A nossa tarefa, e o sonho da cidade, era limpar uma das montanhas cobertas de entulho das minas de carvão e construir um parque infantil no ar puro, acima da poluição. Com pás e picaretas, trabalhávamos até os músculos doerem de exaustão, mas os habitantes ofereciam-nos tantas tartes e doces que engordei quase quatro quilos nas poucas semanas em que lá estive.

Ganhei também contactos importantes. Numa noite, enquanto cantávamos canções populares depois de um farto jantar, conheci o único americano do grupo. Era um homem jovem, um dos vários quacres. Entendeu o meu inglês rudimentar e disse chamar-se David Richie. “De Nova Jérsia.” Mas eu já conhecia a sua reputação. Richie era um dos voluntários mais famosos, um verdadeiro pacifista dedicado. O seu trabalho tinha-o levado dos bairros pobres de Filadélfia aos piores cenários do pós-guerra na Europa e, mais recentemente, explicou-me, à Polónia. Acrescentou que estava prestes a regressar para lá.

Meu Deus! Eis a prova de que nada acontece por acaso. A Polónia.

Aproveitando a oportunidade, contei-lhe a promessa que fizera ao meu antigo chefe e roguei-lhe que me levasse consigo. Concordou que a ajuda era desesperadamente necessária, mas sugeriu que me levar até lá seria bastante difícil. Transportes seguros e fiáveis praticamente não existiam. Não havia dinheiro para bilhetes adequados. Embora fosse pequena em comparação com a maioria, aparentasse muito menos de vinte anos e tivesse apenas quinze dólares no bolso, ignorei tais obstáculos. “Vou à boleia!”, exclamei.

Impressionado, divertido e consciente do valor da paixão, Richie disse que tentaria levar-me. Sem promessas. Mas tentaria.

Quase não importava. Na noite anterior à minha partida para uma nova missão na Suécia, sofri uma queimadura grave ao cozinhar. Uma velha frigideira de ferro fundido partiu-se ao meio, salpicando óleo quente na minha perna. Causou queimaduras de terceiro grau e bolhas. Fortemente enfaixada, parti na mesma, levando roupa interior limpa e um cobertor de lã, caso tivesse de dormir ao ar livre. Mas, ao chegar a Hamburgo, a perna latejava de dor. Ao remover as ligaduras, vi que estava gravemente infetada. Com receio de ficar retida na Alemanha, o último sítio onde queria estar, procurei um médico que tratou a ferida com uma pomada que me permitiu continuar.

Ainda assim, foi uma luta. Mas, graças a uma voluntária da Cruz Vermelha que me viu em agonia no comboio, acabei por entrar num hospital bem equipado, na Dinamarca. Vários dias de tratamento e comida deliciosa deram-me a capacidade de voltar a ser eu própria no campo do IVSP em Estocolmo. Mas

ser teimosa também tem o seu lado negativo. Já saudável e restabelecida, frustrei-me com a minha tarefa — treinar um grupo de jovens alemães para gerir os seus próprios campos do IVSP. O trabalho não tinha grande desafio. Além disso, sentia repulsa por muitos deles, que admitiram ter apoiado os nazis de Hitler em vez de tomarem uma posição moral contra, como eu lhes argumentava que deviam ter feito. Suspeitava que fossem oportunistas, aproveitando três boas refeições diárias na Suécia.

Mas havia pessoas fantásticas. Um emigrante russo de noventa e três anos apaixonou-se por mim. Ajudou-me a superar semanas de saudades de casa e proporcionou conversas interessantes sobre a Rússia e a Polónia. Quando o meu vigésimo primeiro aniversário chegou e passou, ele iluminou os meus dias escrevendo no diário que eu trazia comigo: “Os teus olhos brilhantes fizeram-me lembrar o sol. A minha esperança é que nos voltemos a encontrar e que possamos saudar o sol juntos. Au revoir.” Sempre que precisava de um alento, abria essa página.

Depois de ter deixado a sua marca, aquele homem bondoso desapareceu. A vida era dominada por essa aleatoriedade. Percebi que só era preciso estar aberta ao seu significado. Acontecera-lhe alguma coisa? Ou saberia ele que o nosso tempo tinha acabado? Logo após a sua partida, chegou um telegrama do meu amigo do IVSP, David Richie. Abri-o ansiosamente e senti a eletricidade da antecipação que surge quando todas as esperanças e sonhos são de repente confirmados. “Peterli, vem para a Polónia o mais depressa possível”, escreveu Richie. “És muito necessária.” Finalmente, pensei. Nenhuma prenda de aniversário poderia ter sido melhor.

CAPÍTULO NOVE

Terra Abençoada

Chegar a Varsóvia foi difícil. Cortei feno e ordenhei vacas para um agricultor, a fim de ganhar dinheiro suficiente para a viagem. Antes de sair de Estocolmo, tratei do visto e gastei quase todo o dinheiro arduamente conquistado num bilhete de barco. Que barco, esse! O casco estava enferrujado e o ranger constante não inspirava confiança de que chegaríamos a Gdansk. A minha passagem era sem luxos. À noite, encolhia-me num banco de madeira áspero e sonhava com luxos como um cobertor quente e uma almofada confortável, e ignorei os quatro homens que vagueavam pelo convés, perto de mim, na escuridão. Estava demasiado cansada para me preocupar.

Afinal, não havia motivo para preocupação. De manhã, os quatro homens, todos de diferentes países de Leste, apresentaram-se como médicos. Estavam a regressar de uma conferência médica. Felizmente para mim, sugeriram que os acompanhasse no resto da viagem até Varsóvia. A estação de comboios

estava a abarrotar, e a plataforma exterior, onde o comboio realmente parava, ainda pior. Não só estava cheia de gente com enormes quantidades de bagagem, como havia pessoas a carregar galinhas e gansos, outras a conduzir cabras e ovelhas, como se fosse uma arca de Noé caótica.

Se estivesse sozinha, nunca teria conseguido entrar no comboio. Quando este chegou, algo próximo da loucura instalou-se, com as pessoas a disputarem lugar para embarcar. Um dos médicos, um húngaro alto e magro, saltou para o tejadilho com a agilidade de um macaco e puxou-nos a todas para cima com ele. Agarrei-me à chaminé mesmo quando o apito soou e o comboio começou a rolar pelos carris. Não era o assento mais seguro, sobretudo nas passagens por túneis, quando tínhamos de nos deitar de barriga para baixo, ou quando o fumo jorrava da chaminé em grossas nuvens negras que tornavam cada respiração uma luta. Mas, depois de o comboio esvaziar um pouco, conseguimos o nosso próprio compartimento. Enquanto partilhávamos comida e trocávamos histórias de vida, a viagem de repente pareceu quase luxuosa.

Chegar a Varsóvia foi uma aventura, mas estar realmente lá ultrapassava tudo. Para os meus companheiros de viagem, era apenas o local onde mudavam de comboio. Eu, pelo contrário, sabia que estava num cruzamento, no lugar onde algo estava destinado a acontecer. Com as nossas faces enegrecidas pelo fumo, como se fôssemos varredores de chaminés, despedimo-nos. Depois percorri a multidão com o olhar, à procura de sinais do meu amigo quacre americano. Não tinha conseguido avisar ninguém de quando chegaria. Como poderiam saber quando me vir buscar? Para onde deveria eu ir?

Mas o destino é muito parecido com a fé; ambos exigem uma crença fervorosa na vontade de Deus. Olhei numa direção, depois noutra. Nenhum sinal de alguém. Então, no meio da multidão, vi erguer-se uma grande bandeira suíça sobre o mar de gente. E então vi Richie, que viera por instinto, e vários outros. Foi um milagre eles estarem ali. Ai, como o abracei! Os seus amigos ofereceram-me chá quente e sopa. Nunca a comida me soubera tão bem como naquele momento. Também um longo sono numa boa cama teria sido bem-vindo. Mas subimos para a traseira de um camião de caixa aberta e passámos o resto do dia a sacolejar por estradas esburacadas, não pavimentadas e bombardeadas, até ao campo do IVSP em Lucima, uma fértil zona agrícola.

Essa viagem de estrada deu provas de como éramos desesperadamente necessárias. Quase dois anos após o fim da guerra, Varsóvia continuava em ruínas. Quarteirões inteiros de edifícios tinham-se transformado em montanhas de escombros. A população da cidade, que rondava as trezentas mil pessoas, escondia-se em casas subterrâneas, o único sinal de vida humana surgindo à noite, quando se erguiam fios de fumo das fogueiras usadas para cozinhar e aquecer. As aldeias periféricas, destruídas pelos alemães e pelos russos, estavam em condições igualmente horríveis. Famílias inteiras simplesmente se

enterravam, como animais escavadores. No campo, as árvores tinham sido derrubadas e o solo estava crivado de crateras das bombas.

Ao chegar a Lucima, senti-me abençoada por estar entre as suficientemente fortes para ajudar tantos aldeões em enorme necessidade de cuidados médicos. Seria possível sentir outra coisa? Não, não quando não havia hospital nem instalações médicas locais e se estava entre pessoas a lutar em vários estágios de tifo e tuberculose. As sortudas apenas suportavam antigas feridas infetadas por estilhaços. As crianças morriam de doenças comuns como o sarampo. Mas, apesar de todos os problemas, eram pessoas maravilhosas e generosas.

Não era preciso ser especialista em socorro a desastres para perceber que a única forma de lidar com uma situação daquelas era simplesmente arregaçar as mangas e começar a trabalhar. O campo do IVSP consistia em três enormes tendas. A maioria das noites dormia ao ar livre, sob o cobertor militar de lã que me mantivera quente ao longo de todas as viagens pela Europa. Mais uma vez, nomearam-me cozinheira. Nada me deixava mais feliz do que transformar latas de bananas secas, alguns gansos doados, farinha, ovos e quaisquer outros ingredientes disponíveis em refeições saborosas que agradavam a estes voluntários vindos de todo o mundo, unidos por um único propósito.

Na altura da minha chegada, já várias casas tinham sido reconstruídas e uma nova escola estava em construção. Trabalhei como pedreira, trolha e telhadeira. O meu polaco era limitado, mas todas as manhãs tinha lições, enquanto lavava a roupa no rio, dadas por uma jovem dolorosamente magra que estava a morrer de leucemia. Tendo testemunhado tanta dor e miséria na sua curta vida, não considerava a sua própria situação o pior desastre do mundo. Longe disso. De alguma forma aceitava o destino sem amargura nem culpa. Para ela, era simplesmente a vida, pelo menos uma parte dela. Escusado será dizer que me ensinou mais do que uma nova língua.

Todos os dias era preciso ser-se uma mulher de mil ofícios. Uma vez ajudei a acalmar o presidente da câmara e um grupo de notáveis locais indignados por termos construído sem licenças oficiais — o que significava sem subornos para eles. Outra vez, ajudei a vaca de um agricultor a dar à luz. As tarefas podiam ser quaisquer e normalmente eram. Numa tarde, estava a assentar tijolos na escola quando um homem caiu e abriu um enorme golpe na perna. Em circunstâncias normais, a ferida teria exigido pontos. Mas não havia ninguém por perto além de mim e de uma mulher polaca, que rapidamente apanhou um punhado de terra e o colocou sobre a ferida. Saltei do telhado, gritando: “Não, vai causar uma infeção!”

Apesar da minha preocupação, as curandeiras locais eram como xamãs. Praticavam uma medicina popular antiga, quase como homeopatia, e sabiam exatamente o que faziam. Ainda assim, ficaram impressionadas quando

amarrei a perna para estancar o sangue. A partir daí, começaram a chamar-me "Pani Doctor". Tentei explicar que não era assim, mas ninguém as conseguia convencer do contrário, nem eu.

Até então, todas as necessidades médicas eram tratadas por duas mulheres, Hanka e Danka. Eram mulheres francas, fabulosas, conhecidas como *feldschers*. Ambas tinham servido na Resistência polaca, na frente russa, onde aprenderam medicina básica de campanha e tinham visto todo o tipo de feridas, doenças e horrores. Escusado será dizer, não eram tímidas perante nada.

Assim que ouviram como estancara a hemorragia na perna do homem, perguntaram pela minha experiência. Mal ouviram a palavra "hospital", abraçaram-me como uma delas. A partir de então, traziam os doentes e feridos ao estaleiro para eu os examinar. Vinham pacientes com tudo, desde simples infeções a membros que precisavam de amputação. Eu fazia o que podia para ajudar, muitas vezes não mais do que um abraço reconfortante.

Então, um dia, deram-me um presente incrível: uma cabana de madeira com dois quartos. Tinham-na limpo, colocado um fogão a lenha e prateleiras, e decidiram que seria uma clínica médica onde as três trataríamos os pacientes. O meu trabalho de construção terminou ali mesmo.

Não sei se o que fazia a seguir era praticar medicina ou rezar por milagres. Todas as manhãs, vinte e cinco a trinta pessoas alinhavam-se à porta da clínica. Algumas tinham caminhado dias. Muitas esperavam horas. Se chovia, podiam aguardar na sala que normalmente reservávamos para os gansos, galinhas, cabras e outras contribuições que as pessoas faziam ao nosso campo em vez de dinheiro. A outra sala era usada para cirurgias. Tínhamos poucos instrumentos, pouca medicação e nenhuma anestesia. Mas, de forma notável, realizávamos muitas cirurgias corajosas e complexas. Amputávamos membros. Retirámos estilhaços. Ajudávamos em partos. Um dia apareceu uma mulher grávida com um tumor do tamanho de uma toranja. Abrimo-lo, drenámos o pus e tentámos o melhor possível retirar o inchaço. Depois de lhe assegurarmos que o bebé ficaria bem, levantou-se e voltou para casa.

Não havia limites para a resiliência daquelas pessoas. A sua coragem e vontade de viver impressionaram-me profundamente. Por vezes, suspeitava que era apenas a determinação a responsável pela elevada taxa de recuperação. Percebi que a essência da sua existência — e de todo o ser vivo — era simplesmente continuar, sobreviver. Para alguém que em tempos escrevera que o seu objetivo era descobrir o sentido da vida, esta foi uma lição profundamente marcante sobre a vida e o viver.

A minha maior prova chegou numa noite em que Hanka e Danka correram para emergências em aldeias vizinhas e me deixaram responsável pela clínica. Era a primeira vez que ficava sozinha. E logo quando estávamos completamente

sem material médico. Se acontecesse alguma coisa, teria de improvisar. Felizmente, o dia tinha sido calmo e a noite estava sedutoramente agradável. Estendi o meu cobertor e disse para mim mesma: “Ah, nada me vai acordar esta noite. Pela primeira vez, vou dormir bem.”

Mas foi como um presságio. Perto da meia-noite, ouvi o que parecia ser o lamento de uma criança pequena. Recusei-me a abrir os olhos. Talvez estivesse a sonhar. E se não fosse, que importava? Normalmente, os pacientes chegavam a todas as horas da noite. Se respondesse a todos, nunca dormiria. Por isso, fingi estar a dormir.

Mas depois voltei a ouvir. O lamento de uma criança. Um choro frágil e suplicante que não cessava. Depois, uma respiração áspera, um ofegar agonizante em busca de ar.

A odiar-me por ser tão mole, abri os olhos. Tal como temia, não estava a sonhar. Iluminada pela suave luz de uma lua cheia, uma camponesa estava sentada a meu lado. Tinha-se enrolado num cobertor. Decerto os lamentos não vinham dela. Ao erguer-me, ouvi de novo aquele gemido rouco e vi que ela segurava uma criancinha nos braços. Esforcei-me por observar a criança enquanto os meus olhos se ajustavam ao estado desperto — reparei que era um rapazinho — e depois voltei o olhar para a mãe. Pediu desculpa por me acordar tão tarde, mas explicou que viera a pé da sua aldeia depois de ouvir falar das senhoras médicas que faziam os doentes voltar a ficar saudáveis.

Pousei a mão na testa do menino. Teria uns três anos, ardia em febre alta. Reparei também em bolhas nos lábios e na língua, e no ar de desidratação. Sinais claros de uma coisa só — tifoide. Infelizmente, havia pouco que pudesse fazer. Expliquei-lhe com um encolher de ombros pesaroso que não tínhamos medicação. Nada. Disse: “A única coisa que posso fazer é levá-los para dentro da clínica e preparar uma chávena de chá quente.”

Agradecida, ela seguiu-me para a cabana. Enquanto o filho lutava por respirar, fitava-me como só uma mãe pode fitar. Silenciosa. Triste. Suplicando com olhos negros profundos que refletiam abismos inimagináveis de dor. “Tem de o salvar”, disse com naturalidade.

Abanei a cabeça, resignada.

“Não, tem de salvar este último filho”, continuou. Depois, sem a mínima tremura de emoção, explicou: “É o último dos meus treze filhos. Os outros pereceram todos em Maidanek, o campo de concentração. Mas este nasceu lá. Não quero que morra agora que conseguimos sair.”

Mesmo que aquela pequena clínica fosse um hospital totalmente equipado, era improvável que o menino pudesse ser salvo. Mas detestava soar como uma tola impotente. Aquela mulher já tinha sofrido crueldade suficiente. Se, de alguma forma, conseguira agarrar-se à esperança enquanto a sua família

inteira fora assassinada nas câmaras de gás, então eu também poderia encontrar forças dentro de mim. Pensei com todas as minhas forças e elaborei um plano. Havia um hospital em Lublin, a cidade mais próxima. Embora o campo não pudesse providenciar transporte, poderíamos ir a pé. Se o menino sobrevivesse à viagem, talvez conseguíssemos convencer o hospital a admiti-lo.

O plano era arriscado. Mas a mulher, consciente de que era a única opção, pegou no filho ao colo e disse: “Está bem, vamos.”

Durante a noite, fomos falando e alternando em carregar o menino, que estava muito mal. Ao nascer do sol, chegámos aos portões de ferro, altos, de um imponente hospital de pedra. Estavam fechados, e um guarda disse que não se admitiam mais pacientes. Teríamos caminhado todas aquelas milhas para nada? Olhei para o menino apático, a perder e a recuperar os sentidos. Não, este esforço não seria em vão. No momento em que vi alguém que parecia médico, agarrei-lhe a atenção. Contrariado, sentiu o pulso da criança, examinou-o e concluiu que não tinha esperança. “Já temos pessoas deitadas em camas nas casas de banho”, disse o médico. “Como ele não tem hipóteses, não faz sentido interná-lo.”

De repente, tornei-me numa mulher furiosa, agressiva. “Sou da Suíça”, disse-lhe, chegando-me mesmo ao nariz dele. “Vim a pé e à boleia até à Polónia para ajudar o povo polaco. Estou a tratar cinquenta pacientes por dia numa pequena clínica em Lucima, sozinha. Agora acabei de andar todo este caminho para salvar esta criança. Se não o admitirem, volto para a Suíça e digo a toda a gente que os polacos são o povo mais insensível, que não têm amor nem compaixão, e que um médico polaco não teve empatia por uma mulher cujo filho, o último de treze, sobreviveu a um campo de concentração.”

Foi suficiente. Contrariado, o médico pegou na criança e concordou em admiti-lo, mas com uma condição: tanto a mãe como eu teríamos de o deixar ali durante três semanas. “Em três semanas, ou o menino será enterrado ou estará suficientemente bem para regressar”, disse o médico. Sem hesitar, a mãe abençoou o filho e entregou-o ao médico. Fizera tudo o que era humanamente possível e percebi o alívio dela ao ver médico e criança desaparecerem pelo hospital dentro. Quando já não havia mais nada para ver, perguntei-lhe: “O que quer fazer agora?”

“Vou voltar e ajudá-la”, respondeu.

Tornou-se a melhor assistente que já tive. Esterilizava as minhas três preciosas seringas numa panelinha após cada uso, lavava ligaduras e punha-as a secar ao sol, varria o chão da clínica, ajudava nas refeições e até segurava pacientes quando era preciso fazer uma incisão numa cirurgia. De tradutora a enfermeira, de cozinheira a ajudante de cirurgia, não havia nada que não fizesse.

E então, certa manhã, acordei e ela tinha desaparecido. Aparentemente, durante a noite escapara-se sem deixar bilhete nem despedida. Fiquei intrigada e desiludida. Alguns dias depois, porém, percebi a explicação. Tinham passado exatamente três semanas desde que leváramos o seu menino ao hospital de Lublin. Eu estivera demasiado absorvida no trabalho diário para contar os dias, mas ela contara cada um.

Uma semana depois, acordei após uma noite a dormir ao relento e encontrei um lenço no chão, junto à minha cabeça. Estava cheio de terra. Pensando tratar-se de uma daquelas superstições comuns, coloquei-o numa prateleira da clínica e não lhe dei mais importância até que uma das mulheres locais insistiu em que desfizesse os nós e olhasse lá dentro. E lá estava, junto com a terra, um bilhete dirigido à "Pani Doutora", que dizia: "Da senhora W., cuja última de treze crianças salvou, terra polaca abençoada."

Ah, então o menino vivera.
Um grande sorriso surgiu no meu rosto.

Depois reparei na última linha do bilhete. Dizia: "Terra polaca abençoada." Nesse instante compreendi tudo. Após se levantar no meio da noite, a mulher caminhara as vinte milhas até ao hospital e fora buscar o filho, bem vivo. De Lublin, levou-o de volta à sua aldeia, apanhou um punhado de terra da sua casa e encontrou um padre para a abençoar. Como os nazis tinham exterminado a maioria dos padres, tenho a certeza de que teve de procurar muito até encontrar um. Mas agora a sua terra era especial, abençoada por Deus. Depois de me entregar o presente, voltou para casa. Quando percebi tudo isto, aquele pequeno saco de terra tornou-se o presente mais precioso que alguma vez recebera.

E embora não tivesse como saber, em breve também salvaria a minha vida.

CAPÍTULO DEZ

Borboletas

Falo de amor e de compaixão, mas as maiores lições que recebi sobre o significado da vida vieram de uma visita a um local onde tiveram lugar as piores atrocidades contra a humanidade.

Antes de deixar a Polónia, assisti a uma cerimónia de inauguração da escola que tínhamos construído. Depois viajei até Maidanek, uma das notórias fábricas de morte de Hitler. Algo me impelia a ver um desses campos de concentração com os meus próprios olhos. Era como se ver me ajudasse a compreender.

Conhecia a reputação de Maidanek. Foi lá que a minha amiga polaca perdera o marido e doze dos seus treze filhos. Sim, conhecia-o bem.
Mas ir até lá era outra coisa.

Os portões daquele lugar imenso estavam arrombados, mas os sinais do seu passado ominoso, onde mais de trezentas mil pessoas morreram, estavam ainda assustadoramente à mostra. Reparei no arame farpado, nas torres de vigia e nas muitas filas de barracões onde homens, mulheres, crianças e famílias inteiras tinham passado os seus últimos dias e horas. Havia também vários vagões. Espreitei lá dentro. O que vi foi horrível. Alguns continham cabelo de mulheres destinado a ser enviado para a Alemanha, onde seria transformado em roupas de inverno. Outros guardavam óculos, jóias, alianças e recordações que as pessoas levavam consigo por razões sentimentais. O último vagão que vi estava cheio de roupas de criança, sapatinhos de bebé e brinquedos.

Desci de novo e estremeci. Poderia a vida ser tão cruel? O fedor das câmaras de gás e da morte, esse cheiro inconfundível que pairava no ar, dava a resposta.

Mas porquê?
Como era possível?

Parecia-me inconcebível. Caminhei pelo campo em descrença. Perguntei: "Como podem homens e mulheres fazer tais coisas uns aos outros?" Depois cheguei aos barracões. "Como sobreviveram as pessoas, sobretudo mães e filhos, às semanas e dias antes da morte certa?" Lá dentro, vi beliches de madeira, encavalitados em cinco níveis. Nas paredes, as pessoas tinham gravado nomes, iniciais e desenhos. Que utensílios teriam usado? Pedras? As unhas? Olhei com mais atenção e reparei que uma imagem se repetia vezes sem conta.

Borboletas.

Estavam por toda a parte. Algumas toscas. Outras bastante detalhadas. Eu não conseguia imaginar borboletas em lugares horríveis como Maidanek, Buchenwald ou Dachau. No entanto, os barracões estavam cheios delas. Cada barracão onde entrava. Borboletas. "Porquê?", perguntei a mim mesma. "Porquê borboletas?"

Certamente tinham um significado especial. Qual? Durante os vinte e cinco anos seguintes fiz essa pergunta e odiei não ter uma resposta.

Regressando lá fora, senti o impacto que Maidanek estava a ter em mim. No entanto, não tinha consciência de que estar ali me preparava para a obra da minha vida. Naquele momento, só queria compreender como é que seres humanos podiam agir de forma tão assassina contra outros humanos, sobretudo crianças inocentes.

Então, o silêncio dos meus pensamentos foi interrompido. Ouvi a voz clara, calma e segura de uma jovem a responder-me. Chamava-se Golda.
“Tu também serias capaz de fazer isso”, disse.

Quis contestar, mas estava tão atónita que nada me saiu da boca. “Se tivesses sido educada na Alemanha nazi”, acrescentou.

Quis gritar o meu desacordo. “Eu não!” Eu era pacifista. Crescera numa boa família e num país pacífico. Nunca conhecera a pobreza, a fome ou a discriminação. Golda leu tudo isso nos meus olhos e respondeu, conhecedora: “Irias surpreender-te com aquilo de que és capaz. Se tivesses sido educada na Alemanha nazi, poderias facilmente ter-te tornado o tipo de pessoa que faria isso. Há um Hitler em todas nós.”

Eu queria compreender, não discutir e, como era hora de almoço, convidei Golda a partilhar a minha sandes. Era de uma beleza impressionante e aparentava ter a minha idade. Noutro contexto, poderíamos facilmente ter sido amigas, colegas de escola ou de trabalho. Enquanto comíamos, Golda contou-me como chegara a tal convicção.

Nascida na Alemanha, Golda tinha doze anos quando a Gestapo apareceu no negócio do pai e o levou. Nunca mais o viu. Logo após o rebentar da guerra, ela e o resto da família, incluindo os avós, foram deportados para Maidanek. Um dia, os guardas mandaram-nos para a fila onde tinham visto tantos entrar e nunca mais voltar. Ela e a família estavam entre os que foram despidos e empurrados para a câmara de gás. Gritaram, suplicaram, choraram, rezaram. Mas não tinham qualquer hipótese ou esperança de dignidade ou sobrevivência ao serem empurrados para mortes piores do que as de qualquer gado num matadouro.

Golda, essa rapariga lindíssima, foi a última pessoa que tentaram espremer lá para dentro antes de fechar a porta e ligar o gás. Por milagre, por intervenção divina, a porta não se fechava com ela ali. Estava demasiado cheio. Para cumprirem a quota diária, limitaram-se a puxá-la para fora e a empurrá-la para o ar livre. Como já constava da lista de mortes, presumiram que estava morta e nunca mais chamaram o seu nome. Graças a um lapso invulgar, a sua vida foi poupada.

Teve pouco tempo para fazer o luto. A maior parte da sua energia era consumida pela tarefa básica de permanecer viva. Desdobrava-se para sobreviver ao inverno polaco, encontrar comida suficiente e evitar doenças como a tifoide ou até uma simples constipação, que a impediriam de cavar valas ou remover neve e a mandariam de volta às câmaras de gás. Para manter o ânimo, imaginava o campo a ser libertado. Deus escolhera-a, raciocinava, para sobreviver e contar às gerações futuras a barbárie a que assistira.

Disse que isso bastava para a manter viva no frio mais rigoroso do inverno. Se sentia a energia a faltar, Golda fechava os olhos e imaginava os gritos das amigas que tinham sido usadas como cobaias em experiências realizadas pelos médicos do campo, abusadas pelos guardas ou, muitas vezes, por ambos; então dizia a si mesma: “Tenho de viver para contar ao mundo. Tenho de viver para lhes contar os horrores que estas pessoas cometeram.” E Golda alimentou esse ódio e essa determinação de ficar viva até à chegada das forças aliadas.

Depois, quando o campo foi libertado e os portões se abriram, Golda ficou paralisada pela raiva e amargura que a dominavam. Não se via a passar o resto da sua valiosa vida a destilar ódio. “Como Hitler”, disse. “Se eu usasse a minha vida, que foi poupada, para semear sementes de ódio, não seria diferente dele. Seria apenas outra vítima a tentar espalhar mais e mais ódio. A única maneira de encontrarmos a paz é deixar que o passado seja passado”, disse.

À sua maneira, respondia a todas as perguntas que me tinham surgido na cabeça por estar em Maidanek. Até então, eu não tinha verdadeira consciência do potencial de selvajaria do ser humano. Mas bastava ver o vagão carregado de sapatinhos de bebé ou respirar o fétido odor da morte que pairava no ar como um sudário fantasmagórico para perceber a desumanidade de que o homem era capaz. Mas então como explicar Golda, alguém que experimentara tamanha crueldade e, em vez disso, escolhera perdoar e amar?

Ela própria explicou, dizendo: “Se eu conseguir mudar a vida de uma pessoa do ódio e da vingança para o amor e a compaixão, então mereci sobreviver.”

Compreendi e deixei Maidanek mudada para sempre. Senti como se a minha vida tivesse começado de novo.
Continuava a querer frequentar a faculdade de medicina. Mas decidi que o propósito da minha vida seria garantir que as gerações futuras não criariam outro Hitler.

Claro que, primeiro, tinha de voltar para casa.

Regressar à Suíça foi tão perigoso como tudo o resto que eu fizera nos meses anteriores. Em vez de voltar diretamente, decidi ver um pouco da Rússia. Viajei sozinha. Sem dinheiro nem visto, enfiei o cobertor, as poucas roupas que tinha e o meu embrulho de terra polaca na mochila e parti pela estrada para Bialystok. Ao cair da noite, já tinha atravessado milhas de campo isolado sem qualquer sinal do temido Exército Russo — a minha única preocupação — e preparei-me para acampar numa colina coberta de erva. Nunca me sentira tão só, como um ponto no planeta a olhar para biliões de estrelas.

Mas foi momentâneo. Antes de estender o cobertor, fui abordada por uma mulher idosa, com um vestido colorido de várias camadas, que parecia ter

surgido do nada. Havia algo em todos os lenços e joias que usava que parecia deslocado. Por outro lado, aquele era o interior da Rússia, um lugar sombrio e místico, cheio de segredos. Falando russo, língua que eu mal entendia, ofereceu-se para me ler umas cartas, aparentemente à procura de dinheiro. Desinteressada das fantasias que sem dúvida me contaria, usei bocados de polaco, russo e gestos para dizer que o que realmente precisava era de companhia humana e de um lugar seguro para passar a noite. Poderia ajudar?

Sorrindo, deu a única resposta possível — "o acampamento cigano".

Foram quatro dias notáveis de canto, dança e convivência. Antes de partir de novo, ensinei-lhes uma canção popular suíça. Tocaram-na como despedida enquanto eu voltava a ajustar a mochila e seguia pela estrada que entrava na Polónia. Fiquei com os olhos húmidos por saber que completos desconhecidos, a meio da noite, pessoas sem outra língua em comum além do amor e da música no coração, podiam partilhar tanto e sentir-se como irmãos e irmãs em tão pouco tempo. Parti esperançosa de que o mundo poderia recompor-se depois da guerra.

Em Varsóvia, os quakers arranjaram-me um lugar num avião militar dos EUA que transportava VIPs para Berlim. De lá, planeava apanhar um comboio para Zurique. Telegramei à minha família a informar quando chegaria a casa. "A tempo do jantar", escrevi, antecipando com entusiasmo uma das saborosas refeições da minha mãe e uma boa noite de sono na minha própria cama macia.

Mas o perigo agravou-se em Berlim. As tropas russas recusavam deixar passar quem não tivesse credenciais adequadas do seu lado da cidade — que mais tarde viria a fazer parte da Alemanha de Leste — para o setor ocupado pelos britânicos, no oeste. À noite, as pessoas desapareciam das ruas, na esperança de escapar, pelo menos temporariamente, ao medo e à tensão tão palpáveis. Com a ajuda de desconhecidos, cheguei a um posto fronteiriço, onde fiquei horas a fio, cada vez mais cansada, com fome e enjoada. Quando se tornou evidente que não conseguiria atravessar sozinha, convenci um oficial britânico que conduzia um camião a esconder-me numa caixa de madeira de dois por três pés e a fazer-me passar clandestinamente para uma zona segura perto de Hildesheim.

Nas oito horas seguintes, enrosquei-me em posição fetal, concentrando-me no aviso enfático que ele me dera antes de pregar a tampa: "Por favor, não faças um som. Nem uma tosse. Nem uma respiração ruidosa. Nada até eu voltar a tirar a tampa." A cada paragem, sustinha a respiração, receosa de que, se mexesse sequer um dedo, seria o meu fim. Lembro-me da luz a cegar-me quando, finalmente, a tampa foi retirada. Nunca tinha visto uma luz tão intensa. O alívio e a gratidão que senti ao ver a cara do oficial britânico só foram

equiparados pelas ondas de náusea e fraqueza que percorreram o meu corpo depois de ele me ajudar a sair do esconderijo.

Depois de recusar o amável convite para partilhar uma boa refeição na messe de oficiais, comecei a caminhar rumo a casa. À noite, desenrolei o cobertor num cemitério e, na manhã seguinte, acordei ainda mais doente. Não tinha comida nem medicamentos. Na mochila, encontrei o meu embrulho de terra polaca — a única coisa, além do cobertor, que não me tinham roubado — e soube que, de algum modo, havia de conseguir.

Consegui erguer o corpo, que latejava de dores lancinantes, e coxeei pela estrada de gravilha não pavimentada. De alguma forma aguentei várias horas. Por fim, desabei num prado, nos arredores de uma floresta cerrada. Sabia que estava muito doente, mas não havia nada a fazer senão rezar. Estava a morrer de fome e a suar de febre; a mente enevoou-se. No delírio, vi uma montagem das experiências recentes — a clínica em Lucima, as borboletas em Maidanek e a rapariga Golda. Ah, Golda. Tão preciosa. Tão forte.

Assim que abri os olhos, imaginei uma menina a comer uma sandes enquanto passava de bicicleta. O estômago contorceu-se-me de fome. Por um instante, cheguei a contemplar roubar aquela sandes das mãos da menina. Se era real ou não, não sei. Mas, no momento em que tive esse pensamento, ouvi as palavras da Golda: “Há um Hitler em todas nós.” Agora compreendia. Tudo depende das circunstâncias.

Neste caso, estavam a meu favor. Uma pobre mulher idosa encontrou-me a dormir enquanto andava a apanhar lenha. De alguma forma, levou-me até um hospital alemão perto de Hildesheim. Durante vários dias, fui entrando e saindo da consciência. Num momento de lucidez, ouvi falar de uma epidemia de tifoide que estava a matar muitas mulheres. Convencida de que fazia parte desse lote malfadado, pedi um lápis e papel para escrever à minha família, caso nunca mais os voltasse a ver.

Mas estava demasiado fraca para segurar o lápis. Pedi ajuda à minha companheira de quarto e à enfermeira, mas ambas recusaram. As fanáticas achavam que eu era polaca. Era o mesmo tipo de preconceito que eu veria quarenta anos mais tarde com os doentes de sida. “Deixem morrer a porca polaca”, disseram, com nojo.

Esse preconceito quase me matou. Mais tarde, nessa noite, sofri um espasmo cardíaco e ninguém queria ajudar a “rapariga polaca”. O meu pobre corpo, reduzido a assustadoras trinta e quatro quilos, já não tinha forças para lutar. Encolhida na cama, desfazia-me rapidamente. Felizmente, o médico de serviço nessa noite levou a sério o seu juramento. Antes que fosse tarde, administrou-me uma injeção de estrofantina. De manhã, sentia-me mais eu própria do que desde que saíra de Lucima. A cor voltara-me às faces. Sentei-me e tomei o pequeno-almoço. Ao sair, o médico perguntou: “Como está hoje a minha

pequena suíça?" Suíça! Mal as enfermeiras e a minha companheira de quarto ouviram que eu era suíça e não polaca, a atitude delas mudou. De repente, não havia favores que não quisessem fazer.

Que se danassem. Várias semanas depois, após o repouso e o alimento de que tanto precisava, tive alta. Mas, antes de partir, contei à minha companheira de quarto preconceituosa e às enfermeiras a história da terra polaca que guardava na mochila. "Percebem?", expliquei. "Não há diferença entre a mãe de uma criança polaca e a mãe de uma criança alemã!"

A viagem de comboio de volta a Zurique deu-me tempo para refletir sobre a incrível educação que recebera nos últimos oito meses. Regressava claramente a casa mais sábia e mais mundana. Enquanto o comboio avançava pelos carris, já me imaginava a contar tudo à família — sobre as borboletas e a rapariga polaco-judia que me ensinou sobre o Hitler que há em todas nós; sobre os ciganos russos que me ensinaram o amor e a fraternidade que transcendem língua e nacionalidade; sobre desconhecidos como a pobre mulher que saiu para apanhar lenha e me levou ao hospital a tempo de sobreviver.

Pouco depois, estava de novo à mesa de jantar com a minha mãe e o meu pai, a partilhar todos os horrores que tinha visto… e todas as muitas mais razões que tínhamos para ter esperança.

PARTE II
"O URSO"

CAPÍTULO ONZE

Em Casa para o Jantar

Graças a Deus por chefes como o Professor Amsler. Era um brilhante cirurgião oftalmológico, mas essa habilidade era ultrapassada pelos traços que o tornavam um grande ser humano: compaixão e compreensão. Menos de um ano depois de eu ter começado o trabalho no Hospital Universitário, permitiu-me tirar licença para trabalho voluntário e, depois, recebeu-me de volta no meu antigo posto quando reapareci. "Deve ser inverno, porque a andorinha pequena voa de volta para casa", disse quando regressei.

O meu velho laboratório na cave pareceu-me o paraíso. Retomei a mesma rotina e a mesma investigação. Mas, em breve, o Professor Amsler reconheceu que eu mudara e que podia assumir mais responsabilidade. Transferiu-me para a enfermaria de pediatria, onde testava crianças que estavam a perder a visão por oftalmia simpática ou por uma malignidade. A minha abordagem era diferente da dos pais e médicos. Falava diretamente com as crianças, ouvia os

seus medos de ficarem cegas e notava como respondiam com franqueza. Mais uma vez, estava a adquirir as competências que viria a usar mais tarde.

Adorava o trabalho que fazia no meu laboratório da cave com estes doentes afetados na visão. O trabalho levava horas. Havia muitas medições e testes. Exigia que passássemos longos períodos juntas na escuridão, perfeita para conversa. Até as pacientes mais reservadas, cautelosas e tímidas se abriam comigo naquele ambiente íntimo. Eu era apenas uma técnica de laboratório de vinte e três anos, mas aprendi a escutar como uma psiquiatra mais velha e experiente.

Tudo o que fazia sublinhava o quanto queria tornar-me médica. Ansiava por passar a Matura, o difícil exame de acesso à universidade, e fiz planos preliminares para frequentar aulas noturnas e colmatar lacunas na minha formação, disciplinas como literaturas alemã, francesa e inglesa, geometria e trigonometria e, a mais temida de todas, latim.

Mas chegou o verão, e notícias do IVSP sopraram numa brisa morna. Uma equipa de voluntários estava a construir uma estrada de acesso a um hospital em Recco, Itália. Precisavam desesperadamente de uma cozinheira. Nem sequer tiveram de perguntar se eu estava interessada, porque dias depois já eu manejava uma picareta de dia e cantava à volta da fogueira à noite, na Riviera italiana. Nada era mais satisfatório. O meu querido Professor Amsler garantira-me o emprego, e os meus pais tinham dado a sua aprovação. Nessa altura, já todos estavam habituados a mim.

Havia só uma regra. Antes de eu partir, o meu pai proibira-me de viajar para lá da Cortina de Ferro. Não era seguro e temia que eu desaparecesse.
“Se fores para lá da Cortina de Ferro, deixas de ser minha filha”, disse, tentando dissuadir-me com a punição mais forte possível.
“Sim, senhor”, respondi.

Que tolice, pensei. Porque havia ele de se preocupar, se eu ia passar o verão em Itália?

Com razão. À medida que a obra da estrada avançou mais depressa do que o previsto, o IVSP contactou-me com um pedido urgente para reunir duas crianças com os pais na Polónia. A mãe era suíça e o novo padrasto polaco, e não conseguiam sair do país. O meu trabalho anterior lá tornava-me a melhor candidata para essa missão. Falava a língua, conhecia o terreno e não parecia suspeita. Tinha acabado de apanhar boleias por todas as grandes cidades italianas para ver a arte incrível. Mais uma aventura antes de o verão acabar parecia-me bem. E uma oportunidade de rever a Polónia. Era um presente do céu.

As crianças — um rapaz de oito anos e uma menina de seis — esperavam por mim em Zurique. Antes de as ir buscar, passei por casa para me recompor e

fazer a mala com roupa limpa. Se a minha mãe lá estivesse, talvez tivesse evitado problemas mais tarde. Mas o apartamento estava vazio. Esquecendo a admoestação do meu pai, rabisquei um breve recado e descrevi os meus planos.

Na estação, o chefe do escritório do IVSP em Zurique acrescentou mais uma tarefa à minha missão de misericórdia. Pediu-me que verificasse as condições de um orfanato em Praga, Checoslováquia. Apesar do risco, aceitei. E qualquer preocupação esbateu-se durante uma viagem sem incidentes até Varsóvia, onde, apesar do regime comunista, deixei os meus pequenos ao cuidado dos pais e ainda dei uma volta pela cidade durante a noite. Fiquei agradavelmente surpreendida por ver rostos sorridentes, flores nos mercados e muito mais comida do que encontrara lá dois anos antes.

Praga apresentou um quadro completamente diferente. Só a passagem pelas barreiras à entrada da cidade implicou uma humilhante revista integral no posto de controlo, como se eu fosse criminosa. Os guardas, repugnantes, chegaram a roubar-me o guarda-chuva e outros pertences. Foi a primeira vez, em todas as minhas viagens, que tive medo. Quanto à cidade, recordo um manto de negatividade e desconfiança em todo o lado. Lojas vazias, caras sombrias, nem uma flor à vista. Todo o espírito fora sufocado.

O orfanato revelou-se um pesadelo. Partiu-me o coração por aquelas crianças. Era repugnante. Sujo, sem comida suficiente e, pior do que tudo, sem amor. No entanto, nada podia fazer. Agentes da polícia vigiavam-me de perto e acabaram por me dizer, na cara, que eu não era bem-vinda ali. Embora furiosa, não era estúpida. Não havia forma de enfrentar e vencer o poderoso Exército Checo. Mas também não saí derrotada. Antes de abandonar o orfanato, esvaziei a mochila e dei as minhas roupas, sapatos, cobertor e tudo o mais que transportava. Na curta viagem de regresso a Zurique, desejei poder ter feito mais em Praga, mas consolei-me com o vislumbre de esperança que permanecia em Varsóvia.

“Jejdje Polsak nie ginewa”, cantei baixinho. “A Polónia ainda não pereceu. Não, a Polónia ainda não pereceu.”

Como todas as crianças, ficava entusiasmada sempre que regressava a casa depois de uma viagem, especialmente desta vez. Do lado de fora da porta do apartamento, que não conseguia conter o rico aroma da deliciosa comida da minha mãe, ouvi uma animada conversa a desenrolar-se em meio ao tilintar da loiça do jantar. A voz mais alta, que não ouvia há muito tempo, fez o meu coração saltar de excitação — era a do meu irmão. O Ernst vivia havia anos no Paquistão e na Índia. O nosso contacto tinha sido apenas por cartas e, mesmo assim, bastante superficial, o que tornava esta visita rara ainda mais especial. Agora teríamos muito tempo para pôr a conversa em dia e ser uma família inteira como nos velhos tempos.

Mas isso revelou-se um desejo vago. Enquanto me detinha no patamar a imaginar como estaria o Ernst depois de tanto tempo, a porta da frente abriu-se de repente. O meu pai, que me tinha visto pela janela, apareceu no vão da porta, a bloquear a entrada. Estava zangado.
— Quem és tu? — perguntou com severidade. — Não te conhecemos.

Esperei que o meu pai sorrisse e dissesse que estava a brincar, mas a porta fechou-se com estrondo e percebi que ele devia ter descoberto para onde eu tinha ido. Não me lembrava do bilhete que tinha rabiscado à pressa, mas senti que me estava a castigar por ser desobediente. Ouvi os seus passos pelo soalho de madeira. Depois, silêncio. A conversa retomou-se lá dentro, ainda que menos animada do que antes, e nem a minha mãe nem as minhas irmãs me vieram acudir. Conhecendo o meu pai, provavelmente proibira-as de se aproximarem da porta.

Se este era o preço a pagar por fazer o que sentia ser certo em vez do que era esperado, então não tinha outra escolha senão ser tão firme ou mais firme do que ele. Depois de alguns momentos angustiados, acabei por descer a Klosbachstrasse, indo parar ao pequeno café da estação do eléctrico, onde havia uma casa de banho e qualquer coisa para comer. Achei que dormiria no meu laboratório, só que não tinha roupas. Tinha dado tudo o que possuía em Praga.

Entrei num café e pedi algo para comer. Não tinha dúvidas de que a minha mãe estaria aborrecida com o meu pai, mas impotente para o mudar. As minhas irmãs teriam certamente ajudado, mas tinham as suas próprias vidas. A Erika estava casada e a Eva estava noiva do Seppli Bucher, um campeão de esqui e poeta. Eu estava definitivamente por minha conta, e era uma confusão. Mas não tinha arrependimentos. Lembrei-me, e bem, de um poema que a minha avó tinha pendurado sobre a cama de hóspedes, onde eu passara muitas noites em criança. Traduzido livremente, dizia:

Sempre que pensas
que já não consegues mais,
do nada surge
uma pequena luz.

Essa pequena luz
renovará a tua força
e dar-te-á energia
para dar mais um passo.

Estava tão cansada que comecei a adormecer à mesa. De repente, acordei sobressaltada ao ouvir alguém chamar o meu nome. Quando levantei os olhos, vi a minha amiga Cilly Hofmeyr. Acenou do outro lado do café e sentou-se à minha mesa. A Cilly tinha terminado o curso no Hospital Cantonal como uma promissora terapeuta da fala ao mesmo tempo que eu me qualificara como

técnica de laboratório. Não nos víamos desde então, mas ela era tão extrovertida e simpática como me lembrava. Depressa começou a contar-me o quanto desejava sair de casa da mãe.
— Quero ser mais independente — disse.

Acontece que a Cilly passara semanas à procura de um apartamento, mas só encontrara um sítio acessível. Era um sótão, noventa e sete degraus a subir, sem elevador, embora tivesse uma vista deslumbrante sobre o Lago de Zurique, água corrente e fácil acesso a transportes públicos. A única condição era que o senhorio só alugava o apartamento a quem aceitasse também a pequena divisão do outro lado do corredor.

Ela estava desiludida. A mim pareceu-me perfeito.
— Vamos ficar com ele — gritei antes sequer de lhe explicar a minha situação.

No dia seguinte assinámos o contrato e mudámo-nos. Os meus móveis, à exceção de uma grande secretária antiga, vieram do Exército da Salvação, enquanto a Cilly, talentosa musicista, conseguiu de alguma forma meter um piano de cauda pequeno no apartamento dela. Mais tarde, nessa tarde, voltei a casa às escondidas e contei à minha mãe onde vivia, incluindo a vista da minha pequena janela. Também apanhei algumas roupas e convidei-a a ela e às minhas irmãs para nos visitarem.

Embora as minhas cortinas fossem, na verdade, lençóis velhos, a minha nova casa era um ninho acolhedor. A Cilly e eu recebíamos visitas quase todas as noites. Os amigos dela da orquestra de câmara local proporcionavam música maravilhosa e a minha coleção de estudantes estrangeiros nostálgicos da universidade acrescentava conversas intelectuais. Um estudante turco de arquitetura trazia o seu próprio cafeteiro de latão e halva para a sobremesa. As minhas irmãs visitavam-nos frequentemente. Não era um grande lugar, não era a casa dos meus pais, mas não a trocaria por nada.

No outono de 1950, concentrei-me em entrar em Medicina. Durante o ano seguinte, cumpri o meu horário no laboratório com o professor Amsler e depois passava as noites a estudar para a Matura. As disciplinas iam da trigonometria e Shakespeare à geografia e física. Normalmente demorava três anos a preparar, mas eu segui o meu próprio ritmo acelerado e estive pronta em apenas doze meses.

Na altura certa, preenchi a candidatura mas não tinha os 500 francos suíços da taxa de inscrição. A minha mãe não podia ajudar; teria de pedir esse dinheiro ao meu pai. Por um momento, a minha situação pareceu sem saída. Mas então a minha irmã Erika e o marido, Ernst, emprestaram-me o dinheiro que tinham guardado para uma cozinha nova. Eram 500 francos.

Fiz a Matura no início de setembro de 1951. Foram cinco dias seguidos de exames intensivos, incluindo redações. Para passar, a média dos resultados

tinha de estar acima de um certo valor. Passei com distinção em física, matemática, biologia, zoologia e botânica. O latim foi um desastre. Tinha-me saído tão bem em tudo o resto que o velho professor que administrava o exame ficou de coração partido ao ter de me dar uma nota negativa. Felizmente, eu já tinha previsto isso ao calcular a média combinada das minhas notas. Não tinha dúvidas de que passaria.

A notificação oficial de que tinha passado chegou pelo correio no dia anterior ao aniversário do meu pai. Embora ainda não tivéssemos falado, preparei-lhe um presente especial: um calendário no qual escrevi, nas datas correspondentes, “Feliz Aniversário” e “Passei na Matura”. Entreguei-o em casa nessa tarde e no dia seguinte esperei à porta do seu escritório para ver a reação. Sabia que ele se orgulharia.

E acertei. Embora, de início, o meu pai não parecesse contente por me ver, o esgar transformou-se num sorriso. Não foi exatamente um pedido de desculpa, mas foi o primeiro sinal de afeto que recebera dele em mais de um ano. E isso bastava. O gelo continuava a derreter.

Depois de regressar do laboratório nessa noite, as minhas irmãs apareceram no meu apartamento com uma mensagem dele:
— O pai quer que venhas jantar a casa.

Durante uma refeição maravilhosa, brindou à minha conquista. Mas estávamos todos juntos de novo, e celebrámos muito mais do que os meus resultados nos exames.

Emma e Ernst Kübler. 1951

CAPÍTULO DOZE
Faculdade de Medicina

No meu trabalho sobre a morte e o morrer, fui influenciada por C. G. Jung mais do que por qualquer outro psiquiatra. Como estudante do primeiro ano de Medicina, via frequentemente o lendário psiquiatra suíço a passear longamente por Zurique. Era uma figura familiar nos passeios e à volta do lago, sempre a parecer perdido em pensamentos profundos. Sentia uma estranha ligação a ele, uma familiaridade que me dizia que nos teríamos dado magnificamente bem. Infelizmente, nunca me apresentei e, na verdade, fazia questão de evitar o grande homem. Mal o avistava, atravessava a rua ou mudava de direção. Agora arrependo-me. Mas, na altura, pensava que se lhe falasse acabaria por me tornar psiquiatra — e isso era o último que queria.

Desde o momento em que me inscrevi em Medicina, planeava tornar-me médica de província. Na Suíça, isso era esperado, fazia parte do acordo. Depois de se formarem, os novos médicos assumiam um consultório numa vila ou aldeia. Era como um estágio, que introduzia os jovens médicos à medicina geral antes de procurarem uma especialidade, como cirurgia ou ortopedia. Se assim desejassem, permaneciam numa prática rural, o que era o que eu imaginava para mim. Mas isso ainda estava a sete anos de distância.

Era um bom sistema, contudo. Formava bons médicos cuja primeira preocupação era o doente, e só depois o pagamento.

Comecei bem o curso de Medicina, a voar pelas ciências naturais básicas, química, bioquímica e fisiologia. Mas a minha introdução à anatomia quase me fez ser expulsa. No primeiro dia, todos à minha volta falavam uma língua estrangeira. Pensando que estava na sala errada, levantei-me para sair. O professor, um disciplinador rude, interrompeu a sua aula e repreendeu-me por o atrapalhar, mesmo quando tentei explicar.

— Não estás confusa — disse ele. — As mulheres deviam estar em casa a cozinhar e a coser, não a estudar Medicina.

Fiquei mortificada. Mais tarde percebi que um terço da turma era de Israel, parte de um acordo entre os dois governos, e que a língua estrangeira que ouvira era hebraico. Depois tive outro confronto com o mesmo professor de anatomia. Ao saber que vários alunos do primeiro ano, incluindo eu, tentavam angariar dinheiro para um estudante necessitado — um dos israelitas — em vez de estudarem, expulsou o aluno que organizara o esforço de solidariedade e disse-me para “ir para casa tornar-me costureira”.

Foram lições duras, mas pensei que aquele professor tinha esquecido uma lição básica, e arrisquei o meu futuro para lha lembrar.

— Só estávamos a tentar ajudar um ser humano em sofrimento — disse eu. — Não fez o senhor um juramento de fazer o mesmo quando se tornou médico?

A minha observação foi bem recebida. O estudante expulso foi reintegrado e eu continuei a ajudar outros, normalmente um dos alunos estrangeiros. Fiz amizade com alguns indianos. Um deles tinha um amigo que ficara parcialmente cego depois de um rato lhe morder o olho. Estava hospitalizado no serviço do Professor Amsler, onde eu continuava a trabalhar cinco noites por semana. O estudante, vindo de uma aldeia perto do Himalaia, estava assustado, deprimido e não comia há dias.

Por experiência própria, sabia como era terrível estar doente longe de casa. Por isso arranjei comida indiana com sabor a caril para lhe servirem. Também consegui autorização para que um dos seus amigos indianos ficasse no quarto durante horas fora do horário de visitas, enquanto se preparava para a cirurgia. Pequenos gestos. Mas a sua força regressou rapidamente.

Em agradecimento, recebi um convite do primeiro-ministro indiano Nehru para uma receção oficial no consulado indiano em Berna. Era um evento elegante realizado no jardim exterior. Vesti um belo sari, oferecido pelos meus amigos indianos. A filha de Nehru, Indira Gandhi, a futura primeira-ministra do país, entregou-me flores e uma distinção, embora a sua bondade pessoal significasse muito mais para mim. Durante a receção, viu-me pedir ao pai que assinasse um exemplar do seu famoso livro The Unity of India.

— Agora não — rosnou ele.

Embaraçada e magoada, recuei de repente e caí literalmente nos braços dela. — Não tenhas medo — disse-me com suavidade. — Eu farei com que ele assine.

E assim foi: dois minutos depois entregou-lhe o meu livro. Ele assinou-o e devolveu-mo, sorridente, como se nada tivesse acontecido. Anos mais tarde, pediram-me que assinasse milhares de livros, uma vez até enquanto estava na casa de banho do aeroporto John F. Kennedy em Nova Iorque. Por mais que me apetecesse gritar “Agora não”, contive-me para não me envergonhar nem assustar a pessoa que comprara o meu livro, lembrando-me antes da lição que aprendera com o primeiro-ministro indiano.

A faculdade consumia-me sem ser um fardo. Talvez estivesse mais habituada a cargas de trabalho pesadas do que a maioria das pessoas. Ou talvez fosse

melhor organizada. Passava as noites no laboratório de oftalmologia, o que me dava um rendimento regular. Não que precisasse de muito para viver. Na maior parte das vezes levava um sanduíche para o jantar, mas de vez em quando juntava-me aos colegas no refeitório dos estudantes. Não me lembro de ter muito tempo para estudar, exceto de manhã, no elétrico a caminho da faculdade.

Felizmente tinha memória fotográfica para reter a matéria das aulas e palestras. Mas o reverso disso era o tédio, sobretudo em anatomia. Durante uma aula de revisão, uma amiga minha e eu sentámo-nos no alto do anfiteatro, a conversar sobre as nossas vidas, passado e futuro. Por brincadeira, ela olhou a sala cheia e apontou para um bonito estudante suíço de Medicina.
— É ele — disse a rir. — Vai ser o meu futuro marido.

Rimo-nos.
— Agora escolhe tu o teu marido — disse ela.

Olhei em volta. Do outro lado da sala estava um grupo de americanos. Tinham fama de se comportarem de forma desagradável. Brincavam constantemente e faziam comentários ofensivos sobre os cadáveres. Eu detestava-os. Apesar disso, os meus olhos pousaram num deles, um rapaz bonito, de cabelo escuro. Nunca o tinha reparado antes. Nem sabia o nome dele.
— Aquele — disse eu. — É o tal para mim.

Mais risos, fruto da nossa impulsividade de raparigas.

No fundo, contudo, nenhuma de nós duvidava de que acabaríamos por casar com aqueles homens. Restava o tempo e a “coincidência”.

No que dizia respeito à anatomia, nada corria bem para mim. Começou mal e parecia piorar quando passámos da teoria ao laboratório de patologia, onde os alunos eram agrupados em quatro e atribuídos a um único cadáver. Jurei que o professor queria vingar-se de mim pelos nossos desentendimentos anteriores quando vi com quem me tinha colocado — três dos americanos, incluindo o jovem bonito que eu escolhera como futuro marido.

A minha primeira impressão deles, pelo modo como tratavam o corpo, não foi nada boa. Faziam piadas com o cadáver, saltavam à corda com os intestinos e gozavam comigo com o tamanho dos testículos. Não tinha graça. Achei-os desrespeitosos, insensíveis, uns cowboys. E embora não fosse a forma mais romântica nem fofa de conhecer o futuro companheiro, não escondi a minha opinião. Disse-lhes severamente que aquele comportamento degradante e as brincadeiras eram motivo para expulsão. Além disso, distraíam-me de aprender os vasos sanguíneos, nervos e músculos.

Eles ouviram educadamente, mas apenas um reagiu — o meu americano. No auge da minha explosão, ofereceu-me um sorriso de desculpa e estendeu-me a mão.

— Olá — disse. — O meu nome é Ross — Emanuel Ross.

Fiquei imediatamente desarmada. Emanuel Ross. Tinha ombros largos, era atlético e muito maior do que eu. E era de Nova Iorque. Notava-se no sotaque. Soava a “Brooklyn” mesmo antes de perguntar de onde era. Depois acrescentou mais uma coisa:

— Os amigos chamam-me Manny.

Mesmo depois de nos tornarmos parceiros de laboratório, levou três meses até o Manny me convidar para ir ao cinema e comer qualquer coisa num café. Eu sabia que tinha muitas namoradas bonitas, mas desenvolvemos uma amizade fácil que nos permitia ser francos um com o outro. O Manny, o mais novo de três irmãos, tivera uma infância invulgarmente dura. Ambos os pais eram surdos-mudos. O pai morreu quando o Manny tinha seis anos; a família mudou-se para o pequeno apartamento de um tio. Eram muito pobres. O único presente que alguma vez recebera do pai, um tigre de peluche, foi levado e perdido por enfermeiras do hospital quando lhe tiraram as amígdalas aos cinco anos. Embora muitos anos tivessem passado, vi que a perda ainda o magoava. Para o consolar, contei-lhe do meu coelho, o Blackie.

Soube também que o Manny tinha trabalhado para pagar os estudos, servira na Marinha e concluíra o pré-med em Nova Iorque, na NYU. Para evitar o excesso de ex-combatentes a competir pelas vagas nas sobrelotadas faculdades de Medicina americanas, escolhera a Universidade de Zurique, mesmo sabendo que teria de lidar com aulas em alemão e discussões em Schweizerdeutsch. O Manny, que atribuía parte do seu sucesso à minha ajuda como tradutora, foi o primeiro jovem que namorei que me fez pensar no futuro. Antes das férias de verão, ensinei o Manny a esquiar. Quando regressámos para o segundo ano, comecei a planear como afastar as suas outras admiradoras.

Da esquerda para a direita: Manny, Elisabeth, e o Professor Amsler

Durante o segundo ano, fomos apresentados a doentes reais. Eu tinha um certo instinto de detetive para chegar rapidamente ao diagnóstico correto e uma predileção pela pediatria, que supunha estar ligada ao facto de ter estado gravemente doente em criança. Ou talvez tivesse a ver com as recordações da minha irmã Erika quando esteve hospitalizada.

Felizmente, não desperdicei muita energia nessa questão, pois estava absorvida a tentar resolver um problema potencialmente maior — apresentar o Manny à minha família sem que o meu pai tivesse um ataque. As festas que se aproximavam deram-me uma oportunidade.

Habitualmente, o Natal era um dia especial reservado apenas à família, mas na semana anterior consegui a autorização da minha mãe para convidar três colegas americanos escolhidos a dedo, incluindo o Manny, para o seu famoso jantar de Natal. Contei-lhe uma história comovente — que era basicamente verdade — sobre como esses estudantes estavam longe de casa, sozinhos e sem possibilidades de pagar um bom jantar festivo, embelezando-a só o suficiente para que a minha mãe passasse dias a preparar todo o tipo de iguarias tradicionais suíças para impressionar os americanos. Entretanto, preparávamos delicadamente o meu pai para o facto de que, naquele ano, o Natal seria mais do que apenas em família.

Elisabeth e o Manny a esquiar em Innsbruck, Austria, 1954

Na grande noite, o Manny encantou de imediato a minha mãe ao trazer flores frescas, e os três rapazes conquistaram o seu favor eterno ao levantarem a mesa e lavarem a loiça — algo que os homens suíços nunca faziam por iniciativa própria. O meu pai serviu um excelente vinho e conhaque, o que naturalmente levou a um animado cantar em coro ao piano, que durou até as dezenas de velas que enchiam a sala de estar com um brilho quente se consumirem quase por completo. Por volta das dez horas, dei o sinal previamente combinado para os meus amigos se irem embora.
— Daqui a pouco já são onze — anunciei, nada subtil.

Se os convidados abusavam da hospitalidade, o meu pai fazia questão de mostrar, abrindo a porta da frente e todas as janelas — mesmo que estivessem dez graus negativos lá fora — e eu queria evitar essa cena.

Mas o meu pai divertiu-se verdadeiramente.
— São rapazes muito simpáticos — disse depois. — E o Manny é o mais simpático de todos. É o melhor jovem que já trouxeste cá a casa.

Era verdade, ele tinha-se integrado bem. Contudo, havia ainda um facto importante sobre o Manny que o meu pai não sabia, e aquele momento animado parecia perfeito para largar a bomba.
— E imagina, ele é judeu — disse eu.

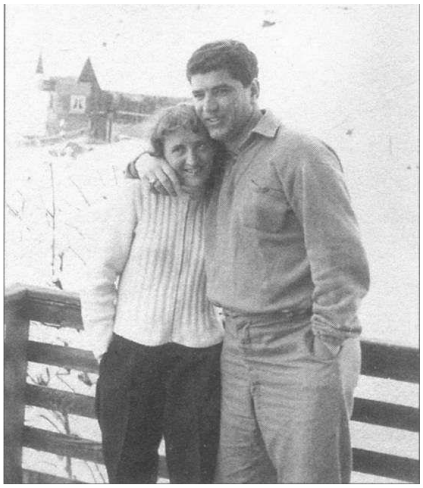
Silêncio. Antes que o meu pai, de quem eu sabia não ter grande simpatia pela comunidade judaica de Zurique, pudesse responder, fugi para ajudar a minha mãe na cozinha, já a contar que teria de defender o meu amigo mais cedo ou mais tarde.

Felizmente, não foi nessa noite. O meu pai foi diretamente para a cama sem comentar, guardando os pensamentos para a manhã seguinte. Ao pequeno-almoço, foi ele a largar a sua própria bomba:
— Podes trazer o Manny a nossa casa sempre que quiseres — disse.

Poucos meses depois, já nem precisava de o convidar. Aceite como parte da família, ele aparecia ocasionalmente para jantar, mesmo que eu não estivesse presente.

Como era de esperar, houve um casamento em 1955. Não, não o meu — embora o Manny e eu estivéssemos já próximos o suficiente para perceber que acabaríamos por casar. Só não antes de terminar os estudos. Os noivos eram a minha irmã Eva e o seu noivo, o Seppli, que juraram amor eterno na pequena capela onde a minha família rezava havia gerações. Desde que se tinham tornado um casal sério, os meus pais insinuavam que o Seppli talvez não fosse o melhor partido para a minha irmã. Médico? Advogado? Sim. Empresário? Certamente. Mas um esquiador/poeta? Isso já era problemático.

Para mim, não. Defendia o Seppli a todo o custo. Era uma alma brilhante, sensível e gentil, que apreciava as montanhas, as flores e o sol tanto quanto eu. Nos fins de semana que os três passávamos na nossa cabana de montanha em Amden, o Seppli trazia sempre um largo sorriso quando esquiava, cantava, jodelava ou tocava guitarra e violino. Nas poucas vezes em que o Manny se juntou a nós, reparei que ele aguentava dormir num colchão sem roupas de cama e cozinhar num fogão a lenha, e parecia impressionado quando eu lhe mostrava a fauna e as paisagens da floresta — mas ficava sempre aliviado por regressar à cidade.



A Elisabeth com a sua primeira pasta de médica

No ano seguinte já não houve lugar a retiros nas montanhas. Embora fosse o último dos meus sete anos de faculdade de Medicina, foi também o mais difícil. No equivalente suíço a um internato, comecei o ano assumindo uma prática de clínica geral em Niederweningen, substituindo um jovem médico simpático que iria cumprir serviço militar durante três semanas.

Vinda de um hospital universitário moderno, sofri um verdadeiro choque cultural enquanto ele me guiava apressadamente pelo consultório em casa, mostrando-me o laboratório, o equipamento de raio-X e um sistema de arquivo idiossincrático que continha os nomes dos pacientes de sete aldeias rurais da zona.
— Sete aldeias? — perguntei.
— Sim, por isso vais ter de aprender a andar de mota — respondeu.

Nunca discutimos o “quando” dessa aprendizagem. Poucas horas depois de ele partir, recebi a minha primeira chamada de emergência. Era numa das aldeias mais afastadas, a uns quinze minutos de distância. Prendi a mala preta de médica na parte de trás da mota, dei ao pedal como me tinham mostrado e parti na minha primeira viagem de mota de sempre. Nem sequer tinha carta de condução.

Comecei razoavelmente bem. Mas, a um terço da subida da colina, ouvi a minha mala escorregar. Logo depois, um grande estrondo: todo o meu material médico espalhou-se pelo chão. Assim que me virei para ver a confusão,

percebi que tinha cometido um grande erro. A mota caiu num buraco, perdeu o controlo e atirou-me para um sítio algures entre a bagagem e o local onde ela acabou por parar.

Assim foi a minha introdução à prática rural — e também a introdução da vila a mim. Sem eu saber, todos tinham espreitado pelas janelas. Já sabiam que havia uma nova médica, e mal ouviram a mota a subir a colina correram para ver como eu era. Quando me levantei, estava com escoriações e sangue em alguns pontos. Uns homens ajudaram-me a endireitar a mota. E, por fim, cheguei à casa certa, onde tratei de um idoso que sofria um episódio cardíaco. Acho que ele até se sentiu melhor ao ver que eu estava em pior estado do que ele.

Depois de três semanas naquelas paragens, tratando de tudo, desde joelhos esfolados até doentes com cancro, voltei às aulas exausta, mas mais confiante. Mesmo sem grande interesse pelas duas cadeiras que me restavam, não tive problemas com obstetrícia/ginecologia nem com cardiologia. Seguiam-se os exames do Estado, seis meses de tédio e pressão a superar para me tornar médica. E depois? O Manny queria que fôssemos para a América, enquanto eu sentia o impulso de fazer voluntariado na Índia. Claramente tínhamos diferenças, mas confiava nos meus instintos de que o bom superava o mau.

Foi um tempo difícil, e depois aconteceu algo que o tornou ainda mais duro.

CAPÍTULO TREZE
Boa Medicina

Os exames do Estado eram interrogatórios orais e escritos que duravam o dia inteiro e cobriam tudo o que tínhamos aprendido ao longo dos sete anos. Avaliavam tanto o caráter como o conhecimento clínico. Passei sem dificuldade, preocupando-me mais com a forma como o Manny se sairia do que com a minha própria nota.

Mas havia coisas que os médicos enfrentavam e que não se aprendiam na faculdade de Medicina, e enfrentei uma dessas provas em plena época de exames finais. Começou no apartamento da Eva e do Seppli. Tinha passado por lá para um café com bolos, a precisar de uma distração da pressão dos testes. Mas, enquanto conversávamos, reparei que o Seppli estava pálido, cansado, nitidamente sem o ânimo habitual e mais magro do que o normal, o que me levou a perguntar como se sentia.

— Uma pequena dor de estômago — disse. — O meu médico diz que tenho uma úlcera.

Intuitivamente, soube que o meu cunhado, aquele homem forte e descontraído da montanha, não tinha uma úlcera, e nas semanas seguintes tornei-me uma verdadeira praga, verificando o seu estado diariamente e depois contactando o médico, que não tinha paciência para as minhas dúvidas sobre o diagnóstico.
— Vocês, estudantes de Medicina, são todos iguais — zombou. — Acham que sabem tudo.

Acreditava que o Seppli estava gravemente doente, e não estava sozinha. A Eva tinha os mesmos receios. Observava e preocupava-se ao ver a saúde do marido a definhar. Ficou muito aliviada por finalmente poder falar sobre isso, mesmo depois de eu levantar a possibilidade de cancro. Levámos o Seppli ao melhor médico que eu conhecia, um velho clínico rural (também professor universitário em part-time), que realmente "ouvia" os doentes e tinha fama de ser um diagnóstico excecional. Após um breve exame, confirmou o nosso pior pressentimento e não perdeu tempo a marcar a cirurgia para a semana seguinte.

Nos meus exames havia centenas de perguntas, mas não como aquelas que me enchiam a cabeça. Levei o Seppli ao hospital; o cirurgião já me tinha convidado a assistir à operação. Se o resultado fosse grave, ligaria à Eva e diria: "Tinha razão." O resto ficaria nas mãos do destino. E quanto ao Seppli, com apenas vinte e oito anos e casado havia menos de um ano, enfrentou esta reviravolta infeliz com a mesma graça com que deslizava nas pistas de esqui.

Tentei fazer o mesmo ao entrarmos no bloco operatório. Foi difícil assistir, mas não tirei os olhos do Seppli, mesmo quando o cirurgião fez a primeira incisão. Quando o estômago foi aberto, tornou-se ainda mais duro. Primeiro vimos uma pequena úlcera na parede interna. Depois o cirurgião abanou a cabeça. O estômago do Seppli estava cheio de uma grossa malignidade. Nada havia a fazer.

— Lamento, mas o seu palpite estava certo — disse o cirurgião.

A minha irmã recebeu a notícia com doloroso silêncio.
— Não, não havia nada a fazer por ele — expliquei-lhe, e depois partilhámos um sentimento de impotência e raiva, sobretudo em relação ao primeiro médico do Seppli, que nunca considerara tal possibilidade quando ainda poderia haver tempo para salvar aquela vida jovem.

Enquanto o Seppli dormia na sala de recobro, sentei-me na sua cama e imaginei a bela e antiga carruagem puxada por cavalos que o tinha levado, a ele e à Eva, menos de doze meses antes, da nossa casa até à tradicional capela de casamento do outro lado da cidade. Nessa altura, o mundo parecia em ordem. As minhas duas irmãs estavam casadas, todos estavam radiantes,

e eu esperava segui-las pelo mesmo caminho no futuro. Mas, ao olhar para o Seppli, percebi que não se podia confiar no futuro. A vida era sobre o presente.

De facto, quando o Seppli despertou, aceitou a sua condição sem fazer perguntas, ouvindo o médico dizer-lhe exatamente o que precisava de saber, enquanto eu lhe apertava a mão com força, como se a minha energia pudesse ajudá-lo. Era o normal desejo de milagre, mas não realista. Depois de várias semanas, o Seppli regressou a casa, onde a minha irmã lhe proporcionou cuidado, conforto e amor durante os últimos meses da sua vida.

Num belíssimo dia de outono de 1957, anos de trabalho árduo deram finalmente frutos.
— Está aprovada — disse o examinador-chefe da universidade. — É médica.

A celebração foi agridoce. Estava deprimida por causa do Seppli, e também desiludida porque um projeto cirúrgico de seis meses na Índia tinha caído por terra à última hora. A má notícia chegou tão tarde que eu já tinha dado todas as minhas roupas de inverno. Mas, se isso não tivesse acontecido, provavelmente não teria casado com o Manny.

Amávamo-nos, mas não éramos o casal perfeito. Para começar, ele opunha-se à minha viagem à Índia. Depois de concluir o último semestre, via-nos a mudar para a América. Eu tinha uma opinião muito negativa dos Estados Unidos, graças aos estudantes de Medicina desagradáveis que conhecera.

Mas quando os meus planos mudaram, decidi arriscar. Escolhi o Manny e um futuro nos Estados Unidos.

Ironicamente, o meu pedido de visto foi recusado pelos funcionários da embaixada americana. Doutrinados pelo macartismo, presumiram que qualquer pessoa como eu, que tivesse viajado à Polónia, só podia ser comunista. Mas essa questão tornou-se irrelevante quando o Manny e eu casámos em fevereiro de 1958. Tivemos uma pequena cerimónia civil, em grande parte para que o Seppli pudesse ser o padrinho de casamento antes que fosse tarde. No dia seguinte internou-se no hospital. Na verdade, nunca teria sobrevivido até ao casamento maior e formal que planeávamos quando o Manny terminasse o curso em junho.

A Dr. Kübler numa das suas primeiras visitas ao domicílio

A Elisabeth e o Manny no dia do casamento, 1958

Até lá, aceitei uma posição temporária em Langenthal, onde um médico de província muito estimado tinha morrido subitamente, deixando a esposa e o filho sem rendimentos nem cobertura médica. A maior parte do dinheiro que ganhei foi para eles, mas eu tinha tudo o que precisava e isso bastava-me. Tal como o médico que me antecedera, enviava a conta uma vez e, se alguém não pudesse pagar, não me preocupava. Quase todos os pacientes davam qualquer coisa. Se não fosse dinheiro, apareciam com cestos cheios de frutas e legumes, até um vestido feito à mão que me servia na perfeição. No Dia da Mãe, recebi tantas flores que o meu consultório parecia uma casa mortuária.

O meu dia mais triste em Langenthal foi também o mais atarefado. Desde o momento em que abri a porta de manhã, a sala de espera estava cheia. A meio de suturar o corte na perna de uma menina, recebi um telefonema do Seppli, cuja voz mal se elevava acima de um sussurro. Com a criança meio cosida e a chorar em cima da mesa, era impossível falar. O Seppli fez apenas um pedido: podia eu ir vê-lo?

Não, expliquei-lhe com tristeza, a sala de espera estava lotada e ainda tinha visitas domiciliárias. Já tinha planeado uma ida para vê-lo. Dentro de dois dias. Tentando soar positiva, disse-lhe:

— Vejo-te então.

Infelizmente, não foi assim que aconteceu — e tenho a certeza de que foi por isso que o Seppli ligou, a instar-me a vê-lo uma última vez. Como a maioria das pessoas que estão a morrer e já aceitaram a inexorável transição deste mundo para o outro lado, ele sabia quão precioso era o pouco tempo que restava para dizer adeus. E, de facto, na manhã seguinte o Seppli morreu.

Depois do funeral, houve momentos em Langenthal em que caminhava pelos campos ondulantes, respirando o ar fresco adoçado pelas explosões de flores primaveris, enquanto sentia que o Seppli estava algures por perto. Muitas vezes falava com ele até me sentir melhor. Ainda assim, nunca me perdoei por não ter ido vê-lo.

Aprendi a não ignorar o sentido de urgência de um doente em fase terminal. No campo, os cuidados de saúde eram uma experiência partilhada. Havia sempre um avô, pai, tia, primo, filho ou vizinho para ajudar a cuidar de um doente. O mesmo acontecia com os muito doentes e os moribundos. Todos colaboravam — amigos, família e vizinhos. Estava simplesmente implícito que as pessoas faziam isto umas pelas outras. De facto, a minha maior satisfação como jovem médica não vinha da clínica nem das visitas domiciliárias, mas sim de visitar doentes que precisavam de um amigo, de palavras de conforto ou de algumas horas de companhia.

A medicina tinha os seus limites, uma realidade que não era ensinada na faculdade. Outra realidade que também não era ensinada: um coração compassivo pode curar quase tudo. Poucos meses no campo convenceram-me de que ser um bom médico nada tinha a ver com anatomia, cirurgia ou prescrição da medicação certa. A maior ajuda que um médico podia dar a um doente era ser um bom ser humano — atento, sensível e amoroso.

CAPÍTULO CATORZE
Elisabeth Kübler-Ross, M.D.

Eu já era uma mulher adulta, médica em exercício e prestes a casar-me, mas a minha mãe tratava-me como uma menina. Levou-me a arranjar o cabelo, a uma especialista de maquilhagem e obrigou-me a fazer todo o tipo de frivolidades femininas que eu mal suportava. Disse-me também para não me queixar de ir para a América, já que o Manny era um homem inteligente e bonito que podia casar com qualquer mulher.

— Ele provavelmente quer que o ajudes durante os exames finais — disse.

Era uma picadela de insegurança da parte dela. Queria que eu contasse as minhas bênçãos. Mas eu já me sentia afortunada.

Depois de o Manny passar nos exames do Estado, sem a minha ajuda, casámo-nos. Foi uma grande celebração. O meu pai foi o único que não se divertiu. Travado por uma fratura da anca sofrida meses antes, não estava o seu habitual eu gracioso e principesco na pista de dança, e isso deprimiu-o. Mas compensou com o presente de casamento: uma gravação sua a interpretar algumas das suas canções preferidas, acompanhado esplendidamente ao piano pela minha irmã Eva.

Depois, toda a família foi à Exposição Mundial em Bruxelas. A seguir, viram o Manny e eu, mais alguns amigos dele que tinham vindo ao casamento, embarcar no *Liberté*, o enorme paquete que nos levava para a América. Nenhuma quantidade de comida deliciosa, sol e danças no convés conseguiu atenuar os sentimentos mistos que tinha ao deixar a Suíça para um país em que não tinha interesse. Ainda assim, deixei-me levar sem protestar e, pelo que escrevi no meu diário, concluí que era uma viagem que tinha de fazer:

Como sabem estes gansos quando voar para o sol?
Quem lhes diz as estações?
Como sabemos nós, humanos, quando é tempo de partir?
Como sabemos quando ir?
Tal como nas aves migratórias, assim connosco:
há uma voz interior, se apenas a ouvíssemos,
que nos diz com toda a certeza
quando avançar rumo ao desconhecido.

Na noite anterior à chegada aos Estados Unidos, sonhei comigo própria vestida de índia, a cavalo, a cavalgar pelo deserto. O sol no meu sonho era tão forte que acordei com a garganta seca. Estava também subitamente sedenta desta nova aventura. Disse ao Manny que, em criança, desenhava escudos e símbolos índios e dançava em cima de uma pedra plana como uma guerreira, apesar de nunca ter tido contacto com a cultura dos índios americanos. Teria sido o sonho um acaso? Improvável. De uma forma estranha, acalmou-me. Como uma voz interior, deu-me a sensação de que o desconhecido podia afinal ser um regresso a casa.

Para o Manny foi. Debaixo de um aguaceiro, apontou-me a Estátua da Liberdade. Milhares de pessoas aguardavam no cais para receber os passageiros, incluindo a mãe do Manny, que era surda-muda, e a irmã. Durante anos, tinha ouvido falar muito delas. Agora tinha tantas perguntas quanto histórias. Como seriam? Aceitariam uma estrangeira na família? Uma não-judia?

A mãe dele era um encanto, cuja alegria em ver o filho médico transparecia nos olhos tão claramente como em qualquer frase que pudesse ter dito. A irmã era outra história. Estávamos à procura das nossas quinze malas, caixotes e caixas quando ela nos encontrou. O Manny recebeu um grande abraço desta mulher de Long Island, com um cabelo belíssimo, recentemente arranjado, e roupas novas. Depois, estudou o meu cabelo molhado e as minhas roupas ensopadas como se eu tivesse nadado atrás do barco, e lançou ao Manny um olhar que perguntava: “Foi o melhor que conseguiste arranjar?”

Depois de passarmos na alfândega, onde me confiscaram a mala médica, fomos jantar a casa da cunhada do Manny. Ela vivia em Lynbrook, Long Island. No jantar, cometi sem querer um pecado ao pedir um copo de leite. A ironia era que eu nunca bebia leite e teria preferido um conhaque. Mas pensei que todos na América bebessem leite. Não era a América a “terra do leite e do mel”? Por isso pedi. Em vez disso, recebi um pontapé por baixo da mesa do meu marido. Era uma casa kosher, explicou ele.

— Ela vai ter de aprender a manter kosher — disse a cunhada com desdém.

Mais tarde, entrei na cozinha à procura de um momento a sós e encontrei a minha cunhada diante do frigorífico, a trincar um pedaço de presunto. De repente, fiquei mais bem-disposta.

— Não tenho intenção de manter kosher — disse-lhe. — E presumo que tu também não sejas totalmente kosher.

O meu humor melhorou um pouco quando, algumas semanas depois, o Manny e eu nos mudámos para o nosso próprio apartamento. Era pequeno, mas convenientemente perto do Glen Cove Community Hospital, onde ambos tínhamos estágios rotativos. Assim que o trabalho começou — apesar do horário extenuante e do salário insuficiente até para a alimentação até ao fim do mês — senti-me consideravelmente mais feliz. Havia algo de imensamente reconfortante para mim em usar a bata branca e ter uma lista de pacientes que ocupavam os meus pensamentos e energia.

Os meus dias começavam cedo, quando preparava o pequeno-almoço do Manny, e depois ambos trabalhávamos até tarde da noite. Voltávamos juntos para casa, mal com forças para nos arrastarmos até à cama. Fins de semana sim, fins de semana não, o Manny e eu estávamos de serviço, a cobrir o hospital de 250 camas sozinhos. Complementávamos os pontos fortes um do outro. O Manny era um detetive médico meticuloso e lógico, excelente em patologia e histologia. Eu era intuitiva e calma, hábil em tomar decisões rápidas, essenciais no serviço de urgência.

Raramente tínhamos tempo para outra coisa que não trabalho, e, quando tínhamos algum tempo livre, não havia dinheiro para fazer nada. Houve exceções. Uma vez o chefe do Manny deu-nos dois bilhetes para o Ballet

Bolshoi, um presente especial que nos entusiasmou. Vestimo-nos com as nossas melhores roupas e apanhámos o comboio para Manhattan. Mas, mal as luzes se apagaram, adormeci e só acordei depois da última chamada de cortina.

A maior parte das minhas dificuldades tinha a ver com a adaptação a uma nova cultura. Lembro-me de um jovem admitido nas urgências do hospital com um problema grave no ouvido. Estava preso a uma maca, como era procedimento habitual. Mas, enquanto esperava pelo especialista de ORL, pediu-me se podia ir à *rest room*. Como nunca tinha ouvido o termo "rest room" e sabia que o médico podia chegar a qualquer momento, não ia deixá-lo ir a lado nenhum e perder o tempo do especialista.

Antes de sair para as minhas rondas, disse-lhe:
— Nunca vais descansar tanto como ficando exatamente onde estás.

Na visita seguinte, uma enfermeira estava a soltá-lo para ir à casa de banho. Fiquei corada quando ela me explicou:

— Doutora, a bexiga dele estava prestes a rebentar.

Um momento ainda mais humilhante ocorreu quando assistia numa sala de operações. Durante o procedimento rotineiro, o cirurgião flirtava descaradamente com a enfermeira, praticamente a ignorar-me, embora eu lhe passasse os instrumentos de que precisava. De repente, o paciente começou a sangrar. O cirurgião, despertando do seu enlevo, gritou:
— Shit!

Mais uma vez, eu não conhecia o termo. Olhei para a bandeja de instrumentos e, num momento de pânico, disse, em tom de desculpa:

— Não sei qual deles é o *shit*.

Mais tarde, o Manny explicou-me porque é que todos tinham rido de mim. Mas ele divertia-se tanto como os outros com o que chamava os meus "episódios casca de banana". O pior aconteceu na noite em que o chefe do Manny e a mulher nos levaram a jantar a um restaurante elegante. Para os aperitivos, pedi um *screwdriver* e, quando serviram o prato principal, o empregado perguntou se queria outra bebida. Tentando fazer uma piada, mas sem ter consciência do que dizia, respondi:

— Não, obrigada. Já fui *screwed* o suficiente.

A força do pé do Manny na minha tíbia deixou claro que não tinha sido tão espirituosa nem tão engraçada como pensara.

Eu sabia que tais erros eram inevitáveis, parte do processo de adaptação aos Estados Unidos. Nada, porém, foi tão duro como não celebrar o Natal com a minha família. Não fosse a bibliotecária do hospital — uma mulher de

ascendência escandinava — convidar-nos para jantar em sua casa, e eu talvez tivesse fugido de volta à Suíça antes do Ano Novo. Tinha uma verdadeira árvore de Natal, iluminada por velas de verdade como as nossas em casa e, como escrevi numa carta aos meus pais, “na noite mais escura encontrei a minha pequena vela”.

Agradeci a Deus por essa noite, mas isso não me fez sentir mais integrada do que antes. As minhas vizinhas em Long Island eram mulheres que faziam mexerico por cima das vedações sobre os seus analistas, comparando assuntos íntimos como se nada fosse privado. E isso nem era o cúmulo do mau gosto; o que mais me ofendia era o que via na enfermaria de pediatria. Mães vestidas como manequins em exposição chegavam com brinquedos caros que supostamente demonstravam o quanto se importavam com os filhos doentes. Quanto maior o brinquedo, mais os amavam, certo? Não admira que todas precisassem de analistas.

Um dia, nessa enfermaria, vi um pirralho mimado ter um ataque colossal quando a mãe se esqueceu de trazer um brinquedo. Em vez de dizer: “Olá, mãe, obrigada por vires”, desatou a ralhar: “Onde está o meu presente?”, e pôs a mãe, em pânico, a correr para a loja de lembranças. Fiquei indignada. Em que pensavam estas mães e estas crianças americanas? Não tinham valores? De que servia tanto trambelho quando o que uma criança doente precisava, de facto, era de um progenitor que lhe segurasse a mão e falasse aberta e honestamente sobre a vida?

Por estar enojada com aquelas crianças e seus pais, quando chegou a hora de os internos escolherem especialidades, o Manny decidiu por uma residência em patologia no Montefiore Hospital, no Bronx, enquanto eu me inscrevi para lidar com o que chamei de “a minoria depravada” — pediatria. A concorrência por cerca de duas dezenas de vagas no reputado Babies Hospital do Columbia Presbyterian Medical Center era feroz, sobretudo para estrangeiros. Mas o Dr. Patrick O’Neil, o diretor clínico veterano e de mente aberta que me entrevistou, nunca tinha ouvido uma razão como a minha para querer pediatria.
— Não suporto aquelas crianças — disse. — Nem as mães.

Chocado e divertido, o Dr. O’Neil quase caiu da cadeira. O seu olhar exigia mais explicações.

— Se eu puder trabalhar com eles, conseguirei compreendê-los melhor — expliquei. — E, com sorte, também tolerá-los.

Apesar de pouco ortodoxa, a entrevista correu bem. No fim, o Dr. O’Neil, à procura de mais do que um simples sim ou não, explicou que o horário — com turnos de 24 horas noite-sim/noite-não — era demasiado extenuante para residentes grávidas. Percebendo a informação que ele pretendia, garanti que não tinha planos para começar uma família já. Dois meses depois, arranquei das mãos do carteiro uma carta do Columbia Presbyterian e abracei o Manny,

que começaria a residência no verão. Fui aceite — a primeira estrangeira que o prestigiado hospital admitia numa residência de pediatria.

A nossa celebração incluiu a compra de um novo Chevy Impala turquesa, um capricho que fez o Manny irradiar de orgulho. Era como se visse um futuro próspero naquele brilho. Seguiu-se mais uma boa notícia. Após várias manhãs de náuseas desagradáveis, soube que estava grávida. Sempre me vi como mãe e, por isso, fiquei radiante. Por outro lado, a gravidez punha em risco a desejada residência. O Dr. O'Neil não fora claro quanto à regra do hospital? Nada de residentes grávidas. Sim, tinha sido bem claro.

Por um breve período, brinquei com a ideia de não contar. Estávamos em junho e eu só começaria a mostrar dali a três ou quatro meses. Nessa altura, já teria três meses de residência feitos. Pensei que, talvez, se o Dr. O'Neil visse como eu trabalhava, abriria uma exceção. Mas não conseguia mentir. O Dr. O'Neil pareceu genuinamente desapontado por me desqualificar, mas não havia exceções à regra. O melhor que podia fazer era prometer guardar-me uma vaga para o ano seguinte.

Foi simpático, mas não resolvia o meu aperto imediato. Precisava de trabalho. A residência do Manny em Montefiore pagaria 105 dólares por mês, quantia insuficiente para cobrir as despesas, quanto mais com um bebé a caminho. Eu não sabia o que fazer. Era tarde, e todas as residências decentes na cidade já estariam preenchidas.

Então, uma noite, o Manny disse-me que soubera de uma vaga de residência no serviço de psiquiatria do Manhattan State Hospital. Não fiquei especialmente entusiasmada. O Manhattan State Hospital era uma instituição mental, um depósito público para as pessoas menos desejáveis e mais perturbadas. Era dirigido por um psiquiatra suíço maluco que afastava os residentes. Ninguém queria trabalhar para ele. E, para piorar, eu detestava psiquiatria. Era a última da minha lista de especialidades.

Mas precisávamos de pagar a renda e pôr comida na mesa. Eu também precisava de fazer alguma coisa.

Assim, fui à entrevista com o Dr. D. Depois de conversarmos como vizinhos na nossa língua materna, saí de lá com a promessa de uma bolsa de investigação e um salário de 400 dólares por mês. De repente, sentíamo-nos desafogados. O Manny e eu alugámos um adorável T1 na East Ninety-sixth Street, em Manhattan. Nas traseiras havia um pequeno jardim que eu arranjei num fim de semana para plantar flores e legumes, carregando baldes de terra desde Long Island. Nessa noite, ignorei um ligeiro sangramento. Dois dias depois, desmaiei no bloco operatório. Acordei como paciente no Glen Cove, depois de sofrer um aborto espontâneo.

O Manny encheu o apartamento de flores para me consolar, mas o único consolo verdadeiro que tive foi a minha crença num poder superior. Tudo tinha uma razão de acontecer. Não havia acidentes. A senhoria, uma espécie de mãe substituta, preparou-me o meu jantar favorito: *filet mignon*. Ironia das ironias, a filha dela tinha tido alta do mesmo hospital nesse dia, depois de dar à luz uma menina saudável, enquanto eu saía de mãos vazias. Mais tarde, naquela noite, ouvi o choro do recém-nascido através das paredes. Até então, não conhecia a profundidade da minha própria dor. Mas aqui estava outra lição importante: podemos não receber o que queremos, mas Deus dá-nos sempre o que precisamos.

CAPÍTULO QUINZE
Manhattan State Hospital

Umas semanas antes de o Manny e eu começarmos os novos trabalhos, recebi uma carta do meu pai. Era uma mensagem séria, mas com um toque de ironia. O meu pai sofrera uma embolia pulmonar e, segundo ele, o fim estava próximo. Queria que o fôssemos visitar uma última vez. Queria também que eu — a sua médica preferida, a única em quem confiava — o examinasse. E pensar no quanto ele lutou contra o meu desejo de ser médica!

Depois do aborto e da mudança, estávamos exaustos. Não queríamos viajar para a Suíça. Mas o último pedido do Seppli tinha-me ensinado a nunca ignorar um doente em fim de vida. Quando querem falar, não é “amanhã”. Querem falar já. Assim, o Manny vendeu o seu novo Impala para pagar as nossas passagens e, três dias depois, entrávamos no quarto de hospital do meu pai. Em vez da cena de leito de morte que esperávamos, encontrámo-lo fora da cama, com ar bem corado. No dia seguinte, levámo-lo para casa.

Não era próprio dele exagerar. Também não era próprio do Manny nada dizer por ter vendido o carro em vão. Algo se passava. Mais tarde, percebi que o meu pai, enquanto esteve internado, deve ter tido a premonição de que precisávamos de reparar a nossa relação antes que fosse tarde — e foi exatamente isso que aconteceu. Durante o resto da semana, o meu pai filosofou comigo sobre a vida como nunca antes. Aproximou-nos como nunca, e creio que o Manny percebeu que isso valia muito mais do que qualquer carro.

De volta a Nova Iorque, iniciei a residência no Manhattan State Hospital, onde a vida não parecia ter grande valor. Era julho de 1959, um daqueles dias de verão quentes e pegajosos. Tinha todas as razões para me sentir desconfortável ao entrar no hospital. Era um complexo assustador de edifícios de tijolo, lar de centenas de pessoas extremamente perturbadas e doentes mentais. Eram os piores casos. Alguns passavam lá vinte anos ou mais.

Não consegui acreditar no que vi. O lugar estava apinhado de indigentes cujos rostos contorcidos, gestos espasmódicos e gritos angustiados revelavam que viviam um inferno real. Nessa noite, no meu diário, descrevi o que tinha visto como “um pesadelo de caos”. Podia ter sido pior.

A minha unidade ficava num edifício térreo, onde viviam quarenta mulheres com esquizofrenia crónica. Disseram-me que eram casos sem esperança. Observei apenas um elemento que parecia sustentar essa afirmação: a enfermeira-chefe. Era amiga do diretor e, por isso, fazia as suas próprias regras, que incluíam permitir que os seus preciosos gatos corressem livremente pela unidade. Deixavam um fedor pútrido em todos os cantos. Como as janelas estavam gradeadas e fechadas, o sítio tresandava de forma horrível. Senti imediatamente pena dos meus colegas, o Dr. Philippe Trochu, residente, e a assistente social Grace Miller. Ambos eram pessoas de qualidade, atenciosas.

Como sobreviviam ali ultrapassava-me, embora as pacientes tivessem uma vida muitas vezes pior. Eram espancadas com varas, castigadas com tratamentos de eletrochoque e, por vezes, colocadas em banheiras que eram enchidas de água quente até ao pescoço, ficando assim até vinte e quatro horas.

Muitos eram usados como cobaias humanas em experiências com LSD, psilocibina e mescalina. Se protestavam — e todos protestavam — eram submetidos a castigos ainda mais desumanos.

Como investigadora, fui atirada para o vórtice desse ninho de víboras. O meu trabalho oficial era registar os efeitos desses fármacos alucinogénios experimentais nos doentes, mas, depois de ouvir alguns deles recordar as visões aterradoras que as drogas provocavam, jurei pôr fim a essa prática e mudar a forma como o instituto era gerido.

Seria fácil quebrar as rotinas do hospital — ou as dos doentes. A maioria dos doentes pairava num canto do quarto, ou na sala de convívio, sem ocupação, distração ou estímulo. De manhã, alinhavam-se para a medicação que os deixava em estupor e com efeitos secundários horríveis. Mais tarde, repetia-se um procedimento semelhante. Eu percebia que havia lugar para fármacos como a Thorazine no tratamento de psicóticos, mas a maioria destas pessoas estava grotescamente sobremedicada, vítimas de um distanciamento exagerado. Em vez de drogas, precisavam de cuidado e conforto.

Com a ajuda dos meus colegas, alterei as rotinas, concebendo-as para motivar os doentes a cuidarem de si próprios. Se queriam Coca-Cola e cigarros, tinham de ganhar o dinheiro para pagar esses privilégios. Tinham de sair da cama a horas, vestir-se, pentear-se e alinhar-se a tempo. Quem não conseguia — ou não queria — cumprir estas tarefas simples sofria as consequências: perdia o rendimento desse dia. Ao fim de uma semana, todos estavam na fila. À sexta-

feira à noite, eu pagava-lhes. Alguns bebiam todas as Cokes e fumavam todos os cigarros nessa primeira noite. Mas obtivemos resultados.

O que é que eu sabia de psiquiatria? Nada. Mas sabia de vida, e abri-me à miséria, solidão e medo que estes doentes sentiam. Se me falavam, eu respondia. Se partilhavam os seus sentimentos, eu ouvia e replicava. Eles percebiam isso e, de repente, já não estavam tão sós nem tão assustados.

Bati-me mais com o meu chefe do que com os doentes. Ele era contra a redução das medicações, apesar de eu ter passado a introduzir trabalho humilde mas produtivo nas rotinas. Encher caixas com lápis de rímel não era grande coisa, mas era melhor do que ficar sentado em transe por efeito das drogas. Mais tarde, cheguei a levar os doentes bem-comportados em saídas. Ensinei-os a usar o metro e a comprar fichas e, em ocasiões especiais, até os levei às compras na Macy's. Os meus doentes sabiam que eu me importava — e melhoravam.

Em casa, o Manny ouvia tudo sobre os meus doentes, incluindo uma jovem chamada Rachel. Era uma esquizofrénica catatónica, classificada como um caso sem esperança. Durante anos, passara todos os dias parada exatamente no mesmo sítio do pátio. Ninguém se lembrava da última vez que tinha proferido uma palavra, ou sequer emitido um som. Quando lutei para a transferirem para a minha enfermaria, acharam que eu estava maluca.

Mas, uma vez sob os meus cuidados, tratei-a como aos outros. Fiz com que cumprisse as suas tarefas e ficasse no grupo quando celebrávamos o Natal, o Chanucá e até o aniversário dela. Ao fim de quase um ano de atenção, a Rachel falou. Aconteceu durante a terapia de arte, enquanto desenhava. Um médico olhou para o seu trabalho e ela perguntou:
— Gosta?

Não tardou até a Rachel sair do hospital, arranjar casa própria e trabalhar como artista de serigrafia.

Eu rejubilava com cada sucesso, grandes e pequenos — como quando um homem que estava sempre virado para a parede decidiu voltar-se e olhar para o grupo. Mas então enfrentei uma escolha muito difícil. Em maio, convidaram-me a concorrer de novo ao programa de pediatria do Columbia Presbyterian. Debati-me entre perseguir o meu sonho ou ficar com os meus doentes. Era impossível decidir, mas, nessa mesma semana, soube que estava novamente grávida. O problema ficou resolvido.

No fim de junho, porém, sofri outro aborto espontâneo. O receio de um novo aborto era a razão por que me recusara a entusiasmar-me com a gravidez. Não queria sofrer a tristeza e a depressão — ainda que isso não pudesse ser evitado. O meu obstetra disse que eu era daquelas mulheres que perdem os

bebés. Não acreditei, não quando os meus sonhos incluíam a imagem de mim com crianças. Atribuí os abortos ao destino.

Em vez disso, passei mais um ano no Manhattan State Hospital, com o objetivo de conseguir a alta do máximo de doentes possível. Queria arranjar empregos fora do hospital para os doentes mais funcionais. Saíam de manhã, regressavam à noite e aprendiam a usar o dinheiro para comprar básicos para além de Coca-Cola e cigarros. Os meus superiores notaram o êxito e pediram a teoria por detrás da minha abordagem. Eu não tinha nenhuma.

— Faço o que me parece certo depois de conhecer o doente — expliquei. — Não se pode drogá-los até ao torpor e esperar que melhorem. É preciso tratá-los como pessoas.

— E não me refiro a eles como vocês fazem — continuei. — Não digo "o esquizofrénico do quarto tal". Eu conheço-os pelo nome. Sei os seus hábitos. E eles respondem.

O maior sucesso resultou do programa de "portas abertas" que a Grace Miller e eu iniciámos. Convidavam-se famílias da vizinhança a visitar o hospital e a "adotar" doentes. Em outras palavras, estávamos a gerar relações para pessoas absolutamente sem noção de como ter qualquer tipo de relação. Alguns doentes responderam lindamente. Adquiriram um sentido de responsabilidade e propósito para as suas vidas. Alguns até aprenderam a planear visitas futuras.

O sucesso mais maravilhoso de todos foi com uma mulher chamada Alice. Prestes a ter alta após vinte anos na ala psiquiátrica, a Alice chocou toda a gente um dia com um pedido invulgar: queria voltar a ver os filhos. Filhos? Nenhum de nós sabia do que falava.

Mas a Grace investigou e descobriu que a Alice tinha, de facto, dois filhos. Eram muito pequenos quando ela fora internada. Acontece que lhes tinham dito que a mãe morrera. A minha colega assistente social encontrou essas duas crianças, já adultas, e falou-lhes do programa de "adoção" do hospital. Disse-lhes que havia "uma velhinha solitária" que precisava de uma família substituta. Em memória da mãe, concordaram. Nenhum foi informado da verdadeira identidade da "velhinha". Mas nunca esquecerei o sorriso incrível da Alice quando se viu frente a frente com os filhos que pensava tê-la abandonado. Eventualmente, depois de a Alice ter tido alta, os filhos voltaram a integrá-la na família… outra vez.

Falando de família, o Manny e eu continuámos a tentar formar a nossa. No outono de 1959, voltei a engravidar. O bebé estava previsto para meados de junho de 1960. Durante nove meses, o Manny tratou-me como se eu fosse frágil. De alguma forma, eu sabia que este bebé iria vingar. Em vez de me preocupar com outro aborto, imaginei um menino ou uma menina. Imaginava

como o iria mimar. Pensando bem, a vida era dura. Cada dia apresentava um novo desafio. Perguntava-me por que motivo alguém em seu perfeito juízo queria trazer outra vida ao mundo. Mas depois pensava em toda a beleza do mundo e ria-me. Porque não haveria de querer?

O Manny e eu mudámo-nos para um apartamento no Bronx. Era maior do que os nossos outros. Cerca de uma semana antes da data prevista, a minha mãe voou para me ajudar com o bebé — o que não a incomodou nada quando me atrasei, já que lhe deu mais tempo para ir à Macy's e a outras lojas.

Três semanas depois da data, o Manny e eu começámos a conduzir por ruas de paralelepípedos no Brooklyn. Procurávamos mesmo buracos para passar por cima. Ironia das ironias, estávamos presos na Long Island Expressway, debaixo de uma trovoada, quando finalmente entrei em trabalho de parto. Segundo o plano, fomos para o Glen Cove Hospital. Ao fim de quinze horas de trabalho de parto, comecei a progredir, embora, nessa altura, os médicos tivessem decidido assumir o comando usando fórceps. Eu era contra esse tipo de procedimentos, mas, naquele ponto, estava demasiado cansada para me importar. Só queria segurar um bebé saudável.

Do que me lembro é do meu próprio grito. Depois, um bebé lindo e saudável aninhado nos meus braços, olhos abertos, a explorar as visões novinhas do mundo. Era o bebé mais bonito que eu alguma vez tinha visto. Verifiquei tudo com cuidado. Um menino. O meu filho. Pesava quase oito libras, tinha uma cabeleira escura desgrenhada e as pestanas longas e escuras mais requintadas que algum de nós já tinha visto numa criança. O Manny chamou-lhe Kenneth. Nem eu nem a minha mãe conseguíamos pronunciar muito bem o "th" do nome, mas não nos importámos. Estávamos radiantes com a sua chegada.

Kenneth Ross após o seu primeiro chocolate, 1961

O Manny e eu tínhamos combinado deixar que os nossos filhos decidissem as questões de religião por si, quando fossem suficientemente crescidos, mas ele insistia na circuncisão.

— É pela minha família — disse.

Mas, quando ouvi dizer que vinha aí um rabino, imaginei uma circuncisão e depois um bar mitzvá, e isso já era demais para mim.

Então o pediatra do Kenneth acalmou a minha angústia ao relatar um problema médico. O bebé tinha dificuldade em urinar; o prepúcio estava fechado. Tinha de fazer uma circuncisão imediatamente. Embora grogue, saltei da cama mais depressa do que nunca e assisti ao procedimento.

Não me conseguia imaginar mais feliz. Cansada, sim. Mais feliz, nunca. Muitas vezes espantava-me com a forma como a minha própria mãe se arranjara com quatro filhos — três dos quais chegaram de uma só vez. Mas, como as mães fazem, ela dizia que não tinha sido nada do outro mundo. Não compreendia porque é que eu ia voltar a trabalhar. Na altura, pouquíssimas mulheres conseguiam criar filhos e ter uma carreira. Suponho que eu fosse daquelas que nunca viram aí uma escolha. A minha família era a coisa mais importante do mundo para mim, mas também tinha de cumprir uma vocação.

Depois de um mês em casa, voltei ao Manhattan State Hospital, onde concluí o meu segundo ano de internato de especialidade. Entre as minhas conquistas contam-se o fim dos castigos mais sádicos e a alta de 94 por cento dos meus esquizofrénicos “sem esperança” para vidas produtivas e autónomas fora do hospital. Ainda assim, precisava de mais um ano de residência para me tornar psiquiatra de pleno direito. A especialidade continuava a soar-me “desafinada”, mas tanto eu como o Manny concordámos que era tarde demais para recomeçar.

Candidatei-me ao Montefiore, uma instituição mais sofisticada e intelectualmente estimulante do que o hospital estatal, e fui chamada para entrevista. Não correu bem. O meu interrogador, um médico com a personalidade de um peixe frio, parecia apenas interessado em humilhar-me. As perguntas dele expunham a minha falta de conhecimento (e de interesse) no tratamento de neuróticos, alcoólicos, pessoas com perturbações sexuais e outros não psicóticos; e a direção permitiu-lhe exibir o quanto sabia. Mas ele tinha apenas “erudição de livro”.

Para mim, havia uma grande diferença entre o que ele sabia de leitura e o que eu tinha vivido no Manhattan State Hospital e, embora isso significasse arriscar a minha admissão no Montefiore, decidi dizê-lo.
— O conhecimento ajuda, mas o conhecimento, sozinho, não vai ajudar ninguém — disse. — Se não usar a cabeça, o coração e a alma, não vai ajudar um único ser humano.

Talvez não tenha respondido a nenhuma das suas perguntas, mas senti-me infinitamente melhor.

CAPÍTULO DEZASSEIS
Viver Até à Morte

Pouco depois de ter sido admitida no Hospital Montefiore, onde me atribuíram a direção da clínica de psicofarmacologia e também fazia consultoria de ligação para outros serviços, incluindo neurologia, um neurologista pediu-me que observasse um dos seus doentes. Falei com o doente, um homem na casa dos vinte anos, supostamente a sofrer de paralisia psicossomática e depressão, e determinei, em vez disso, que ele estava em fase avançada de ELA — esclerose lateral amiotrófica — uma doença degenerativa incurável.
— O doente está a preparar-se para morrer — relatei.

O neurologista não só discordou como ridicularizou o meu diagnóstico e argumentou que o doente precisava apenas de uns tranquilizantes para curar o seu estado de espírito mórbido.

Dias depois, o doente morreu.

A minha franqueza contrariava a forma como a medicina era tipicamente praticada nos hospitais. Mas, passados alguns meses de trabalho, reparei que muitos médicos evitavam rotineiramente mencionar tudo o que tivesse a ver com a morte. Os doentes em fim de vida eram tratados tão mal como os meus doentes psiquiátricos no hospital estatal. Eram evitados e maltratados. Ninguém era honesto com eles. Um doente oncológico podia perguntar: “Estou a morrer?” e o médico respondia: “Oh, não diga disparates.” Não era assim comigo.

Também não creio que o Montefiore, ou muitos outros hospitais, tivesse visto muitos médicos como eu. Poucos tinham experiência como a minha, de socorro em aldeias europeias devastadas pela guerra, e menos ainda eram mães, como eu era do meu bebé, o Kenneth. Além disso, o meu trabalho com doentes esquizofrénicos tinha-me mostrado que existia um poder curativo para além dos fármacos, para além da ciência — e era isso que eu levava todos os dias às enfermarias.

Durante as minhas consultas, sentava-me nas camas, dava as mãos e conversava durante horas. Aprendi que não há um único ser humano a morrer que não anseie por amor, toque ou comunicação. Os doentes em fim de vida não queriam segurança à distância em relação aos médicos; queriam franqueza. Mesmo os mais suicidariamente deprimidos podiam, muitas vezes (embora não sempre), ser convencidos de que ainda havia sentido na sua vida.

— Conte-me o que está a passar — dizia eu. — Vai ajudar-me a ajudar outras pessoas.

Mas, tragicamente, os piores casos — as pessoas nas últimas fases da doença, as que estavam no processo de morrer — recebiam o pior tratamento. Eram colocadas nos quartos mais afastados dos postos de enfermagem. Eram obrigadas a ficar deitadas sob luzes fortes que não podiam apagar. Tinham visitas negadas, exceto nas horas prescritas. Eram deixadas sozinhas para morrer, como se a morte fosse contagiosa.

Recusei alinhar nessas práticas. Pareciam-me erradas. Por isso, ficava com os meus doentes em fim de vida o tempo que fosse preciso — e dizia-lho.

Embora trabalhasse por todo o hospital, gravitava para os casos considerados os piores — os doentes terminais. Foram os melhores professores que já tive. Observei-os a lutar para aceitar o destino. Ouvi-os insurgirem-se contra Deus. Encolhi os ombros, impotente, quando clamavam “Porquê eu?” Ouvi-os fazer as pazes com Ele. Notei que, se houvesse outro ser humano que se importasse, chegavam a um ponto de aceitação. Eram aquilo que eu viria a descrever como as diferentes fases do morrer, embora se apliquem à forma como lidamos com qualquer tipo de perda.

Ao escutar, passei a saber que todos os doentes terminais sabem que estão a morrer. Não se trata de “Dizemos-lhe?” ou “Será que ele sabe?”
A única pergunta a fazer é: “Consigo ouvi-lo?”

Do outro lado do mundo, o meu próprio pai tentava que alguém o ouvisse. Em setembro, a minha mãe telefonou a informar-nos de que o meu pai estava no hospital, a morrer. Garantiu-me que, desta vez, não era um falso alarme. O Manny não conseguiu dispensa, mas eu levei o Kenneth e parti no primeiro voo no dia seguinte.

No hospital, vi que ele estava a morrer. Tinha septicemia, uma infeção mortal devida a uma operação malfeita ao cotovelo. O meu pai estava ligado a máquinas que sugavam pus do abdómen. Estava magro e com dores. A medicina já não ajudava. Tudo o que ele queria era ir para casa. Ninguém o ouvia. O médico recusava a alta e o hospital também.

Mas o meu pai ameaçou suicidar-se se não o deixassem morrer na paz e no conforto do seu lar. A minha mãe estava tão cansada e transtornada que ameaçava juntar-se a ele. Eu conhecia a história não contada: o pai do meu pai, que partiu a coluna, morreu num lar. O último desejo dele fora voltar a casa. Mas o meu pai recusara, ouvindo antes os médicos. Agora estava praticamente na mesma situação.

Ninguém no hospital quis saber que eu era médica. Disseram que o podia levar para casa se assinasse um documento ilibando-os de responsabilidade.
— A viagem provavelmente matá-lo-á — avisou o médico.

Olhei para o meu pai deitado, indefeso, com dores e a querer ir para casa. A escolha era minha. Nesse momento, lembrei-me de como ele me salvou quando escorreguei para uma fenda ao atravessar um glaciar. Não fosse a corda que me ensinara a atar, teria caído para a morte no abismo. Agora eu é que o ia salvar.

Assinei o papel.

O meu teimoso pai, tendo conseguido o que queria, quis celebrar. Pediu um copo do seu vinho preferido, que eu tinha feito entrar às escondidas no quarto dias antes. Ao ajudá-lo a levar o copo aos lábios, reparei que o vinho, gota a gota, saía por um dos muitos tubos que tinha no corpo. Soube então que era tempo de o deixar partir.

Depois de montado o equipamento de cuidados, levámo-lo para casa. Sentei-me ao lado dele na ambulância, notando como o seu humor se iluminava à medida que nos aproximávamos. De tempos a tempos, apertava-me a mão para me mostrar o quanto apreciava aquele esforço. Quando os socorristas o transportaram para o quarto, vi como o corpo outrora poderoso estava mirrado. Mas ele mandou em toda a gente até finalmente o deitarem na sua própria cama.

Por fim, sussurrou:
— Em casa, enfim.

Nos dois dias seguintes, dormitou em paz. Nos momentos de lucidez, fitava fotografias das suas amadas montanhas ou dos troféus de esqui. A minha mãe e eu mantivemos uma vigília constante à cabeceira. Por razões que não recordo, os meus irmãos não conseguiram chegar a tempo, mas mantiveram-se em contacto. Contratou-se uma enfermeira, embora eu assumisse a responsabilidade de garantir que ele estava limpo e confortável. Lembrou-me como a enfermagem é realmente extenuante.

À medida que se aproximava o fim, o meu pai recusou comer. Doía demasiado. Mas pediu garrafas diferentes da sua garrafeira. Era bem o seu feitio.

Na última noite, vi-o dormir em dores lancinantes. A certo ponto crítico, cheguei mesmo a dar-lhe uma injeção de morfina. Mas, na tarde seguinte, aconteceu a coisa mais extraordinária. O meu pai acordou do sono atribulado e pediu-me

que abrisse a janela para ouvir melhor os sinos da igreja. Durante alguns momentos, escutámos as badaladas familiares da Kreuzkirche. Depois, o meu pai começou a conversar com o próprio pai, pedindo-lhe desculpa por o ter deixado morrer naquele lar horrível.

— Talvez tenha pago com todo o meu sofrimento presente — disse, prometendo então vê-lo em breve.

No meio da conversa, o meu pai virou-se e pediu-me um copo de água. Admirava que estivesse claramente orientado e capaz de passar de uma realidade para outra. Naturalmente, eu não via nem ouvia o meu avô. Ao que parecia, o meu pai resolveu muita coisa em aberto. Nessa noite, enfraqueceu significativamente. Dormi numa enxerga mesmo ao lado dele. De manhã, certifiquei-me de que estava confortável, beijei-lhe a testa quente, apertei-lhe a mão e fui a correr à cozinha buscar uma chávena de café. Estive fora dois minutos. Quando voltei, o meu pai tinha morrido.

Durante a meia hora seguinte, a minha mãe e eu sentámo-nos ao lado dele, a despedir-nos. Fora um grande homem, mas já ali não estava. O que quer que o tornasse ele próprio — energia, espírito e mente — tinha partido. A alma alçara voo do corpo físico. Tinha a certeza de que o próprio pai o guiara diretamente para o céu, onde decerto foi acolhido pelo amor incondicional de Deus. Ainda não sabia nada sobre a vida após a morte, mas estava certa de que o meu pai estava finalmente em paz.

E depois? Notifiquei o serviço municipal de saúde competente, que não só removeria o corpo como também forneceria gratuitamente o caixão e a limusina para o funeral. A enfermeira que eu contratara foi-se embora, inexplicavelmente, mal soube que o meu pai tinha morrido, deixando os cuidados finais do corpo a meu cargo. Uma amiga, a Dra. Bridgette Willisau, ajudou generosamente. Juntas, lavámos o pus e as fezes do corpo deteriorado do meu pai e vestimo-lo com um bom fato. Trabalhámos num silêncio quase religioso, e pensei com gratidão que o meu pai tivera oportunidade de ver o Kenneth e que o meu filho conhecera o avô, ainda que por pouco tempo. Eu nunca conhecera nenhum dos meus avós.

Quando os dois funcionários de saúde chegaram com o caixão, o meu pai estava vestido e deitado na cama, num quarto limpo e arrumado. Depois de o colocarem com cuidado no caixão, um deles chamou-me à parte e, discretamente, em sussurro, perguntou se eu queria apanhar flores do jardim para pôr nas mãos do meu pai. Como soubera? Como é que eu me esquecera? Fora o meu pai quem despertara o meu amor pelas flores, quem me abrira os olhos à beleza da natureza. Desci a correr com o Kenneth ao colo,

colhi os crisântemos mais bonitos que encontrámos e coloquei-os nas mãos do meu pai.

O funeral foi três dias depois. Na mesma capela onde as filhas se tinham casado, o meu pai foi lembrado por colegas de trabalho, alunos e amigos do Clube de Esqui. À exceção do meu irmão, toda a família assistiu à cerimónia, que terminou com os seus hinos preferidos. O luto prolongou-se por mais algum tempo, mas nenhum de nós ficou com arrependimentos. Nessa noite, escrevi no meu diário: “O meu pai realmente viveu até morrer.”

CAPÍTULO DEZASSETE
A Minha Primeira Palestra

Em 1962, eu já estava americanizada. Quatro anos fizeram isso por mim. Masquei pastilha, comi hambúrgueres e cereais açucarados ao pequeno-almoço e apoiei Kennedy contra Nixon. Preparei a minha mãe para uma das suas visitas com uma carta a avisar: “Não fiques demasiado chocada se ouvires que uso calças tão frequentemente como saias quando saio.”

Mas continuava inquieta com um desassossego que não sabia explicar, uma sensação interior de que, apesar do casamento e da maternidade, ainda não estava assente na vida. Ainda não. Tentei compreendê-lo no meu diário, onde escrevi: “Ainda não sei porque estou na América, mas tem de haver uma razão. Sei que há uma fronteira lá fora e que, um dia, viajarei para território desconhecido.”

Não faço ideia do que me fazia sentir assim, mas nesse verão, tal como previ, viajei para o Oeste. O Manny e eu encontrámos lugares na Universidade do Colorado — a única faculdade de Medicina no país com vagas tanto em neuropatologia como em psiquiatria. Fomos de carro para Denver no descapotável novinho do Manny. A minha mãe viajou connosco, ajudando a cuidar do Kenneth. A paisagem era tão grandiosa, tão bela e tão aberta. Acordou-me a paixão pela Mãe Natureza.

Já em Denver, percebemos que a nossa casa ainda não estava pronta. Sem problema. Estacionámos o atrelado U-Haul na entrada e partimos numa excursão turística. Visitámos o irmão do Manny em Los Angeles e depois, apenas porque a minha mãe, novata na leitura de mapas, jurou que o México era “mesmo ali ao lado”, conduzimos até Tijuana. No regresso, sugeri que fôssemos até ao ponto onde o Arizona, o Utah, o Colorado e o Novo México se encontram — a zona de Four Corners.

Foi uma ótima escolha, que nos permitiu contemplar as grandes mesas, os buttes e rochedos do Monument Valley. Senti ali uma familiaridade estranha, sobretudo quando avistei ao longe uma mulher índia a cavalo. A cena era tão familiar, como se já a tivesse visto, e então, com um arrepio de excitação, lembrei-me do meu sonho no navio, na noite antes de chegarmos à América. Não contei ao Manny nem à minha mãe, mas nessa noite sentei-me na cama e deixei a mente fazer perguntas, por mais "fora" que parecessem. Depois, para não esquecer, peguei no diário e escrevi:

Sei muito pouco sobre a filosofia da reencarnação.
Sempre associei a reencarnação a pessoas "esotéricas"
a debaterem vidas passadas em salas cheias de incenso.
Não foi esse o meu género de educação. Sinto-me em casa
em laboratórios. Mas agora sei que há mistérios da mente,
da psique, do espírito que não se sondam com microscópios
ou reações químicas. Com o tempo saberei mais.
Com o tempo compreenderei.

Em Denver, foi o regresso à realidade, onde procurava um propósito para a minha vida. Isso era particularmente verdade no hospital. Eu era psiquiatra, mas a psiquiatria "convencional" não era, de todo, para mim. Experimentei também trabalhar com adultos e crianças problemáticos. Mas o que acabou por me cativar foi o tipo de psiquiatria intuitiva que praticara com esquizofrénicos no Manhattan State Hospital — uma interação não tradicional, um-a-um, em vez de medicação e sessões de grupo. Falei disso com colegas da universidade, mas ninguém me encorajou.

O que ia eu fazer da minha vida? Pedi conselho a três psiquiatras distintos, homens de grande reputação. Sugeriram que fizesse análise no famoso Instituto Psicanalítico de Chicago — uma resposta tradicional que, na altura, não era prática para a minha vida.

Depois, assisti a uma palestra do Professor Sydney Margolin, o respeitado chefe do novo laboratório de psicofisiologia do departamento de psiquiatria. O Professor Margolin impunha-se no púlpito. Era um homem mais velho, de cabelo grisalho comprido, que falava com um forte sotaque austríaco. Era um orador cativante, um grande performer. Bastaram-me poucos minutos para perceber que era exatamente "a minha chávena de chá".

Sem surpresa, as suas palestras eram muito populares. Assisti a várias. Ele quase que "se materializava" em palco. Os temas eram sempre uma surpresa. Acabei por o seguir ao gabinete e apresentei-me. Foi afável e, em pessoa, ainda mais fascinante. Falámos longamente, em alemão e em inglês. No meio, expus o meu dilema pessoal e ele falou do interesse pela tribo Ute.

Ao contrário dos colegas, não mencionou ir para Chicago. Em vez disso, incentivou-me a aceitar um lugar no seu laboratório. Aceitei. O Professor Margolin era um chefe difícil e exigente, mas o trabalho dele sobre doença psicossomática foi o mais gratificante que fiz em Denver. Por vezes, limitava-me a organizar o equipamento eletrónico invulgar que ele resgatara de outros serviços. Estava tudo bem. Era pouco convencional. Por exemplo, a equipa do laboratório incluía um eletricista, um faz-tudo e uma secretária dedicada. O laboratório fervilhava de máquinas — polígrafos, ECGs e por aí fora. O Professor Margolin interessava-se por medir a relação entre pensamentos e emoções do doente e a patologia. Usava também hipnose e acreditava na reencarnação.

A felicidade no trabalho transbordou para a vida em casa. O Manny também estava satisfeito com o papel de importante docente no departamento de neuropatologia. O nosso lar era tudo o que eu imaginara que a vida em família devia ser. No exterior, fiz um jardim alpino “à suíça”, com um abeto, flores alpinas e a minha primeira edelweiss nos EUA. Aos fins de semana, levávamos o Kenneth ao jardim zoológico e fazíamos caminhadas nas Montanhas Rochosas. Socialmente, passámos muitas noites agradáveis com o Professor Margolin e a sua mulher, a ouvir música clássica e a debater temas de Freud a teorias de vidas passadas.

As desilusões foram poucas, mas significativas para a família. Em 1964, o nosso segundo ano em Denver, engravidei duas vezes. Em ambas, sofri um aborto espontâneo. Tornava-se cada vez mais difícil lidar com a frustração, mais do que com a perda. Tanto o Manny como eu queríamos acrescentar outra criança ao nosso ninho. Eu queria duas crianças. Já tinha o meu menino. Se Deus fosse bondoso, teria também uma menina. Ia continuar a tentar.

O Professor Margolin viajava frequentemente e, um dia, chamou-me ao gabinete para me dizer que partiria para a Europa dentro de duas semanas. Pensei que queria apenas conversar sobre cidades e locais, como tantas vezes fazíamos ao recordar as nossas juventudes viajadas. Mas não, não naquele dia. No seu modo imprevisível habitual, o professor nomeou-me para assumir as suas aulas na faculdade de Medicina. Demorei um momento a assimilar o pedido e, quase de imediato, comecei a suar de nervos.

Não era apenas uma honra; era uma impossibilidade. O Professor Margolin era um orador colorido e animado, cujas aulas eram mais atuações do que palestras — produções intelectuais a solo. Atraíam as maiores audiências da escola. Como poderia eu calçar aqueles sapatos? Quando se tratava de falar em público, perante grupos grandes ou pequenos, eu era terrivelmente tímida e insegura.

— Tens duas semanas para te preparares — disse ele, num tom tranquilizador. — Não sigo um programa. Se quiseres, vê os meus dossiers. Escolhe o tema que quiseres.

A necessidade seguiu-se ao pânico. Na semana seguinte, plantei-me na biblioteca e devorei livro atrás de livro, a tentar encontrar um tema original. Não era fã da psiquiatria convencional. Tampouco aprovava todos os fármacos dados aos doentes para os tornar "manejáveis". E risquei também tudo o que fosse demasiado especializado, como as diferentes psicoses. Afinal, a maioria dos alunos que me ouviriam estava interessada noutras especialidades que não a psiquiatria.

Mas tinha de preencher duas horas e queria um tema que satisfizesse o que eu achava que os futuros médicos precisavam de saber sobre psiquiatria. O que interessaria a um ortopedista? A um urologista? A experiência ensinara-me que a maioria dos médicos era demasiado distante na forma como abordava os doentes. Precisavam desesperadamente de confrontar os sentimentos simples e terra-a-terra, os medos e as defesas das pessoas quando entram no hospital. Precisavam de tratar os doentes como seres humanos.

Então, perguntei a mim mesma, qual era o terreno comum a todos? Por mais literatura que consultasse, nada me ocorria.

Até que, um dia, o assunto saltou-me à mente: a morte. Todos os doentes e todos os médicos pensam nela. A maioria teme-a. Mais cedo ou mais tarde, todos têm de a enfrentar. Era algo que médicos e doentes tinham em comum — e provavelmente o maior mistério da medicina. O maior tabu, também.

Esse passou a ser o meu tema. Tentei fazer investigação. Mas a biblioteca não tinha material, salvo um tratado psicanalítico difícil e académico e alguns estudos sociológicos sobre rituais de morte de budistas, judeus, índios americanos e outros. Eu pretendia uma abordagem muito diferente. A minha tese era a ideia simples de que os médicos se sentiriam mais confortáveis a lidar com a morte se a compreendessem melhor — se simplesmente falassem sobre o que é morrer.

Pois bem, estava por minha conta. O Professor Margolin dividia sempre as aulas em duas partes: a primeira hora era uma exposição teórica; a segunda apresentava evidência empírica a sustentar o que dissera antes. Trabalhei mais do que nunca a preparar a primeira hora, mas depois percebi que tinha de inventar algo para a segunda.

O quê?

Andei pelo hospital durante alguns dias, a procurar, a pensar e a torcer para que algo me iluminasse. Em uma das rondas, sentei-me com uma rapariga de dezasseis anos que morria de leucemia, a conversar — como já tínhamos feito outras vezes — sobre a sua situação. De repente, apercebi-me de que a Linda era muito direta, à vontade e focada a discutir o seu estado. O tratamento impessoal do médico drenava o pouco de esperança que tinha, mas ela também expressava livre e eloquentemente a sua raiva para com a família, que não estava a lidar bem com a sua morte. A mãe, há pouco, divulgara a aflição da filha, pedindo ao público que enviasse postais de "Feliz Doce Dezasseis" para aquele que seria, quase de certeza, o seu último aniversário.

No dia em que falámos, entregaram um enorme saco de felicitações de aniversário. Eram bem-intencionadas, mas impessoais, escritas por completos estranhos. Na nossa conversa, a Linda empurrou o correio para o lado com os braços finos e frágeis. Depois, as faces pálidas tingiram-se de rubor quando admitiu que preferia, em vez disso, visitas significativas e carinhosas da família e dos parentes.

— Gostava que pensassem em como eu me sinto! — irrompeu. — Quero dizer… porquê eu? Porque é que Deus me escolheu a mim para morrer?

Ela fascinava-me, esta rapariga corajosa, e eu sabia que os estudantes de Medicina tinham de a ouvir.

— Diz-lhes tudo aquilo que nunca pudeste dizer à tua mãe — incentivei. — Diz-lhes o que é ter dezasseis anos e estar a morrer. Se estás furiosa, deita cá para fora. Usa a linguagem que quiseres. Fala apenas com o coração e com a alma.

No dia da aula, subi ao púlpito do grande anfiteatro e li as minhas notas cuidadosamente dactilografadas. Talvez fosse do meu sotaque, mas a reação não se parecia em nada com a que o Professor Margolin recebia. Os estudantes portaram-se imperdoavelmente mal. Mascaram pastilha, conversavam entre si e, basicamente, foram desrespeitosos e malcriados. Embora seguisse em frente com a exposição, interroguei-me se algum deles conseguiria dar uma aula em francês ou alemão. Pensei também nas faculdades de Medicina suíças, onde os professores mereciam o máximo respeito dos alunos. Ninguém ousaria mascar pastilha ou sussurrar. Mas eu estava a milhares de quilómetros da minha antiga casa.

Eu também estava tão focada em concluir a aula que nem reparei que a turma ficara mais silenciosa e comportada à medida que me aproximava do fim da primeira hora. Nessa altura, estava calma e ansiosa por surpreender os alunos na segunda parte com uma doente terminal real. No intervalo, fui buscar a

minha ousada rapariga de dezasseis anos, que se vestira com gosto e arranjara o cabelo, e levei-a numa cadeira de rodas até ao centro do palco do auditório. Se eu fora um farrapo de nervos uma hora antes, os olhos castanhos límpidos e o maxilar determinado da Linda indicavam que ela estava perfeitamente calma, composta e pronta.

Quando os alunos regressaram do intervalo, sentaram-se em silêncio e, nervosos, enquanto eu apresentava a rapariga e explicava que, generosamente, se oferecera para responder às suas perguntas sobre o que era estar em fase terminal. Ouviu-se um leve roçar de pessoas a ajeitar-se nas cadeiras e depois um silêncio tão profundo que incomodava. Era evidente que os estudantes estavam desconfortáveis. Quando pedi voluntários, ninguém levantou a mão. Por fim, escolhi alguns, chamei-os ao palco e instruí-os a fazer perguntas. O melhor que conseguiram foram questões sobre a contagem sanguínea, o tamanho do fígado, a reação à quimioterapia e outros detalhes clínicos.

Vendo que não iriam perguntar nada sobre os sentimentos pessoais dela, decidi orientar a entrevista na direção que eu imaginara. Mas não foi preciso. Num acesso apaixonado de raiva, a própria Linda perdeu a paciência com os seus interrogadores. Cravando neles os olhos castanhos, imperturbáveis, formulou — e respondeu — as perguntas que sempre quisera que o seu médico e a equipa de especialistas lhe fizessem. Como era ter dezasseis anos e ser-lhe dado apenas algumas semanas de vida? Como era não poder sonhar com o prom do secundário? Ou ter um encontro? Ou deixar de se preocupar em crescer e escolher uma profissão? Ou um marido? O que te ajuda a passar cada dia? Porque é que as pessoas não te dizem a verdade?

Ao fim de quase meia hora, a Linda cansou-se e voltou para a cama, deixando os estudantes num silêncio atónito, emotivo, quase reverencial. O ambiente mudara por completo. Embora o tempo da aula tivesse terminado, ninguém se levantou para sair. Queriam falar, mas não sabiam o que dizer até eu iniciar a conversa. A maioria admitiu que a Linda os comovera até às lágrimas. Por fim, sugeri que as suas reações, embora despoletadas pela jovem moribunda, se deviam, na verdade, à admissão da sua própria mortalidade frágil. Pela primeira vez, a maioria confrontara sentimentos e medos sobre a possibilidade — e inevitabilidade — da própria morte. Não puderam evitar imaginar como seria estarem no lugar da Linda.

— Agora estão a reagir como seres humanos, em vez de cientistas — observei.

Silêncio.

— Talvez agora não só saibam como se sente um doente em fim de vida, como também sejam capazes de o tratar com compaixão — a mesma compaixão que quereriam para vocês próprios.

Esvaziada pela aula, sorvi café no meu gabinete e dei por mim a recuar mentalmente a um acidente de laboratório ocorrido em Zurique, em 1943. Enquanto misturava alguns químicos no laboratório, caiu uma garrafa e explodiu em chamas. Queimei gravemente o rosto, as mãos e a cabeça. Passei duas semanas de dores lancinantes no hospital, incapaz de falar ou de mexer as mãos, enquanto, todos os dias, os médicos me torturavam: arrancavam as ligaduras antigas juntamente com a pele tenra, cauterizavam as feridas com nitrato de prata e voltavam a enfaixar-me. Previram que nunca recuperaria a mobilidade completa dos dedos.

Mas um amigo técnico de laboratório, que se esgueirava para o meu quarto à noite sem o conhecimento do médico, improvisou um mecanismo que usava incrementos progressivos de peso para exercitar lentamente os meus dedos. Era o nosso segredo. Uma semana antes da alta, o médico trouxe um grupo de estudantes de Medicina para me ver. Enquanto explicava o caso e por que motivo os meus dedos estavam inutilizados, reprimi um forte impulso de sorrir e, de repente, levantei a mão e fleti e dobrei os dedos, deixando-os sem fala.
— Como? — perguntou ele.

Revelei o meu segredo e penso que todos aprenderam algo com o processo. A forma de pensar deles mudou para sempre.

Poucas horas antes, a Linda, de dezasseis anos, fizera o mesmo por um grupo de estudantes de Medicina. Ensinara-lhes — como eu também estava a aprender — o que é relevante e valioso no fim da vida e o que nos faz desperdiçar demasiado tempo e energia. Com efeito, as lições da sua curta vida ecoaram durante muitos anos após a sua morte. Havia imensamente a aprender sobre a vida ouvindo doentes em fim de vida.

CAPÍTULO DEZOITO
Maternidade

Nas meia dúzia de palestras que fiz, que incluíam temas para além da morte, trabalhei com um sentido de propósito. Quando o Professor Margolin regressou, senti esse propósito esmorecer. Desejei-o tanto que acabei por me candidatar ao Instituto Psicanalítico de Chicago, embora a ideia de passar horas por dia em psicanálise fosse suficiente para me fazer detestar-me. Soube que era a decisão errada quando a candidatura foi aceite no início de 1963. Mas então surgiu a desculpa perfeita para recusar — descobri que estava grávida.

Tal como com o Kenneth, senti que este bebé chegaria a termo. Ainda assim, não arrisquei. Submeti-me até a um pequeno procedimento cirúrgico que o meu obstetra disse ser necessário para “manter o bebé no forno”. Mas, durante nove meses, estive em excelente forma, física e emocionalmente. Não tive dificuldade em equilibrar o trabalho — onde dirigia uma unidade de internamento para pessoas altamente perturbadas — e a vida em casa. O Kenneth, um rapaz enérgico e feliz de três anos, partilhava o entusiasmo por um novo irmão ou irmã.

A 5 de dezembro de 1963, rebentaram-me as águas. Tinha acabado de dar uma aula. Era demasiado cedo para entrar em trabalho de parto, mas sentei-me à secretária e pedi a um aluno que chamasse o Manny. Como trabalhava no mesmo edifício, chegou em minutos. Embora me sentisse perfeitamente bem, sem diferença face a antes, levou-me a casa e telefonou ao obstetra. O meu obstetra não se mostrou particularmente preocupado e disse-me para descansar e ir ao consultório na segunda-feira.

— Fica na cama, controla a temperatura e não te esforces — disse.

Fácil de dizer para um homem. Se fosse ser internada na segunda-feira, precisava de fazer preparativos. Passei o fim de semana a congelar refeições para o Manny e o Kenneth e a fazer a mala. Na manhã de segunda-feira, continuava a sentir-me bem, mas a parede abdominal estava rija como pedra quando fui, aos tropeções, ao consultório do obstetra. O médico ficou alarmado e assustado com esta condição irregular. Diagnosticou peritonite, uma infeção potencialmente mortal que poderia ter sido evitada se eu tivesse sido observada no dia em que as águas rebentaram.

Fui levada de urgência para o hospital católico próximo, onde as freiras se prepararam para induzir o parto, enquanto o médico me informava de que o bebé provavelmente seria demasiado pequeno para sobreviver.

— E de certeza que não tolerará qualquer medicação para a dor — disse.

Enquanto falava, eu já sofria dores extremas. Um simples toque no abdómen provocava dor lancinante, vaga após vaga, até ficar consumida por ela. Reparei que as freiras tinham preparado uma mesa com água benta e o paramento necessário para o batismo. Eu sabia o que isso significava: esperavam que o bebé morresse. Em vez de se preocuparem comigo e com a minha saúde, queriam assegurar-se de que podiam batizar o recém-nascido antes de morrer.

Durante quarenta e oito horas, cavalguei ondas de dor, entrando e saindo da consciência. O Manny estava sentado ao meu lado, mas não havia nada que

pudesse fazer para me ajudar a progredir. Cheguei quase a parar de respirar uma vez, e várias outras pensei que estava a morrer. Já perto do fim, o médico tentou finalmente uma injeção espinal para me aliviar a dor. Mas nada resultou. O que quer que fosse acontecer teria de acontecer naturalmente. Por fim, após dois dias de dor, ouvi o choro de um recém-nascido. Alguém disse:
— É uma menina!

Embora todos esperassem um nado-morto, a Barbara estava bem viva — e a lutar por assim permanecer. Pesava pouco mais de três libras. Observei-lhe o rosto rapidamente antes de uma freira a levar para uma incubadora. Mais tarde, sublinharia a semelhança com o meu próprio nascimento como um "nada de duas libras" que não se esperava que sobrevivesse. Mas então, exausta pela dor constante, mal tive energia para sorrir com o nascimento da menina que tanto desejava, antes de cair num sono profundo e satisfeito.

Ao fim de três dias no hospital, fui para casa. Infelizmente, não me deixaram levar a minha filha. Como estava com dificuldade em ganhar peso, os médicos acharam que devia permanecer no hospital até ficar mais forte. Na semana seguinte, conduzi até lá de três em três horas para a amamentar. Os pediatras não gostaram quando disse que cuidava melhor do meu bebé em casa, mas, ao fim de sete dias, vesti a minha bata branca e dei alta à Barbara eu própria.

Agora o quadro estava completo. Tinha uma casa, um marido e os meus belos Kenneth e Barbara. O trabalho em casa multiplicou-se. Mas lembro-me de estar na cozinha, certa noite, e ver o Kenneth a embalar a irmã ao colo. O Manny estava na poltrona, a ler. O meu pequeno mundo parecia em ordem.

Mas o Manny, o único neuropatologista em Denver, começou a ficar inquieto. A ambição não se satisfazia ali e ansiava por mais estímulo intelectual. Eu compreendi e disse-lhe para procurar outro lugar. Iria para onde ele encontrasse a melhor oportunidade para ambos. Na primavera de 1965, levei as crianças de férias à Suíça e, quando voltámos, o Manny tinha encontrado posições para cada um de nós em Albuquerque, no Novo México, ou em Chicago. A escolha não foi difícil.

No início do verão mudámo-nos para Chicago. Na verdade, encontramos uma casa moderna de dois pisos em Marynook, um subúrbio de classe média e racialmente integrado. O Manny aceitou uma boa proposta do Northwestern University Medical Center, enquanto eu entrei para o departamento de psiquiatria do Billings Hospital, associado à Universidade de Chicago, e combinei iniciar a análise no Instituto Psicanalítico.

A análise não era algo que eu antecipasse com prazer. Confortavelmente "esqueci-me" disso até o telefone tocar, um dia, enquanto eu esvaziava caixas

da mudança. Ouvi uma voz masculina algo autoritária e arrogante. Logo me caiu mal. O interlocutor informou-me que a primeira sessão com um analista escolhido a dedo pelo instituto estava marcada para a segunda-feira seguinte.

Expliquei que tínhamos acabado de nos mudar e ainda não tínhamos ama, por isso o timing não era o melhor. Mas ele não se interessou por desculpas.

Daí foi sempre a piorar. Na primeira sessão, deixaram-me à espera quarenta e cinco minutos. Quando o analista me mandou entrar, sentei-me e aguardei instruções. Nada aconteceu. O tempo passou num silêncio rígido e agonizante. O analista limitou-se a fitar-me, contrariado. Senti-me torturada. Por fim, perguntou:

— Tenciona ficar aí calada?

Tomando isso como deixa, esforcei-me por falar da minha infância e das dificuldades de ter nascido trigémea. Mas, passados alguns minutos, interrompeu-me. Disse que não compreendia uma única palavra do que eu dissera e concluiu que o meu problema era óbvio: tinha um defeito de dicção.
— Não sei por que razão o instituto a considerou para análise didática — disse.
— Nem sequer consegue falar.

Basta. Saí e bati a porta com força. Mais tarde, nessa noite, telefonou-me para casa e implorou que voltasse para outra sessão, nem que fosse para encerrarmos a nossa antipatia mútua. Por alguma razão maluca, aceitei. Mas a segunda sessão durou ainda menos do que a primeira. Decidi que simplesmente não gostávamos um do outro e não fazia sentido perder tempo a perceber porquê.

Não desisti da análise, porém. Depois de pedir recomendações, acabei por entrar numa rotina com o Dr. Helmut Baum. Durou trinta e nove meses. Acabei por perceber que a análise tinha algum valor. Ganhei novo entendimento da minha personalidade, do porquê de ser tão teimosa e independente.

Ainda assim, não me tornei fã da psiquiatria clássica, incluindo as muito badaladas “revoluções” farmacêuticas do meu departamento. Achava que se recorria demasiadas vezes a fármacos. Pensava que não se dava consideração suficiente ao contexto social, cultural e familiar do doente. Queixava-me também da ênfase em publicar artigos científicos e do estatuto que isso conferia. Não me parecia que lidar com os doentes e os seus problemas fosse tido como tão importante quanto a academia por trás disso.

Sem dúvida por isso o meu primeiro amor eram os estudantes de Medicina. Eram ávidos e abertos a aprender. Interessavam-se por discutir ideias novas,

opiniões, atitudes e projetos de investigação. “Devoravam” casos clínicos. Queriam experiências próprias. Precisavam de “acolhimento maternal”. Em pouco tempo, o meu gabinete tornou-se um íman para esses estudantes, que espalharam a palavra de que havia, no campus, um lugar onde se podiam expor pensamentos e problemas a um ouvido paciente e compreensivo. Parecia-me ouvir todas as perguntas imagináveis. Até que chegou uma que me mostrou porque não era por acaso que eu estava em Chicago.

CAPÍTULO DEZANOVE
Sobre a Morte e o Morrer

A minha vida era um número de malabarismo que teria assustado Freud e Jung. Para além de enfrentar o trânsito no centro de Chicago, arranjar uma empregada doméstica, lutar com o Manny pela permissão de ter a minha própria conta bancária e fazer as compras, preparava as minhas aulas e servia de ligação psiquiátrica a outros departamentos. Por vezes sentia que não havia maneira de conseguir assumir mais responsabilidades.

Mas um dia, no outono de 1965, bateram à porta do meu gabinete. Quatro homens do Seminário Teológico de Chicago apresentaram-se e disseram que estavam a investigar para um trabalho cuja tese propunha que a morte era a crise última que as pessoas tinham de enfrentar. Tinham conseguido, de alguma forma, uma transcrição da minha primeira palestra em Denver, mas alguém lhes dissera que eu também escrevera um artigo, que não conseguiram encontrar, e por isso vieram diretamente ter comigo.

Ficaram desiludidos quando lhes disse que tal artigo não existia, mas convidei-os a sentarem-se e conversar. Não me surpreendeu que estudantes de teologia estivessem interessados no tema da morte e do morrer. Tinham tanta razão para estudar a morte e o morrer como qualquer médico. Também lidavam com doentes em fim de vida. E certamente tinham as suas próprias perguntas sobre a morte e o morrer que não podiam ser respondidas apenas pela leitura da Bíblia.

Durante a conversa, os estudantes de teologia admitiram sentir-se impotentes e confusos quanto ao que poderiam dizer a pessoas que lhes colocassem questões sobre a morte e o morrer. Nenhum deles alguma vez tinha falado com uma pessoa a morrer nem visto um cadáver. Perguntaram-me se eu tinha ideias sobre como poderiam obter esse tipo de experiência prática. Chegaram até a sugerir observar-me quando visitasse um doente em fim de vida. Mal sabia eu que estavam a dar o impulso para o meu trabalho sobre a morte e o morrer.

Na semana seguinte, pensei em como o meu trabalho de ligação psiquiátrica me punha em contacto com doentes de oncologia, medicina interna e ginecologia. Alguns sofriam de doenças terminais; outros estavam sozinhos, a lutar contra a ansiedade enquanto esperavam por radioterapia, quimioterapia ou apenas uma simples radiografia. Mas todos estavam assustados, confusos, solitários e desejavam desesperadamente a presença de outra pessoa que partilhasse as suas preocupações. Eu fazia isso de forma natural. Bastava uma pergunta e era como abrir uma comporta.

Assim, percorri as enfermarias à procura de um doente em fim de vida disposto a falar com os estudantes de teologia. Perguntei a vários médicos se tinham doentes terminais, mas reagiram com repulsa. O médico que supervisionava a ala com mais doentes terminais não só recusou dar-me permissão para falar com algum deles, como me repreendeu por tentar “explorá-los”. Poucos médicos admitiam então que os seus doentes estavam a morrer, por isso o que eu sugeria era bastante radical. Provavelmente devia ter sido mais delicada e diplomática.

Finalmente, um médico apontou para um homem idoso na sua enfermaria. O homem estava a morrer de enfisema. O médico disse algo como: “Tente aquele. Não lhe pode fazer mal.” Entrei imediatamente no quarto do homem e aproximei-me da cama. Estava ligado a tubos de oxigénio e via-se que estava fraco. Mas era perfeito. Perguntei-lhe se se importava que no dia seguinte eu trouxesse quatro estudantes para lhe fazerem perguntas sobre como se sentia nesta fase da vida. Tive a sensação de que compreendia a minha missão. Mas ele sugeriu que os trouxesse logo. “Não”, respondi. “Amanhã trago-os.”

O meu primeiro erro foi não ter ouvido o que me disse. Ele tentou dar-me a entender que o tempo era curto. Eu não percebi.

No dia seguinte, levei os quatro estudantes de teologia ao seu quarto, mas ele estava ainda mais fraco, demasiado para dizer mais do que uma ou duas palavras. Reconheceu-me, no entanto, e apertou a minha mão em sinal de presença. Uma lágrima rolou-lhe pela face. “Obrigado por tentar”, sussurrou. Depois de ficarmos um pouco com ele, levei os estudantes de volta ao meu gabinete. Chegámos quase ao mesmo tempo em que recebi a mensagem de que o homem tinha morrido.

Senti-me péssima por ter colocado a minha agenda acima da do doente. Esse homem morreu sem nunca poder partilhar com outro ser humano o que estava tão ansioso por discutir no dia anterior. Eventualmente encontrei outro doente disposto a falar com os meus estudantes de teologia. Mas essa primeira lição foi dura, e nunca a esqueci.

Talvez o maior obstáculo que qualquer pessoa enfrenta na tentativa de compreender a morte seja o facto de ser impossível para a mente inconsciente imaginar o fim da própria vida. O único aspeto que conseguia conceber era uma interrupção súbita e assustadora da vida, uma morte trágica, um homicídio, uma das várias doenças atrozes. Noutras palavras, dor horrível. Na mente de um médico, a morte significava outra coisa. Significava fracasso. Não pude deixar de observar como todos no hospital evitavam o tema da morte.

Neste hospital moderno, morrer era um acontecimento triste, solitário e impessoal. Os doentes terminais eram enviados para quartos recônditos. No serviço de urgência, ficavam totalmente isolados enquanto médicos e famílias debatiam se deviam ou não contar-lhes o que se passava. Para mim, só havia uma pergunta a fazer: “Como partilhamos a informação?” Se alguém me tivesse perguntado qual seria a situação ideal para um doente em fim de vida, teria voltado à minha infância e descrito a morte do agricultor que regressara a casa para estar com a família e os amigos. A verdade era sempre o melhor.

Os grandes avanços da medicina tinham convencido as pessoas de que a vida devia ser isenta de dor. Como a morte estava apenas associada à dor, evitava-se o tema. Os adultos raramente mencionavam algo sobre isso. As crianças eram mandadas para outras divisões quando era inevitável. Mas os factos são factos. A morte fazia parte da vida, a parte mais importante da vida. Os médicos, brilhantes a prolongar a vida, não compreendiam que a morte fazia parte dela. Se não se tivesse uma boa vida, incluindo os últimos momentos, não se podia ter uma boa morte.

A necessidade de explorar estas questões a nível académico e científico era tão grande quanto inevitável que a responsabilidade me caísse nos ombros. Tal como as do meu mentor, o Professor Margolin, as minhas aulas sobre esquizofrenia e outras doenças mentais eram consideradas tanto pouco ortodoxas como populares na escola médica. A minha experiência com os quatro estudantes de teologia foi comentada pelos alunos mais ousados e curiosos. Pouco antes do Natal, meia dúzia de estudantes de medicina e de teologia perguntou-me se eu organizaria outra entrevista com um doente em fim de vida.

Concordei em tentar e, na primeira metade de 1967, seis meses depois, já estava a orientar um seminário todas as sextas-feiras. Nenhum membro do corpo docente do hospital comparecia, o que refletia a sua opinião sobre os seminários, mas eram imensamente populares entre estudantes de medicina e de teologia, bem como um número surpreendente de enfermeiros, padres, rabinos e assistentes sociais. Para acomodar a assistência que enchia a sala, transferi o seminário para um grande auditório, embora a entrevista com o doente fosse conduzida numa sala mais pequena, equipada com vidro

espelhado e sistema de som, de modo a criar pelo menos a ilusão de privacidade.

Todas as segundas-feiras começava a procurar um doente. Nunca era fácil, já que a maioria dos médicos me considerava doente e os seminários como uma exploração. Os colegas mais diplomáticos arranjavam desculpas para justificar porque é que os seus doentes não eram bons candidatos. A maioria proibia-me simplesmente de falar com os seus doentes em estado crítico. Uma tarde, tinha um grupo de padres e enfermeiros no meu gabinete quando o telefone tocou e uma voz masculina, alta e furiosa, gritou através do auscultador: “Como é que tem a ousadia de falar à Sra. K. sobre a morte quando ela nem sequer sabe o quão doente está e pode até ir para casa mais uma vez?”

De facto, era esse o ponto. Os médicos que evitavam o meu trabalho e os seminários eram geralmente os que tinham doentes com dificuldades acrescidas em lidar com a sua doença. Como os médicos estavam tão bloqueados pelas suas próprias questões, os doentes nunca tinham hipótese de discutir as suas preocupações.

O meu objetivo era romper a camada de negação profissional que impedia os doentes de expor as suas angústias mais íntimas. Recordo uma busca frustrante por um doente adequado para entrevistar, que já descrevi anteriormente. Médico após médico informava-me de que ninguém nas suas alas estava a morrer. Então avistei um cavalheiro idoso no corredor a ler um jornal cuja manchete dizia: “Velhos soldados nunca morrem.” Pela aparência, percebi que a sua saúde declinava e perguntei se o incomodava ler sobre tais assuntos. Deu-me um olhar de desdém, como se eu fosse como os outros médicos que preferiam não lidar com a realidade. Pois bem, acabou por ser um grande participante.

Vendo em retrospetiva, penso que o género contribuiu para a resistência que enfrentei. Como mulher que sofrera quatro abortos espontâneos e dera à luz duas crianças saudáveis, aceitava a morte como parte do ciclo natural da vida. Não tinha outra escolha. Era inevitável. Era o risco assumido ao dar à luz, assim como o risco aceite simplesmente por estar viva. Contudo, a maioria dos médicos eram homens, e todos, salvo raras exceções, viam a morte como uma espécie de fracasso.

Nestes primeiros dias do que viria a ser conhecido como o nascimento da tanatologia — ou o estudo da morte —, a minha maior professora foi uma empregada da limpeza negra. Não me lembro do nome dela, mas via-a regularmente nos corredores, de dia e de noite, consoante os turnos. O que me chamou a atenção foi o efeito que tinha em muitos dos doentes mais

gravemente doentes. Cada vez que saía dos quartos deles, notava-se uma diferença tangível nas suas atitudes.

Eu queria saber o seu segredo. Desesperadamente curiosa, cheguei a espiar esta mulher que nunca terminara o ensino secundário, mas que sabia um grande segredo.

Um dia, os nossos caminhos cruzaram-se no corredor. De repente, dei por mim a pôr em prática aquilo que sempre dizia aos meus alunos: “Por amor de Deus, quando tiverem uma pergunta, façam-na.” Reunindo toda a coragem, aproximei-me diretamente desta mulher da limpeza, de forma algo confrontacional, o que certamente a surpreendeu, e sem subtileza ou charme disparei: “O que é que anda a fazer com os meus doentes em fim de vida?”

Naturalmente, ela ficou na defensiva. “Eu só limpo os pisos”, respondeu educadamente, e afastou-se.

“Não é disso que estou a falar”, disse eu, tarde demais.

Durante as semanas seguintes, espiávamos uma à outra com desconfiança. Era quase como um jogo. Finalmente, uma tarde, ela confrontou-me no corredor e puxou-me para trás do posto de enfermagem. Foi uma cena curiosa — esta professora assistente de psiquiatria, de bata branca, a ser arrastada por uma humilde mulher negra da limpeza. Quando ficámos completamente sozinhas, onde ninguém nos podia ouvir, ela desnudou a sua trágica história de vida, assim como o seu coração e a sua alma, de uma forma que ia muito além da minha compreensão.

Do South Side de Chicago, crescera em meio à pobreza e à miséria. A sua casa era um prédio degradado onde não havia aquecimento nem água quente e as crianças estavam sempre subnutridas e doentes. Como a maioria das pessoas empobrecidas, não tinha defesas contra a doença ou a fome. As crianças enchiam os estômagos doridos com aveia barata, e médicos eram para os outros. Um dia, o seu filho de três anos adoeceu gravemente com pneumonia. Levou-o às urgências do hospital local, mas foi recusada porque devia dez dólares. Desesperada, caminhou até ao Cook County Hospital, onde eram obrigados a receber indigentes.

Ali, infelizmente, deparou-se com uma sala cheia de pessoas como ela, pessoas seriamente necessitadas de cuidados médicos. Disseram-lhe para esperar. Mas, após três horas sentada à espera da sua vez, viu o seu menino arfando e a sufocar até morrer, enquanto o embalava nos braços.

Embora fosse impossível não sentir a perda, impressionou-me mais a forma como esta mulher contou a sua história. Apesar de profundamente triste, não havia nela negatividade, nem acusações, nem amargura, nem ressentimento. Em vez disso, havia uma serenidade na sua postura que me deixou atónita. Era tão estranho, e eu era então tão ingénua, que quase perguntei: “Porque está a contar-me tudo isto? O que tem a ver com os meus doentes em fim de vida?” Mas ela olhou para mim com os seus olhos escuros, bondosos e compreensivos e respondeu como se lesse a minha mente: “Veja, a morte não me é estranha. É uma velha, velha conhecida.”

Agora era eu a aluna diante da professora. “Já não tenho medo dela”, continuou no seu tom calmo, tranquilo e direto. “Às vezes entro nos quartos destes doentes e eles estão simplesmente aterrorizados e não têm ninguém com quem falar. Então aproximo-me. Às vezes até lhes toco nas mãos e digo-lhes para não se preocuparem, que não é assim tão terrível.” Depois calou-se.

Pouco tempo depois, promovi esta mulher de empregada da limpeza a minha primeira assistente. Ela deu-me o apoio de que precisava quando não vinha de mais ninguém. Só isso se tornou uma lição que procurei transmitir. Não precisamos de gurus ou Babas especiais para crescer. Os professores surgem sob todas as formas e disfarces. Crianças, doentes terminais, uma mulher da limpeza. Todas as teorias e ciência do mundo não poderiam ajudar tanto como um ser humano que não teme abrir o coração a outro.

Graças a Deus por aqueles poucos médicos compreensivos que me permitiram acesso aos seus doentes terminais. Essas visitas introdutórias seguiam sempre a mesma rotina simples. Com a minha bata branca, que mostrava o meu nome e título, “Ligação Psiquiátrica”, pedia autorização para, diante dos meus alunos, lhes colocar perguntas sobre a sua doença, a hospitalização e quaisquer outras questões que tivessem na mente. Nunca usava as palavras “morte” ou “morrer” até serem eles a trazê-las. Nada além do nome, idade e diagnóstico me importava. Normalmente, o doente aceitava participar ao fim de alguns minutos. Na verdade, não me lembro de alguém alguma vez recusar.

O auditório enchia até à lotação meia hora antes da hora marcada para a aula. Poucos minutos antes, eu própria levava o doente numa maca ou cadeira de rodas até à sala de entrevistas. Antes de começarmos, afastava-me um instante para pedir em silêncio que nenhum mal lhe viesse e que as minhas perguntas lhe permitissem partilhar o que precisava de partilhar. Era como a oração dos Alcoólicos Anónimos:

Senhor, concede-me a serenidade
para aceitar as coisas que não posso mudar,
a coragem para mudar aquelas que posso,
e a sabedoria para distinguir a diferença.

Assim que os doentes começavam a falar — e para alguns, apenas sussurrar já era um desafio enorme e desgastante —, era difícil pará-los no fluxo de sentimentos que tinham sido forçados a reprimir. Não perdiam tempo com conversas triviais. A maioria dizia ter sabido das suas doenças não pelos médicos, mas por uma mudança no comportamento da família e dos amigos. De repente surgia distância e falsidade quando o que mais precisavam era a verdade. A maioria sentia que as enfermeiras eram mais empáticas e prestáveis do que os médicos. “Agora têm a oportunidade de lhes dizer porquê”, dizia eu.

Sempre afirmei que os doentes terminais eram os meus melhores professores, mas era preciso coragem para os ouvir. Não tinham pudor em expressar a insatisfação com os cuidados médicos — não tanto os cuidados físicos, mas a falta de compaixão, empatia e compreensão. Médicos experientes achavam difícil ouvir-se retratados como insensíveis, receosos e inadequados. Recordo-me de uma mulher que gritou literalmente: “O meu médico só quer falar do tamanho do meu fígado. A esta altura, o que me importa o tamanho do meu fígado? Tenho cinco filhos em casa que precisam de cuidados. É isso que me está a matar. E ninguém fala comigo sobre isso!”

No fim destas entrevistas, os doentes sentiam alívio. Muitos que tinham perdido a esperança e se sentiam inúteis rejubilavam no novo papel de professores. Embora estivessem a morrer, apercebiam-se de que ainda era possível que as suas vidas tivessem propósito, que havia uma razão para viver até ao último fôlego. Continuavam a crescer — e também os que estavam na assistência.

Depois de cada entrevista, levava o doente de volta ao quarto e regressava então ao auditório para discussões vivas e carregadas de emoção. Além de analisar as respostas dos doentes, examinávamos as nossas próprias reações. As confissões podiam ser, e geralmente eram, surpreendentes pela franqueza. “Quase não me lembro de ver uma pessoa morta”, disse uma médica sobre o medo da morte que a levava a evitá-la por completo. “Não sei o que dizer”, admitiu um padre, referindo-se às limitações que encontrava na Bíblia para responder às perguntas dos doentes. “Por isso não digo nada.”

Nessas discussões, médicos, padres e assistentes sociais confrontavam a sua hostilidade e defensividade. Os seus medos eram analisados e superados. Ao ouvir os doentes em fim de vida, todos aprendíamos o que devíamos ter feito de forma diferente no passado e o que poderíamos fazer melhor no futuro.

Cada vez que levava um doente e depois o retirava, a sua vida lembrava-me “uma das milhões de luzes no vasto céu que brilha por um breve momento apenas para desaparecer na noite sem fim.” As lições que cada indivíduo nos ensinava resumiam-se a uma mesma mensagem:

Vive de forma a não olhar para trás e lamentar ter desperdiçado a tua vida. Vive de forma a não lamentar o que fizeste nem desejar ter agido de outro

modo.
Vive a vida com honestidade e plenitude.
Vive.

CAPÍTULO VINTE
Coração e Alma

Na minha busca constante por doentes que pudesse levar aos seminários de sexta-feira, criei o ritual de vaguear pelos corredores do hospital à noite, antes de ir para casa. Poucos colegas estavam dispostos a ajudar-me. Em casa, o Manny só conseguia ouvir as minhas frustrações até certo ponto, antes de perder a paciência. Ele tinha o seu próprio trabalho. Muitas vezes sentia-me a pessoa mais solitária de todo o hospital, tão solitária que uma noite entrei no gabinete do capelão.

Não fazia ideia do bem que me estava a fazer. O capelão do hospital, o Reverendo Renford Gaines, estava à secretária. Era um homem negro, alto e elegante, com trinta e poucos anos. Os seus gestos, tal como as suas palavras, eram lentos e ponderados. Conhecia bem o Reverendo Gaines dos meus seminários. Comparecia regularmente e era um dos alunos mais interessados. Sem surpresa, descobrira que as discussões e perceções que ali obtinha o ajudavam a aconselhar os doentes terminais e as suas famílias.

Nessa noite, o Reverendo Gaines e eu estávamos em sintonia. Concordámos que falar sobre a morte e o morrer nos ensinava que as verdadeiras perguntas da maioria dos doentes em fim de vida diziam respeito à vida, não à morte. Queriam honestidade, encerramento e paz. Ficava claro que a forma como uma pessoa morria dependia da forma como tinha vivido. Isto incluía tanto o domínio prático como o filosófico, o psicológico e o espiritual — noutras palavras, os dois mundos que ambos ocupávamos.

Nas semanas seguintes, passámos horas em longas conversas, o que geralmente me impedia de chegar a casa a tempo de preparar o jantar. Mas inspirávamo-nos e aprendíamos mutuamente. Para alguém como eu, formada na razão da ciência, o mundo espiritual do Reverendo Gaines era alimento intelectual que devorava com entusiasmo. Habitualmente evitava questões espirituais nos seminários e nas conversas com doentes, já que era psiquiatra. Mas o interesse do Reverendo Gaines no meu trabalho oferecia uma oportunidade única. Com o seu percurso, podia expandir o alcance do meu trabalho para incluir a religião.

Numa dessas conversas, pedi ao meu novo amigo e aliado que fosse meu parceiro. Felizmente, aceitou. A partir de então, o Reverendo Gaines acompanhava-me quando visitava doentes terminais e ajudava-me durante os seminários. Estilisticamente, complementávamo-nos na perfeição. Eu

perguntava o que se passava na mente do doente. O Reverendo Gaines inquiria sobre a sua alma. O nosso vaivém tinha o ritmo de um bom jogo de pingue-pongue. Os seminários tornaram-se ainda mais significativos.

Outros também o achavam. Os mais importantes eram os próprios doentes. Apenas um em duzentos recusava discutir os problemas resultantes da sua doença. Talvez se perguntem porque eram tão disponíveis, mas pensem no primeiro doente que o Reverendo Gaines e eu apresentámos juntos. A Sra. G., uma mulher de meia-idade, sofria de cancro há meses e, durante a hospitalização, certificara-se de que todos, da família às enfermeiras, sofressem com ela. Mas após várias semanas de acompanhamento, o Reverendo Gaines apaziguou a sua raiva e reparou as relações, de forma que passou a falar, a falar verdadeiramente, e a desfrutar das pessoas que amava. E elas amavam-na de volta.

Na altura do seminário, a Sra. G. era uma concha frágil, mas estava totalmente transformada. “Nunca vivi tanto em toda a minha vida adulta”, admitiu.

A demonstração de confiança mais inesperada surgiu no início de 1969. Depois de mais de três anos a conduzir os meus seminários, recebi uma delegação do Seminário Luterano de Chicago, nas proximidades. Esperei um debate aceso. Em vez disso, convidaram-me a juntar-me ao corpo docente. Não surpreendentemente, tentei excluir-me, apresentando todo o tipo de desculpas para não me quererem, incluindo a minha antipatia pela religião. Mas insistiram. “Não lhe pedimos para ensinar teologia”, explicaram. “Somos bastante bons nisso. Mas acreditamos que pode mostrar-nos o que significa o verdadeiro ministério em termos práticos.”

Era difícil contestar, pois concordava que fazia sentido ter uma professora que falasse em linguagem não teológica sobre o acompanhamento de doentes em fim de vida. Salvo o Reverendo Gaines e os estudantes de teologia, a minha experiência com ministros fora desanimadora. Ao longo dos anos, a maioria dos doentes que pedira para falar com capelães do hospital ficara desiludida. “Só querem ler do seu livrinho preto”, ouvia repetidamente. Na prática, as questões reais eram evitadas em favor de uma citação conveniente da Bíblia e de uma saída rápida de um capelão que não sabia bem o que fazer.

Isso causava mais mal do que bem. Posso ilustrar isto com a história de uma rapariga de doze anos chamada Liz. Conheci-a vários anos depois de já estar no Seminário, mas continua a ser relevante. A morrer de cancro, foi levada para casa, onde ajudei a mãe, o pai e os três irmãos a lidar com as várias dificuldades do seu lento declínio. Mas no fim, esta menina, reduzida a um esqueleto com uma enorme barriga cheia de tumores, sabia os factos da sua condição mas recusava-se a morrer. “Porque não consegues morrer?”, perguntei-lhe.

“Porque não consigo ir para o céu”, disse entre lágrimas. “Os padres e as irmãs disseram-me que ninguém vai para o céu a menos que ame Deus mais do que a qualquer outra pessoa no mundo inteiro.” Mais soluços. Depois a Liz aproximou-se de mim. “Dra. Ross, eu amo a minha mãe e o meu pai mais do que a qualquer outra pessoa no mundo inteiro.”

À beira das lágrimas, falei-lhe de forma simbólica sobre como Deus lhe tinha dado essa tarefa muito difícil. Era como quando os professores davam os problemas mais complicados apenas aos melhores alunos. Ela entendeu e disse: “Não creio que Deus pudesse dar uma tarefa mais dura a qualquer criança.”

Ajudou, e alguns dias depois a Liz conseguiu finalmente deixar-se ir. Mas foi esse tipo de caso que me azedou a religião.

Ainda assim, os luteranos convenceram-me a aceitar o cargo de docente. A minha primeira aula, apenas duas semanas após a reunião, foi perante um auditório a abarrotar. Ninguém ficou com dúvidas sobre o que eu sentia em relação à religião, sobretudo quando comecei por questionar o seu conceito de pecado. “Além de promover culpa e medo, para que serve?”
“Não faz nada de mais construtivo do que dar trabalho aos psiquiatras!”, acrescentei, com uma gargalhada, para perceberem que também estava a fazer de advogado do diabo.

Nas aulas seguintes, tentei provocá-los a examinarem o seu compromisso com uma vida como ministros. Se achavam difícil debater porque é que o mundo precisava de confissões religiosas diferentes, muitas vezes conflitantes, quando todas tentavam ensinar a mesma sabedoria básica, então o futuro ia parecer-lhes bem duro. Tornei-me tão popular que o seminário perguntou se eu faria a triagem de candidatos e eliminaria os que não iam vingar. Foi interessante. Cerca de um terço dos estudantes com quem falei acabou por deixar o seminário. Em vez disso, tornaram-se assistentes sociais ou enveredaram por áreas afins. No geral, a experiência de dar aulas e entrevistar alunos foi fascinante. Mas saí depois de um semestre. As exigências na minha agenda, já sobrecarregada, eram demais até para uma trabalhadora compulsiva como eu.

Eu já tinha o trabalho de aulas mais interessante. Nunca me surpreendia com o quanto um doente em fim de vida conseguia ensinar num dos meus seminários, nem com o que os alunos aprendiam sozinhos. Muitas vezes sentia que era errado ficar com o crédito de fosse o que fosse. Na verdade, o meu maior pesadelo era ficar sozinha no palco durante dez minutos sem um doente. Só a ideia punha-me em pânico. O que é que eu diria?

Um dia, aconteceu. Dez minutos antes do início de um seminário, o doente que eu planeava entrevistar morreu inesperadamente. Com cerca de oitenta pessoas sentadas no auditório, algumas das quais tinham viajado uma boa

distância até ao hospital, eu não queria cancelar. Por outro lado, não havia maneira de encontrar um doente substituto. Fiquei paralisada no corredor, de onde ouvia o burburinho dos alunos dentro do auditório, sem a menor ideia do que fazer sem a única pessoa que eu sempre apresentava como a verdadeira professora.

Mas, mal subi ao palco, deixei que a inspiração tomasse conta e a aula acabou por ser fantástica. Como a maioria da assistência trabalhava ou tinha ligação ao hospital/escola médica, perguntei qual era o maior problema no trabalho diário. Em vez de falar com um doente, discutiríamos o seu maior desafio. “Digam-me o que vos cria mais dificuldades”, disse eu.

Ao princípio, a sala ficou perfeitamente silenciosa, mas passados alguns momentos de incómodo, ergueram-se várias mãos. Para minha surpresa, as duas primeiras pessoas a quem dei a palavra disseram que um determinado médico, na verdade um chefe de departamento que trabalhava quase exclusivamente com doentes oncológicos muito graves, era um problema. Era brilhante, explicaram, mas se alguém insinuasse sequer que um dos seus doentes poderia não responder ao tratamento, o médico reagia com um tom desagradável. Outros na assistência, que conheciam essa pessoa, acenaram em concordância.

Embora não dissesse nada, reconheci imediatamente o médico pelas inúmeras vezes em que me desentendi com ele. Não suportava os seus modos bruscos, a arrogância nem a desonestidade. Em duas ocasiões, na qualidade de chefe do serviço de ligação psicossomática, fui chamada para consultar com doentes dele em fim de vida. Dissera a um que estava livre de cancro e a outra que era apenas uma questão de tempo até se sentir melhor. Em ambos os casos, as radiografias mostravam metástases grandes e inoperáveis.

Era evidente que quem precisava de psiquiatra era o médico. Tinha um problema sério com a morte e o morrer, embora eu não o pudesse dizer a nenhum doente. Não podia ajudá-los criticando outra pessoa, sobretudo alguém em quem confiavam.

Mas o seminário era diferente. Fingimos que o Dr. M. era o doente e falámos dos problemas que tínhamos com ele. Depois discutimos o que esses problemas diziam sobre nós próprios. Quase toda a assistência admitiu ter um preconceito contra colegas — os outros médicos e enfermeiros — que tinham dificuldades. Julgavam-nos de forma diferente da que usavam com doentes “normais”. Concordei e usei os meus próprios sentimentos em relação ao Dr. M. como exemplo. “Não se pode ajudar outro ser humano sem gostar dele pelo menos um bocadinho”, disse.

Depois lancei uma pergunta: “Há aqui alguém que goste dele?”

No meio de muitos olhares hostis e troças, uma jovem levantou a mão devagar, hesitante. “Está doente?”, perguntei, meio a brincar, meio espantada. Seguiu-se uma boa risada. Então essa enfermeira levantou-se, nobre na sua calma e clareza. “Vocês não conhecem este homem”, contrapôs. “Não conhecem a pessoa.” Fez-se silêncio. A sua voz frágil rasgou o quieto com uma descrição pormenorizada do Dr. M. a começar as rondas tarde da noite, horas depois de os outros médicos terem ido para casa.

“Ele começa no quarto mais longe do posto de enfermagem e vai avançando até onde eu costumo estar sentada”, explicou. “Entra no primeiro quarto ereto, parecendo confiante e no controlo. Mas, cada vez que sai de um quarto, as costas ficam um pouco mais curvadas. A postura parece cada vez mais a de um velho.” A enfermeira reencenou o drama noturno, forçando todos a visualizar a cena. “Quando sai do quarto do último doente, este médico parece esmagado. Vê-se que está completamente privado de qualquer alegria, esperança ou satisfação no trabalho.”

Só de assistir a este drama noite após noite ela ficava afetada. Imaginem o que fazia ao médico! Não havia um olho seco no auditório quando a enfermeira confessou o seu antigo desejo de tocar-lhe com delicadeza, como faria uma amiga, e dizer-lhe que sabia como o seu trabalho era duro e sem esperança. Mas o sistema de castas do hospital impedia esse comportamento humano. “Eu sou apenas uma enfermeira”, disse.

No entanto, era precisamente esse tipo de compaixão e compreensão amiga a ajuda de que o médico precisava e, como aquela jovem enfermeira era a única na sala que se importava com ele, cabia-lhe a ela fazê-lo. Disse-lhe que tinha de se obrigar a agir. “Não penses nisso”, disse eu. “Faz simplesmente o que o teu coração te disser para fazer.” Depois acrescentei: “Se o ajudares, vais ajudar milhares e milhares de pessoas.”

Depois de uma semana de férias, estava a pôr o trabalho em dia no meu gabinete quando a porta se escancarou e uma jovem entrou a correr. Era a enfermeira do seminário anterior. “Consegui!”, disse-me. “Consegui!”

A partir da sexta-feira anterior, ela observara o Dr. M. fazer as rondas, acabando, como descrevera, um homem quebrado. O drama repetiu-se no sábado, mas com uma complicação. Dois dos seus doentes tinham morrido nesse dia. No domingo, viu-o sair do último quarto, curvado e deprimido. Obrigando-se a agir, aproximou-se dele, compelindo-se a estender a mão. Mas antes de conseguir oferecer um braço, exclamou: “Meu Deus, deve ser tão difícil!”

De repente, o Dr. M. agarrou-lhe o braço e puxou-a para o gabinete. Com a porta fechada, ela assistiu à libertação de toda a dor, sofrimento e angústia acumuladas. Ele contou todos os sacrifícios que fizera para chegar ao fim do curso de medicina; como os amigos tinham emprego e salário quando ele

começou a especialidade; e como sonhava pôr os doentes bons enquanto os contemporâneos criavam famílias e construíam casas de férias. A vida dele tinha sido aprender uma especialidade, não vivê-la. Agora, finalmente, era diretor do seu departamento. Tinha um cargo a partir do qual podia realmente fazer a diferença na vida dos doentes.

“Mas eles morrem todos”, soluçou. “Um atrás do outro. Morrem-me todos.”

Depois de ouvirem esta história no seminário seguinte sobre Morte e Morrer, todos perceberam o poder extraordinário que uma pessoa tem de curar só por reunir a coragem de agir com o coração. Um ano depois, o Dr. M. começou consultas de psiquiatria comigo. Cerca de três anos mais tarde, estava em terapia a tempo inteiro. A vida dele melhorou de forma dramática. Em vez de acabar um deprimido queimado, o Dr. M. redescobriu as qualidades maravilhosas, carinhosas e compreensivas que o tinham motivado a tornar-se médico. Se ele soubesse quantas pessoas ajudou, ao longo dos anos, o facto de eu contar a sua história.

CAPÍTULO VINTE E UM

A Minha Mãe

Devia ter parecido perfeito, a imagem da satisfação. Em 1969, mudámo-nos para uma belíssima casa desenhada pela firma de Frank Lloyd Wright, em Flossmoor, um subúrbio de classe alta. O meu novo jardim estendia-se por terreno suficiente para que o Manny e as crianças me oferecessem um mini-tratoresinho no meu aniversário. O Manny adorava o novo escritório e instalou um grande sistema de som para eu ouvir música country enquanto me entretinha naquilo que era a cozinha dos meus sonhos. As crianças estavam inscritas numa excelente escola pública.

Mas pareceu-me quase demasiado perfeito para ser verdade. Era como um sonho do qual eu esperava acordar. Até que, certa manhã, acordei a saber de onde vinha a minha angústia. Estávamos na terra da abundância, onde nada nos faltava, exceto que eu não tinha transmitido aos meus filhos aquilo que fora mais importante na minha própria infância. Queria que soubessem como era levantar cedo, caminhar pelas colinas e montanhas, apreciar as flores, as diferentes ervas, os grilos e as borboletas. Queria que apanhassem flores silvestres e pedras coloridas durante o dia e, à noite, deixassem as estrelas encher-lhes a cabeça de sonhos.

Não esperei nem ponderei o que devia fazer. Isso não seria eu. Agindo rapidamente, tirei o Kenneth e a Barbara da escola na semana seguinte e voei para casa, para a Suíça. A minha mãe encontrou-nos em Zermatt, uma encantadora aldeia alpina onde os automóveis eram proibidos e a vida era praticamente como há cem anos. Era isso que eu queria. O tempo estava

celestial. Levei as crianças a fazer caminhadas. Escalaram montanhas, correram ao longo de ribeiros e perseguiram animais. Apanharam flores e trouxeram pedras para casa. Tinham as faces queimadas do sol. Foi uma experiência inesquecível.

Mas, como se veio a revelar, não por causa disso. Na nossa última noite, a minha mãe e eu deitámos as crianças. Ela demorou-se para mais uns beijos e abraços de boa-noite enquanto eu saí para a varanda. Embalava-me numa velha cadeira talhada à mão quando as portas de correr do quarto se abriram e ela se juntou a mim no ar fresco da noite.

As duas maravilhámo-nos com a lua. Parecia flutuar sobre o Matterhorn. A minha mãe sentou-se ao meu lado. Ficámos em silêncio por muito tempo, cada uma nos seus pensamentos. A semana tinha sido melhor do que eu imaginara. Não podia estar mais feliz. Pensei em todos os citadinos do mundo que nunca faziam o esforço de ver um céu tão extraordinário. Toleravam as suas vidas vendo televisão e bebendo álcool. A minha mãe parecia igualmente satisfeita, tanto naquele momento como com a sua vida.

Não sei quanto tempo estivemos em silêncio, a desfrutar da companhia uma da outra, mas a minha mãe acabou por quebrar o feitiço. Podia ter dito um milhão de coisas naquele momento, qualquer coisa menos o que disse: “Elisabeth, não vivemos para sempre.” Há razões para as pessoas dizerem certas coisas em determinados momentos. Eu não fazia ideia porque é que a minha mãe, naquela altura e naquele cenário, proferiu tal coisa. Talvez fosse a imensidão do céu. Talvez se devesse a sentir-se relaxada e próxima depois da nossa semana juntas.

Talvez, como agora acredito, tivesse tido uma premonição, um pressentimento do futuro.

Seja como for, continuou. “Tu és a única médica da família e, se houver uma emergência, vou contar contigo.”

Que emergência? Apesar de ter setenta e sete anos, acompanhara todas as caminhadas sem queixa, sem problema. Estava perfeitamente saudável.

Eu não sabia o que dizer. Queria gritar-lhe qualquer coisa. Mas, na realidade, ela não me deu espaço nenhum. Continuou nessa direção mórbida, dizendo: “Se algum dia eu ficar um vegetal, quero que acabes com a minha vida.” Ouvi com irritação crescente e disse algo do género “Pára de falar assim”, mas a minha mãe reiterou o que dissera. Por seja qual for a razão, estava a estragar a noite e talvez as férias inteiras. “Pára com esses disparates”, supliquei. “Nada disso vai acontecer.”

A minha mãe parecia não se importar com o que eu pensava naquele momento, e era verdade que eu não podia garantir que ela não acabaria um vegetal. Toda a conversa era muito irritante. Finalmente endireitei-me e disse à

minha mãe que era contra o suicídio e que nunca — nunca, jamais — ajudaria alguém, especialmente a minha mãe, a pessoa amorosa que me deu à luz e me manteve viva. “Se alguma coisa acontecer, farei por ti o mesmo que faço por todos os meus doentes”, disse. “Ajudar-te-ei a viver até morreres.”

De algum modo chegámos ao fim desta conversa perturbadora. Não havia mais nada a dizer. Levantei-me da cadeira e abracei a minha mãe. As duas tínhamos lágrimas a escorrer pelas faces. Era tarde, hora de deitar. No dia seguinte íamos para Zurique. Eu só queria pensar nos bons momentos, não no futuro. De manhã, o feitiço quebrou-se. A minha mãe estava de volta a si mesma e desfrutámos da viagem de comboio para Zurique. O Manny encontrou-nos na cidade e instalámo-nos num hotel de luxo, que era mais o estilo dele. Eu não me importei, porque o meu “depósito” estava cheio de ar alpino fresco e flores silvestres.

Após mais uma semana, voámos de regresso a Chicago. Sentia-me totalmente rejuvenescida, exceto por não conseguir afastar da cabeça a conversa que tivera com a minha mãe. Tentei não dar atenção, mas era uma nuvem negra na minha consciência. Três dias depois, a Eva telefonou-me para casa e disse-me que o carteiro tinha encontrado a nossa mãe estendida no chão da casa de banho. Sofrera um AVC maciço. Apanhei o voo seguinte para a Suíça e fui diretamente para a cama de hospital da minha mãe. Incapaz de mexer-se ou falar, fitou-me com cem palavras nos olhos profundos, feridos, doloridos e assustados. Todas somavam um único pedido, que eu compreendia. Mas soube então — como já soubera antes — que nunca poderia satisfazer o seu pedido. Nunca poderia ser instrumento da sua morte.

Os dias seguintes foram duros. Sentei-me, esperei e mantive um monólogo com a minha mãe. Embora o corpo não pudesse responder, ela respondia-me com os olhos. Um piscar para “sim”. Dois para “não”. Por vezes conseguia apertar-me a mão com a esquerda. Ao fim da semana, sofreu mais alguns pequenos AVC. Perdeu o controlo da bexiga. Com isso, foi considerada um vegetal. “Estás confortável?” Um piscar. “Queres ficar aqui?” Dois piscars. “Amo-te.” Ela apertou-me a mão. Era exatamente a condição que ela temera durante as férias na semana anterior. Chegara a prevenir-me. “Se algum dia eu ficar um vegetal, quero que acabes com a minha vida.”

O seu apelo na varanda ecoava-me na memória. Ela sabia que isto vinha aí? Teve uma premonição? Era possível uma tal consciência interior? Perguntei a mim mesma: “Como posso ajudar a tornar mais suportável este tempo que lhe resta? Mais agradável para ela?” Tantas perguntas. Tão poucas respostas. Se havia um Deus, pensei em silêncio, era agora a altura de entrar na vida dela, para lhe agradecer por amar abnegadamente a família, por criar os filhos para se tornarem seres humanos respeitáveis, válidos e produtivos.

À noite, tive longas conversas com Ele. Uma tarde, entrei mesmo numa igreja e falei diretamente à cruz. “Deus, onde estás?”, perguntei amargamente. “Consegues ouvir-me? Chegas a existir? A minha mãe foi uma mulher limpa, dedicada, trabalhadora. O que planeias fazer por ela agora que precisa mesmo de Ti?” Mas não houve resposta. Nenhum sinal. Nada além de silêncio. Ao ver a minha mãe definhar no seu casulo de impotência e tormento, quase gritei por uma intervenção celestial.

Em privado, ordenei a Deus que fizesse alguma coisa, e depressa. Mas, se Deus me ouviu, não parecia ter pressa. Chamei-lhe nomes feios em suíço e em inglês. Continuou sem se impressionar. Embora tivéssemos longas discussões com os médicos do hospital e consultores externos, ficámos com duas opções. Ou a minha mãe ficava neste hospital universitário, onde tentariam todos os procedimentos, embora as hipóteses de recuperação mínima fossem escassas. Ou transferíamo-la para um lar mais barato onde teria bons cuidados de enfermagem, mas não se fariam esforços artificiais para prolongar a vida. Noutras palavras, sem ventiladores ou máquinas.

Eu e as minhas irmãs tivemos uma longa conversa emotiva. As três sabíamos o que a nossa mãe teria escolhido. O Manny, que considerava a minha mãe como uma segunda mãe, deu a sua opinião de especialista por chamada internacional. Felizmente, a Eva já tinha encontrado um excelente lar dirigido por freiras protestantes em Riehen, perto de Basileia, onde ela e o novo marido tinham construído casa. Eram tempos anteriores aos hospices, mas as freiras dedicavam a vida a cuidar destes doentes especiais. Reunindo toda a nossa influência, conseguimos a admissão da minha mãe. Com o meu tempo de licença do hospital a esgotar-se, decidi acompanhar a minha mãe na ambulância de Zurique para Riehen.

Para nos dar coragem a ambas, levei uma garrafa grande de Eiercognac — gemada com conhaque e especiarias. Fiz também uma lista, bastante curta, dos pertences mais queridos da minha mãe, e outra lista de familiares e pessoas significativas na sua vida, especialmente os que a tinham ajudado nos anos após a morte do meu pai. Essa era mais longa. Durante a viagem, distribuímos as suas coisas pelas pessoas certas. Demorou bastante descobrir quem ficava com o quê, como a gola e o chapéu de vison que tínhamos enviado de Nova Iorque. Mas, sempre que eu combinava a pessoa com o objeto certo, celebrávamos com um gole da bebida de gemada com conhaque. O auxiliar da ambulância pareceu um pouco inseguro com isso, mas eu disse: “Está tudo bem, sou médica.”

Não só fizemos algo que daria paz de espírito à minha mãe; quando chegámos ao lar, estávamos realmente bem-dispostas. O quarto da minha mãe dava para um jardim. Instalou-se bem. Durante o dia podia ouvir o canto dos pássaros nas árvores. À noite, teria vista para o céu. Antes de me despedir, enfiei um lenço perfumado na sua única mão meio funcional. Habitualmente segurava um

assim. Vi que estava relaxada e contente, num lugar onde sabia que a qualidade de vida era a principal consideração. Por alguma razão, Deus decidiu mantê-la viva assim por mais quatro anos. A sua condição desafiava todas as probabilidades de sobrevivência. As minhas irmãs asseguraram-se de que estivesse perfeitamente confortável e nunca sozinha.

Eu visitava com frequência. Os meus pensamentos voltavam sempre àquela noite fatídica em Zermatt. Ouvia-a a implorar-me que acabasse com a sua vida se ficasse um vegetal. Obviamente, teve uma premonição, porque agora encarnava a imagem exata que temera. Foi trágico. Ainda assim, eu sabia que não era o fim. A minha mãe continuava a sentir amor e a dar amor. À sua maneira, estava a crescer e a aprender as lições que precisava de aprender. Toda a gente devia saber isto: a vida termina quando já aprendeste tudo o que te cabe aprender.

Portanto, qualquer pensamento de acabar com a vida dela, como ela pedira, era ainda mais inimaginável do que antes. Queria saber por que razão a minha mãe acabara assim. Perguntava-me constantemente que lição Deus tentava ensinar a esta mulher amorosa. Cheguei até a pensar se não seria ela a ensinar-nos a todos uma lição. Mas, enquanto continuasse a sobreviver sem suporte vital artificial, não havia nada a fazer — a não ser amá-la.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

O Propósito da Vida

Era inevitável que tivesse de olhar para além do hospital. O meu trabalho com doentes em fim de vida deixava muitos dos meus colegas muito desconfortáveis. Poucas pessoas no hospital queriam falar de morte. Era difícil até encontrar quem admitisse que lá morriam pessoas. Simplesmente a morte não era coisa de que os médicos falassem. Assim, quando a minha busca semanal por doentes terminais se tornou quase impossível, comecei a fazer visitas domiciliárias a doentes oncológicos em bairros à volta, como Homewood e Flossmoor.

Propus um acordo mutuamente benéfico. Em troca de acompanhamento gratuito à cabeceira, os doentes aceitavam ser entrevistados nos meus seminários. Esta abordagem levantou ainda mais polémica no hospital, onde o meu trabalho já era apelidado de exploratório. Depois piorou. À medida que os doentes e as famílias falavam publicamente de quanto apreciavam o meu trabalho, os outros médicos encontraram outra razão para me ressentirem. Não havia maneira de ganhar. Mas comportei-me como vencedora.

Além da maternidade e do trabalho, fiz voluntariado em várias organizações. Uma vez por mês, avaliava candidatos para o Peace Corps. Provavelmente tinham sentimentos mistos em relação a mim, porque eu tendia a aprovar todos

os que eram considerados tomadores de risco, não os de meio-termo que os meus colegas preferiam. Dedicava também meio dia por semana ao Lighthouse for the Blind de Chicago, a trabalhar com pais e crianças. Mas tenho a sensação de que me deram mais a mim. As pessoas que conheci lá, adultos e crianças, lutavam todas com as más cartas que o destino lhes dera. Estudei como lidavam. As suas vidas eram uma montanha-russa de miséria e coragem, depressão e conquista. Perguntava-me constantemente o que poderia eu, enquanto pessoa com visão, fazer para ajudar.

Principalmente ouvia, mas também era uma claque, a encorajá-los a "ver" que ainda lhes era possível levar vidas plenas, produtivas e felizes. A vida era um desafio, não uma tragédia. Por vezes, isso era pedir muito. Vi demasiados bebés nascer cegos, e outros com hidrocefalia, que eram dados como vegetais e colocados em instituições para o resto da vida. Que desperdício de vida. O mesmo com os pais que não encontravam ajuda nem apoio. Reparei que tantos pais que tinham filhos cegos passavam pelas mesmas reações que os meus doentes terminais.

A realidade era muitas vezes difícil de aceitar. Mas qual era a alternativa? Recordo uma mãe que fizera nove meses de uma gravidez normal, sem razão para esperar outra coisa que não uma criança normal e saudável. Mas, na sala de partos, algo aconteceu e a filha nasceu cega. Ela reagiu como se tivesse havido uma morte na família, o que é normal. Mas, depois de a ajudar a ultrapassar o trauma inicial, começou a esperar que a filha, chamada Heidi, um dia terminasse a escola e aprendesse uma profissão. Isso era saudável e maravilhoso. Infelizmente, envolveu-se com alguns profissionais que disseram que os seus sonhos eram irrealistas. Incentivaram-na a colocar o bebé numa instituição. A família ficou de coração partido.

Mas, felizmente, antes de dar qualquer passo, procuraram ajuda no Lighthouse, e foi assim que conheci esta mulher. Obviamente, eu não podia oferecer milagres que devolvessem a visão à filha, mas ouvi as suas angústias. E, quando me perguntou o que eu achava, disse a esta mãe, que queria tanto encontrar um milagre, que nenhuma criança nasce tão deficiente que Deus não a dote de um dom especial. "Larga todas as tuas expetativas", disse. "Tudo o que tens de fazer é segurar e amar a tua filha como se fosse um presente de Deus." "E depois?", perguntou. "Com o tempo, Ele revelar-te-á o dom especial dela", respondi. Não fazia ideia de onde me tinham vindo essas palavras, mas acreditava nelas.

E a mãe saiu com a esperança renovada. Muitos anos depois, estava a ler um jornal quando reparei num artigo sobre a Heidi, a menina do Lighthouse. Já adulta, a Heidi era uma pianista promissora e ia atuar em público pela primeira vez. O crítico local teceu rasgados elogios ao seu talento. Não perdi tempo a procurar a mãe, que me contou orgulhosamente como lutara para criar a filha.

E, de repente, a Heidi desenvolveu um dom para a música. Desabrochou, como uma flor, e a mãe atribuiu-o às minhas palavras de encorajamento.

“Teria sido tão fácil rejeitá-la”, disse ela. “Foi isso que as outras pessoas me disseram para fazer.”

Naturalmente, partilhava este tipo de momentos gratificantes com a minha família e esperava que aprendessem a não dar nada por garantido. Não há garantias na vida, exceto que todos enfrentam lutas. É assim que aprendemos. Alguns enfrentam a luta desde o momento em que nascem. São as pessoas mais especiais de todas, exigindo o maior cuidado e compaixão e lembrando-nos de que o amor é o único propósito da vida.

Acreditem ou não, havia pessoas que realmente achavam que eu sabia do que falava. Uma dessas pessoas era Clement Alexander, editor na editora Macmillan, em Nova Iorque. De algum modo, um breve artigo que eu escrevera sobre os meus seminários de Morte e Morrer foi parar à sua secretária. Isso levou-o a apanhar um voo para Chicago e perguntar-me se eu queria escrever um livro sobre o meu trabalho com doentes em fim de vida. Fiquei boquiaberta, mesmo quando ele me estendeu um contrato para assinar, oferecendo 7.000 dólares em troca de 50.000 palavras.

Pois bem, aceitei, com a condição de ter três meses para escrever o livro. Para a Macmillan, não havia problema. Mas depois fiquei sozinha a tentar perceber como ia gerir dois filhos, um marido, um emprego a tempo inteiro e várias outras coisas, mais a escrita de um livro. Reparei que o contrato já dava um título ao meu livro, Sobre a Morte e o Morrer (On Death and Dying). Gostei. Telefonei ao Manny e contei-lhe a boa nova. Depois comecei a ver-me como autora e mal conseguia acreditar.

Mas por que não? Tinha incontáveis histórias clínicas e observações acumuladas na cabeça. Demorou três semanas sentada à secretária, tarde da noite, enquanto o Kenneth e a Barbara dormiam, até “ver” o livro. Então percebi com toda a clareza como todos os meus doentes em fim de vida — na verdade, todas as pessoas que sofrem uma perda — passavam por etapas semelhantes. Começavam com choque e negação, raiva e cólera, e depois luto e dor. Mais tarde, regateavam com Deus. Ficavam deprimidos, perguntando: “Por que razão eu?” E, finalmente, recolhiam-se em si por um tempo, separando-se dos outros enquanto, idealmente, alcançavam um estado de paz e aceitação (não resignação, que ocorre quando as lágrimas e a raiva não são partilhadas).

Na verdade, vi estas etapas com mais nitidez nos pais que conheci no Lighthouse. Associavam o nascimento de uma criança cega à perda — a perda do filho normal e saudável que esperavam. Passavam por choque e raiva, negação e depressão e, com alguma terapia, acabavam por aceitar o que não podia ser mudado.

As pessoas que tinham perdido, ou estavam a perder, um parente próximo passavam pelas mesmas cinco etapas, a começar pela negação e pelo choque. “É impossível que a minha mulher esteja a morrer. Ela acabou de ter um bebé. Como é que me pode deixar?” Ou exclamavam: “Não, eu não, eu não posso estar a morrer.” A negação é uma defesa, uma forma normal e saudável de lidar com notícias horríveis, inesperadas e súbitas. Permite à pessoa contemplar o possível fim da sua vida e depois regressar à vida como sempre foi.

Quando a negação já não é viável, é substituída pela raiva. Em vez de continuar a perguntar “Porquê eu?”, o doente pergunta: “Por que não ele?” Esta fase é especialmente difícil para famílias, médicos, enfermeiros, amigos, etc. A raiva do doente espalha-se como bagos de chumbo. Fragmentos voam em todas as direções. Acerta em todos. Ele vocifera contra Deus, contra a família, contra quem está saudável. O doente bem poderia estar a gritar: “Estou vivo e não te esqueças disso.” A sua raiva não deve ser tomada como algo pessoal.

Se os doentes puderem exprimir a sua raiva sem culpa ou vergonha, passam muitas vezes a uma fase de negociação. “Oh, por favor, deixa a minha mulher viver o suficiente para ver esta criança entrar no jardim de infância.” Depois acrescentavam uma reza rápida. “Espera ao menos até ela terminar o secundário. Aí já será suficientemente crescida para lidar com a morte da mãe.” E assim por diante. Depressa notei que as promessas feitas a Deus nunca eram cumpridas. Negociavam literalmente, aumentando a parada de cada vez.

Mas o tempo gasto a negociar é benéfico para quem cuida. O doente, embora zangado, já não está tão consumido pela hostilidade que não consiga ouvir. O doente não está deprimido ao ponto de já não conseguir comunicar. Podem estar a disparar balas, mas não acertam em nada. Eu aconselhava que esse era o melhor momento para ajudar os doentes a concluir quaisquer assuntos pendentes que tivessem. Entrem nos quartos. Confrontem querelas antigas. Atiçar o fogo. Deixem-nos exteriorizar a raiva, soltá-la, e então os velhos ódios transformar-se-ão em amor e compreensão.

A certa altura, os doentes vão sentir-se profundamente deprimidos pelas enormes mudanças em curso. Naturalmente. Quem não ficaria? Ou a doença já não pode ser negada, ou instalam-se limitações físicas severas. Com o tempo, podem surgir também encargos financeiros. Há frequentemente alterações drásticas e debilitantes na aparência. Uma mulher preocupa-se com o facto de a perda de uma mama a tornar menos mulher. Quando preocupações como estas são abordadas de forma aberta e frontal, os doentes respondem muitas vezes de forma magnífica.

O tipo mais difícil de depressão resulta da perceção, por parte do doente, de que vai perder tudo e todos os que ama. É uma espécie de depressão

silenciosa. Nesse estado, não há lado positivo. Nem há palavras reconfortantes capazes de aliviar um estado de espírito que desistiu do passado e tenta perscrutar um futuro imperscrutável. A melhor ajuda é permitir ao doente a sua tristeza, dizer uma oração, dar-lhe simplesmente um toque carinhoso ou apenas sentar-se com ele na cama.

Se os doentes tiverem podido exprimir a sua raiva, chorar e fazer o luto, concluir o que ficou por concluir, articular os seus medos, trabalhar as etapas acima, chegarão à última etapa, a aceitação. Não estarão felizes, mas já não estarão deprimidos nem zangados. É um período de resignação calma e meditativa, de expectativa serena. A luta anterior desvanece-se e é substituída pela necessidade de muito sono, que, em Sobre a Morte e o Morrer, descrevi como um doente lhe chamando “o descanso final antes da longa viagem.”

Ao fim de dois meses, terminei o livro. Percebi que tinha criado exatamente o tipo de livro que eu esperara encontrar na biblioteca quando fui pesquisar para a minha primeira palestra. Deixei o rascunho final na caixa do correio. Embora não fizesse ideia se Sobre a Morte e o Morrer se tornaria um livro importante, tinha absoluta certeza de que a informação que registara era muito importante. Esperava que as pessoas não deturpassem a mensagem. Os meus doentes em fim de vida nunca sararam no sentido físico, mas todos melhoraram emocional e espiritualmente. Na verdade, sentiam-se muito melhor do que muita gente saudável.

Mais tarde, alguém haveria de perguntar o que me tinham ensinado todos aqueles doentes terminais sobre a morte. Primeiro pensei em dar uma explicação muito clínica, mas então estaria a falsear-me. Os meus doentes em fim de vida ensinaram-me muito mais do que o que é estar a morrer. Partilharam lições sobre o que poderiam ter feito, o que deviam ter feito e o que não fizeram até ser demasiado tarde, até estarem demasiado doentes ou fracos, até serem viúvos ou viúvas. Olharam para trás e ensinaram-me todas as coisas que eram realmente significativas — não sobre morrer… mas sobre viver.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS
Fama

Foi um mau dia no trabalho. Um dos meus internos, algo a contragosto, perguntou se eu tinha tempo para o aconselhar sobre um problema. A pensar que seria algo relativo à relação dele, disse que sim. Mas então ele disse que lhe tinham oferecido um cargo no meu próprio departamento, com um salário inicial de 15.000 dólares. Queria saber se era aceitável.

Como era sua superior, tentei esconder o choque e a incredulidade. O meu próprio salário era 3.000 dólares menos. Não era a primeira vez que vivenciava um preconceito contra mulheres, mas isso não me deixou menos enojada.

Depois, o Reverendo Gaines disse-me que ia procurar uma nova colocação. Cansado de toda a política hospitalar, queria a sua própria paróquia, um lugar onde pudesse tentar operar mudanças reais na comunidade. Fiquei deprimida só de pensar em deixar de ter o apoio diário do meu único verdadeiro aliado no hospital.

Fui para casa, com vontade de ficar na cozinha e desaparecer do mundo. Mas nem isso foi possível. Recebi uma chamada de um repórter da revista Life. Perguntou se podia escrever uma reportagem sobre o meu seminário de Morte e Morrer na universidade. Respirei fundo — é bom fazê-lo quando não se sabe o que dizer. Embora ingénua quanto à publicidade, estava cansada de não ter apoio. Disse que sim, pressentindo que, se o meu trabalho fosse mais conhecido, poderia realmente mudar a qualidade de incontáveis vidas.

Depois de combinarmos a data da entrevista, tratei de encontrar um doente para o seminário. Foi mais difícil do que o normal, porque o Reverendo Gaines estava fora da cidade. O chefe dele, tendo ouvido falar do artigo na Life, substituiu-o ambiciosamente, mas não ajudou em nada a encontrar-me um doente em fim de vida para entrevistar.

Então, num dia sombrio, ao descer o corredor 1-3, a ala ocupada pela maioria dos doentes oncológicos, espreitei por uma porta entreaberta. Naquele momento, os meus pensamentos andavam por outros lados. Nem sequer pensava em encontrar um doente. Mas fui colhida pela beleza invulgar da rapariga naquele quarto. Tenho a certeza de que não fui a primeira pessoa a olhar para ela e a deter-se.

Mas também os olhos dela prenderam os meus e atraíram-me para dentro do quarto. Chamava-se Eva. Tinha vinte e um anos. Era uma morena linda, suficientemente bonita para se ter tornado atriz — se não estivesse a morrer de leucemia. Mas continuava a ser um verdadeiro “pistolete”: expansiva, divertida, sonhadora e calorosa. Estava também noiva. “Veja”, disse, mostrando-me o anel. A vida devia estar toda à sua frente.

Em vez disso, falou-me da vida tal como era naquele momento. Queria que o corpo fosse doado a uma escola de medicina, não um funeral. Estava zangada com o noivo por não aceitar a sua doença. “Está a desperdiçar o nosso tempo”, disse. “Afinal, não me resta muito.” O que percebi, com satisfação, foi que a Eva queria viver o máximo possível, ainda ter experiências novas, incluindo assistir a um dos meus seminários. Já ouvira falar deles e perguntou se podia participar. Foi a primeira vez que um doente terminal se adiantou à pergunta. “A minha leucemia não me torna elegível?”, perguntou.

Não havia dúvida, mas primeiro quis avisá-la sobre a revista Life.
“Sim!”, exclamou. “Quero fazer.”

Sugeri que talvez quisesse falar primeiro com os pais.
“Não preciso”, disse. “Tenho vinte e um anos. Posso tomar as minhas próprias decisões.”

Podia, certamente, e no fim da semana levei-a de cadeira de rodas pelo corredor até à minha sala de aula. Lá estávamos, duas mulheres preocupadas com a aparência do cabelo para a câmara. Assim que ficámos diante dos alunos, confirmou-se o meu pressentimento sobre a Eva. Era uma extraordinária participante.

Antes de mais, a Eva tinha sensivelmente a mesma idade da maioria dos estudantes, o que evidenciava que a morte não leva apenas os velhos. Tinha também uma presença marcante. Com uma blusa branca e calças de tweed, bem podia ir a um cocktail. Mas estava a morrer, e a franqueza com que encarava essa realidade era o mais impressionante nela. “Sei que as minhas hipóteses são de uma em um milhão”, confessou. “Mas hoje só quero falar desta única hipótese.”

Em vez de falar da doença, a Eva falou sobre como seria se pudesse viver. Os seus pensamentos abrangeram a escola, o casamento e os filhos, a família e Deus. “Quando era pequena, eu acreditava em Deus”, disse. “Agora já não sei.” A Eva explicou que queria um cãozinho e voltar a casa mais uma vez. Expôs as suas emoções em bruto, sem hesitação. Nenhuma de nós pensou, nem uma vez, no repórter ou no fotógrafo que registavam tudo o que dizíamos e fazíamos do outro lado do vidro espelhado, mas sabíamos que estava a correr bem.

O artigo na revista saiu a 21 de novembro de 1969. O meu telefone começou a tocar antes mesmo de eu ver o número. Mas a minha preocupação era a reação da Eva. Nessa noite, entregaram-me em casa vários exemplares da revista. Na manhã seguinte, corri ao hospital para lhos mostrar antes de chegarem ao quiosque do hospital e a tornarem numa celebridade instantânea. Felizmente, a Eva aprovou o artigo, mas, como qualquer mulher saudável, normal e bonita, abanou a cabeça em desaprovação perante as fotos. “Caramba, não estão nada boas”, disse.

O hospital não ficou tão satisfeito como nós. O primeiro médico que vi no corredor troçou e, num tom desagradável, perguntou: “À procura de outro doente para publicidade?” Um administrador criticou-me por tornar o hospital famoso por causa da morte. “A nossa reputação é pôr as pessoas boas”, disse. Para a maioria, o artigo na Life era a prova de que eu explorava os doentes. Não perceberam. Uma semana depois, o hospital tomou medidas para travar os meus seminários, ordenando aos médicos que não colaborassem comigo. Foi terrível. Na sexta-feira seguinte, encontrei um auditório praticamente vazio.

Embora humilhada, sabia que não podiam desfazer tudo o que a imprensa pusera em marcha. Lá estava eu, numa das maiores e mais conceituadas revistas do país. O correio acumulava-se para mim na sala de correio do hospital. A central telefónica estava inundada de chamadas de quem queria saber como contactar-me. Dei mais entrevistas e cheguei a aceitar falar noutras universidades e faculdades.

Houve ainda mais atenção com o lançamento do meu livro, Sobre a Morte e o Morrer (On Death and Dying). Foi um best-seller internacional, e praticamente todas as instituições de enfermagem e medicina do país o reconheceram como um livro importante. Até pessoas comuns se viram a discutir as cinco etapas. Mal suspeitava eu que o livro seria tão bem-sucedido ou que viria a ser a minha porta de entrada no mundo da fama. Ironia das ironias, o único lugar onde não gozou de aceitação imediata foi a unidade de psiquiatria do meu próprio hospital, sinal claro de que o meu futuro se faria noutro lugar.

Entretanto, o meu principal interesse nunca se desviou dos doentes, que eram os verdadeiros professores. Isso era especialmente verdade com a minha rapariga da Life, a Eva. Fiquei particularmente apreensiva quando espreitei o quarto dela na véspera de Ano Novo e não a vi. Suspirei de alívio quando alguém disse que ela tinha ido a casa e conseguido o cãozinho que queria. Mas soube também que fora depois transferida para a Unidade de Cuidados Intensivos.

Apressada, fui até lá e vi os pais na sala de espera. Tinham aquele ar triste e desamparado que tantas vezes via nas famílias de doentes em fim de vida sentadas nas salas de espera, impedidas por regras estúpidas de horários de visita de estarem com os seus entes queridos. Pelas regras da UCI, os pais da Eva podiam vê-la apenas cinco minutos, a horas marcadas. Fiquei indignada. Podia ser o último dia em que podiam estar com a filha, a apoiar-se e a amar-se. E se ela morresse enquanto eles estavam sentados fora do quarto?

Como médica, pude entrar no quarto da Eva e, ao fazê-lo, encontrei-a nua, deitada por cima da cama. A luz de teto, que ela não podia controlar, estava constantemente acesa, lançando um brilho forte sobre ela do qual não havia escapatória. Soube que seria a última vez que a veria viva. E a Eva também. Incapaz de falar, apertou-me a mão em cumprimento e apontou a outra para o teto. Queria a luz apagada.

O conforto e a dignidade dela eram tudo o que me importava. Apaguei a luz e pedi a uma enfermeira que cobrisse a Eva com um lençol. Incrivelmente, a enfermeira hesitou. Achou que eu estava a fazê-la perder tempo. Perguntou: “Porquê?” Por que cobrir aquela rapariga? Fiquei furiosa e fiz eu mesma.

Infelizmente, a Eva morreu no dia seguinte, 1 de janeiro de 1970. Eu não tinha controlo sobre a sua vida, mas a maneira como morrera no hospital, com frio e sozinha, era algo que eu não podia tolerar. Todo o meu trabalho visava mudar

esse tipo de situação. Não queria que ninguém morresse como a Eva, sozinha, com a família à espera no corredor. Sonhava com o dia em que as necessidades do ser humano seriam a primeira prioridade.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO
A Sra. Schwartz

Tudo mudou com os milagrosos novos avanços da medicina. Os médicos prolongavam vidas com transplantes de coração e rim e fármacos poderosos. Novos equipamentos ajudavam a diagnosticar problemas mais cedo. Doentes cujos problemas teriam sido incuráveis um ano antes estavam a receber segundas oportunidades de vida. Era entusiasmante. Ainda assim, havia problemas. As pessoas iludiam-se, acreditando que a medicina podia resolver tudo. Surgiam questões éticas, morais, jurídicas e financeiras até então imprevistas. E eu via médicos a tomar decisões em consulta com companhias de seguros, não com outros médicos.

“Isto só vai piorar”, disse eu ao Reverendo Gaines. Mas não era preciso ser génio para fazer essa previsão. A mensagem já estava escrita na parede. O hospital tinha sido alvo de vários processos, algo que acontecia mais frequentemente do que eu me lembrava. Mas a medicina estava a mudar. A ética parecia estar a ser reescrita. “Quem me dera que fosse como dantes”, disse o Reverendo Gaines. A minha solução era diferente. “O verdadeiro problema é não termos uma definição verdadeira de morte”, disse.

Desde o tempo dos homens das cavernas que ninguém apresentara uma definição exata de morte. Perguntava-me o que acontecia aos meus belos doentes, pessoas como a Eva, que num dia partilhavam tanto e no seguinte já não estavam. Em breve, o Reverendo Gaines e eu estávamos a perguntar a grupos que incluíam estudantes de medicina e teologia, além de médicos, rabinos e padres, para onde ia a vida. “Se não fica aqui, então onde?” Eu tentava definir a morte.

Abri-me a todas as possibilidades, até a algumas ideias tolas que os meus filhos propunham à mesa do jantar. Nunca lhes escondi o meu trabalho, o que ajudou a todos nós. Olhando para o Kenneth e a Barbara, concluí que o nascimento e a morte eram experiências semelhantes — cada uma o início de uma nova viagem. Mas, mais tarde, concluiria que a morte era a mais agradável das duas, muito mais pacífica. O nosso mundo estava cheio de nazis, SIDA, cancro e coisas dessas.

Notei como os doentes, mesmo os mais zangados, relaxavam nos momentos que antecediam a morte. Outros pareciam ter experiências vivíssimas com entes queridos já falecidos quando se aproximavam da própria morte,

conversando com pessoas que eu não via. Em praticamente todos os casos, a morte era precedida por uma serenidade peculiar.

E depois? Essa era a pergunta a que eu queria responder.

Só podia formular juízos com base nas minhas observações. E, quando morriam, eu não sentia nada. Tinham partido. Num dia eu podia falar e tocar alguém e, na manhã seguinte, já não estavam. O corpo estava, mas era como tocar num pedaço de madeira. Faltava qualquer coisa. Algo físico. A própria vida.

“Mas sob que forma é que a vida partia?”, continuava a perguntar. “E para onde, se é que ia para algum lado? O que é que as pessoas experimentavam no momento em que morriam?”

A certa altura, os meus pensamentos voltaram à viagem a Maidanek, vinte e cinco anos antes. Nessa altura, eu caminhara pelos barracões onde homens, mulheres e crianças tinham passado as últimas noites antes de morrer nas câmaras de gás. Lembrei-me de ficar enfeitiçada ao ver borboletas desenhadas nas paredes e de me perguntar: Porquê borboletas…?

Agora, num lampejo de clareza, percebi. Aqueles prisioneiros eram como os meus doentes em fim de vida e sabiam o que ia acontecer. Sabiam que, em breve, se tornariam borboletas. Uma vez mortos, sairiam daquele lugar infernal. Já não seriam torturados. Já não estariam separados das famílias. Já não seriam enviados para câmaras de gás. Nada dessa vida hedionda importava mais. Em breve deixariam os corpos como a borboleta deixa o casulo. E entendi que era essa a mensagem que queriam deixar às gerações futuras.

Também me deu a imagem que eu usaria, para o resto da carreira, para explicar o processo de morte e morrer. Mas eu ainda queria saber mais. Um dia, voltei-me para o meu parceiro ministro e disse: “Vocês estão sempre a dizer: ‘Pedi e ser-vos-á dado.’ Muito bem, eu estou a pedir. Ajudem-me a investigar a morte.” Ele não tinha resposta pronta, mas ambos acreditávamos que a pergunta certa costuma obter uma boa resposta.

Uma semana depois, uma enfermeira falou-me de uma mulher que, na sua opinião, poderia ser uma boa candidata a entrevista. A Sra. Schwartz tinha entrado e saído da UCI mais de uma dúzia de vezes. De cada vez, esperava-se que morresse. De cada vez, esta mulher espantosamente resiliente e determinada sobrevivia. As enfermeiras olhavam para ela com uma mistura de assombro e respeito. “Acho que ela também é um bocadinho estranha”, disse-me a enfermeira. “Assusta-me.”

Não havia nada de assustador na Sra. Schwartz quando a entrevistei para o seminário de Morte e Morrer. Explicou que o marido era esquizofrénico e atacava o filho mais novo, um rapaz de dezassete anos, sempre que tinha um episódio psicótico. Temia que, se morresse antes de o filho atingir a

maioridade, a vida dele ficasse em perigo. Com o marido como único tutor legal, não havia como saber o que poderia acontecer quando perdesse o controlo. “É por isso que ainda não posso morrer”, explicou.

Reconhecendo as suas preocupações reais, chamei um advogado da Legal Aid Society, que ajudou a transferir a custódia da criança para um familiar mais saudável e fiável. Aliviada, a Sra. Schwartz deixou o hospital mais uma vez, grata por poder viver em paz o tempo que lhe restava. Não esperava voltar a vê-la.

Quase um ano depois, no entanto, bateu à porta do meu gabinete, a suplicar para regressar ao meu seminário. Disse que não. A minha política era não repetir casos. Os alunos tinham de ser capazes de falar com completos estranhos sobre os assuntos mais tabu. “Mas é por isso que preciso de falar com eles”, disse. Depois de uma longa pausa, acrescentou: “E contigo.”

Uma semana depois, conduzi relutantemente a Sra. Schwartz perante um novo grupo de estudantes. Ao princípio, contou a mesma história que eu já ouvira. Felizmente, a maioria dos alunos não. Desapontada comigo por a ter deixado voltar, interrompi e perguntei: “O que era tão urgente para teres de voltar ao meu seminário?” Foi o único incentivo de que precisou. Mudando de marcha, a Sra. Schwartz relatou aquilo que acabou por ser a primeira experiência de quase-morte que algum de nós tinha ouvido — embora não lhe chamássemos isso.

O incidente aconteceu no Indiana. Abatida por uma hemorragia interna, a Sra. Schwartz foi levada às pressas para um hospital e colocada num quarto privado, onde a sua condição foi declarada “crítica” e demasiado grave para ser enviada de volta a Chicago. Sentindo que desta vez estava perto da morte, debateu consigo mesma se chamava ou não uma enfermeira. Perguntou a si própria quantas vezes mais queria passar por esse suplício de vida ou morte. Agora que o filho estava acautelado, talvez estivesse pronta para morrer.

Foi muito franca. Uma parte dela queria deixar-se ir. Mas outra parte queria sobreviver até o filho atingir a maioridade.

Enquanto debatia o que fazer, uma enfermeira entrou no quarto, olhou para ela e saiu a correr sem dizer uma palavra. Segundo a Sra. Schwartz, precisamente nesse momento flutuou para fora do corpo físico e em direção ao teto. Depois, uma equipa de reanimação irrompeu no quarto e trabalhou freneticamente para a salvar.

Durante todo o tempo, a Sra. Schwartz observou lá de cima. Absorveu cada pormenor. Ouviu o que todos diziam. Chegou até a pressentir o que pensavam. Notavelmente, não sentia dor, medo ou ansiedade por estar fora do corpo. Apenas uma enorme curiosidade e espanto por não a ouvirem. Pedia

repetidamente que parassem com o heroísmo e garantia-lhes que estava bem. “Mas eles não ouviam”, disse.

Acabou por descer e dar um toque num dos internos, mas, para seu espanto, o braço passou-lhe através do braço. Nesse momento, tão frustrada quanto os médicos, a Sra. Schwartz descreveu que desistiu deles. “Depois perdi a consciência”, explicou. Passados quarenta e cinco minutos, a última observação da Sra. Schwartz foi vê-los a cobri-la com um lençol e a declará-la morta, enquanto um interno ansioso e derrotado contava anedotas. Mas três horas e meia mais tarde, uma enfermeira entrou no quarto para remover o corpo e, em vez disso, encontrou a Sra. Schwartz viva.

A extraordinária história dela cativou toda a gente no auditório. As pessoas viraram-se de imediato para quem estava ao lado e começaram a tentar decidir se deviam acreditar ou não no que acabavam de ouvir. Afinal, a maioria na sala eram cientistas. Perguntavam-se se ela estaria louca. A própria Sra. Schwartz tinha a mesma dúvida. Quando perguntei por que estava disposta a contar-nos esta experiência, perguntou: “Estou psicótica agora também?”

Não, de modo nenhum. Nessa altura, já conhecia suficientemente bem a Sra. Schwartz para saber que era muito sã e dizia a verdade. Ainda assim, a Sra. Schwartz não estava tão segura e precisava de confirmação. Antes de sair, voltou a perguntar: “Acha que eu estava psicótica?” Soava angustiada, enquanto eu tinha pressa de encerrar a sessão. Por isso respondi declarando: “Eu, Dra. Elisabeth Kübler-Ross, posso atestar que não está, nem nunca esteve, psicótica.”

Com isso, a Sra. Schwartz recostou finalmente a cabeça na almofada e relaxou. Nesse instante, soube que ela não era nada louca. Aquela mulher tinha todos os parafusos no sítio.

Na discussão que se seguiu, os alunos quiseram saber por que motivo eu tinha fingido acreditar na Sra. Schwartz, em vez de admitir que ela alucinara tudo. Surpreendentemente, não creio que houvesse alguém na sala que acreditasse que o que a Sra. Schwartz experienciou era real — que, no momento da morte, os seres humanos mantêm uma consciência, que conseguem continuar a observar, a ter pensamentos, a não sofrer dor, e que isso nada tem a ver com psicopatologia.

“Então como chama a isso?”, perguntou outro aluno.

Não tinha uma resposta pronta, o que irritou os meus alunos, mas expliquei que havia ainda muitas coisas que não sabíamos ou não compreendíamos, o que não negava a sua existência. “Se eu soprasse agora um apito para cães, nenhum de nós o ouviria”, disse. “Mas todos os cães ouviriam. Isso significa que não existe?” Seria possível que a Sra. Schwartz estivesse numa frequência diferente da nossa? “Como é que ela repetiu uma anedota que um dos médicos

contou? Expliquem isso." Só porque não fomos capazes de ver o que ela viu, isso invalida a realidade da sua visão?

Respostas difíceis teriam de chegar no futuro. Mas concluí explicando que a Sra. Schwartz tinha um motivo para aparecer no seminário. Como nenhum aluno foi capaz de adivinhá-lo, expliquei que era puramente uma preocupação maternal. Além disso, a Sra. Schwartz sabia que o seminário era gravado em fita e tinha oitenta testemunhas. "Se o episódio tivesse sido rotulado de psicótico, então os arranjos legais para a custódia do filho poderiam ter sido anulados", disse. "O marido poderia então ter assumido o controlo da criança e destruído-lhe a paz de espírito. Estava ela louca? Absolutamente não."

A história da Sra. Schwartz perseguiu-me durante semanas, porque eu sabia que o que lhe aconteceu não podia ser uma experiência única. Se uma pessoa que tinha morrido era capaz de recordar algo tão extraordinário como uma equipa de médicos a tentar trazê-la de volta depois de os sinais vitais terem parado, então outros provavelmente também o poderiam. De repente, o Reverendo Gaines e eu transformámo-nos em detetives. A nossa intenção era entrevistar vinte pessoas que tinham sido reanimadas depois de os sinais vitais indicarem que tinham morrido. Se o meu pressentimento estivesse certo, em breve abriríamos a porta a uma faceta completamente nova da condição humana, uma nova consciência da vida.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Vida Depois da Morte

Como investigadores, o Reverendo Gaines e eu mantivemos distância. Não, não foi por termos tido um desentendimento. Foi antes porque concordámos em não comparar notas até que cada um tivesse vinte casos. Percorremos sozinhos os corredores. Recorremos a recursos externos. Fizemos perguntas e seguimos pistas em busca de doentes que se enquadrassem nos nossos critérios. Nunca tivemos de pedir a um doente que fizesse mais do que contar-nos o que acontecera ou o que sentira. Estavam tão ansiosos por ter alguém interessado em ouvir que as histórias simplesmente jorravam.

E quando finalmente comparamos notas, ficámos estupefactos — e exultantes para lá do descritível — com o material que recolhemos. "Sim, vi o meu pai como se fosse dia claro", confessou-me um doente. Outra pessoa agradeceu ao Reverendo Gaines por perguntar. "Estou tão contente por poder falar com alguém sobre isso. Toda a gente a quem contei tratou-me como se eu fosse louco, e foi tão bonito e pacífico." Continuámos. "Voltei a ver", disse uma mulher que ficara cega num acidente. Mas, assim que foi trazida de volta ao mundo, a visão abandonou-a de novo.

Isto aconteceu muito antes de alguém ter escrito sobre experiências de quase-morte ou vida depois da morte, pelo que sabíamos que as nossas conclusões seriam alvo de ceticismo, descrença total e ridículo. Mas bastou um caso para me convencer. Uma rapariga de doze anos disse-me que escondera a sua experiência de morte da mãe. Explicou que tinha sido uma experiência tão agradável que não queria voltar. “Não quero dizer à minha mamã que há uma casa mais bonita do que a nossa”, disse.

Acabou por contar ao pai todos os detalhes, incluindo como tinha sido carinhosamente abraçada pelo irmão. Isso chocou-o. Até então, quando o admitiu, ela nunca soubera que, na verdade, tinha tido um irmão. Ele morrera alguns meses antes de ela nascer.

Enquanto pensávamos no que fazer com as nossas descobertas, as nossas vidas continuaram a seguir rumos diferentes. Ambos andávamos à procura de alternativas fora da atmosfera sufocante do hospital. O Reverendo Gaines saiu primeiro. No início de 1970, assumiu uma igreja em Urbana. Adotou também o nome africano Mwalimu Imara. Durante todo esse tempo, eu esperava ser a próxima a sair, mas, até poder fazê-lo, tinha de continuar os seminários. Não eram algo que eu conseguisse fazer tão bem sem o meu parceiro único. O antigo chefe dele, o Pastor N., tomou o seu lugar. Mas faltava-nos tanta química que um aluno chegou a pensar, por engano, que o Pastor N. era o médico e eu a conselheira espiritual. Foi deprimente.

Eu estava prestes a desistir, e finalmente chegou a sexta-feira em que decidi que aquele seria o último seminário de Morte e Morrer da minha carreira. Sempre fui dada a extremos. Depois, aproximei-me do Pastor N., preparando-me para lhe dizer que me ia embora. Estávamos junto ao elevador, a rever o seminário que acabara e a discutir alguns assuntos novos. Quando ele carregou no botão para chamar o elevador, decidi que tinha de aproveitar o momento, demitir-me antes de ele entrar e as portas se fecharem. Então foi tarde demais. As portas abriram-se.

Mal começara a falar quando uma mulher surgiu de repente entre o elevador e as costas do Pastor N. Fiquei de queixo caído. Essa mulher pairava no ar, quase translúcida, e sorria-me como se nos conhecêssemos. “Meu Deus, quem é aquela?”, perguntei numa voz estranha. O Pastor N. não fazia ideia do que se passava. A julgar pela maneira como me olhava, achou que eu estava a perder o juízo. “Acho que conheço aquela mulher”, disse. “Ela está a olhar fixamente para mim.”

“O quê?”, perguntou ele, olhando em redor e não vendo nada. “Do que é que está a falar?”

“Ela está à espera que você entre no elevador e, depois, virá”, disse eu.

O tempo todo, o Pastor N. provavelmente planeava a fuga. Saltou para dentro do elevador como se fosse uma rede de segurança. No instante em que ele se foi, aquela mulher — aquela aparição, aquela visão — veio direita a mim. “Dra. Ross, eu tinha de voltar”, disse. “Importa-se de irmos a pé até ao seu gabinete? Preciso de apenas uns minutos.”

Era só umas dezenas de metros até ao meu gabinete. Mas foi a caminhada mais estranha e excitante que alguma vez fiz. Estaria eu a ter um episódio psicótico? Andara sob algum stress, mas certamente não o suficiente para ver fantasmas. Especialmente fantasmas que paravam à porta do meu gabinete, a abriam e me deixavam entrar primeiro, como se eu fosse a visitante. Mas mal ela fechou a porta, eu reconheci-a.

“Sra. Schwartz!”

O que é que eu estava a dizer? Dez meses antes, a Sra. Schwartz morrera. E fora sepultada. No entanto, ali estava ela, no meu gabinete, ao meu lado. Tinha o seu ar habitual, agradável mas absorto. Eu, definitivamente, não me sentia assim; sentei-me antes que desmaiasse. “Dra. Ross, tive de voltar por duas razões”, disse com clareza. “Primeiro, para agradecer a si e ao Reverendo Gaines por tudo o que fizeram por mim.” Toquei na caneta, nos papéis e na chávena de café para me certificar de que eram reais. Sim, tão reais quanto o som da voz dela. “Contudo, a segunda razão por que voltei é para lhe dizer que não desista do seu trabalho sobre a morte e o morrer… ainda não.”

A Sra. Schwartz moveu-se para o lado da minha secretária e ofereceu-me um sorriso radiante. Isso deu-me um momento para pensar. Estaria isto mesmo a acontecer? Como sabia ela que eu planeava desistir? “Está a ouvir-me? O seu trabalho está apenas a começar”, disse. “Nós vamos ajudá-la.”

Embora fosse difícil até para mim acreditar no que se passava, não consegui impedir-me de dizer: “Sim, estou a ouvi-la.” De repente, senti que a Sra. Schwartz já conhecia os meus pensamentos e tudo o que eu ia dizer. Decidi pedir uma prova de que ela estava realmente ali: dei-lhe uma caneta e uma folha de papel e pedi-lhe que escrevesse uma breve nota para o Reverendo Gaines. Ela rabiscou um agradecimento rápido. “Está satisfeita agora?”, perguntou.

Honestamente, eu não sabia o que estava. Um momento depois, a Sra. Schwartz desvaneceu-se. Procurei-a por todo o lado, não encontrei nada, depois corri de volta ao gabinete e examinei a nota, tocando no papel, analisando a caligrafia, e por aí fora. Mas depois parei. Porquê duvidar? Porquê continuar a questionar?

Como aprendi desde então, se não se está preparado para experiências místicas, nunca se acreditará nelas. Mas, se se está aberto, então não só as

temos e acreditamos nelas; podem pendurar-nos pelos polegares e saberemos que as experiências são absolutamente reais.

De repente, a última coisa que queria no mundo era desistir do trabalho. Embora tenha abandonado o hospital alguns meses mais tarde, nessa noite fui para casa cheia de energia e entusiasmada com o futuro. Sabia que a Sra. Schwartz me impedira de cometer um erro terrível. A nota foi para o Mwalimu. Que eu saiba, ainda a tem. Durante muito tempo, ele foi a única pessoa a quem contei o meu encontro. O Manny ter-me-ia troçado, como todos os outros médicos. Mas o Mwalimu era diferente.

Elevámo-nos a outro plano. Até então, tentávamos definir a morte, mas agora olhávamos para além dela, para uma vida depois da morte. Embora ele tivesse a sua nova igreja, fizemos um acordo. Ambos concordámos em continuar a entrevistar doentes e a recolher dados sobre a vida após a morte. Eu tinha trabalho a fazer. Afinal, prometera-o à Sra. Schwartz.

PARTE III
"O BÚFALO"

CAPÍTULO VINTE E SEIS
Jeffy

Em meados de 1970, o Manny sofreu um ligeiro enfarte. Enquanto esteve no hospital, achei que não teria problema em levar os nossos filhos, o Kenneth e a Barbara, para o visitar. Afinal, o Manny trabalhava lá como consultor e o próprio hospital gabava-se de dar ao pessoal seminários baseados no meu livro. Havia razão para esperar verdadeiros avanços na forma como os doentes e as suas famílias eram tratados. Mas, da primeira vez que levei as crianças a ver o pai, fomos travados à porta da unidade coronária por um segurança que disse: "Crianças não são permitidas."

Rejeição? Eu conseguia lidar com isso, sem problema. A caminho do hospital, eu tinha reparado em obras no parque de estacionamento. Levei as crianças de volta para fora, acendi uma lanterna e guiei-as por um pátio que dava diretamente a um ponto por baixo da janela do Manny. De lá, erguemos cartazes e acenámos. Pelo menos, as crianças viram que o pai estava bem.

Medidas tão extremas deviam ter sido desnecessárias. As crianças passavam pelas mesmas etapas de perda que os adultos. Se não fossem ajudadas, ficavam bloqueadas e desenvolviam problemas graves que poderiam ter sido facilmente prevenidos. No Chicago Hospital, vi um rapazito subir e descer no elevador. Primeiro pensei que estivesse perdido, mas depois percebi que se estava a esconder. Finalmente, apercebeu-se de que eu o observava e reagiu atirando vários bocados de papel ao chão. Quando se foi embora, juntei esses

bocados, colei-os e vi que ele tinha escrito: “Obrigado por matarem o meu pai.” Bastavam algumas visitas para o terem ajudado a preparar-se para a perda.

Mas eu era a última a poder falar. Um mês antes de finalmente sair do hospital, um dos meus doentes terminais perguntou porque é que eu nunca trabalhava com crianças a morrer. “Caramba, se não tens razão”, exclamei. Embora dedicasse todo o meu tempo livre a ser mãe do Kenneth e da Barbara, que estavam a tornar-se miúdos simpáticos e inteligentes, evitava trabalhar com crianças em fim de vida. Era irónico, tendo em conta que eu quisera ser pediatra.

A razão da minha aversão deixou de ser segredo quando pensei nisso. Sempre que tinha contacto com uma criança em fase terminal, via o Kenneth ou a Barbara, e a ideia de perder um deles era-me inconcebível. Ainda assim, superei esse obstáculo ao aceitar um emprego no La Rabida Children’s Hospital. Ali tinha de trabalhar com crianças muito doentes, crónicas e em fim de vida. Foi a melhor coisa que fiz na vida.

Depressa me arrependi de não ter trabalhado com elas desde o início. Eram professores ainda melhores do que os adultos. Ao contrário dos doentes mais velhos, as crianças não tinham acumulado camadas de “assuntos por resolver”. Não tinham uma vida inteira de relações falhadas nem um currículo de erros. Nem se sentiam compelidas a fingir que estava tudo bem. Sabiam instintivamente quão doentes estavam, ou que, na verdade, estavam a morrer, e não escondiam o que sentiam.

O Tom, um menino cronicamente doente, é um bom exemplo do tipo de criança com quem trabalhei lá. Nunca se conformara com ter de estar sempre no hospital por problemas renais. Ninguém o ouvira. Como resultado, estava cheio de raiva. Não comunicava. As enfermeiras sentiam-se frustradas com ele. Em vez de me sentar à beira da cama, levei-o até a um lago ali próximo. Na margem, atirou pedras à água. Pouco depois, começou a vociferar contra o rim e todos os outros problemas que lhe impediam a vida de um rapaz normal.

Mas, passados vinte minutos, era outra criança. O meu único truque fora dar-lhe conforto para exprimir os sentimentos reprimidos. Eu também era boa ouvinte. Lembro-me de uma rapariga de doze anos que estava internada com lúpus. Vinha de uma família muito religiosa e o seu maior sonho era passar o Natal em casa com eles.

Entendi o significado, e não apenas porque o Natal também era especial para mim. Mas o médico dela recusou-se a deixá-la sair do hospital, receando que até uma ligeira constipação pudesse acabar por ser fatal.

“E se fizermos tudo para garantir que ela não apanha nenhuma?” perguntei.

Quando isso não o convenceu, a musicoterapeuta da menina e eu embrulhámo-la num saco-cama e contrabandeámo-la pela janela até casa,

onde cantou canções de Natal durante toda a noite. Embora tenha regressado ao hospital na manhã seguinte, nunca tinha visto uma criança tão feliz. Algumas semanas depois, quando morreu, o seu médico rigoroso admitiu que estava contente por o seu desejo mais importante ter sido cumprido.

Noutra ocasião, ajudei a equipa a lidar com a culpa pela morte súbita de uma adolescente. Apesar de estar tão doente que tinha de permanecer estritamente de cama, não estava demasiado doente para desenvolver uma paixão assolapada por um dos terapeutas ocupacionais. Tinha um espírito maravilhoso. Quando a equipa organizou uma festa de Halloween no serviço, ela participou, como exceção, numa cadeira de rodas. Foi uma festa selvagem, com música alta, e, num momento de espontaneidade, levantou-se da cadeira de rodas para dançar com o seu rapaz preferido. Mas de repente, após alguns passos, caiu morta.

Escusado será dizer que a festa terminou, e todos ficaram devastados pela culpa. Quando falei com a equipa, numa sessão de grupo, perguntei-lhes o que teria significado mais para essa rapariga — viver mais alguns meses como inválida ou dançar com o seu verdadeiro amor no meio de uma grande festa? "Se ela teve algum arrependimento, foi o de a sua dança não ter durado mais tempo", disse eu.

Não será isso verdade também para a vida em geral? Mas pelo menos ela dançou.

Aceitar o facto de que crianças morrem nunca é fácil, mas aprendi que as crianças em fase terminal, muito mais do que os adultos, dizem-te exatamente o que precisam para estar em paz. A maior dificuldade é conseguires ouvi-las. O meu melhor exemplo de sempre diz respeito ao Jeffy, um rapaz de nove anos que lutou contra a leucemia durante a maior parte da sua vida. Contei a sua história inúmeras vezes ao longo dos anos, mas revelou-se tão benéfica e, como um querido amigo, o Jeffy faz tanto parte da minha vida, que vou repetir algumas das minhas recordações sobre ele do meu livro Death Is of Vital Importance:

[Jeffy] entrava e saía do hospital. Estava muito doente quando o vi pela última vez no hospital. Tinha o sistema nervoso central afetado. Parecia um pequeno homem bêbedo. A sua pele estava muito pálida, quase descolorida. Mal conseguia manter-se de pé. Tinha perdido o cabelo muitas e muitas vezes depois da quimioterapia. Já não conseguia sequer olhar para as agulhas das injeções, e tudo era demasiado doloroso para ele.

Eu sabia que aquela criança tinha, no máximo, algumas semanas de vida. Nesse dia, foi um jovem médico recém-chegado quem passou na ronda. Quando entrei, ouvi-o dizer aos pais do Jeffy: "Vamos tentar outra quimioterapia."

Perguntei aos pais e ao médico se tinham perguntado ao Jeffy se ele estava disposto a passar por mais um ciclo de tratamentos. Como os pais o amavam incondicionalmente, deixaram-me colocar essa questão ao Jeffy na presença deles. Ele deu-me uma das respostas mais belas que já ouvi, no modo simples como as crianças falam. Disse apenas: “Eu não percebo vocês, adultos. Porque é que têm de nos deixar tão doentes para nos curarem?”

Falámos sobre isso. Foi a forma do Jeffy de exprimir uns breves segundos de raiva natural. Essa criança tinha autoestima, autoridade interior e amor-próprio suficientes para ter a coragem de dizer: “Não, obrigado”, que foi exatamente o que disse à quimioterapia. Os pais conseguiram ouvi-lo, respeitá-lo e aceitá-lo.

Depois quis despedir-me do Jeffy. Mas ele disse: “Não, quero ter a certeza de que hoje vou para casa.” Quando uma criança te diz: “Leva-me hoje para casa”, há um grande sentido de urgência, e tentamos não adiar. Perguntei então aos pais se estavam dispostos a levá-lo para casa. E tiveram amor e coragem suficientes para o fazer. E, de novo, tentei despedir-me. Mas o Jeffy, como todas as crianças ainda terrivelmente honestas e simples, disse-me: “Quero que venhas comigo para casa.”

Olhei para o relógio, o que, na linguagem simbólica e não verbal, significa: “Sabes, eu não tenho tempo para ir a casa de todas as minhas crianças.” Sem que eu dissesse uma palavra, o Jeffy percebeu de imediato e disse: “Não te preocupes, só vai demorar dez minutos.”

Fui com ele, sabendo que nesses dez minutos o Jeffy iria resolver os seus assuntos inacabados. Fomos de carro — os pais, o Jeffy e eu. Chegámos à garagem. Quando saímos, o Jeffy disse muito naturalmente ao pai: “Tira a minha bicicleta da parede.”

O Jeffy tinha uma bicicleta nova em folha, pendurada em dois ganchos na garagem. O sonho da sua vida, durante muito tempo, tinha sido dar uma volta ao quarteirão de bicicleta pelo menos uma vez. Por isso, o pai comprara-lhe uma bicicleta linda. Mas, devido à doença, nunca a pudera usar. Tinha ficado pendurada durante três anos. Agora, o Jeffy pediu ao pai para a tirar.

Com lágrimas nos olhos, pediu-lhe também que montasse as rodinhas de apoio. Não sei se consegues imaginar a humildade necessária para um rapaz de nove anos pedir rodinhas, que normalmente são só para crianças pequenas.

E o pai, com lágrimas nos olhos, montou-as na bicicleta do filho. O Jeffy parecia um homem embriagado, mal se aguentava de pé. Quando o pai acabou, o Jeffy olhou para mim e disse: “E tu, Dra. Ross, estás aqui para impedir a minha mãe.” O Jeffy sabia que a mãe tinha um problema, um assunto inacabado. Ela ainda não tinha aprendido o amor que sabe dizer “não” às suas próprias necessidades. O seu maior desejo era pegar o filho muito doente ao

colo como se fosse um bebé, segurá-lo e correr com ele em volta do quarteirão. Mas isso teria roubado ao Jeffy a maior vitória da sua vida.

Por isso segurei a mãe, e o marido segurou-me a mim. Sustivemo-nos uns aos outros e aprendemos, da forma mais dura, como às vezes é doloroso e difícil permitir a uma criança vulnerável e em fase terminal a vitória — e o risco — de cair, magoar-se e sangrar. Mas então o Jeffy partiu na bicicleta.

Após uma eternidade, voltou. Era o homem mais orgulhoso que alguma vez viste. Sorria de orelha a orelha. Parecia alguém que tivesse ganho uma medalha de ouro olímpica. Desceu da bicicleta com grande orgulho e, com enorme autoridade, pediu ao pai para tirar as rodinhas e levar a bicicleta para o quarto. Depois, muito sem sentimentalismos, com grande beleza e simplicidade, virou-se para mim e disse: “E tu, Dra. Ross, agora já podes ir embora.”

Duas semanas depois, a mãe telefonou-me: “Tenho de lhe contar o fim da história.”

Depois de eu sair, o Jeffy disse: “Quando o meu irmão chegar da escola” — o Dougy andava no primeiro ano — “manda-o subir ao meu quarto. Mas sem adultos, por favor.” Quando o Dougy chegou, foi como pedido ao quarto do irmão. Um pouco depois, voltou a descer, mas recusou-se a contar aos pais o que tinham conversado. Prometeu guardar segredo até ao aniversário, dali a duas semanas. Entretanto, o Jeffy morreu na semana anterior. O Dougy fez anos e então revelou o segredo.

No quarto, o Jeffy tinha-lhe dito que queria ter o prazer de lhe oferecer pessoalmente a sua bicicleta mais amada. Mas não podia esperar mais duas semanas até ao aniversário, porque nessa altura já estaria morto. Por isso, queria dá-la logo. Mas com uma condição: o Dougy nunca usaria aquelas malditas rodinhas.

Quando comecei a trabalhar com doentes terminais, os médicos acusaram-me de explorar pessoas que diziam estar para além da esperança. Foram eles que não quiseram ouvir-me quando eu defendia que os doentes em fase terminal podiam ser ajudados, e até curados, até ao fim. Demorou quase dez anos de trabalho árduo, mas a história do Jeffy, e as muitas outras milhares que aconteceram graças ao trabalho que fiz e inspirei, eram do tipo que eles não puderam deixar de ouvir.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Vida Depois da Morte

Até 1973, ajudei crianças em fase terminal em La Rabida a fazer a transição entre a vida e a morte. Ao mesmo tempo, assumi a responsabilidade de diretora do Family Service Center, uma clínica de saúde mental. Pensei que o pior que alguém poderia dizer de mim era que tentava fazer demasiado. Mas subestimei. Um dia, o administrador-chefe da clínica viu-me a atender uma pobre mulher e mais tarde repreendeu-me por dar consultas a pacientes que não podiam pagar. Isso era como dizer-me para não respirar.

Não estava disposta a parar com essa prática. Quem me contratava, contratava também aquilo em que eu acreditava. Durante os dias seguintes debatemos a questão. Enquanto eu argumentava que os médicos tinham a responsabilidade de tratar os necessitados, independentemente da sua capacidade de pagar, ele dizia que tinha um negócio para gerir. Acabou por tentar um compromisso, oferecendo-me a possibilidade de atender casos de caridade durante a minha hora de almoço. Mas, para garantir que podia controlar a forma como eu geria o meu tempo, ordenou-me que picasse o ponto.

Elisabeth e Louise, participante num workshop intitulado Vida, Morte e Transição, cerca de 1977

Não, obrigada. Demiti-me e, aos quarenta e seis anos, de repente tinha tempo para me dedicar a novos e entusiasmantes projetos, como o meu primeiro seminário Vida, Morte e Transição, uma série intensiva de uma semana com palestras em grupo, entrevistas com doentes terminais, sessões de perguntas e respostas e exercícios individuais concebidos para ajudar as pessoas a superar as lágrimas e a raiva das suas vidas — aquilo a que chamei os seus assuntos antigos e inacabados. Podia tratar-se da morte de um dos pais que nunca fora chorada, de um abuso sexual nunca admitido ou de outro trauma qualquer. Mas, uma vez expresso num ambiente seguro, o processo de cura começava e as pessoas passavam a ser capazes de viver vidas abertas e honestas que permitiam uma boa morte.

Em breve recebi convites para realizar estes seminários em todo o mundo. Cerca de mil cartas chegavam a casa todas as semanas. O telefone parecia tocar com a mesma frequência. A minha família sentiu as pressões crescentes que a minha popularidade nos impunha, mas apoiou-me. A minha investigação sobre a vida depois da morte ganhou um ímpeto imparável. Ao longo do início da década de 1970, o Mwalimu e eu entrevistámos cerca de vinte mil pessoas que correspondiam a esse perfil, com idades entre dois e noventa e nove anos, abrangendo culturas tão diversas como esquimós, nativos americanos, protestantes e muçulmanos. Em todos os casos, as experiências eram tão semelhantes que os relatos só podiam ser verdadeiros.

Até então eu não tinha absolutamente nenhuma crença numa vida após a morte, mas os dados convenceram-me de que não se tratava de coincidências nem de alucinações. Uma mulher, que tinha sido declarada morta após um acidente de viação, disse que regressou depois de ver o marido. Mais tarde, os médicos disseram-lhe que ele tinha morrido num outro acidente, noutro ponto da cidade. Noutro caso, um homem na casa dos trinta descreveu como se suicidara depois de perder a mulher e os filhos num acidente de carro. Mas, já morto, viu a família — que estava bem — e regressou.

Não só nos diziam que a experiência da morte estava isenta de dor; as pessoas relatavam que não queriam voltar. Depois de serem recebidas por entes queridos, ou guias, viajavam até um lugar tão amoroso e reconfortante que não desejavam regressar. Tinham de ser convencidas. “Ainda não é a tua hora” era algo que praticamente todos ouviam. Lembro-me de ver um rapaz de cinco anos desenhar uma figura para tentar explicar à mãe como tinha sido agradável a sua experiência de morte. Primeiro desenhou um castelo cheio de cores vivas e disse: “Aqui é onde Deus vive.” Depois acrescentou uma estrela brilhante. “Quando vi a estrela, ela disse: ‘Bem-vindo a casa.’”

Elisabeth num encontro com a Madre Teresa, meados de 1970

Estas descobertas notáveis conduziram a uma conclusão científica ainda mais extraordinária: a de que a morte não existia — não na sua definição tradicional. Senti que qualquer nova definição teria de ir além da morte do corpo físico. Teria de considerar a prova que tínhamos de que o ser humano possuía também alma e espírito, uma razão superior para a vida, uma poesia, algo mais do que mera existência e sobrevivência, algo que continuava.

Os doentes em fase terminal passavam pelas cinco etapas, mas depois, "quando terminamos todo o trabalho para o qual fomos enviados à Terra, podemos despir o corpo, que aprisiona a alma como o casulo encerra a futura borboleta" e... bem, então a pessoa vivia a maior experiência da sua vida. Não importava se a causa da morte era um acidente de viação ou cancro (embora alguém que morresse num acidente de avião ou noutro episódio súbito e inesperado pudesse não perceber de imediato que tinha morrido), na morte não havia dor, medo, ansiedade ou tristeza. Apenas o calor e a serenidade de uma transformação em borboleta.

Segundo as entrevistas que recolhi, a morte acontece em várias fases distintas.

FASE UM: Na primeira fase, as pessoas flutuavam para fora do corpo. Não importava se alguém sofria paragem cardíaca numa sala de operações, morria num acidente de carro ou cometia suicídio, todos relatavam estar totalmente conscientes da cena que tinham deixado. Flutuavam para fora do corpo como borboletas a sair do casulo. Assumiam uma forma etérea. Sabiam o que estava a acontecer, ouviam as conversas das outras pessoas, contavam o número de médicos a trabalhar nelas ou viam os esforços para as libertar de veículos destruídos. Um homem relatou até a matrícula do carro que o atropelara e fugira. Outros repetiram as palavras ditas pelos familiares ao lado da sua cama no momento da morte.
Nesta primeira fase, também sentiam uma plenitude. Por exemplo, se alguém tinha sido cego, recuperava a visão. Se tinha estado paralisado, agora movia-se com facilidade e alegria. Uma mulher contou como tinha adorado dançar por cima do seu quarto de hospital, e como ficou profundamente deprimida quando teve de regressar. De facto, a única queixa das pessoas com quem falei era a de não terem ficado mortas.

FASE DOIS: Neste momento, as pessoas já tinham deixado o corpo para trás e relatavam estar num estado de vida após a morte que só podia ser definido como espírito e energia. Sentiam consolo ao descobrir que nenhum ser humano morria sozinho. Não importava onde ou como tivessem morrido, podiam ir a qualquer lugar à velocidade do pensamento. Alguns pensavam na tristeza que a família iria sentir com a sua morte e, de repente, já estavam com eles, mesmo que estivessem do outro lado do mundo. Outros, que tinham morrido em ambulâncias, lembravam-se de visitar amigos no trabalho.

Achei esta fase particularmente reconfortante para os que tinham de fazer o luto por uma morte súbita e trágica. É uma coisa quando alguém definha durante muito tempo com cancro: tanto o paciente como a família têm tempo para se preparar para a morte. Um acidente de avião não é assim tão simples. Quem morre fica tão confuso quanto a família, e nesta fase tem tempo para perceber o que aconteceu. Tenho a certeza de que os que morreram a bordo do voo 800 da TWA estiveram com as suas famílias na cerimónia de homenagem na praia.

Todos os entrevistados se lembravam de esta ser também a fase em que conheciam os seus anjos da guarda, guias ou — como as crianças frequentemente lhes chamavam — companheiros de brincadeira. Descreviam-nos como guias, que os confortavam com amor e os apresentavam a pais, avós, familiares ou amigos já falecidos. Era recordado como um momento de reencontro alegre, partilha, conversa e abraços.

FASE TRÊS: Guiados pelo anjo da guarda, os entrevistados entravam na terceira fase, atravessando aquilo que vulgarmente era descrito como um túnel ou portão de transição, embora alguns relatassem imagens diferentes — uma ponte, um desfiladeiro, um ribeiro bonito — basicamente o que fosse mais confortável para eles. Criavam-no com energia psíquica e, no final, viam uma luz intensa.

À medida que os guias os aproximavam, sentiam a luz irradiar calor, energia, espírito e amor. Amor acima de tudo. Amor incondicional. As pessoas relatavam que a sua força era avassaladora. Sentiam excitação, paz, tranquilidade e a antecipação de finalmente regressar a casa. A luz, diziam, era a fonte suprema da energia do universo. Uns chamavam-lhe Deus. Outros, Cristo ou Buda. Mas todos concordavam numa coisa: eram envolvidos por um amor esmagador. O mais puro de todos os amores, o amor incondicional. Depois de ouvir milhares de pessoas descreverem a mesma viagem, percebi porque nenhuma queria regressar ao corpo físico.

Mas os que regressavam relatavam que isso tinha o mesmo efeito profundo nas suas vidas. Era como uma experiência religiosa. Alguns recebiam grande conhecimento. Outros voltavam com avisos proféticos. Outros ainda com novas perceções. Mas todos experienciavam a mesma epifania: ver a luz ensinava-lhes que só havia uma explicação para o sentido da vida, e essa era o amor.

FASE QUATRO: Nesta fase, as pessoas relatavam estar na presença da Fonte Suprema. Alguns chamavam-lhe Deus. Outros relatavam simplesmente saber que estavam rodeados de todo o conhecimento existente — passado, presente e futuro. Era não julgadora e amorosa. Os que aqui chegavam já não precisavam da forma etérea. Tornavam-se energia espiritual, a forma que o ser

humano assume entre vidas e ao concluir o seu destino. Experimentavam uma unidade, uma plenitude da existência.

Nesse estado, passavam por uma revisão de vida, um processo em que confrontavam a totalidade da sua existência. Reviviam cada ação, palavra e pensamento. Eram levados a compreender as razões de cada decisão, pensamento e ação que tiveram. Vi-am como as suas ações afetaram outras pessoas, incluindo desconhecidos. Vi-am como as suas vidas poderiam ter sido, o potencial que tinham. Mostravam-lhes que a vida de todos está interligada, que cada pensamento e ação gera um efeito dominó sobre todos os seres vivos do planeta.

Interpretei isto como sendo o céu ou o inferno. Talvez ambos.
O maior dom que Deus deu ao homem foi o livre-arbítrio. Mas isso exige responsabilidade — a responsabilidade de fazer as escolhas certas, as melhores, as mais refletidas e respeitosas, escolhas que beneficiem o mundo, escolhas que melhorem a humanidade. Nesta fase, as pessoas relatavam ser-lhes perguntado: “Que serviço prestaste?” Era a pergunta mais difícil de responder. Exigia confrontar se tinham ou não feito as melhores escolhas na vida. Descobriam se tinham ou não aprendido as lições que lhes estavam destinadas, sendo a maior delas o amor incondicional.

A conclusão básica a que cheguei, e que permaneceu inalterada, é que os seres humanos, ricos ou pobres, americanos ou russos, têm necessidades, desejos e preocupações semelhantes. Na verdade, nunca conheci ninguém cuja maior necessidade fosse outra que não o amor.
O verdadeiro amor incondicional.

Podes encontrá-lo num casamento ou num simples ato de bondade para com alguém que precisa de ajuda. Mas não há como enganar o amor. Sente-lo no coração. É a fibra comum da vida, a chama que aquece a alma, que dá energia ao espírito e paixão à vida. É a nossa ligação a Deus e uns aos outros.
Todas as pessoas passam por lutas na vida. Algumas são grandes, outras parecem menos importantes. Mas são as lições que temos de aprender.

Fazemo-lo através da escolha. Para ter uma boa vida, e assim uma boa morte, digo às pessoas que façam as suas escolhas com o objetivo do amor incondicional, perguntando: “Que serviço estou a prestar?” A escolha é a liberdade que Deus nos deu; a liberdade de crescer e amar.

A vida é uma responsabilidade. Eu tive de escolher se aconselhava ou não uma mulher em fase terminal que não podia pagar. Fiz a minha escolha com base no que senti no coração ser o certo, mesmo que me custasse o emprego. Para mim estava bem. Haveria outras escolhas. A vida está cheia delas.

No fim de contas, cada pessoa escolhe se sai do tambor esmagada ou polida.

CAPÍTULO VINTE E OITO
Prova

Durante seis meses, em 1974, fiquei noites em claro a escrever à máquina o meu terceiro livro, Death: The Final Stage of Growth. Só pelo título, pensar-se-ia que eu tinha todas as respostas sobre a morte. Mas, no dia em que o terminei, 12 de setembro, a minha mãe morreu no lar suíço onde passara os últimos quatro anos e dei por mim a perguntar a Deus porque é que fizera desta mulher, que durante oitenta e um anos só dera amor, abrigo e afeto, um vegetal, e a mantivera nesse estado por tanto tempo. Até no funeral, amaldiçoei-O pela sua crueldade.

Depois, por mais inacreditável que pareça, mudei de ideias e cheguei mesmo a agradecê-Lo pela sua generosidade. Parece loucura, não é? Também me pareceu — até me ocorrer que a lição final da minha mãe tinha sido aprender a receber carinho e cuidados, algo em que nunca fora boa. A partir daí, louvei a Deus por lhe ter ensinado isso em apenas quatro anos. Quero dizer, podia ter demorado muito mais.

Embora a vida se desenrole cronologicamente, as lições chegam quando são necessárias. Apenas na Páscoa anterior eu tinha ido ao Havai para dirigir um seminário. As pessoas viam-me como especialista em vida. E o que aconteceu? Acabei por aprender uma lição imensamente importante sobre mim mesma. O seminário correu muito bem, mas foi uma experiência miserável, porque o homem que o organizou era um verdadeiro forreta. Reservara-nos um alojamento horrível, queixava-se de que comíamos demasiado e até nos cobrou o papel e os lápis de cera que usámos.

No regresso a casa, parei na Califórnia. Amigos foram buscar-me ao aeroporto e perguntaram como tinha corrido o seminário. Estava tão perturbada que não consegui responder. Tentando ser engraçados, disseram: “Conta-nos dos teus coelhinhos da Páscoa.” Por algum motivo, ao ouvir isso comecei a chorar incontrolavelmente. Toda a raiva e frustração que tinha reprimido na semana anterior jorrou cá para fora. Esse tipo de comportamento não era nada típico em mim.

Mais tarde, nessa noite, já sozinha no quarto, analisei o que tinha causado aquela explosão. A menção dos coelhinhos da Páscoa desencadeara a memória do momento em que o meu pai me mandara levar o Blackie ao talhante. De repente, toda a dor, raiva e injustiça que reprimira durante quase quarenta anos inundou-me. Chorei as lágrimas que devia ter chorado então. Também percebi que tinha uma “alergia” a homens forretas. Sempre que

conhecia um, ficava tensa, a reviver inconscientemente a morte do meu coelho preferido. Finalmente, aquele sovina do Havai levou-me ao ponto de explosão. Não foi surpreendente que, uma vez exteriorizados esses sentimentos, me sentisse muito melhor.

É impossível viver a vida ao mais alto nível sem nos libertarmos da negatividade, dos assuntos inacabados… dos nossos "coelhinhos pretos".

Se havia outro coelhinho preto dentro de mim, era a minha necessidade — enquanto "um nada de novecentas gramas" — de provar constantemente que era digna de estar viva. Aos quarenta e nove anos, não conseguia abrandar. O Manny também estava ocupado a construir a sua reputação. Não havia muito tempo para uma relação saudável. Pensei que o antídoto perfeito seria comprar uma quinta, um lugar recatado onde pudesse recarregar baterias, descansar com o Manny e dar às crianças experiências com a natureza semelhantes às que eu tivera em pequena. Imaginava muitos hectares, árvores, flores e animais. Se o Manny não partilhava o meu entusiasmo, pelo menos reconhecia que as viagens de carro em que procurávamos quintas eram oportunidades de estarmos juntos.

Na última saída do verão de 1975, encontrámos o local perfeito, na Virgínia. Campos dignos de livro ilustrado, incluindo montes sagrados indígenas. Adorei. O Manny parecia igualmente entusiasmado, a julgar pela forma como tirava fotografias com uma máquina cara que pedira emprestada a um amigo. Falámos disso no carro, a caminho do hotel em Afton, onde eu iria orientar um seminário no dia seguinte. Depois de me deixar, o Manny e os miúdos voltariam para Chicago.

Mas, ao entrar na cidade, passámos por uma casinha estranha. Uma mulher que estava na varanda correu até ao carro, agitando os braços freneticamente. Pensando que precisava de ajuda, o Manny parou. Afinal, a mulher, uma completa desconhecida, sabia onde eu ia ficar hospedada nessa noite e esperava pela minha passagem em frente à sua casa. Pediu-me que a seguisse lá dentro. "Tenho de lhe mostrar algo muito importante", disse.

Por mais estranho que pareça, não era incomum — não para mim. Nessa altura, já estava habituada a que as pessoas fizessem de tudo para falar comigo ou me dissessem que precisavam desesperadamente de me fazer uma pergunta. Como sempre tentava ser disponível, disse-lhe que tinha dois minutos. Aceitou, e segui-a até à sala de estar acolhedora. Apontou para uma fotografia sobre uma mesa. "Olhe." À primeira vista, parecia apenas uma flor bonita, mas, ao olhar mais de perto, vi que servia de poleiro a uma criatura com pequeno corpo, rosto e asas.

Virei-me para a mulher. Ela acenou com a cabeça. "É uma fada, não é?" perguntei, sentindo o coração acelerar.

“E o que acha?” respondeu ela.

Às vezes compensa não pensar tanto com a cabeça e sim com o instinto, e aquele era um desses momentos. Naquele ponto da minha vida, estava aberta a tudo. Quase todos os dias sentia como se um véu se levantasse para me dar acesso a um mundo que ninguém jamais tinha visto. Aquilo era prova. Um ponto de viragem. Normalmente teria pedido um café e ficado a falar sem parar com aquela mulher. Mas a minha família esperava no carro. Não tinha tempo para perguntas. Aceitei a foto como era.

“Quer uma resposta sincera ou uma resposta educada?” perguntei.
“Não importa”, disse ela. “Isso já me dá a sua resposta.”

Antes de me dirigir à porta, entregou-me uma Polaroid, fez sinal para que saísse para o jardim bem cuidado nas traseiras e disse-me para fotografar qualquer planta ou flor. Para agradar-lhe e sair dali rapidamente, tirei uma fotografia e esperei que a imagem revelasse. Segundos depois, surgiu outra fada em cima de uma flor. Parte de mim estava maravilhada. Parte questionava-se sobre qual seria o truque. E outra parte limitou-se a agradecer-lhe rapidamente e a regressar ao carro com o Manny e as crianças, embora lhes tivesse inventado uma história quando perguntaram o que a mulher queria. Infelizmente, havia cada vez mais coisas que não podia contar à minha família.

Antes de me deixar no hotel, o Manny entregou-me a máquina emprestada, achando que seria mais seguro eu levá-la comigo no avião do que correr o risco de ser roubada no motel onde iam pernoitar. Fez-me um sermão sobre a importância de cuidar de equipamento caro, discurso que já ouvira tantas vezes que nem lhe prestei atenção. “Prometo não lhe tocar”, disse eu, enquanto a punha ao ombro e depois ria sozinha com o paradoxo de prometer não lhe tocar ao mesmo tempo que a trazia pendurada.

Assim que fiquei sozinha, pensei logo nas fadas. Conhecia-as apenas das histórias que lera em pequena e porque falava com plantas e flores, mas isso nunca me fizera acreditar que existissem. Por outro lado, não conseguia parar de pensar naquela mulher estranha que as fotografara. Era uma prova poderosa, provocadora. Tal como o facto de eu própria ter conseguido captá-las com a Polaroid dela. Se fosse truque, era um truque muito bem feito. Mas não me parecia falso.

Desde a visita da Sra. Schwartz que aprendera a não descartar algo só porque não sabia explicar. Acreditava que todos eram acompanhados por um guia ou anjo da guarda. Nos campos de batalha da Polónia, nos barracões de Maidanek ou nos corredores de um hospital, muitas vezes tinha sentido estar a ser guiada por algo mais poderoso do que eu.
E agora, fadas?

Se estiveres preparado para experiências místicas, elas acontecem. Se estiveres aberto, terás os teus encontros espirituais.

Ninguém podia estar mais aberto do que eu quando voltei ao quarto do hotel. Peguei na máquina do amigo do Manny — o fruto proibido, já que prometera não lhe tocar —, conduzi até um campo relvado na orla da floresta, encontrei uma clareira diante de uma pequena colina e sentei-me. A cena fez-me lembrar o meu esconderijo secreto de infância, atrás da nossa casa em Meilen. Restavam três fotografias no rolo.

Três tentativas: na primeira, apontei à colina diante de mim, com as árvores ao fundo. Antes da segunda, desafiei: “Se eu tiver mesmo um guia e me consegues ouvir, mostra-te na próxima fotografia.” Disparei. A terceira ficou desperdiçada.

De volta ao hotel, arrumei a máquina e esqueci-me da experiência. Cerca de um mês depois, fui surpreendida pela memória. Corria para apanhar um voo de Nova Iorque para Chicago, carregando uma enorme sacola de iguarias para o meu marido nova-iorquino: uma dúzia de cachorros quentes kosher da Kuhn’s, vários quilos de salame kosher e cheesecake ao estilo nova-iorquino. Ao aterrar, o avião inteiro cheirava a delicatessen. Corri para casa, para surpreender o Manny, que só me esperava mais tarde nessa noite. Enquanto preparava o jantar, ele telefonou à procura de um dos miúdos. Em vez de soar feliz, disparou: “Bem, fizeste outra vez.”

“Fiz o quê outra vez?” perguntei, sem perceber.
“A máquina”, resmungou. Não fazia ideia de que máquina falava. Explicou, irritado, que era a máquina cara que pedira emprestada e me confiara na Virgínia. “Deves tê-la usado”, disse. “Mandei revelar o rolo e há uma foto no fim que está dupla. A porcaria deve estar estragada.”

De repente, lembrei-me da experiência. Ignorando a crítica, implorei-lhe que viesse rápido para casa. Mal entrou, pedi pelas fotos como uma criança impaciente. Se não as tivesse visto com os meus próprios olhos, nunca acreditaria no que mostravam. A primeira era do prado e da floresta. A segunda mostrava exatamente a mesma cena, mas, sobreposta em primeiro plano, surgia um índio alto, musculado, com ar estoico e os braços cruzados sobre o peito. Olhava diretamente para a câmara no momento em que tirei a foto. A expressão era muito séria. Sem brincadeiras.

Fiquei em êxtase, aos saltos por dentro. Aquelas fotos eram tesouros que guardaria por toda a vida. Eram provas concretas. Infelizmente, foram destruídas, juntamente com todas as minhas outras fotos, diários, cadernos e livros, quando a minha casa ardeu em 1994. Mas então só conseguia fitá-las, maravilhada. “Então é verdade”, murmurei.

O Manny, prestes a ralhar outra vez, perguntou o que eu tinha dito. “Nada”, respondi. Era pena não me sentir à vontade para partilhar todo o entusiasmo com o meu marido, mas ele não teria tolerado o que considerava uma perda de tempo. Tinha dificuldade em aceitar os meus estudos sobre a vida depois da morte. E fadas? Bem, os tempos em que nos apoiávamos mutuamente na escola de medicina e nas longas horas das nossas residências já tinham ficado para trás. Agora, com cinquenta anos e problemas cardíacos, o Manny queria assentar e acumular bens. Eu, em muitos aspetos, estava apenas a começar. Isso seria um problema.

CAPÍTULO VINTE E NOVE
Canalizar o Outro Lado

Eu tinha recebido auxílio. Agora precisava de ajuda. Tinha encontrado provas de que a vida continuava após a morte. Havia também fotografias de fadas e de guias. Tinham-me sido mostrados fragmentos de um mundo novo e inexplorado. Sentia-me como uma exploradora a aproximar-se do fim de uma longa viagem. Terra à vista. Ainda assim, não conseguia lá chegar sozinha. Disse às pessoas do meu círculo, cada vez mais amplo, que gostava que existisse alguém a quem pudesse recorrer, alguém que soubesse mais.

É claro que os mediadores que comiam tofu entraram em contacto comigo com todo o tipo de propostas para falar com os mortos e viajar a planos superiores de consciência. Mas não eram o meu tipo. Depois, no início de 1976, fui contactada por um casal de San Diego, Jay e Martha B., que prometeu apresentar-me a entidades espirituais. “Vais poder falar com elas”, garantiram os B. “Podes falar com elas e elas respondem.”

Isso prendeu a minha atenção. Falámos várias vezes ao telefone; depois marquei uma palestra em San Diego, nessa primavera, e fui visitá-los.

No aeroporto, os três abraçámo-nos como velhos amigos. Jay B., antigo operário da aviação, e a sua mulher, Martha, tinham sensivelmente a minha idade e pareciam um casal comum de classe média. Ele era calvo; ela era roliça. Levaram-me a casa, em Escondido, onde tinham um bom esquema montado. Desde que tinham fundado, no ano anterior, a sua Igreja da Divindade, tinham reunido um núcleo de cerca de cem seguidores.

O grande atrativo era a capacidade de B. para canalizar espíritos. Um canalizador entra num estado mental profundo, ou transe, para convocar o conhecimento de um espírito superior ou de um sábio falecido. As sessões tinham lugar num pequeno edifício, a “sala escura”, atrás da casa. “Chamamos-lhe o ‘fenómeno da materialização’”, disse ele, excitado. “Nem sei por onde começar a partilhar as lições que já recebemos.”

Quem me podia censurar pela minha excitação? No primeiro dia, juntei-me a vinte e cinco pessoas de todas as idades e tipos na sala escura, um edifício baixo sem janelas. Todos se sentaram em cadeiras dobráveis. B. colocou-me na primeira fila, um lugar de honra. Depois apagaram-se as luzes e o grupo começou a cantar, um zumbido suave e rítmico que cresceu até um cântico coletivo alto, que dava a B. a energia necessária para canalizar as entidades.

Apesar da expectativa, reservei o direito de ser cética, mas, quando o cântico atingiu um novo nível, quase eufórico, B. desapareceu atrás de um biombo. De repente, surgiu uma figura enormemente alta à minha direita. Era uma figura sombria. Mas, comparado com a Sra. Schwartz, tinha mais densidade e uma presença mais imponente. Media mais de dois metros e falava com voz profunda. “No fim da noite, estarás maravilhada mas mais confusa”, disse.

Eu já estava. Sentada na beira da cadeira, caí sob o seu feitiço cativante. Era incrível, e perguntei-me se estaria a viver o maior momento da minha vida. Ele cantou, cumprimentou o grupo e depois concentrou-se em mim, até ficar a pairar por cima de mim. Tudo o que fazia e dizia era deliberado e significativo. Chamou-me Isabel, o que faria mais sentido minutos depois, e disse-me para ser paciente, porque a minha alma gémea estava a tentar chegar.

Embora quisesse perguntar “que alma gémea?”, não consegui falar. Ele desapareceu e, após um longo momento de escuridão, materializou-se outra figura, completamente diferente. Apresentou-se como Salem. Tal como o primeiro espírito, não tinha qualquer semelhança com o índio que eu tinha fotografado antes. Salem era alto e esguio, vestido com uma túnica comprida e fluida e um turbante. Uma personagem e tanto. Quando se aproximou de mim, disse para comigo: “Se este tipo me tocar, caio morta.” No instante em que pensei isso, Salem desapareceu. Em seguida, a primeira figura voltou e explicou que o meu nervosismo tinha feito o Salem ir-se embora.

Passaram cinco minutos, tempo suficiente para eu me acalmar. Então Salem, o meu suposto alma gémea, reapareceu mesmo à minha frente. Embora os meus pensamentos o tivessem afugentado, decidiu pôr-me à prova, pousando as pontas dos pés na frente das minhas sandálias Birkenstock. Como isso não me assustou, inclinou-se ainda mais. Percebia-se que tinha cuidado para não me assustar — e não me assustou. Assim que desejei que se mexesse um pouco mais depressa, que fosse direto ao assunto, apresentou-se oficialmente, saudou-me como sua “amada irmã, Isabel” e depois ajudou-me delicadamente a levantar da cadeira, conduzindo-me para uma divisão nos fundos, totalmente às escuras, onde ficámos a sós.

Salem comportava-se de forma estranha e mística, mas também tranquilizadora e familiar. Avisando-me de que estava prestes a levar-me numa viagem especial, explicou que, noutra vida, no tempo de Jesus, eu fora uma professora sábia e respeitada chamada Isabel. Juntos, viajámos até uma tarde

agradável em que eu estava sentada numa encosta, a ouvir Jesus pregar a um grupo de pessoas.

Embora tivesse visualizado toda a cena, mal compreendia Jesus e perguntei: "Porque raio é que ele não fala normal?" Mas, assim que disse isso, ocorreu-me que os meus doentes terminais, como Jesus, muitas vezes comunicavam numa linguagem simbólica, como parábolas. Se estivermos sintonizados, conseguimos ouvi-la. Caso contrário, perde-se.

Nada me escapou nessa noite. Ao fim de uma hora, estava em sobrecarga, quase contente por a sessão ter terminado para poder deixar assentar toda a experiência. Havia muito a digerir, mais do que alguma vez esperara. Na minha palestra, no dia seguinte, deitei fora o que tinha preparado e partilhei o que acontecera na noite anterior. Em vez de me criticarem por loucura, reação que eu esperava, a audiência levantou-se para me aplaudir de pé.

Mais tarde, nessa última noite antes de regressar a Chicago, o B. levou-me à sala escura outra vez — sozinha. Havia em mim uma parte que queria ver novamente, para ter a certeza de que tudo era limpo. Desta vez B. demorou um pouco mais a canalizar, mas Salem acabou por aparecer. Ao cumprimentarmo-nos, sentei-me a desejar que a minha mãe e o meu pai pudessem ver até onde a sua filha mais nova tinha chegado na vida. De repente, Salem começou a cantar "Always"… "I'll be loving you…" Ninguém, além do Manny, sabia que essa canção era a favorita da família Kübler.
"Ele está bem a par", disse Salem, referindo-se ao meu pai. "Ele sabe."

Um dia depois, já de volta a Chicago, contei tudo ao Manny e aos miúdos. Ficaram de boca aberta. O Manny ouviu sem julgar; o Kenneth pareceu interessado; a Barbara, então com treze anos, foi a mais abertamente céptica, talvez até um pouco assustada. Qualquer reação era compreensível. Aquilo era demasiado fora da caixa para eles e eu não poupei pormenores. Mas esperava que o Manny, e talvez o Kenneth e a Barbara, mantivessem a mente aberta e, quem sabe, um dia chegassem a conhecer o Salem em pessoa.

Nos meses seguintes, voltei frequentemente a Escondido e conheci espíritos para além do Salem. Um guia em particular, chamado Mario, era um verdadeiro génio, que falava com eloquência sobre qualquer tema que eu levantasse — geologia, história, física ou cristais. Mas o meu laço era com o Salem. "A lua-de-mel acabou", disse ele uma noite. Evidentemente, isso significava conversas mais pesadas e filosóficas, porque, a partir daí, falámos sobretudo de ideias como emoções naturais e não naturais, educação de crianças e formas saudáveis de exteriorizar luto, raiva e ódio. Mais tarde, consegui incorporar essas teorias nos meus seminários.

Mas incorporá-las na vida doméstica era outra história. Devia ter sido um período de celebração. Lá estava eu, na vanguarda de uma investigação que mudaria e melhoraria um número incalculável de vidas. Mas quanto mais fundo

ia, mais difícil era para a minha família aceitar. O cientista no Manny tinha dificuldade em aceitar qualquer coisa relacionada com a vida após a morte. Na verdade, houve muitas discussões sobre se, como ele acreditava, os B. se estavam a aproveitar de mim. O Kenneth era suficientemente crescido para aprovar a mãe, como ele dizia, “a fazer o que lhe apetecia”, enquanto a Barbara ressentia o tempo que eu passava a trabalhar.

Acho que estava demasiado envolvida para notar a tensão que o meu trabalho causava na família até ser tarde demais. Esperava um dia conciliar estes mundos. Esse sonho parecia possível, se eu conseguisse finalmente encontrar uma quinta — ideia que ainda me interessava.

Mas esse sonho foi estilhaçado. Uma manhã, depois de eu sair para apanhar um avião para Minneapolis, o Salem telefonou para casa. Quantas vezes desejei poder falar com o Salem a partir de casa? Agora ligou, e, em vez de mim, foi o Manny quem atendeu. Foi a pior coisa do mundo. Ele não entendia a canalização, por mais claramente que eu lho explicasse. A mente lógica não deixava. Era matéria para grandes discussões. Para ele, o Salem soava como um estranho a disfarçar a voz. “Como é que consegues acreditar nessa treta?”, disse. “O B. está a aproveitar-se de ti.”

As coisas pareciam ter voltado ao normal quando instalámos uma piscina interior. Fazia muitos mergulhos relaxantes à meia-noite, quando regressava das palestras. E nada era tão indulgente como nadar enquanto a neve se acumulava do lado de fora das janelas envidraçadas. Em algumas ocasiões, até a família inteira se divertiu a chapinhar e a rir na água. No entanto, esse som feliz durou pouco. No Dia do Pai de 1976, depois de eu e as crianças levarmos o Manny a um jantar italiano chique, ficámos no parque de estacionamento e ele explicou porque é que o jantar fora tão tenso. Queria o divórcio. “Vou-me embora”, disse. “Arrendei um apartamento em Chicago.”

Ao princípio, pensei que o Manny estava a brincar. Depois arrancou sem sequer abraçar as crianças. De algum modo, não me via como parte de uma família divorciada, mais uma estatística. Tentei assegurar ao Kenneth e à Barbara que o pai voltaria. Disse a mim mesma que o Manny sentiria falta da minha comida, precisaria que lhe lavassem a roupa ou gostaria de receber os amigos do hospital no jardim, agora em plena floração. Mas, certa noite, quando abri a porta dos fundos para a Barbara e uma amiga, um homem saltou dos arbustos e entregou-me uma cópia dos papéis de divórcio que o Manny tinha apresentado em tribunal no dia anterior.

Uma vez, quando eu não estava em casa, o Manny voltou. Encontrei a área da piscina num caos, depois de uma festa que ele organizara. Isso deixou claro o que sentia por mim. Mas eu não ia lutar. A Barbara precisava de estabilidade, alguém que pudesse estar com ela todas as noites — e eu não podia. Disse ao Manny que podia ficar com a casa, arrumei o essencial — roupa, livros e roupa

de cama — em caixas e enviei-as para Escondido. Não fazia ideia para onde ir até perceber o que fazer da vida.

Precisando de apoio, voei para San Diego por um dia e consultei o Salem. Deu-me a compaixão de que eu desesperadamente precisava, bem como o tipo de orientação que eu esperava. “Que acharias de teres o teu próprio centro de cura no topo de uma montanha aqui perto?”, perguntou. Naturalmente, disse que sim. “Assim será”, disse ele.

Houve mais uma ida à minha casa de Frank Lloyd Wright, em Flossmoor, onde me despedi, cozinhei uma última vez na minha cozinha e, em lágrimas, aconcheguei a Barbara na cama. Depois mudei-me para a minha nova morada, uma casa móvel, em Escondido. Não é fácil recomeçar aos cinquenta anos, nem mesmo para alguém como eu, que tinha as respostas para as grandes questões da vida. O meu atrelado era pequeno demais para os meus livros, nem sequer cabia uma poltrona confortável. Poucos amigos ligaram para ajudar. Senti-me só, isolada, abandonada.

Aos poucos, o bom tempo acabou por ser o meu salvador, puxando-me para a vida saudável ao ar livre. Plantei uma horta e fiz longos passeios contemplativos por bosques de eucaliptos. A amizade dos B. aliviou a solidão e inspirou-me a olhar em frente. Passado um mês ou dois, comecei a recuperar. Comprei uma casinha adorável com uma marquise voltada para um prado encantador, espaço de sobra para os meus livros e uma encosta que cobri de flores silvestres.

Assim que o ímpeto de trabalhar regressou, fiz planos para criar o meu próprio centro de cura. À medida que a ideia deixava a fase de conversa, tentei dar sentido à estranha sucessão de acontecimentos que levara ao fim do meu casamento e à minha mudança para o outro lado do país, onde estava à beira do maior empreendimento da minha vida. Era impossível. Limitei-me a recordar a mim mesma que não existem acidentes. Agora que me sentia melhor, podia voltar a ajudar os outros.

Graças à orientação do Salem, encontrei o local perfeito para construir o centro — dezasseis hectares acima do Lago Wohlfert, com uma vista deslumbrante incluída. Enquanto inspecionava a propriedade, uma borboleta-monarca pousou-me no braço, um sinal a dizer-me que não precisava de procurar mais. “É aqui que temos de construir”, disse. Não foi nada fácil, como descobri quando pedi um empréstimo. Como o Manny sempre tratara de todo o nosso dinheiro, eu não tinha histórico de crédito. Mesmo tendo bons rendimentos das minhas palestras, ninguém me concedia um empréstimo. A insensatez quase me levou a simpatizar com o movimento feminista.

Mas a minha determinação e a falta de sentido para os negócios acabaram por vencer. Em troca da casa de Flossmoor, de todo o mobiliário e de alguma pensão de alimentos, o Manny concordou em pagar o terreno do centro de cura

e arrendá-lo de volta para mim. Depressa passei a conduzir, uma vez por mês, seminários intensivos de uma semana que ajudavam estudantes de medicina e enfermagem, pessoas em fase terminal e suas famílias a lidar com a vida, a morte e a transição de forma mais saudável e aberta.

Os seminários, inicialmente limitados a quarenta pessoas de cada vez, tinham uma longa lista de espera. Querendo curar pessoas em todas as dimensões da vida, pedi aos B., os meus mais próximos confidentes e apoiantes, que emprestassem os seus talentos ao projeto. Embora não tivessem participação financeira no centro, tratei-os como parceiros. A Martha coordenava as aulas de psicodrama, desenvolvendo exercícios que ajudavam as pessoas a romper episódios reprimidos de raiva e medo. Revelou de facto talento. Mas as sessões de canalização do marido continuavam a ser os momentos mais impressionantes e poderosos.

Ele era um canalizador forte, com carisma natural. O núcleo de seguidores da igreja mantinha-se fiel. Mas, com cada vez mais gente de fora a assistir às sessões, o B. por vezes tinha de se defender de quem acreditava que a sua canalização era uma fraude. Enfrentava esses desafios com um aviso severo: se alguém acendesse as luzes enquanto canalizava, corria o risco de prejudicar os espíritos — e muito possivelmente a ele também. Ainda assim, certa vez, enquanto B. canalizava uma entidade chamada Willie, uma mulher acendeu as luzes. A imagem foi inesquecível — o B. completamente nu.

O B. manteve-se em transe, enquanto o resto da sala entrou em pânico pela saúde do Willie, mas mais tarde explicou que era o seu método para fazer o espírito materializar-se através dele. Nada com que se preocupar.

Eu desconfiava de um guia chamado Pedro. Não sei porquê, mas um sexto sentido, em que aprendera a confiar, dizia-me que podia ser falso. Investiguei da vez seguinte em que o espírito apareceu, fazendo-lhe perguntas que só um génio poderia responder, perguntas que eu sabia estarem para lá do conhecimento do B. Não só o Pedro as tratou sem hesitar; tentou montar num cavalo de madeira usado no psicodrama, gracejou que era demasiado alto para ele, desapareceu e voltou um momento depois com mais quinze centímetros de altura. Depois olhou para mim e disse: “Vês? Eu sei que és cética.”

Depois disso, deixei de ter problemas com a credibilidade do Pedro. Estava no melhor quando fora dos seminários, só com o grupo antigo. Nessas sessões, tornava-se mais íntimo com cada pessoa, oferecendo conselhos sobre questões da vida pessoal. “Tem sido difícil para ti, Isabel, mas não tinhas escolha.” Por mais útil que fosse, notei que uma certa negatividade começava a infiltrar-se no seu repertório. Avisava que o futuro traria mudanças que iriam dividir o grupo e pôr à prova a credibilidade do B. “Cabe a cada um de vocês fazer a sua própria escolha”, explicava. Mais tarde percebi que se referia a rumores de acontecimentos estranhos, por vezes de teor sexual abusivo, na

sala escura, mas nessa altura eu não tinha conhecimento dessas histórias. Viajava tanto que muitas vezes ficava fora do circuito das mexeriquices.

Quanto ao futuro, não me preocupava, pois chegaria quer eu quisesse quer não, mas o Pedro parecia preparar-me mais a mim do que a qualquer outro para uma mudança. “O livre-arbítrio é o maior dom que o homem recebeu ao nascer neste planeta Terra”, dizia. “A cada momento fazes escolhas — no falar, no agir e no pensar — e todas elas são terrivelmente importantes. Cada escolha afeta todas as formas de vida no planeta.” Mesmo quando não compreendia porque se dizia algo nessas sessões, aprendi a aceitar. Os guias apenas forneciam conhecimento. Cabia-me a mim, como a toda a gente, decidir como usá-lo. Até então, tinha-me servido bem. “Obrigada, Isabel”, disse o Pedro, ajoelhando-se diante de mim. “Obrigada por aceitares o teu destino.”

Perguntei-me qual seria.

CAPÍTULO TRINTA

A Morte Não Existe

Sabendo que eu estava tão ocupada que as minhas palestras eram marcadas com um ou dois anos de antecedência, uma amiga perguntou-me um dia como geria a minha vida, como tomava as minhas decisões. A resposta surpreendeu-a. Eu disse: “Faço o que me parece certo, não o que é esperado.” Isso explicava porque é que eu continuava a falar com o meu ex-marido. “Foste tu que te divorciaste de mim, eu não me divorciei de ti”, dizia-lhe. Foi também essa a razão por que decidi fazer uma paragem não planeada em Santa Bárbara a caminho de uma palestra em Seattle. De repente, deu-me vontade de visitar uma velha amiga.

Era de esperar coisas destas de uma mulher que dizia às pessoas para viverem cada dia como se pudesse ser o último. A minha amiga ficou encantada quando lhe telefonei. Na verdade, esperava uma tarde agradável a beber chá. Mas, quando a irmã dela me recebeu no aeroporto, disse que havia uma mudança de planos.

“Disseram-me para não dizer nada”, explicou, desculpando-se.

O mistério esclareceu-se depressa. A minha amiga e o marido, um arquiteto conhecido, viviam numa bonita casa de estilo espanhol. Mal entrei, abraçaram-me e mostraram alívio por eu ter mesmo conseguido chegar. Havia alguma possibilidade de não chegar? Antes de ter tempo de perguntar se se passava alguma coisa, levaram-me para a sala e empurraram-me para uma cadeira. O marido da minha amiga sentou-se à minha frente e embalou-se, entrando em transe. Lancei um olhar interrogativo à minha amiga. “Ele é canalizador”, disse.

Ao ouvir isto, soube que a confusão se havia de desfazer, e virei novamente a atenção para o marido. Os olhos estavam fechados, a expressão muito séria e, à medida que o espírito tomava conta do corpo, parecia ter envelhecido cem anos. “Resultou trazer-te aqui”, disse, agora com uma voz estranha, urgente e idosa. “É importante que deixes de adiar. O teu trabalho com a morte e o morrer está concluído. Agora é tempo de começares a tua segunda missão.”

Ouvir doentes ou canalizadores nunca foi problema para mim, mas por vezes demorava a compreender o que diziam. “O que queres dizer com a minha segunda missão?” perguntei.

“É tempo de dizeres ao mundo que a morte não existe”, disse.

Embora os guias existam apenas para te ajudar a cumprir o teu destino e as promessas que fizeste a Deus, protestei. Precisava de mais explicação. Precisava de saber porque me tinham escolhido a mim. Afinal, era conhecida em todo o mundo como a Senhora da Morte e do Morrer. Como poderia dar a volta e dizer ao mundo que a morte não existia? “Porquê eu?” perguntei. “Porque não escolhem um pastor ou alguém assim?”

O espírito impacientou-se. Depressa me lembrou que eu própria escolhera o meu trabalho nesta vida na Terra. “Limito-me a dizer-te que é tempo”, disse. Depois lançou-se numa longa lista de razões pelas quais eu — e ninguém mais — era a pessoa pensada para esta missão especial, enumerando-as uma a uma: “Tinha de ser alguém da medicina e da ciência, não da teologia e da religião, já que estas não cumpriram a sua função e tiveram ampla oportunidade nos últimos dois mil anos. Tinha de ser uma mulher, não um homem. E alguém sem medo. E alguém que chegasse a muita gente e lhes desse a sensação de que falava com cada um pessoalmente…

“É isso. Chegou o momento”, concluiu por fim. “Tens muito para digerir.”

Sem dúvida. Depois de uma chávena de chá, eu, a minha amiga e o marido, totalmente esgotados física e emocionalmente, recolhemos aos nossos quartos. Sozinha, percebi que fora convocada para este fim específico. Nada acontecia por acaso. E o Pedro já não me tinha agradecido por aceitar o meu destino? Enquanto me deitava, perguntei-me o que o Salem teria a dizer sobre esta missão.

Mal pensei nisso, senti outra presença na cama. Abri os olhos.

“Salem!” exclamei.

Estava escuro, mas vi que se tinha materializado da cintura para cima. “A energia nesta casa estava tão alta que consegui compô-la durante apenas alguns minutos”, explicou. Maravilhei-me por o ter chamado sem a ajuda do B., algo que me fez sentir menos dependente dele. Obviamente, o B. já não detinha o monopólio destes momentos especiais. “Parabéns pela tua segunda

missão, Isabel", acrescentou o Salem, com a sua voz grave e familiar. "Desejo-te sorte."

Antes de partir, o Salem massageou-me a coluna e lançou-me num sono profundo. De volta a casa, reuni todo o saber e experiências que acumulara ao longo dos anos sobre a vida após a morte. Pouco depois, apresentei pela primeira vez a minha nova palestra, intitulada "A Morte e a Vida Depois da Morte". Foi tão de "gelar os nervos" como a primeira vez que substituí o Professor Margolin no púlpito. Mas a reação foi esmagadoramente positiva, o que provou que eu estava no caminho certo. Numa palestra no Sul profundo, enquanto respondia a perguntas, depois de entrevistar um homem em fase terminal, uma mulher, provavelmente com pouco mais de trinta anos, chamou-me a atenção. "A sua será a última pergunta", disse. Ela correu para o microfone. "Por favor, diga-me, o que acha que uma criança experiencia no momento da morte?"

Era a oportunidade perfeita para resumir a palestra. Descrevi como as crianças, tal como os adultos, deixam o corpo físico como uma borboleta emerge do casulo e depois passam pelas diferentes etapas da vida após a morte que eu já descrevera. Em seguida, mencionei que Maria muitas vezes ajuda quando estão envolvidas crianças.

Como um raio, a mulher correu para o palco e contou como o seu menino, o Peter, sofrendo de uma constipação forte, teve uma reação alérgica a uma injeção dada pelo pediatra e morreu na sala de exames. Enquanto ela e o pediatra esperavam "o que lhes pareceu uma eternidade" pela chegada do marido, vindo do trabalho, o Peter abriu milagrosamente os grandes olhos castanhos e disse: "Mamã, eu estava morto e com Jesus e Maria. Havia tanto amor. Eu não queria voltar. Mas a Maria disse-me que não era a minha hora."

Embora o Peter a ignorasse, Maria pegou-lhe na mão e declarou: "Tens de voltar. Tens de salvar a tua mamã do fogo."

Nesse instante, o Peter regressou ao corpo e abriu os olhos. A mãe, que partilhava esta história pela primeira vez desde que acontecera, treze anos antes, confessou que vivia num estado de miséria e depressão por saber que estava condenada "ao fogo", ou, como interpretava, condenada ao inferno. Não fazia ideia porquê. Afinal, era uma boa mãe, esposa e cristã. "Não parece justo", chorou. "Arruinou-me a vida inteira."

Não foi justo, mas eu sabia que podia ajudá-la a levantar-se rapidamente da depressão explicando que Maria, como outros seres espirituais, falava muitas vezes de forma simbólica. "Esse é o problema das religiões", disse eu. "As coisas são escritas de modo a poderem ser interpretadas ou, em muitos casos, mal-interpretadas." Disse-lhe que ia provar o meu ponto fazendo-lhe algumas perguntas, às quais queria que respondesse sem parar para pensar: "Como teria sido se Maria não tivesse enviado Pedro de volta para ti?"

Ela agarrou o cabelo e pareceu horrorizada. “Meu Deus, eu teria passado pelo inferno e pelo fogo”, disse.

“Queres dizer que terias andado pelo fogo?” perguntei.

“Não, isso é uma expressão”, explicou.

“Agora percebes?” perguntei. “Percebes o que Maria queria dizer quando disse a Pedro que tinha de te salvar do fogo?”

Não só percebeu, como nos meses seguintes, à medida que as minhas palestras e workshops iam ganhando popularidade, vi que as pessoas estavam mais do que prontas para aceitar a vida depois da morte. Porque não? A mensagem era positiva. Inúmeras pessoas partilhavam experiências semelhantes de deixar o corpo e viajar em direção a uma luz brilhante. Sentiam-se tão aliviadas por finalmente verem estas histórias confirmadas. Era revigorante.

Mas o stress de todas as mudanças dos últimos seis meses — o divórcio, a compra de uma nova casa, a abertura de um centro de cura e praticamente dar a volta ao mundo em palestras — estava a cobrar o seu preço. Sem pausa, era desgaste a mais. Finalmente, depois de uma digressão pela Austrália, tirei algum tempo para mim. Precisava desesperadamente. Com dois casais, reservei uma cabana isolada na montanha. Não tinha telefone nem correio, e cobras venenosas mantinham as pessoas afastadas. Era o paraíso.

Após uma semana, as tarefas diárias da vida rústica, como cortar lenha para o fogão e a lareira, já me faziam sentir de novo uma pessoa decente e descansada, e ainda esperava com entusiasmo mais uma semana, depois de os meus amigos partirem. Ficaria sozinho — perfeito. Mas, na noite antes da partida dos dois casais, decidiram ficar comigo. Fui para a cama deprimido.

Na escuridão, emocionalmente exausto e deprimido, tive vontade de clamar por ajuda. Tanta gente recorria a mim para resolver os seus problemas, mas quem tinha eu para carinho e apoio? Embora nunca tivesse chamado os meus espíritos fora de Escondido, eles tinham prometido vir se algum dia precisasse. “Pedro, preciso de ti”, disse baixinho.

Apesar da distância entre a Austrália e San Diego, em menos de um instante o meu fantasma preferido, Pedro, apareceu no quarto da cabana. Embora já soubesse o que eu pensava, ainda lhe perguntei se podia chorar no seu largo ombro. “Não, não podes fazer isso”, disse firmemente. Na mesma respiração acrescentou: “Mas posso fazer outra coisa por ti.” Lentamente estendeu o braço, colocou a minha cabeça na palma da sua mão aberta e disse: “Quando eu partir, compreenderás.” Enquanto estávamos sozinhos, tive a sensação de ser levado na palma da sua mão. Foi a sensação mais bela e satisfatória de paz e amor que alguma vez experienciei. Todas as minhas preocupações desapareceram.

Sem qualquer palavra de despedida, Pedro afastou-se silenciosamente. Não fazia ideia de que horas eram, se a noite apenas começava ou se já se aproximava o amanhecer. Não importava. No escuro, os meus olhos fixaram-se numa pequena estátua de madeira que estava na estante. Era de uma criança aninhada confortavelmente na palma de uma mão. De repente, fui envolvido pelos mesmos sentimentos de proteção, cuidado, paz e amor que tivera quando Pedro tocou a minha cabeça com a sua mão, e adormeci numa enorme almofada no chão.

Quando os meus amigos me acordaram na manhã seguinte, perguntaram porque não tinha ido para a cama. Ainda assim, comentaram como finalmente eu parecia descansado. Não consegui contar-lhes nada do que acontecera durante a noite, pois ainda estava demasiado abalado. Mas Pedro tinha razão. Eu compreendia. Milhões de pessoas no mundo tinham cônjuges, amantes, parceiros e afins. Mas quantas tinham o privilégio e o conforto de serem levadas na palma da Sua mão?

Não, já não me queixaria nem teria pena de mim próprio por não ter um ombro onde chorar. No meu coração, sabia que nunca estava sozinho. Tinha recebido o que precisava. Muitas vezes, como nessa noite, ansiava por um companheiro, por algum amor, por um abraço ou por um ombro onde me apoiar — algo que nunca encontrei.

Mas recebi outros dons, que poucos alguma vez experimentaram, e se pudesse trocá-los, teria recusado. Isso eu sabia.

A julgar pelo que acontecera recentemente, já não tinha dúvidas de que grande parte da vida consiste em descobrir o que já se sabe. Isso é particularmente verdade nas experiências e poderes espirituais. Veja-se a lição que aprendi com Adele Tinning, uma idosa de San Diego que falava diariamente com Jesus há setenta anos. Comunicavam através da sua pesada mesa de carvalho da cozinha, que se erguia e sacudia sob o sítio onde ela colocava as mãos, soletrando mensagens numa espécie de código Morse.

Uma vez, enquanto as minhas irmãs estavam de visita, levei-as a casa da Adele. Sentámo-nos à volta da mesa, que era tão pesada que os três não a conseguiríamos mover mesmo que quiséssemos, Adele fechou os olhos e riu baixinho. Então a mesa começou a oscilar sob as suas pontas de dedos. “A vossa mãe está aqui”, disse ela, abrindo os olhos castanhos e brilhantes. “Ela manda-vos dar os parabéns.” As minhas irmãs ficaram chocadas. Nenhum de nós tinha mencionado que também era o nosso aniversário.

Alguns meses depois, consegui realizar o feito eu próprio. Numa noite, enquanto preparava um jantar de vitela, as minhas duas hóspedes — freiras do Texas, uma delas cega — foram de carro à farmácia numa pequena tarefa, normalmente uma volta de dez minutos. Quando não regressaram ao fim de meia hora, comecei a preocupar-me. Sentei-me à mesa da cozinha e pensei no

que fazer. “Devo chamar a polícia?” perguntei em voz alta. “Terão sofrido um acidente?” De repente, a mesa moveu-se ligeiramente, bateu e deslizou, e ouvi alguém dizer em voz alta: “Não.” Quase saltei até ao tecto. “Estou a falar com Jesus?” perguntei. De novo a mesa mexeu-se e ouvi a mesma voz dizer: “Sim.” A experiência, de cortar a respiração, estava apenas a começar quando a porta dos fundos se abriu e as duas freiras entraram. Ao verem o que se passava, sorriram. “Ah, também consegues fazer a mesa?” exclamou a Irmã V, puxando uma cadeira. “Vamos fazê-lo juntas.” Foi a melhor coisa que alguma vez cozinhei na cozinha.

O que não quer dizer que me sentisse satisfeito. Em breve estava a liderar um workshop em Santa Bárbara. Na última noite do que tinham sido cinco dias intensos, não voltei à minha cabana antes das cinco da manhã. Quando me deitei, quase sem conseguir manter os olhos abertos, uma enfermeira entrou a correr e pediu para ver o nascer do sol comigo. “Nascer do sol?” gritei. “Seja minha convidada. Veja-o daqui, que eu vou dormir.”

Segundos depois, estava num sono profundo. Mas em vez de “cair” no sono, senti como se me elevasse para fora do corpo, cada vez mais alto, mas sem qualquer controlo ou medo. Uma vez no ar, percebi vários seres a segurarem-me e a levarem-me para um lugar onde me consertaram. Era como ter vários mecânicos a trabalhar num carro. Cada um tinha a sua especialidade — travões, transmissão e por aí fora. Num instante, tinham substituído todas as peças danificadas por novas e voltaram a colocar-me na cama.

De manhã, após apenas algumas horas de sono, acordei serenamente feliz. A enfermeira ainda estava no meu quarto, por isso contei-lhe o que acontecera. “Tiveste claramente uma experiência fora do corpo”, disse. Olhei para ela confuso. Afinal, eu não meditava nem comia tofu. Também não era californiano. Nem tinha guru ou Baba. O meu ponto? Não fazia a mínima ideia do que ela falava quando disse “experiência fora do corpo”. Mas se fossem assim, eu estava pronto para outro voo a qualquer momento.

CAPÍTULO TRINTA E UM

A Minha Consciência Cósmica

Depois da minha experiência fora do corpo, fui à biblioteca e encontrei um livro sobre o assunto. O autor chamava-se Robert Monroe, o famoso investigador, e em breve organizei outra viagem, desta vez à quinta de Monroe, na Virgínia, onde ele construiu o seu próprio laboratório de investigação. Durante anos, os únicos tipos de experiências mentais de que se ouvia falar estavam todos relacionados com drogas, contra as quais eu era. Por isso, imaginem a minha excitação quando vi o laboratório de Monroe — um espaço moderno cheio de

equipamento eletrónico e monitores, do tipo que me dava imediatamente uma sensação de credibilidade.

Eu estava lá para ter outra experiência fora do corpo. Para isso, entrei numa cabina insonorizada, deitei-me numa cama de água e coloquei uma venda nos olhos, eliminando toda a luz. Depois, um assistente pôs-me uns auscultadores. Para induzir a experiência, Monroe tinha concebido um método de estimulação do cérebro por meios iatrogénicos — ou seja, impulsos sonoros artificiais. Estes pulsos levavam o cérebro a entrar num estado meditativo e depois ainda além — o destino que eu procurava.

A minha primeira tentativa, no entanto, foi algo dececionante. O supervisor do laboratório ligou a máquina. Ouvi um som constante de apitos nos ouvidos. Os pulsos rítmicos começaram lentamente e depois aceleraram rapidamente, até se tornarem num som agudo, rápido e indistinto, que me levou muito depressa a um estado de espírito semelhante ao sono. Aparentemente depressa demais, segundo o supervisor, que me fez regressar após alguns momentos e perguntou se eu estava bem.

“Porque parou?” perguntei, perturbado. “Senti que estava apenas a começar.”

Mais tarde, nesse dia, embora uma obstrução intestinal que sofria há algumas semanas me causasse desconforto, subi novamente para a cama de água para uma segunda tentativa. Como os cientistas são naturalmente cautelosos, desta vez tive o cuidado de exercer mais influência. Estipulei que colocassem os interruptores na velocidade máxima. “Ninguém alguma vez viajou tão depressa”, advertiu o supervisor.

“Pois é assim que eu quero”, respondi.

De facto, essa segunda vez foi a experiência que eu procurava. É difícil de descrever, mas o som dos apitos limpou instantaneamente a minha mente de todos os pensamentos e levou-me para dentro de mim, como a massa desaparecida de um buraco negro. Depois ouvi um incrível WHOOSH, semelhante ao som de um vento forte. De repente senti-me como se fosse arrastado por um tornado. Nesse momento fui retirado do meu corpo e simplesmente disparei para longe.

Para onde? Para onde fui? Essa é a pergunta que todos fazem. Embora o meu corpo estivesse imóvel, o meu cérebro levou-me a outra dimensão de existência, como outro universo. A parte física do ser já não tinha relevância. Tal como o espírito que deixa o corpo após a morte, semelhante à borboleta que sai do casulo, a minha consciência era definida pela energia psíquica, não pelo corpo físico. Estava simplesmente lá fora.

Depois, os cientistas na sala pediram-me para descrever a experiência. Embora desejasse fornecer detalhes, que sabia serem extraordinários, não fui de grande ajuda. Para além de lhes dizer que a obstrução intestinal tinha

desaparecido subitamente, juntamente com uma hérnia cervical, e que me sentia bem, nem atordoado nem cansado, disse: “Não sei onde estive.”

Nessa tarde, sentindo-me estranho e a pensar se teria ido longe demais, regressei à casa de hóspedes da quinta de Monroe onde estava alojado, uma cabana isolada chamada Casa da Coruja. Assim que entrei, senti uma energia estranha, que me convenceu de que não estava sozinho. Como a casa era isolada e sem telefone, pensei em regressar à casa principal para passar a noite ou ir a um motel. Mas, acreditando que não existem coincidências, percebi que os meus anfitriões me tinham colocado sozinho por uma razão. E fiquei.

Apesar dos esforços para me manter acordado, deitei-me e adormeci profundamente — e foi então que começaram os pesadelos. Eram como passar por mil mortes. Torturavam-me fisicamente. Mal conseguia respirar, e dobrava-me em agonia e dor tão avassaladora que nem sequer tinha forças para gritar ou pedir ajuda, ainda que ninguém me tivesse ouvido se o tivesse feito. Durante as horas que aquilo durou, reparei que cada vez que uma morte terminava, outra começava, sem qualquer pausa para respirar, recuperar, gritar ou preparar-me para a nova. Mil vezes.

O sentido era claro. Estava a reviver as mortes de todos os pacientes que tinha acompanhado até então, a reexperimentar a sua angústia, dor, medo, sofrimento, tristeza, perda, sangue, lágrimas… Se alguém tinha morrido de cancro, eu sentia a sua dor agonizante. Se alguém sofrera um AVC, também eu sofria os efeitos.

Recebi três tréguas. Da primeira vez pedi um ombro de homem para me apoiar. (Sempre tinha gostado de adormecer no ombro do Manny.) Mas no momento em que expressei a minha necessidade, ouvi uma voz profunda e masculina responder: “Não te será dado!” A negativa, firme, determinada e sem emoção, não permitiu tempo para fazer outra pergunta. Gostaria de ter perguntado “Porquê?”. Afinal, o meu ombro já tinha servido de apoio a tantos pacientes em fim de vida. Mas não houve tempo, energia ou espaço para isso.

Em vez disso, a dor e o sofrimento, a apertarem-me como contrações incessantes, regressaram de tal modo que só desejava perder os sentidos. Mas não tive essa sorte. Não sei quanto tempo passou até que me fosse concedida uma segunda trégua. “Posso ter uma mão para segurar?” pedi. Propositadamente, não especifiquei se de homem ou mulher. Quem tinha tempo para esquisitices? Só queria uma mão para segurar. Mas a mesma voz firme e sem emoção voltou a recusar: “Não te será dado!”

Não fazia ideia de que haveria uma terceira pausa, mas quando chegou, tentando ser astuto, inspirei profundamente e preparei-me para pedir para me mostrarem uma ponta de dedo. O meu raciocínio? Embora não se possa segurar uma ponta de dedo, ao menos provaria a presença de outro ser

humano. Mas antes de expressar este último pedido, disse a mim mesmo: “Nem pensar! Se nem sequer consigo uma única mão para segurar, também não quero uma ponta de dedo. Prefiro fazê-lo sem ajuda e por minha conta.”

Zangado e ressentido, reunindo toda a força de vontade em desafio, disse a mim mesmo: “Se eram tão mesquinhos que nem sequer me davam uma mão para segurar, então mais valia estar sozinho. Pelo menos teria a minha autoestima e o meu valor próprio nos meus termos.”

Essa foi a lição. Tive de passar por todo o horror de mil mortes para reafirmar a alegria que veio depois. De repente, ultrapassar a provação, como a própria vida, tornou-se uma questão de FÉ.

Fé em Deus — que Ele nunca enviaria a ninguém nada que não pudesse suportar.

Fé em mim próprio — que eu poderia aguentar tudo o que Deus me enviasse, que por mais doloroso e agonizante que fosse, conseguiria suportar.

Tive uma sensação poderosa de que alguém esperava que eu dissesse alguma coisa, que dissesse a palavra “sim”. Então percebi que era apenas isso que me pediam — que dissesse sim.

Os meus pensamentos dispararam.
A que dizia eu sim? A mais agonia? Mais dor? Mais sofrimento sem auxílio humano?

Seja o que fosse, nada poderia ser pior do que o que já tinha suportado, e eu ainda estava aqui, não estava? Mais cem mortes? Mais mil?

Importava pouco. Mais cedo ou mais tarde haveria um fim. Além disso, naquela altura a dor era tão intensa que já nem a sentia. Estava para além da dor.
“Sim”, gritei. “SIM!”

O quarto ficou imóvel, e toda a dor, agonia e falta de ar cessaram num instante. Quase completamente desperto, reparei que estava escuro lá fora. Inspirei profundamente, a primeira respiração substancial em não sei quanto tempo, e olhei mais uma vez pela janela para a noite escura. Inspirei de novo, relaxei deitado de costas e comecei a notar algumas coisas peculiares. Primeiro, uma parte do abdómen, claramente delineada, começou a vibrar a uma velocidade cada vez maior, mas este movimento não estava relacionado com os músculos, o que me fez dizer: “Isto não pode ser.”

Mas era, e quanto mais observava o meu próprio corpo deitado ali, mais espantado ficava. Qualquer parte do corpo para onde olhasse começava a vibrar à mesma velocidade fantástica. As vibrações desintegravam tudo até à sua estrutura mais básica, de modo que, ao fixar qualquer coisa, os meus olhos deliciavam-se com os biliões de moléculas em dança.

Nesse ponto, percebi que tinha deixado o corpo físico e me tornado energia. Então, diante de mim, vi muitas flores de lótus incrivelmente belas. Estas flores abriam-se muito lentamente e tornavam-se mais brilhantes, coloridas e deslumbrantes, e com o tempo transformaram-se numa única flor de lótus enorme e de cortar a respiração. Por detrás da flor, reparei numa luz — mais brilhante do que o brilho, totalmente etérea, a mesma luz que todos os meus pacientes diziam ter visto.

Sabia que tinha de atravessar aquela flor gigante e, eventualmente, fundir-me com a luz. Esta tinha uma atração magnética que me puxava para mais perto e me dava a sensação de que essa luz maravilhosa seria o fim de uma longa e difícil jornada. Sem pressa, graças à minha curiosidade, deixei-me levar pela paz, beleza e serenidade do mundo vibrante. Surpreendentemente, continuava consciente de estar na Casa da Coruja, longe de qualquer contacto com outros humanos, e tudo o que os meus olhos alcançavam vibrava — as paredes, o teto, as janelas… as árvores lá fora.

A minha visão, que se estendia por quilómetros e quilómetros, fazia-me ver tudo, desde uma lâmina de relva a uma porta de madeira, na sua estrutura molecular natural, nas suas vibrações. Observei, com grande reverência e espanto, que tudo tinha vida, uma divindade. Enquanto isso, continuava a mover-me lentamente através da flor de lótus, em direcção à luz. Finalmente, fundi-me com ela, um só com o calor e o amor. Um milhão de orgasmos eternos não conseguem descrever a sensação do amor, calor e acolhimento que experienciei. Então ouvi duas vozes.

A primeira era a minha, a dizer: “Sou aceitável para Ele.”
A segunda, que vinha de outro lugar e era para mim um mistério, disse: “Shanti Nilaya.”

Antes de adormecer nessa noite, sabia que acordaria antes do nascer do sol, calçaria uns Birkenstocks e vestiria uma túnica que trazia na mala há semanas mas nunca usara. Essa túnica tecida à mão, que comprara no Fisherman’s Wharf em São Francisco, parecia-me uma que já tinha usado antes, talvez noutra vida, por isso, quando a comprei, senti que a estava a reclamar de volta.

Na manhã seguinte, tudo aconteceu como eu tinha imaginado. Enquanto caminhava pelo trilho em direção à casa do Monroe, continuava a ver cada folha, borboleta e pedra a vibrar na sua estrutura molecular. Era a maior sensação de êxtase que um ser humano pode experimentar.

Estava tão cheio de assombro por tudo à minha volta, e apaixonado por toda a vida, que, como Jesus, que conseguiu andar por cima da água, caminhei por cima das pedras e seixos do caminho, chegando mesmo, no meu estado de bem-aventurança, a dizer-lhes: “Não vos posso pisar. Não vos posso magoar.” Gradualmente, ao longo de vários dias, este estado de graça diminuiu. Foi muito difícil regressar às tarefas domésticas mundanas e a conduzir um carro,

o que, depois de tudo aquilo, me parecia tão trivial. Em breve revelar-me-iam o significado de Shanti Nilaya e também que toda a experiência me deveria ter dado a Consciência Cósmica, uma perceção da vida em todos os seres vivos. Nesse objetivo, foi bem-sucedida. Mas e o resto?

Haveria outra separação dolorosa pela qual teria de passar com praticamente nenhuma ajuda de seres humanos até encontrar as minhas próprias respostas e um novo começo? * Meses mais tarde, quando viajei para o condado de Sonoma, na Califórnia, para um workshop, comecei a obter algumas respostas. Mas estive quase a tomar uma decisão que me poderia ter custado esse entendimento.

O médico que aceitara cuidar das necessidades físicas dos doentes terminais do workshop em troca de eu dar uma palestra numa conferência de psicologia transpessoal que organizara em Berkeley cancelou à última hora. Naturalmente, depois de conduzir sozinho o extenuante workshop, presumi que a minha obrigação para com ele ficara anulada. Mas na sexta-feira, quando os últimos participantes do meu workshop partiram de carro, um amigo telefonou a dizer-me que várias centenas de pessoas se tinham inscrito para a minha palestra.

No caminho para Berkeley, reiterou o entusiasmo que me aguardava, tentando animar-me. Mas, exausto do meu próprio workshop, partilhava pouco desse entusiasmo e, sinceramente, não fazia a mínima ideia do que ia dizer ao grupo sofisticado e altamente evoluído que participava na conferência. Ainda assim, já no auditório, soube que tinha de falar sobre o que experienciara na quinta do Monroe. Alguém ali me explicaria. Começando por dizer que partilharia a minha própria evolução espiritual, avisei que precisaria de alguma ajuda deles para perceber tudo, já que grande parte estava além do meu entendimento intelectual.

Em tom de brincadeira, sublinhei que não era “um deles” — não meditava, nem era californiano, nem vegetariano. “Fumo, bebo café e chá e, em suma, sou uma pessoa normal”, disse, arrancando uma grande gargalhada. “Nunca tive um guru nem visitei um Baba”, continuei. “E, no entanto, tive quase todas as experiências místicas que alguém poderia desejar.” O meu ponto? Se eu podia ter essas experiências, então qualquer pessoa podia tê-las sem ir aos Himalaias meditar durante anos.

A esta altura, enquanto falava da minha primeira experiência fora do corpo, a sala estava em absoluto silêncio. Ao fim de duas horas, concluí com um relato pormenorizado de ter morrido mil mortes e depois renascido na quinta do Monroe. Seguiu-se uma longa ovação de pé. Então um monge, envergando uma túnica cor-de-laranja, aproximou-se do palco com grande reverência e ofereceu-se para esclarecer algumas coisas que eu dissera.

Primeiro, afirmou que, embora eu pudesse pensar que não sabia meditar, havia muitas formas de meditação. “Quando se senta com doentes em fim de vida e com crianças e se concentra neles durante horas, está numa das formas mais elevadas de meditação”, disse.

Houve mais aplausos, que confirmaram a sua opinião, mas o monge não lhes ligou, pois estava focado em transmitir mais uma mensagem. “Shanti Nilaya”, disse claramente, pronunciando devagar cada sílaba encantadora. “É sânscrito e significa ‘o lar final da paz’. É para onde vamos no fim da nossa jornada terrena quando regressamos a Deus.” “Sim”, disse eu para comigo, ecoando as palavras que ouvira no quarto escuro meses antes. “Shanti Nilaya.”

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

O Lar Final

Eu estava de novo em casa, de pé na minha varanda. Os B. tinham vindo tomar chá. Uma brisa morna massajava suavemente os sentidos. Sentindo a intoxicação do destino, virei-me para os meus vizinhos e, num tom de voz algo cerimonioso, anunciei que o centro de cura se chamaria Shanti Nilaya. “Significa ‘o lar final da paz’”, expliquei. Isso pareceu acertar em cheio. Durante o ano e meio seguinte, até bem dentro de 1978, o Shanti Nilaya floresceu. Preocupado com “a promoção da cura psicológica, física e espiritual de crianças e adultos através da prática do amor incondicional”, os workshops residenciais de cinco dias Vida, Morte e Transição quadruplicaram as inscrições.

Havia uma população cada vez maior ávida de crescimento pessoal. A minha newsletter circulava pelo mundo, e eu acompanhava o ritmo com um calendário pessoal de viagens que me levava do Alasca à Áustria. Mesmo à medida que o Shanti Nilaya crescia, o seu propósito mantinha-se estreito — crescimento pessoal. Nos workshops, as pessoas livravam-se dos assuntos pendentes, de toda a raiva que tinham vivido, e aprendiam a viver de modo a estarem prontas para morrer em qualquer idade. Em outras palavras, tornavam-se inteiras.

Os workshops típicos incluíam doentes terminais, pessoas com problemas emocionais e adultos comuns dos vinte aos cento e quatro anos; pouco depois acrescentei workshops para adolescentes e crianças. Quanto mais cedo alguém se tornasse inteiro, maiores as hipóteses de crescer física, emocional e espiritualmente saudável.

Não auguraria isso um bom futuro? Todos os que entravam em contacto comigo, fosse no Shanti Nilaya ou na estrada, ouviam, mais ou menos, a mesma coisa. “A morte não é nada a temer. Na verdade, pode ser a experiência mais incrível da tua vida. Depende apenas de como vives a tua vida agora. E a única coisa que importa agora é o amor.”

O meu trabalho mais útil resultou do contacto com um rapaz de nove anos que conheci enquanto dava uma palestra no Sul. Durante essas longas conversas, como a minha energia passava por altos e baixos, eu recarregava-me envolvendo-me com pessoas da audiência. Vi os pais do Dougy na primeira fila. Embora nunca os tivesse visto, a minha intuição disse-me para perguntar a este jovem casal de bom aspeto onde estava o filho. “Não sei por que sinto necessidade de dizer isto”, disse eu, “mas porque é que não o trouxeram?”

Surpreendidos por eu fazer tal pergunta, explicaram que ele estava a receber quimioterapia no hospital. No intervalo seguinte, porém, o pai regressou com o Dougy, que apresentava sinais de cancro — magro, pálido e careca —, mas, de resto, parecia um rapaz americano típico. O Dougy pintou com lápis de cera numa folha enquanto eu continuava a falar. Depois ofereceu-me o desenho. Ninguém me deu jamais presente melhor.

Como a maioria das crianças em fase terminal, o Dougy era sábio para além da sua idade. Por causa do sofrimento físico, desenvolvera uma compreensão apurada das suas capacidades espirituais e intuitivas. Isso é verdade para todas as crianças em fim de vida e é por isso que exorto os pais a partilhar honestamente e abertamente com elas a sua raiva, dor e luto. Elas sabem tudo.

E um olhar para o desenho do Dougy voltou a confirmar-mo. “Contamos-lhes?” perguntei, fazendo um gesto para os seus pais. “Yeah, acho que aguentam”, disse ele. Os pais do Dougy tinham sido informados recentemente de que o filho teria apenas mais três meses de vida. O seu maior problema era aceitar essa notícia. Mas, a partir do desenho, consegui contrariar esse diagnóstico. Pelo que pude perceber do que ele desenhara, o Dougy tinha muito mais tempo de vida, talvez três anos.

A mãe, tomada de alegria, abraçou-me. Ainda assim, não podia reclamar crédito. “Sou apenas um tradutor a ler este desenho”, disse. “É o vosso filho que sabe essas coisas.” O que eu adorava no trabalho com crianças era a honestidade delas. Cortam todo o embuste. O Dougy era um exemplo perfeito disso. Um dia recebi uma carta dele. Dizia: Caro Dra. Ross, Fiquei com apenas mais uma pergunta: O que é a vida e o que é a morte e porque é que as crianças pequenas têm de morrer? Com amor, Dougy Peguei em marcadores de feltro e criei um livrinho colorido que condensava todos os meus anos de trabalho com doentes em fim de vida.

Em linguagem simples, descrevi a vida como uma aposta, semelhante à dispersão de sementes numa tempestade de vento, cobertas pela terra e aquecidas pelo sol, cujos raios eram o amor de Deus a brilhar sobre nós. Toda a gente tinha uma lição a aprender, um propósito para a sua vida, e eu queria dizer ao Dougy, que morreria três anos depois e tentava perceber porquê, que ele não era exceção. Algumas flores florescem apenas por uns dias — toda a

gente as admira e ama como um sinal de primavera e esperança. Depois morrem — mas fizeram o que precisavam de fazer… Muitas milhares de pessoas foram ajudadas por essa carta. Mas é ao Dougy que cabe todo o crédito.

Gostaria de ter tido tanta perspicácia relativamente aos problemas que estavam a fermentar em casa. No início da primavera de 1978, enquanto eu andava na estrada, alguns dos nossos amigos que frequentavam regularmente as sessões do B. com os nossos professores-guias descobriram um livro chamado O Potencial Magnífico, escrito vinte anos antes por um homem local chamado Lerner Hinshaw. O livro continha tudo o que o B. e muitos, embora não todos, dos guias que ele canalizava tinham ensinado nos últimos dois anos. Mal soube, fiquei, como toda a gente, atónita e traída.

Quando questionado, o B., negando qualquer irregularidade, argumentou que os guias o proibiam de divulgar a fonte do seu conhecimento. Um confronto não serviu de nada. Cada um de nós ficou entregue a si mesmo para agir como juiz e júri. Mais de metade do grupo foi-se embora, desiludida e incapaz de voltar a confiar. Quanto a mim, não sabia o que fazer e dei por mim assombrada pelo aviso do Pedro meses antes. “Cabe a cada um de vocês fazer a sua própria escolha”, dissera ele. “O livre-arbítrio é o maior dom que o homem recebeu ao nascer no planeta Terra.”

Tal como eu, os que ficaram não queriam abrir mão dos ensinamentos incrivelmente significativos dos guias, mas, uma vez despertas as nossas suspeitas, notámos certas irregularidades nas sessões. Pessoas novas desapareciam para a sala dos fundos durante longos períodos. Ouvíamos risadinhas e ruídos curiosos. Perguntei-me que tipo de instrução estava a ser dada. Depois, um dia, uma amiga minha veio a minha casa a chorar, transtornada e à procura de refúgio do B. Depois de se acalmar, contou que o B. lhe dissera que estava na altura de lidar com a sua sexualidade. Isso fê-la desmoronar e fugir.

Não havia alternativa senão confrontar o B. e a esposa, o que fizemos no dia seguinte em minha casa. Como em ocasiões anteriores, ele não mostrou culpa nem remorso. Aparentemente acreditava que fizera o que era certo. A esposa, embora perturbada, já estava habituada a esse comportamento dele. Na verdade, como se veio a descobrir com uma investigação mais aprofundada, tinha um historial de comportamentos arrepios, e a partir de então impedimos que alguém ficasse sozinho com ele numa sala sem supervisão.

Mas os problemas continuaram. A delegação de San Diego do Departamento de Assuntos do Consumidor do estado recebeu queixas e, em dezembro, o gabinete do Procurador do Distrito iniciou a investigação de alegações de conduta sexual imprópria. Apesar de numerosas entrevistas, o inquérito do

procurador não produziu qualquer acusação. Como me disse um investigador: “Tudo aconteceu no escuro. Não têm provas.”

Esse era um grande dilema, pois tínhamos sido repetidamente informados de que uma entidade materializada morreria se alguém acendesse uma luz na sua presença. Nenhum de nós queria correr esse risco. Mas eu estava seriamente dividida. Se fosse falso, como podiam aquelas entidades ter o conhecimento para responder a todas as minhas perguntas, que estavam para além da limitada escolaridade do B.? Não tínhamos nós também visto com os nossos próprios olhos como uma entidade se materializava à nossa frente? O Pedro não se fizera seis polegadas mais alto para montar um cavalo de pau?

Com a ajuda de alguns amigos de confiança, comecei a minha própria investigação. Mas o B. era muito astuto. Uma vez, segundos antes de eu ligar uma lanterna, ele desculpou-se e declarou a sessão terminada. Outra vez, algemámos os braços do médium atrás das costas para evitar que se mexesse e andasse a brincar com os participantes. Ainda assim, as entidades apareciam e desapareciam e, quando a sessão terminou, o médium continuava algemado, só que as algemas estavam nos pés. Todos os nossos esforços terminavam assim.

Apesar da nuvem negra por cima de nós, as nossas sessões noturnas regulares com o B. continuaram na sala escura. Infelizmente, notou-se um declínio visível nos seus outrora poderosos dons de curador, o que apenas acrescentou tensão ao ambiente. Eu tinha muitas perguntas. O nosso grupo, antes coeso, solidário e partilhado, tornava-se desconfiado e paranoico. Devia eu afastar-me? Ou ficar? Eu tinha de descobrir a verdade.

Entretanto, o B. ordenou-me ministra da paz na sua igreja. Embora cada pequeno gesto do B. estivesse agora tingido de desconfiança, a noite foi ainda assim um acontecimento emocional e inesquecível. Todas as entidades apareceram na celebração, incluindo o K., a mais elevada de todas. Sabíamos sempre quando ele chegava — um estranho silêncio precedia a sua entrada e, quando se colocava diante de nós, com uma longa túnica de estilo egípcio, ninguém era capaz de se mexer. Eu não conseguia mexer um dedo, nem sequer uma pálpebra.

Habitualmente, o K. dizia poucas palavras, mas desta vez descreveu a minha vida como um exemplo de trabalho pelo amor e pela paz. “Como o teu desejo secreto sempre foi seres uma verdadeira ministra da paz, esta noite o teu desejo será cumprido”, disse. Deixou que o Pedro executasse o ritual propriamente dito enquanto o Salem tocava flauta.

Uns meses depois, enquanto eu falava com duas amigas no exterior, o K. apareceu de súbito, a pairar a dois metros do chão junto a um prédio alto. Não havia como enganar a sua bela túnica egípcia nem a sua voz clara e sonora.

“Isabel, no rio de lágrimas, conta sempre as tuas bênçãos”, disse. Depois, mesmo antes de desaparecer, acrescentou: “Faz do tempo o teu amigo.”

Fiquei em choque. Mais lágrimas? Já não tinha eu dor suficiente por perder a minha família? Os meus filhos? A minha casa? E depois a minha confiança no B.?

“Faz do tempo o teu amigo.”

O que é que isso implicava? Que com o tempo as coisas iriam melhorar? Bastava esperar pacientemente?

Pelo meu calendário via-se que a paciência não era uma das minhas virtudes. Tentando manter o B. debaixo de olho em todos os momentos, comecei a levá-lo, a ele e à esposa, aos meus workshops. Nada aconteceu. Mas um dia, no regresso de Santa Bárbara, enquanto a esposa do B. e eu esperávamos junto do carro, ele não apareceu durante mais de uma hora. Depois não pediu desculpa. Contudo, sabendo que eu estava exausta do workshop, o B. pousou o casaco no banco de trás e disse-me para dormir enquanto ele conduzia até San Diego.

A meio caminho de Los Angeles, caí num sono profundo. Abri os olhos quando estacionámos na minha garagem e voltei a adormecer por cima da cama.

Por volta das três da manhã, acordei com a sensação de que dormia em cima de um grande balão em vez de uma almofada. Virei a cabeça de um lado para o outro várias vezes, mas a estranha sensação não desapareceu. Embora tonta e confusa, fui às apalpadelas até à casa de banho, acendi a luz e olhei ao espelho. Quase tive um ataque cardíaco. O meu rosto parecia completamente desfigurado. Um lado estava inchado como um grande balão, o olho empurrado para se fechar. O outro olho mal estava aberto, só o suficiente para ver. Parecia grotesca. “Que raio aconteceu?” perguntei em voz alta.

Tinha uma vaga recordação de estar deitada sobre o casaco no carro e sentir algo a morder-me na face. Na verdade, senti-me ser mordida três vezes. Mas estava demasiado ensonada e a dormitar para reagir. Agora, examinando-me mais de perto, vi três pequenas mas distintas marcas de mordedura na face, e parecia que a coisa ia de mal a pior. A minha cara continuava a inchar mesmo enquanto eu ali estava. Como morava demasiado longe de um hospital, e não estava em condições de conduzir, e o B., em quem eu não confiava, era o meu vizinho mais próximo, enfrentava um problema sério.

“Foste mordida por uma aranha venenosa”, disse a mim mesma calmamente. “Não te resta muito tempo.”

Os pensamentos dispararam. Não havia tempo para telefonar à família, espalhada pelo país. O tempo estava a esgotar-se. Pensei nas centenas de vezes em que achei que a minha vida podia chegar ao fim. Em momentos de

grande stress e tristeza, cheguei até a ponderar, ainda que por um segundo, o suicídio. Nesses momentos, teria adorado morrer mil vezes. Mas nunca poderia fazer isso à minha família. A culpa e o remorso seriam demais. Não, nunca conseguiria fazê-lo.

Também nunca perdi um doente por suicídio. Muitos quiseram tirar a própria vida, mas eu perguntava-lhes o que, na sua condição, tornava a vida insuportável. Se era dor, aumentava a medicação. Se eram problemas familiares, tentava resolvê-los. Se estavam deprimidos, tentava ajudá-los a sair disso.

O objetivo é ajudar as pessoas a viver até morrerem de morte natural. Nunca, jamais, ajudaria um doente a tirar a própria vida. Não acredito no suicídio assistido. Se um doente mentalmente competente recusa tomar a medicação ou fazer a diálise, chega um ponto em que temos de aceitar o direito dessa pessoa a fazê-lo. Alguns doentes concluem os assuntos pendentes, colocam as coisas em ordem, alcançam um estado de paz e aceitação e, em vez de prolongarem o processo de morrer, tomam o tempo nas suas próprias mãos. Mas eu nunca os ajudaria.

Aprendi a não ser julgadora. Normalmente, se um doente aceitou a morte e o morrer, consegue então esperar pelo que vem naturalmente. E é uma experiência muito bonita e transcendental.

Ao cometer suicídio, a pessoa pode estar a privar-se da lição que deveria aprender. Depois, em vez de passar para o nível seguinte, terá de voltar e aprender a lição anterior desde o princípio. Por exemplo, se uma rapariga tira a própria vida porque não consegue viver após acabar com o namorado, terá de voltar e aprender a lidar com a perda. De facto, pode ter uma vida cheia de perdas, até aprender a aceitá-la.

Para mim, enquanto a cara continuava a inchar, só o pensamento de que eu, de facto, tinha uma escolha manteve-me viva. Que ideia estranha — o facto de a escolha do suicídio me ter mantido viva. Não havia dúvida de que foi isso que aconteceu. Se nada fizesse para combater o meu estado, que se deteriorava rapidamente, estaria morta em poucos minutos. Mas eu tinha uma escolha, a livre escolha que Deus concede a todos, e só eu, naquele instante, tinha de decidir se ia viver ou morrer. Entrei na sala de estar, onde pendia na parede um quadro de Jesus. De pé diante dele, fiz um voto solene de viver.

No instante em que o disse, o quarto encheu-se de uma luz incrivelmente brilhante. Como já fizera antes, quando me defrontei com essa mesma luz intensa, avancei na sua direção. Uma vez envolvida pelo calor, soube que, por mais miraculoso que parecesse, viveria. Uma semana depois, as mordidas foram examinadas por um médico conceituado, que disse: “Parecem mordidelas de viúva-negra. Mas, se fosse o caso, não estarias viva.” Quanto a mim, ele nunca acreditaria no tratamento que me salvara, por isso nem me dei

ao trabalho de falar disso. “Tiveste sorte”, disse ele. Sorte, sim. Mas eu também sabia que os meus problemas reais, em vez de acabarem, apenas tinham começado.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

SIDA

Não existe problema que não seja, na verdade, um dom. Custou-me acreditar nisso quando soube que o Manny, aparentemente à rasca de dinheiro, vendera a casa de Flossmoor sem, como tínhamos combinado previamente, me dar a opção de a comprar e, depois, num gesto doloroso e sorrateiro, também vendera a propriedade de Escondido que albergava o Shanti Nilaya. Uma carta registada notificou-me de que tinha de esvaziar as casas e entregar as chaves aos novos proprietários. Fiquei devastada para além das palavras. Deveria eu ter-me sentido de forma diferente?

Depois de perder a minha casa e, em seguida, ver o meu sonho arrancado debaixo dos pés, chorei-me a dormir muitas noites. Não fazia diferença, pois não, aquelas palavras com que os meus espíritos me tinham aconselhado: “No rio de lágrimas, conta as tuas bênçãos.” “Faz do tempo o teu amigo.” Mas, uma semana depois, San Diego foi fustigada por uma tempestade torrencial que durou sete dias. O aguaceiro resultou em cheias graves, deslizamentos de terras e danos materiais, incluindo no meu antigo centro de cura no topo da montanha.

O telhado da casa principal ruiu, a piscina estalou e encheu-se de lama e a íngreme estrada de acesso foi completamente arrastada. Se ainda lá estivéssemos, não só teríamos ficado isolados como as reparações teriam custado uma fortuna. Por mais estranho que parecesse, a minha expulsão fora uma bênção. Partilhei os bons sentimentos com a minha filha quando me visitou pela Páscoa. A Barbara era uma rapariga muito intuitiva que nunca confiara no B. nem na esposa. Sempre presumi que os culpava pela minha mudança para a Califórnia.

Agora, porém, ela andava na faculdade, alguns anos atrás do irmão na Universidade do Wisconsin, e tínhamos de novo uma ótima relação. Graças a Deus por isso. Depois de se instalar em minha casa, maravilhando-se com a enorme varanda envidraçada, o jacuzzi, os pássaros e os milhões de flores em flor, conduzímo-nos até pomares de maçãs nas montanhas — um passeio encantador que se tornou feio no regresso quando os travões do meu carro falharam enquanto descia a estrada íngreme.

O facto de termos sobrevivido foi nada menos do que miraculoso. Dissemos o mesmo uns dias depois. Depois de levar uma amiga viúva à sua casa em Long Beach, a Barbara e eu corremos de volta para terminar de preparar o nosso

banquete de Páscoa e encontrámos a minha casa engolida pelas chamas. Enquanto enormes labaredas rasgavam o telhado, entrámos em ação. Eu peguei na mangueira do jardim enquanto a Barbara correu a casa dos vizinhos para chamar os bombeiros. Tentou três casas diferentes, mas ninguém atendeu. Por fim, contra o seu melhor juízo, tocou à campainha dos B. Eles abriram a porta e prometeram chamar os bombeiros. Mas foi tudo o que fizeram.

Nenhum desses supostos amigos apareceu para oferecer ajuda, de que certamente precisaríamos, já que a Barbara e eu, com as nossas mangueiras, tínhamos apagado o fogo quando chegou o primeiro carro. Assim que os bombeiros arrombaram uma parede, entrámos em casa. Foi um pesadelo. O mobiliário estava destruído. Todos os candeeiros, telefones e outros equipamentos de plástico tinham derretido. As tapeçarias de parede, tapetes indianos, quadros e loiça estavam todos negros. O cheiro era insuportável. Disseram-nos para não permanecer ali dentro por muito tempo, pois os fumos eram prejudiciais aos pulmões.

O estranho é que o peru que eu tencionava servir no jantar de Páscoa cheirava delicioso. Incerta sobre o que fazer a seguir, sentei-me no carro e fumei um cigarro. Um dos bombeiros, muito simpático, aproximou-se e perguntou se podia recomendar um conselheiro especializado em ajudar pessoas que perdem tudo em incêndios. “Não, obrigada”, disse eu. “Estou habituada à perda e sou eu própria especialista.” No dia seguinte, os bombeiros voltaram para ver como estávamos, o que apreciei muito. Ainda assim, nem o B. nem a esposa tinham aparecido. “São mesmo teus amigos?”, perguntou a Barbara. Alguém não gostava de mim.

Ou assim parecia, depois de um investigador de incêndios e um detetive privado concluírem que o fogo começara em simultâneo no fogão da cozinha e no amontoado de lenha no exterior da casa. “Há pelo menos uma suspeita de fogo posto”, disse o investigador. Que havia eu de fazer? A limpeza de primavera chegou mais cedo. Depois da Páscoa, a seguradora trouxe um camião grande e levou as coisas queimadas, incluindo a coleção de prata da minha avó, que eu guardava para a Barbara. Agora era apenas um grande bloco derretido.

Alguns amigos do Shanti Nilaya ajudaram-me a limpar, lavar e esfregar tudo o que ainda era utilizável. A única coisa que não foi tocada, nem sequer enegrecida pelo fogo, foi um velho cachimbo cerimonial sagrado indígena. Em pouco tempo, com o dinheiro que recebi da seguradora, tinha um exército de operários a reconstruir a casa. Já não era a mesma casa, porém, e quando ficou pronta decidi pô-la à venda. A minha fé estava realmente a ser posta à prova. Perdera o meu centro de cura no topo da montanha e a minha confiança no B.

A série de incidentes estranhos que ameaçavam a minha vida — as mordidas da aranha, a falha dos travões e o incêndio — estava perigosamente perto. Acreditava que a minha vida corria perigo. Valia a pena? Afinal, aos cinquenta e cinco anos, quanto mais me era pedido que continuasse a dar antes de desistir? Senti que tinha de me afastar do B. e da sua energia maléfica. O que fazer era comprar a quinta com que sonhara durante anos, abrandar e tratar da Elisabeth, por uma vez.

Talvez fosse a decisão certa. Mas o timing não era o ideal. Porque, no meio da minha própria crise de fé, fui novamente chamada ao serviço. Chamava-se SIDA, e mudou o resto da minha vida. Há alguns meses que ouvia rumores sobre um "cancro gay". Ninguém sabia muito, exceto que homens outrora saudáveis, ativos e vibrantes estavam a morrer a um ritmo alarmante — e eram todos homossexuais. Por isso, ninguém, no público em geral, se mostrou muito alarmado. Então recebi um telefonema de um homem a perguntar se eu aceitaria um doente com SIDA no meu próximo workshop.

Como nunca recusava nenhum doente terminal, inscrevi-o de imediato. Mas, um dia e meio depois de conhecer o Bob, cujo rosto macilento e membros finos estavam cobertos de grandes e feias manchas roxas — uma neoplasia cutânea mortal conhecida como sarcoma de Kaposi — dei por mim a rezar para me afastar dele. O meu cérebro gritava por respostas: O que é que ele tem? É contagioso? Se o ajudares, acabarás como ele? Nunca na minha vida senti tanta vergonha. Depois ouvi o meu coração, que me incentivou a ver o Bob como um ser humano em sofrimento — um homem belo, honesto, atencioso e amoroso. A partir daí, considerei um privilégio servi-lo, como faria com qualquer outro ser humano.

Tratei-o como gostaria de ser tratada se as nossas posições se invertessem. Mas a minha reação inicial assustou-me. Se eu, Elisabeth Kübler-Ross, que trabalhei com todos os tipos de doentes em fim de vida e literalmente escrevi o livro, tinha sido, num primeiro momento, repelida pelo estado daquele jovem, então nem conseguia imaginar a dificuldade que a sociedade teria para lidar com esta pandemia chamada SIDA. A única reação humana aceitável era a compaixão. O Bob, com vinte e sete anos, não fazia ideia do que o matava. Como outros jovens homossexuais com a doença, sabia que estava a morrer. A sua saúde frágil e em deterioração mantinha-o preso em casa.

A família abandonara-o há muito. Os amigos deixaram de o visitar. Estava, compreensivelmente, deprimido. Um dia, no workshop, recordou em lágrimas como telefonara à própria mãe e lhe pedira desculpa por ser gay, como se tivesse qualquer controlo sobre isso. O Bob foi a minha prova. Foi o primeiro de milhares de doentes com SIDA a quem ajudei a encontrar um encerramento pacífico para uma conclusão trágica da vida, mas, na realidade, foi ele quem nos deu muito mais em retorno. No último dia do workshop, os participantes, incluindo um rígido ministro fundamentalista, cantaram ao Bob uma canção de

amor e levaram-no ao colo pela sala num abraço coletivo. Através da sua coragem, nós, naquele workshop, recebemos uma compreensão maior de honestidade e compaixão, que levámos para o mundo. E bem precisaríamos dela.

Porque, como as pessoas que apanhavam SIDA eram esmagadoramente gays, a atitude geral da população, no início, era a de que mereciam morrer. Foi, na minha opinião, uma negação catastrófica da nossa própria humanidade. Como podiam os verdadeiros cristãos virar as costas aos doentes de SIDA? Como podia, em geral, as pessoas não se importarem? Lembrei-me de como Jesus cuidou de leprosos e prostitutas. Recordei a minha própria luta para conquistar direitos para os doentes terminais.

Gradualmente, ouvimos falar de homens heterossexuais, mulheres e bebés a contrair a doença. Com a SIDA, todos nós, gostássemos ou não, tivemos de enfrentar uma epidemia que exigia compaixão, compreensão e amor. Numa altura em que o nosso planeta estava ameaçado por resíduos nucleares, despejos tóxicos e uma guerra que poderia ser maior do que qualquer outra na história, a SIDA desafiou-nos coletivamente, enquanto seres humanos, em todo o mundo. Se não conseguíssemos encontrar humanidade nos nossos corações para tratar a SIDA, estávamos condenados. Mais tarde escrevi: “A SIDA representa a sua própria ameaça à humanidade, mas, ao contrário da guerra, é uma batalha a partir de dentro… Vamos escolher o ódio e a discriminação, ou teremos a coragem de escolher o amor e o serviço?”

Ao falar com os primeiros doentes de SIDA, comecei a desconfiar de que sofriam de uma epidemia criada pelo homem. Em entrevistas anteriores com doentes, muitos mencionaram ter recebido uma injeção que supostamente curava a hepatite. Nunca tive tempo para investigar, mas, se isso fosse verdade, só significava que teríamos de lutar ainda mais contra o mal.

Em pouco tempo, conduzi o meu primeiro workshop exclusivamente para doentes com SIDA. Teve lugar em São Francisco e, como aconteceria muitas vezes no futuro, ouvi um jovem após outro contar a mesma história dilacerante de uma vida de dissimulação, rejeição, isolamento, discriminação, solidão e todos os comportamentos negativos da humanidade. Não tinha lágrimas suficientes para todo o choro que precisava de ser feito. Por outro lado, os doentes com SIDA eram professores incríveis. Nenhum personificou melhor o potencial de iluminação e crescimento do que um jovem sulista em particular que participou nesse workshop inicial só para SIDA.

Depois de entrar e sair de hospitais durante um ano, parecia um prisioneiro esquelético de um campo de concentração nazi. Pelo seu estado, era difícil chamá-lo de sobrevivente. Antes de morrer, sentiu-se compelido a fazer as pazes com os pais, que não via há anos. Esperou até recuperar alguma força e, num fato emprestado que lhe pendia do corpo ossudo como roupa num

espantalho, apanhou um avião para casa. Estava tão preocupado que a sua aparência física pudesse enojá-los que ponderou dar meia-volta. Mas os pais avistaram-no. Erguendo-se do alpendre onde aguardavam nervosos, a mãe correu, ignorou as lesões roxas que lhe salpicavam o rosto e abraçou-o sem hesitação. O pai seguiu-a. E reuniram-se, em lágrimas e com amor, antes que fosse tarde demais. “Sabem,” disse esse jovem no último dia do workshop, “eu tinha de ter esta doença terrível para realmente saber o que é o amor incondicional.” Todos nós tínhamos.

A partir daí, os meus workshops Vida, Morte e Transição abriram-se a doentes com SIDA por todo o país, e depois pelo mundo. Para garantir que ninguém fosse recusado por falta de dinheiro, já que a medicação e as hospitalizações consumiam tantas poupanças de uma vida, comecei a tricotar cachecóis, que eram leiloados, e o produto servia para criar um fundo de bolsas para doentes com SIDA. Eu sabia que a SIDA era a batalha mais significativa que eu, e talvez o mundo, enfrentara desde a Polónia do pós-guerra.

Mas essa guerra acabara, e nós vencêramos. Com a SIDA, a luta estava apenas a começar. Enquanto os investigadores procuravam financiamento e corriam para encontrar causas e curas, eu sabia que a vitória final sobre esta doença dependia de mais do que a ciência. Estávamos no início, mas eu conseguia vislumbrar o fim. Dependia de sermos ou não capazes de aprender a lição apresentada pela SIDA. No meu diário escrevi: Dentro de cada um de nós existe um potencial de bondade para além do que conseguimos imaginar; de dar sem procurar recompensa; de escutar sem julgamento; de amar incondicionalmente.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Águas de Cura

Ainda vivia ali, mas, à luz da manhã, a minha casa parecia pronta para eu sair a qualquer momento. O mau cheiro de coisas queimadas pairava no ar. E as paredes, sem os meus tapetes indianos e quadros, estavam vazias. O fogo sugara toda a vida do lugar, incluindo a minha. Não fazia ideia de como um bom curador como o B. podia ter-se tornado uma figura tão sombria. Até conseguir afastar-me, não queria ter nada a ver com ele. Ainda assim, enquanto estivesse por perto, isso era impossível. Numa manhã, pouco depois de eu regressar de um workshop, o B. telefonou.

A mulher escrevera um livro, apropriadamente chamado A Sala Escura, e ele queria que eu escrevesse um prefácio que pudesse ser usado para o publicitar. “Consegues tê-lo pronto para amanhã de manhã?”, perguntou. Por mais que amasse os meus guias, não podia, em consciência, emprestar o meu nome a algo que, nos últimos seis meses, fora obviamente mal utilizado. Na nossa

última conversa — ou devo dizer confrontação — o B. alegara que não podia ser responsabilizado por nenhuma das suas ações, mesmo que impróprias. “Quando estou em transe, não tenho consciência do que está a acontecer”, disse. Não tinha dúvidas de que mentia, mas, no momento de realmente cortar, sentia-me dividida. Sabia que o Shanti Nilaya não sobreviveria sem as minhas palestras e contribuições. Depois de muita reflexão, convoquei uma reunião secreta dos membros mais ativos do Shanti Nilaya, as cinco mulheres e dois homens que eram efetivamente assalariados.

Aí contei-lhes tudo o que me ia na cabeça, incluindo como temia que a minha vida estivesse em risco, as suspeitas que tinha sobre o B. mas não conseguia provar, e quais entidades eram reais e quais eram falsas. “Naturalmente isto levanta toda a questão da confiança”, disse. “É de enlouquecer.” Silêncio. Disse-lhes que, no fim da sessão dessa noite, ia despedir o B. e a esposa e continuar o Shanti Nilaya sem eles. Senti alívio só por tomar essa decisão e partilhá-la. Mas então três das mulheres, o núcleo das minhas colaboradoras mais fiéis, confessaram ter sido “treinadas” pelo médium para funcionarem como entidades femininas, alegando que ele controlava as suas ações colocando-as em transe. Não admira que eu nunca conseguisse provar que o Salem ou o Pedro eram fraudulentos — eles eram reais.

Quanto às entidades femininas, eram obviamente falsas e isso explicava porque nunca lidavam comigo. Prometi confrontar o B. na manhã seguinte, quando viesse buscar o prefácio que eu supostamente estava a escrever. Mal ele sabia que eu estava, na verdade, a trabalhar num desfecho revisto. As três mulheres concordaram em ficar ao meu lado como prova. Como ninguém sabia como o B. reagiria, pedi aos dois homens que se escondessem atrás dos arbustos e ouvissem — por via das dúvidas. Nessa noite dormi pouco, sabendo que nunca mais veria o Salem ou o Pedro, nem ouviria o belo canto do Willie. Mas eu tinha de fazer o que era certo. Levantei-me antes do amanhecer, nervosa com o que ia acontecer.

À hora marcada, o B. chegou. Amparada pelas três mulheres, encontrei-o na varanda envidraçada. O seu rosto ficou inexpressivo quando lhe disse que ele e a esposa deixavam de estar na minha folha de pagamento; que, na verdade, estavam despedidos. “Se tens alguma dúvida porquê, olha para as pessoas que estão aqui comigo e saberás”, disse. Um olhar de ódio estampou-se-lhe no rosto — a sua única resposta. Não proferiu uma única palavra. Levou o manuscrito de volta colina acima e, pouco depois, vendeu a casa e mudou-se para o norte da Califórnia. Eu tinha a minha liberdade, mas a um preço elevado.

Através da canalização do B., muita gente aprendera imenso, mas, quando ele começou a abusar dos seus dons, a dor, a angústia e o sofrimento tornaram-se intoleráveis. Muito mais tarde, quando voltei a conseguir comunicar com o Salem, o Pedro e outras entidades, reconheceram estar cientes das minhas

dúvidas e do questionamento constante sobre se vinham de Deus ou do diabo. Mas passar pela terrível experiência foi a única forma de aprender a lição suprema sobre confiança e sobre como discernir e discriminar. Naturalmente, tudo foi perdoado, mas não esquecido. Levaria sete anos até eu conseguir ouvir as muitas horas de gravações que fiz dos ensinamentos dos meus espíritos. Em retrospetiva, ouviria avisos explícitos sobre engano e uma cisão terrível, mas eram crípticos e percebi porque não fora capaz de agir de forma concreta. Fiquei o máximo de tempo humanamente possível.

Estou convencida de que não teria sobrevivido se tivesse permanecido com o B. mais tempo. Continuaria a ter noites sem dormir para o resto da vida e a fazer um milhão de perguntas, embora soubesse que obteria as respostas finais apenas quando fizesse a transição a que chamamos morte. Ansiaria por isso. Entretanto, o meu futuro era incerto. Embora a minha casa estivesse à venda, não me mudaria até ter para onde ir. Até então, não havia.

O pequeno mas dedicado grupo que ficou no Shanti Nilaya trabalhava arduamente, enquanto a nossa organização ajudava pessoas em todo o mundo a montar projetos semelhantes para doentes em fim de vida, hospícios, centros de formação para profissionais de saúde, familiares próximos e grupos de luto. Os meus workshops de cinco dias, com uma nova urgência trazida pela SIDA, tinham mais procura do que nunca. Se eu quisesse, poderia simplesmente viajar de e para workshops sem ter casa própria, indo de aeroporto a hotel e de volta ao aeroporto, mas isso não era para mim, especialmente naquela fase da minha vida.

Sabendo que tinha de abrandar, interrogava-me sobre como fazê-lo quando o Raymond Moody, autor de Vida Depois da Vida, que eu conhecera ocasionalmente, sugeriu que eu visitasse a sua quinta nos Shenandoah. Era difícil resistir depois de a descrever como “a Suíça da Virgínia”. Assim, em meados de 1983, depois de coroar um mês de viagens com uma palestra em Washington, D.C., aluguei um carro para me levar quatro horas e meia até ao condado de Highland, Virgínia.

O motorista achou que eu estava louca. “Mesmo que eu adore esta quinta, quero que faças de meu marido e vetes a minha decisão”, disse-lhe. “Não quero fazer algo de que me arrependa depois.” Mas, quando chegámos a Head Waters, a pequena aldeia a uns doze quilómetros da quinta, o motorista, depois de me ouvir durante horas a entusiasmar-me com a paisagem de cortar a respiração, renegou o acordo. “Minha senhora, você vai comprar esse terreno na mesma”, explicou. “Vejo bem que foi feito para si.” Assim pareceu quando percorri as colinas e os terrenos, para cima e para baixo, a avaliar os trezentos acres de pastagem e floresta. Mas era um projeto.

A casa da quinta e o celeiro precisavam de obras. As terras aráveis estavam negligenciadas. Seria preciso construir uma casa. Ainda assim, o meu sonho

de ter uma quinta reacendera-se por completo. Conseguia facilmente imaginar a quinta renovada. Haveria um centro de cura, um edifício educativo, algumas casas de troncos, todo o tipo de animais… e privacidade. Gostei de o condado de Highland ser a área menos povoada a leste do Mississippi.

Aprendi, na verdade, como proceder para comprar uma quinta com o agricultor idoso que vivia no fim da estrada. Mais ou menos. Mesmo sentada, na manhã seguinte bem cedo, em frente ao responsável do Farm Bureau local, em Staunton, não consegui conter-me de lhe contar todas as ideias diferentes que tinha para a minha nova quinta, incluindo um campo de férias para crianças dos bairros urbanos, um jardim zoológico infantil e por aí fora. “Minha senhora, tudo o que preciso de saber é quantas cabeças de gado tem, quantas ovelhas e quantos cavalos e a área total em acres”, disse ele.

Em 1 de julho de 1983, na semana seguinte, a quinta era minha. Dei-lhe vida de imediato pedindo aos novos vizinhos que deixassem o seu gado pastar nas minhas terras e comecei depois um amplo trabalho de recuperação. De San Diego, mantive-me atenta aos progressos. Na minha newsletter de outubro escrevi: “Desde então, pintámos de novo a casa da quinta, reconstruímos a adega, acrescentámos uma secção junto ao galinheiro… e também criámos um bonito jardim de flores e de legumes. O resultado é uma despensa cheia e uma adega já abastecida — pronta para alimentar os participantes famintos dos workshops…”

Na primavera de 1984, havia outros sinais de renovação. Escolhi o local, mesmo ao lado de vários carvalhos seculares imponentes, para a nova cabana de troncos que planeava como minha residência. E depois nasceram os primeiros cordeirinhos, um par de gémeos e mais três — todos pretos, o que deu, de facto, alma à minha quinta.

A construção dos três edifícios circulares onde planeava realizar workshops estava em andamento quando percebi que precisava de um escritório para todas as necessidades organizacionais. Antes de arrendar um na vila, o Salem apareceu certa noite e aconselhou-me a fazer uma lista de tudo o que precisava. Fantasiei uma cabana acolhedora de troncos, com lareira, um ribeiro de trutas a correr em frente, muita propriedade à volta e, depois, apenas porque era uma fantasia, acrescentei uma pista de aviação à lista. O aeroporto ficava tão longe, porque não?

No dia seguinte, a senhora dos correios, que sabia que eu queria um escritório, disse-me que acabara de ser posta à venda uma cabana adorável a cinco minutos de sua casa. Ficava junto ao rio, disse ela, e tinha uma lareira de pedra. Soava perfeito. “Há só um problema”, disse, já desanimada. Depois não quis dizer. Implorou-me que a visse primeiro. Recusei, e acabei por conseguir convencê-la a dizer qual era o grande defeito. “Há uma pista de aterragem nas traseiras”, disse. Não só fiquei pasmada; comprei o maldito sítio.

Nesse verão, exatamente um ano depois de comprar a quinta, despedi-me de Escondido e mudei-me para Head Waters, Virgínia, em 1 de julho de 1984. O meu filho Kenneth conduziu o meu velho Mustang através do país. Catorze dos quinze membros da equipa do Shanti Nilaya seguiram-me, ajudando a continuar o nosso trabalho importante. A maioria partiria ao fim de um ano, incapaz ou indisposta a adotar um estilo de vida mais próximo da terra. A minha intenção era começar em força acabando primeiro o centro de cura, mas os meus guias avisaram-me para terminar primeiro a minha casa.

Não percebi por que o diziam até que um pequeno exército de voluntários, respondendo ao apelo por ajuda na nossa newsletter, apareceu, trazendo ferramentas, entusiasmo e necessidades especiais. Entre quarenta pessoas, por exemplo, podiam existir trinta e cinco dietas diferentes. Uma pessoa não comia laticínios. Outra era macrobiótica. Outra não comia açúcar. Alguns não podiam comer frango. Outros comiam peixe. Graças a Deus pelos meus espíritos. Se eu não tivesse a privacidade da minha própria casa à noite, teria enlouquecido. Levei cinco anos a aprender a servir apenas dois tipos de refeições — um prato de carne e um prato vegetariano.

Aos poucos, a quinta foi reabilitada. Comprei tratores e enfardadeiras. Os campos foram lavrados, ressemeados e fertilizados. Abriram-se poços. Claro que a única coisa que parecia correr era o dinheiro. Passaram cerca de oito anos até eu conseguir equilibrar as contas, e só o fiz vendendo ovelhas, gado e madeira suficientes. Mas as recompensas de viver mais perto da terra superaram largamente a despesa.

Na véspera do Dia de Ação de Graças, estava a martelar pregos ao lado do meu chefe de obra quando senti fortemente que algo muito invulgar ia acontecer, algo bom. Recusei deixá-lo ir para casa e mantive-o acordado toda a noite com café e chocolates suíços — ele achou que eu estava maluca. Mesmo assim, prometi que valeria a pena e, dito e feito, já tarde, enquanto conversávamos, a sala encheu-se de uma luz quente. O empreiteiro olhou para mim, como quem diz: “O que é isto?”

“Espera”, disse eu.

Gradualmente, uma imagem apareceu na parede do fundo. Ficou logo claro quem era. Jesus. Deu a sua bênção e desapareceu. Voltou, saiu e regressou mais uma vez e pediu-me que chamasse a quinta de Healing Waters Farm. “É um novo começo, Isabel.”

A minha testemunha ficou incrédula. “A vida está cheia de surpresas”, disse eu.

De manhã, saímos para o ar fresco e vimos que caíra uma neve suave, a cobrir campos, colinas e edifícios.

Parecia um novo começo.

A mudança para a Healing Waters revigorou-me com um sentido de missão, embora eu não fizesse ideia do que isso fosse além de assentar arraiais. Para começar, era suficiente. Uma vizinha, a Pauline, um anjo travado pela diabetes, lúpus e artrite, telefonava no instante em que eu acendia a luz ao regressar de uma viagem. Não sentia que estava em casa até ouvir a sua voz calorosa dizer: “Olá, Elisabeth. Bem-vinda de volta. Importas-te que leve qualquer coisinha?” Poucos minutos depois, lá estava ela à porta com um pudim caseiro ou tarte de maçã. Havia dois irmãos estrada abaixo que aceitavam de bom grado qualquer trabalho que eu lhes desse.

Havia uma honestidade no meio das dificuldades que as pessoas sofriam nesta zona pobre do país, pessoas com quem me identificava, decididamente mais reais do que os falsos que encontrara no sul da Califórnia, e a minha própria vida assumiu esses mesmos dias longos, músculos doridos e recompensas suadas. E talvez tivesse permanecido assim não fosse a maldita eficiência do correio dos EUA. Eficiência? Sim. Posso ser a primeira pessoa a queixar-se disso.

Quando cheguei, a estação de correios de Head Waters, de uma só sala, abria apenas um dia por semana. Avisei a simpática senhora que a geria que talvez tivesse de abrir mais vezes, já que o meu correio rondava as 15 000 cartas por mês. “Bem, querida, vamos ver como corre”, disse. Ao fim de um mês, abriu cinco dias por semana, sem falhar uma entrega.

Na primavera recebi uma carta que afetou a minha vida mais do que qualquer outra. Escrita numa meia folha de papel, numa simplicidade dilacerante, dizia:

Cara Dra. Ross,

Tenho um filho de três anos com SIDA. Já não consigo cuidar dele. Come muito pouco e bebe muito pouco. Quanto me cobraria para tomar conta dele?

Seguiram-se cartas semelhantes. Nenhuma história ilustrou melhor a trágica frustração enfrentada pelos doentes de SIDA do que a de Dawn Place. Era uma mãe com SIDA, na Florida, que, nos últimos meses dolorosos de vida, tentou desesperadamente encontrar um lugar que aceitasse cuidar da filha, também com SIDA, depois da sua morte. Mais de setenta instituições recusaram-na, e ela morreu sem nunca saber quem cuidaria da criança. Recebi outra carta pungente de uma mãe no Indiana a perguntar se eu podia cuidar do seu bebé com SIDA. “Ninguém quer tocá-lo”, disse.

Embora custasse a acreditar, a minha indignação cresceu ainda mais quando soube de um bebé com SIDA em Boston que fora deixado numa caixa de sapatos para morrer. Recolhida por um hospital, a criança foi posta num berço que era tão lar como uma jaula é para um animal no zoológico. Funcionários do hospital faziam-lhe festas e beliscões diários. E era isso. A criança nunca criou

laços com ninguém. Nunca recebeu um abraço, nunca foi aninhada ao colo ou sentada no regaço de alguém. Aos dois anos, não sabia gatinhar, quanto mais andar, e não era capaz de falar. Era cruel.

Trabalhei febrilmente até encontrar um casal maravilhoso e amoroso que aceitou adotar esta criança. Mas, quando chegaram ao hospital, não lhes permitiram ver o bebé. Os administradores deram a desculpa de que a criança estava doente. Ora, naturalmente. O bebé tinha SIDA! Acabámos por "raptar" a menina, resolvemos depois um acordo após ameaçar expor o hospital aos media e, felizmente, a criança olha agora com alegria para a adolescência.

A partir de então, tive pesadelos de bebés com SIDA a morrer sem que ninguém lhes desse cuidados ou amor. Só pararam quando atendi ao apelo claro do meu coração, que me instruiu a criar um hospício para bebés com SIDA na minha quinta. Não era assim que eu sonhara usar a propriedade, mas sabia melhor do que discutir com o destino. Não tardou a que eu imaginasse uma espécie de paraíso tipo arca de Noé, um lugar onde as minhas crianças com SIDA pudessem brincar livremente entre cavalos, vacas, ovelhas, pavões e lamas.

Mas acabou por ser bem diferente. Em 2 de junho de 1985, enquanto discursava para a turma de finalistas do Mary Baldwin College, em Staunton, mencionei casualmente o meu plano de adotar vinte bebés com SIDA e criá-los em cinco acres que eu dedicaria como hospice. Os estudantes aplaudiram, mas as minhas palavras, transmitidas pela TV local e noticiadas no jornal, incendiaram uma fúria entre os residentes do condado que, no medo e ignorância, depressa me passaram a ver como o Anticristo a tentar trazer esta doença mortal para dentro das suas casas.

Ao princípio, estava demasiado ocupada para me aperceber da tempestade que se formava à minha volta. Antes, eu visitara um hospício maravilhoso em São Francisco, onde os doentes com SIDA recebiam apoio compassivo e cuidadoso. Isso levou-me a pensar nos doentes com SIDA nas prisões, onde havia muito abuso sexual e promiscuidade e certamente nenhum tipo de rede de apoio. Telefonei a responsáveis em Washington, D.C., alertando-os para esta epidemia, que se espalhava como fogo, e exortando-os a preparar-se. Ridicularizaram a minha preocupação. "Não temos um único doente com SIDA na prisão", disseram-me.

"Pode ser que ainda não saibam", respondi, "mas aposto que têm muitos."

"Não, não, tem razão", replicaram. "Tínhamos quatro. Foram libertados. Os outros foram todos dispensados."

Continuei a telefonar até falar com alguém que mexeu cordelinhos e me pôs dentro da prisão de Vacaville, na Califórnia. Disseram-me que não faziam ideia de como lidar com a SIDA, por isso, se me interessava avaliar o problema,

então que avançasse. Em menos de vinte e quatro horas, eu estava num avião rumo a oeste.

O que vi dentro da prisão confirmou os meus piores receios. Havia de facto oito reclusos a morrer de SIDA. Sofriam sem cuidados decentes e viviam em circunstâncias totalmente deploráveis, cada um isolado na sua cela. Só um ou dois conseguiam andar e circular; os outros estavam demasiado fracos para sair da cama. Disseram-me que não tinham arrastadeiras nem urinóis portáteis e eram forçados a urinar nos copos de beber e a despejá-los pela janela. Isso já era mau, mas piorou. Um homem, cujo corpo estava coberto de lesões roxas cancerosas de Kaposi, implorava por tratamentos de radioterapia.

A boca de outro recluso estava tão coberta por uma infeção fúngica que mal conseguia engolir e vi-o quase vomitar quando o guarda lhe trouxe o almoço — tacos de casca dura com molho picante. “Acho que estão, de facto, a tentar ser sádicos”, disse eu, horrorizada.

O médico da prisão era um clínico rural reformado. O meu inquérito forçou-o a admitir que os seus conhecimentos sobre a SIDA eram inferiores ao normal, mas ele não fez quaisquer desculpas.

Divulguei as deploráveis condições que encontrei nessa prisão através de entrevistas e do meu livro *AIDS: The Ultimate Challenge*. Como projeto, tornou-se um dos meus mais bem-sucedidos. Em dezembro de 1986, dois dos meus melhores colaboradores da Califórnia, Bob Alexander e Nancy Jaicks, começaram a fazer visitas semanais de apoio aos prisioneiros com SIDA em Vacaville. Os seus esforços inspiraram depois o Departamento de Justiça dos EUA a investigar as condições de vida dos condenados com SIDA em todas as prisões. “Um começo foi feito”, escreveu-me Bob, com otimismo, em agosto de 1987.

Era tudo o que precisávamos. Uma década mais tarde, regressei a Vacaville e vi que aquilo que antes tinha sido uma situação terrivelmente desumana se transformara completamente num hospice compassivo e esclarecido para prisioneiros com SIDA. Tinham treinado criminosos para servirem como auxiliares de hospice. Havia também alimentação adequada, atenção médica, música suave, aconselhamento emocional e físico, bem como padres, pastores e rabinos disponíveis vinte e quatro horas por dia. Nunca me senti tão comovida em toda a minha vida.

E com boa razão. Mesmo no ambiente sombrio da prisão, o sofrimento trágico da SIDA tinha suscitado atos generosos de compaixão e cuidado. Essa foi uma lição importante para todos os que duvidavam do poder do amor em fazer a diferença.

PARTE IV

"A ÁGUIA"

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Serviço Prestado

Durante as viagens, como tinha acontecido nas quatro semanas que passei pela Europa, raramente via outra coisa além de hotéis, salas de conferência e aeroportos. Por isso, não havia nada mais espetacularmente belo do que regressar a casa. Na minha primeira manhã de volta, absorvi todo o ambiente verdejante e cheio de vida a despertar—cerca de oitenta ovelhas, gado, lamas, galinhas, perus, gansos, burros e patos. Os campos tinham produzido uma abundância de legumes. Não conseguia imaginar melhor lar do que a minha quinta para crianças infetadas com SIDA que não tinham mais ninguém que cuidasse delas.

Havia apenas um grande problema: as pessoas à minha volta não estavam de acordo. O telefone tocava com chamadas anónimas de troça. Caixas e caixas de cartas aguardavam-me em casa. "Leve os seus bebés com SIDA para outro lugar", dizia uma delas, anónima mas refletindo a opinião popular. "Não nos infete."

A maioria das pessoas do condado considerava-se boa cristã, mas não me conseguiram convencer disso. Desde que anunciara o meu plano de criar um hospice para bebés com SIDA, os habitantes do Condado de Highland tinham protestado contra. Não estavam particularmente bem informados sobre a doença, e os seus receios eram facilmente inflamados. Enquanto eu viajava, um operário da construção que eu tinha despedido percorreu as portas da vizinhança a espalhar mentiras sobre a SIDA e a pedir que assinassem uma petição contra mim. "Vote não se não quiser que esta mulher traga a SIDA para o nosso condado", dizia ele. E conseguiu um bom resultado.

No dia 9 de outubro de 1985, data marcada para uma reunião pública sobre o assunto, as pessoas estavam tão indignadas que ameaçavam com violência. Nessa noite, mais de metade dos 2.900 habitantes do condado encheram a pequena igreja metodista em Monterey, a sede do condado. Antes de anunciar os meus planos de adotar bebés com SIDA, era recebida calorosamente e respeitada como a celebridade local. Mas quando entrei na igreja, pessoas que antes me acenavam na rua vaiaram-me e assobiaram. Eu sabia que a minha hipótese de conquistar algum deles para o meu lado já estava perdida.

Mesmo assim, levantei-me diante da multidão tensa e descrevi o tipo de crianças que pretendia adotar—crianças entre seis meses e dois anos de idade, crianças "a morrer de SIDA que não têm brinquedos, nem amor, nem sol, nem abraços, nem beijos, nem ambiente afetuoso. Estão literalmente condenadas a passar o resto da vida em hospitais muito caros." Foi o apelo

mais honesto e emotivo que consegui fazer. No entanto, terminei em silêncio gelado.

Mas tinha preparado mais. Primeiro, o muito sério diretor do Departamento de Saúde de Staunton fez uma apresentação factual sobre a SIDA, incluindo os detalhes da transmissão, que deveria ter acalmado os receios de qualquer pessoa razoável. Depois, uma mulher falou sobre como um dos seus gémeos prematuros tinha contraído SIDA através de uma transfusão de sangue contaminado e, embora os rapazes partilhassem berço, biberões e brinquedos, apenas o infetado morreu. “O irmão manteve-se negativo”, disse ela, com voz entre lágrimas. Finalmente, um patologista da Virgínia partilhou a sua experiência como médico e como pai que perdera o seu único filho para a SIDA.

Inacreditavelmente, cada orador foi vaiado, deixando-me indignada e furiosa com a ignorância e o ódio. Percebi que a única forma de conseguir uma reação positiva daquela multidão seria anunciar a minha partida imediata do condado. Mas, em vez disso, sem querer ceder à derrota, pedi perguntas.

Pergunta: “Acha que é Jesus?”
Resposta: “Não, não sou Jesus. Mas estou a tentar fazer o que foi ensinado durante dois mil anos, e isso é amar o próximo e ajudá-lo.”

Pergunta: “Porque não instala o centro num lugar onde será de maior utilidade de imediato? Porque os pôr aqui?”
Resposta: “Porque vivo aqui, e é aqui que trabalho.”

Pergunta: “Porque não ficou onde estava?”

Era quase meia-noite quando a reunião terminou. O resultado? Nada. A consequência? Muita frustração e raiva. Odiavam-me. Eu, os meus assistentes e os oradores convidados fomos escoltados para fora da igreja por vários polícias, que nos acompanharam até à minha quinta. Comentei com um amigo que não fazia ideia de que a polícia era tão simpática. “Tolinha, eles não são simpáticos”, disse ele, abanando a cabeça, incrédulo. “Estão a certificar-se de que não há um linchamento esta noite.”

Depois disso tornei-me um alvo fácil. Nas idas às compras à vila, chamavam-me “amiga dos pretos”. Recebia chamadas telefónicas diárias com ameaças: “Vais morrer como os bebés com SIDA que adoras.” O Ku Klux Klan queimava cruzes no meu relvado. Outros disparavam balas através das minhas janelas. De tudo o que aguentei, o que mais me irritava eram os pneus furados que apanhava sempre que saía da propriedade. Vivendo no interior, isso era um grande incómodo. Mas era óbvio que alguém sabotava a minha carrinha.

Finalmente, uma noite escondi-me na casa da quinta e vigiei o portão da frente, onde o meu carro ficava com os pneus em baixo. Por volta das duas da manhã, vi seis carrinhas a passar lentamente junto ao portão e a deitar fora pedaços de

vidro e pregos. Percebendo que tinha de os superar, no dia seguinte cavei um buraco no final da entrada e instalei uma grade metálica de gado—uma grelha que deixava cair os detritos pontiagudos para o buraco—e isso acabou com os furos. Mas nada fez para ajudar a minha popularidade em Head Waters, ou a falta dela.

Um dia, enquanto trabalhava no campo, uma carrinha abrandou e o condutor gritou-me uma coisa horrível. Quando arrancou, reparei num autocolante no para-choques que dizia: “Jesus é o Caminho.” Não por esse caminho, de certeza, e na minha frustração não resisti a perguntar em voz alta: “Quem são os verdadeiros cristãos por aqui?”

Um ano depois, desisti da luta. As forças contra mim eram demasiado fortes. Não só a opinião popular estava contra mim; o condado recusava-se a aprovar as necessárias alterações de ordenamento. À exceção de vender a quinta, coisa que não iria fazer, tinha ficado sem opções, sem recursos e sem energia. Uma das coisas mais dolorosas que fiz foi entrar no quarto que preparara para a chegada das crianças, cheio de peluches, bonecas, colchas feitas à mão e camisolas de malha. Parecia uma loja de bebés. Tudo o que consegui fazer foi sentar-me numa das camas e chorar.

Mas em breve concebi um novo plano. Se eu não podia adotar bebés infetados com SIDA, então iria encontrar outras pessoas que o pudessem fazer com muito menos complicações. Reuni os meus consideráveis recursos, incluindo os 25.000 subscritores da minha newsletter *Shanti Nilaya* espalhados pelo mundo, para divulgar a mensagem. Rapidamente o meu escritório começou a parecer uma espécie de agência de acolhimento que colocava crianças em famílias. Uma família de Massachusetts adotou sete crianças. Eventualmente, consegui encontrar 350 pessoas amorosas e cuidadosas em todo o país para adotar crianças infetadas com SIDA.

Além disso, recebi mensagens de pessoas que não podiam adotar crianças, mas queriam ajudar de alguma forma. Uma senhora idosa encontrou um novo propósito na vida a reparar bonecas antigas que comprava em feiras e enviava-mas para oferecer no Natal. Um advogado da Florida ofereceu aconselhamento jurídico gratuito. Uma família suíça enviou 10.000 francos. Uma mulher contou-me, orgulhosa, como preparava refeições uma vez por semana para um doente com SIDA que conhecera num dos meus workshops. Outra escreveu a dizer que tinha superado os seus medos e abraçado um jovem a morrer de SIDA. Era, disse-me ela, difícil dizer qual dos dois tinha beneficiado mais.

Os tempos eram marcados por violência e ódio, e a SIDA era vista como uma das maiores maldições da época. Mas eu também via nela um imenso bem. Sim, bem. Todos e cada um dos milhares de pacientes com quem falei sobre as suas experiências de quase-morte recordavam-se de entrar na luz e serem questionados: “Quanto amor foste capaz de dar e receber? Quanto serviço

prestaste?" Por outras palavras, estavam a ser perguntados sobre como se tinham saído na aprendizagem da mais difícil de todas as lições da vida: o amor incondicional.

A epidemia da SIDA fazia a mesma pergunta. Gerava história após história sobre pessoas a aprender a ajudar e a amar outras pessoas. O número de hospícios multiplicou-se enormemente. Ouvi falar de um menino e da sua mãe que levavam comida a dois vizinhos homossexuais que não podiam sair de casa. O memorial quilt do *Names Project* é um dos maiores monumentos à humanidade que este país e o mundo alguma vez criaram. Quando foi a última vez que alguém ouvira tantas histórias assim? Ou vira tantos exemplos?

Um auxiliar hospitalar num dos meus workshops contou-me a história de um jovem homossexual que agonizava no seu serviço. Passava cada dia no escuro, à espera, consciente de que o tempo se esgotava, desejando que o pai, que o tinha posto fora de casa, viesse vê-lo antes que fosse tarde demais.

Numa noite, o auxiliar notou um homem mais velho a vaguear pelos corredores, sem rumo, nervoso e com ar desolado. Conhecia bem as visitas habituais dos pacientes, mas nunca tinha visto aquele homem. A sua intuição disse-lhe que era o pai do rapaz. Assim, quando ele se aproximou do quarto certo, o auxiliar disse: "O seu filho está aí dentro."
"Não é o meu filho", respondeu o homem.

De forma suave e compreensiva, o auxiliar deu um pequeno pontapé à porta, abrindo-a ligeiramente, e disse: "Aqui está o seu filho." Nesse momento, o homem não resistiu e espreitou para dentro, vendo o paciente esquelético deitado no escuro. Retirou-se rapidamente e disse: "Não, impossível, esse não é o meu filho."

Mas então o doente, mesmo no seu estado debilitado, conseguiu dizer: "Sim, pai, sou eu. O teu filho."

O auxiliar manteve a porta aberta, e o pai entrou lentamente no quarto. Ficou de pé um instante, depois sentou-se na cama e abraçou o filho. O auxiliar não se recordava de ele alguma vez o ter largado.

Mais tarde, nessa noite, o filho morreu. Mas morreu em paz e não antes de permitir que o pai aprendesse a maior lição de todas.

Não tinha dúvidas de que um dia a ciência médica iria descobrir uma cura para aquela terrível doença. Mas esperava que não fosse antes de a SIDA curar aquilo que nos afligia como seres humanos.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

A MédicA Rural

O meu trabalho era ajudar as pessoas a encontrarem uma vida mais pacífica, e no entanto parecia não haver verdadeira serenidade na minha própria vida. A luta intensa para adotar bebés infetados com SIDA cobrara um preço maior do que eu percebera. Depois veio um inverno rigoroso, seguido de chuvas e cheias que danificaram a propriedade. Seguiu-se uma seca que arruinou uma boa colheita precisamente quando dela mais precisávamos. Como se isso não bastasse, mantinha ainda uma agenda cheia de palestras, workshops, angariações de fundos, visitas domiciliárias e idas a hospitais.

Ignorei os avisos dos amigos de que me estava a encaminhar para sérios problemas de saúde ao embarcar numa extenuante digressão de workshops e conferências pela Europa. Mas recompensei-me no fim tirando dois dias para visitar a minha irmã Eva, na Suíça. Quando lá cheguei, estava completamente exausta. Tinha um aspeto horrível, claramente a precisar de descanso, e ela implorou-me que cancelasse a viagem a Montreal e ficasse mais tempo.

Embora isso fosse impossível, estava determinada a aproveitar ao máximo a minha curta visita, desfrutando da festa de família que a Eva tinha organizado num bom restaurante. Como uma reunião familiar era um acontecimento raro, foi agradável e festivo, um verdadeiro mimo. “É isto que as famílias deviam fazer”, disse eu. “Deviam celebrar enquanto todos estão vivos.”
“Concordo”, respondeu ela.

“Talvez nas futuras gerações as pessoas celebrem quando alguém se licencia e não façam de morrer uma coisa tão triste e absurda”, continuei. “Se há algo em que deviam realmente chorar, é quando alguém nasce e tem de começar outra vez com toda a parvoíce de viver.”

Vinte e quatro horas depois, enquanto me preparava para ir para a cama, disse à minha irmã para não se preocupar na manhã seguinte—que eu beberia um café, fumaria um cigarro e seguiria para o aeroporto. De manhã o despertador tocou, e quando desci, percebi que não só a Eva me ignorara, como tinha posto a toalha branca mais bonita e feito um arranjo de flores frescas como centro de mesa. Sentei-me para tomar café e, quando me preparava para ralhar com ela por se ter esforçado demais, aconteceu aquilo que todos mais temiam.

Todo o stress e desgaste, todas as viagens, o café, os cigarros e o chocolate—tudo—apanhou-me de repente. Fui tomada por uma estranha sensação de afundamento. O corpo ficou fraco. Tudo começou a girar à minha volta. Perdi a consciência da minha irmã e não conseguia mover-me. Mas sabia exatamente o que se passava. Estava a morrer.

Soube-o de imediato. Depois de ajudar tantos nos seus momentos finais, a minha própria morte tinha finalmente chegado. Os comentários que fizera à minha irmã na noite anterior, no restaurante, pareciam agora proféticos. Pelo menos estava a partir em clima de celebração. Imaginei também a quinta, os campos cheios de legumes que precisariam de ser enlatados, as vacas, porcos, ovelhas e os novos animais bebés. Depois olhei para a Eva, que estava sentada mesmo à minha frente. Ela tinha-me ajudado tanto com o trabalho na Europa e na quinta. Queria dar-lhe alguma coisa antes de morrer.

Não parecia haver forma de o fazer, pois não sabia como estava a morrer. Se fosse, por exemplo, um enfarte, poderia ser instantâneo. Depois tive uma ideia. "Eva, estou a morrer", disse. "E quero dar-te um presente de despedida. Vou partilhar contigo como é realmente morrer do ponto de vista do doente. É o melhor presente que te posso dar, porque ninguém fala enquanto está a passar por isso."

Não esperei—nem reparei, aliás—na reação dela antes de começar um relato detalhado do que me estava a acontecer. "Está a começar nos dedos dos pés", disse. "Sinto-os como se estivessem em água quente. A ficarem dormentes. Reconfortantes." Para mim, a minha voz soava tão rápida como a de um locutor de corridas de cavalos. "Está a subir pelo corpo—pelas pernas. Já passou da cintura.

"Não estou assustada. É exatamente como pensava. É um prazer. É realmente uma sensação prazerosa."

Esforcei-me ao máximo para acompanhar o que estava a sentir. "Estou fora do meu corpo", continuei. "Sem arrependimentos. Diz adeus ao Kenneth e à Barbara.
"Só amor."

Nesse momento, restavam-me um ou dois segundos. Senti-me como se estivesse numa pista de esqui, prestes a saltar do precipício. À frente estava a luz brilhante. Abri os braços num ângulo que me permitisse voar diretamente para o centro da luz. Lembro-me de me agachar numa posição de corrida para ganhar impulso e controlo. Estava plenamente consciente de que o momento final glorioso tinha chegado e saboreava cada segundo revelador. "Estou prestes a graduar-me", disse à minha irmã. Depois fixei a luz bem diante de mim, senti-a a atrair-me e abri os braços. "Aí vou eu!", gritei.

Quando acordei de novo, estava estendida sobre a mesa da cozinha da Eva. A sua toalha branca estava coberta de café entornado. O belo arranjo de flores espalhado por todo o lado. Pior ainda, a Eva estava em frangalhos. Em pânico, segurava-me, sem saber o que fazer. Pediu desculpa por não ter chamado uma ambulância. "Não sejas tola", disse. "Não precisas de os chamar. Obviamente não parti. Estou presa aqui outra vez."

A Eva insistiu em fazer algo, por isso obriguei-a a levar-me ao aeroporto, mesmo contra o seu melhor juízo. “Que se lixe o juízo”, gracejei. No entanto, a caminho, pedi-lhe que me contasse sobre o presente que lhe dera, o meu relato do que era morrer. Isso valeu-me um olhar estranho. Percebi que se perguntava se eu já não estaria no além. Tudo o que ela ouviu foi eu dizer “Estou a morrer” e depois “Aí vou eu.” Tudo o que ficou entre uma coisa e outra foi um branco total, exceto o barulho dos pratos a cair quando bati na mesa.

Três dias depois diagnostiquei o problema como uma ligeira fibrilhação do coração, talvez outra coisa, mas nada grave. Declarei-me bem. Mas não estava. O verão de 1988, marcado pela seca, foi duro. Durante vagas de calor recorde, supervisionei a conclusão das casas redondas do centro, dei um salto à Europa e celebrei o meu 62.º aniversário com uma festa para as famílias que tinham adotado bebés com SIDA. No fim de julho, arrastava-me mais do que o costume.

Ignorei o cansaço. Depois, a 6 de agosto, ia a conduzir com a Ann, uma amiga médica da Austrália, e a minha antiga assistente, Charlotte, enfermeira, descendo uma estrada íngreme acima da quinta. De repente, senti uma contração na cabeça, uma pontada dolorosa que enviou uma espécie de descarga elétrica pelo lado direito do corpo. Levei a mão esquerda à cabeça e pressionei com força. Gradualmente, o lado direito enfraqueceu e depois ficou dormente. Virei-me para a Ann, que ia no banco da frente, e disse calmamente: “Acabei de ter um AVC.”

Nenhuma de nós sabia o que pensar naquele momento. Estávamos assustadas? Entrámos em pânico? Não. Não se encontrariam três mulheres mais capazes e serenas. De alguma forma consegui guiar a carrinha até à casa da quinta e puxar o travão. “Como te sentes, Elisabeth?”, perguntaram. Honestamente, não sabia. Nessa altura, já não conseguia falar claramente. A língua não obedecia, a boca pendia como se as peças estivessem gastas e o braço direito não respondia.

“Temos de a levar ao hospital”, disse a Ann.
“Tretas”, consegui articular. “O que podem eles fazer por um AVC? Nada além de observar.”

Mas, consciente de que precisava ao menos de uma avaliação básica, deixei que me levassem ao Centro Médico da Universidade da Virgínia. Em vez de cozinhar o jantar nessa noite, sentei-me nas urgências. Era a única ali a morrer por uma chávena de café e um cigarro. O melhor que me arranjaram foi um médico que se recusou a internar-me a menos que deixasse de fumar. “Não!”, repliquei. Ele cruzou os braços, cheio de ares, a querer mostrar autoridade. Não fazia ideia de que ele era o chefe da unidade de AVC. Nem me importava. “Esta é a minha vida”, disse.

Entretanto, um jovem médico, divertido com a cena, comentou que a mulher de um figurão da universidade, recentemente internada na unidade de AVC, tinha usado a sua influência para conseguir um quarto privado onde podia fumar. “Perguntem-lhe se se importa de ter companhia”, disse. Ela ficou radiante com a ideia. Mal a porta se fechou, a minha nova colega de quarto, uma senhora inteligente e divertida de 71 anos, e eu acendemos os cigarros. Portávamo-nos como duas adolescentes traquinas. Sempre que ouvíamos passos, eu dava sinal e apagávamos os cigarros.

Admito que não era uma paciente fácil, mas mesmo assim o tratamento foi mau. Ninguém fez uma boa anamnese. Ninguém realizou um exame completo. As enfermeiras acordavam-me de hora a hora durante a noite, apontando-me uma lanterna diretamente aos olhos. “Está a dormir?”, perguntavam. “Já não”, resmungava eu. Na minha última noite no hospital, pedi à enfermeira se podia acordar-me com música. “Não podemos fazer isso”, respondeu. “E assobiar ou cantar?”, sugeri. “Também não podemos”, disse ela.

Era só o que eu ouvia: “Não podemos fazer isso.”

Finalmente tive o suficiente. Às oito da manhã do meu terceiro dia, coxeando até ao posto de enfermagem—com a minha companheira de quarto atrás de mim—dei-me alta a mim própria. “Não pode fazer isso”, disseram.
“Querem apostar?”, respondi.
“Mas não pode.”
“Sou médica”, disse.
“Não, é paciente.”
“Os pacientes também têm direitos”, repliquei. “Eu assino os papéis.”

Recuperei melhor e mais depressa em casa do que teria feito no hospital. Dormi bem e comi boa comida. Criei o meu próprio programa de reabilitação. Todos os dias vestia-me e subia a grande colina atrás da quinta. Era terreno selvagem, com ursos e cobras escondidos atrás das árvores e rochas. Comecei a gatinhar pelo caminho, lentamente e com dor. Ao fim da primeira semana, já estava de pé outra vez, apoiada numa bengala mas a recuperar forças. Em cada caminhada, cantava bem alto, um ótimo exercício e, com o meu péssimo desafinar, também um método garantido para afugentar animais selvagens.

Ao fim de quatro semanas—apesar do pessimismo do meu médico—já conseguia andar e falar de novo. Felizmente, tinha sido um “pequeno” AVC, e retomei a jardinagem, a agricultura, a escrita, a cozinha e as viagens, tudo o que fazia antes. A mensagem era clara: abrandar. Mas quanto a sossegar? Pouco provável, como se viu na palestra que dei em outubro aos médicos do hospital de onde me tinha despedido a mim própria dois meses antes. “Vocês curaram-me”, exclamei em tom de brincadeira. “Em dois dias, curaram-me de

querer alguma vez voltar a ser hospitalizada, a menos que seja uma emergência daquelas a ferver!”

No verão de 1989, desfrutei da melhor colheita de sempre. Era dona da quinta havia cinco anos, trabalhara nela quatro e saboreava os frutos e legumes do meu esforço árduo. Havia verdade na afirmação bíblica: “Colhemos o que semeamos.” Era o início do outono, a época das cores intensas, antes de terminar todas as tarefas de conserva e compota e de começar a germinação das sementes do ano seguinte na estufa. Vivendo mais próxima da terra, apreciava mais do que nunca a nossa dependência da Mãe Terra e dava por mim a prestar mais atenção às profecias Hopi e ao Livro do Apocalipse.

Preocupava-me com o futuro do mundo. Tal como era retratado nos jornais e na CNN, parecia assustador. Dava crédito às pessoas que avisavam que o planeta em breve seria abalado por eventos catastróficos. Os meus próprios diários estavam cheios de reflexões e ideias destinadas a evitar esse tipo de dor e sofrimento. “Se virmos TODOS os seres vivos como um dom de Deus, criados para o nosso prazer e deleite, para amar e respeitar, para valorizar e guardar para as próximas gerações, e cuidarmos de nós próprios com o mesmo carinho—o futuro será algo NÃO A TEMER, mas a valorizar.”

Infelizmente, todos esses diários seriam destruídos. Mas recordo-me de algumas entradas:

O nosso hoje depende do nosso ontem e o nosso amanhã depende do nosso hoje.

Já te amaste hoje?

Já admiraste e agradeceste às flores, já valorizaste as aves ou olhaste para as montanhas sentindo uma sensação de espanto?

Havia dias em que sentia a idade, em que o corpo doía e me lembrava de quão impaciente eu era. Mas, quando refletia sobre as grandes questões da vida nos meus workshops, sentia-me tão jovem, vital e esperançosa como quando era médica rural e fazia a minha primeira visita domiciliária, mais de quarenta anos antes. O melhor remédio de todos é o mais simples. “Aprendamos todos o amor-próprio, o perdão a nós mesmos, a compaixão e a compreensão”, comecei a dizer no final dos workshops. Era o resumo de todo o meu conhecimento e experiência. “Assim poderemos dar esses dons aos outros. Ao curar a pessoa, podemos curar a Mãe Terra.”

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Graduação

Depois de sete anos de trabalho, luta e lágrimas, estava feliz por ter bons motivos para celebrar. Numa brilhante tarde de julho de 1990, conduzi as festividades oficiais da inauguração do Elisabeth Kübler-Ross Center—um evento que, na verdade, começara vinte anos antes, quando tive o primeiro impulso de possuir uma quinta. Embora as instalações já fossem regularmente usadas para workshops, toda a construção estava finalmente concluída.

Enquanto estava no centro e contemplava os edifícios, as cabanas, a bandeira suíça a ondular no exterior, uma parte de mim mal conseguia acreditar no que via. O sonho resistira ao divórcio, ganhara força quando fundei o Shanti Nilaya em San Diego e sobrevivera, milagrosamente, tanto à minha crise de fé com o B. como à batalha com a população local, que teria preferido que esta "velha amante da SIDA" apanhasse o primeiro autocarro para fora da cidade.

Após a bênção, dada de forma comovente pelo meu amigo de longa data Mwalimu Imara, houve música gospel e country e comida caseira em quantidade suficiente para alimentar os quinhentos amigos que tinham vindo de lugares tão distantes como o Alasca e a Nova Zelândia. Houve também reencontros com familiares e antigos pacientes. Foi um grande dia que renovou a minha fé no destino. Infelizmente, nem todos os que tinham marcado a minha vida puderam celebrar em pessoa, mas apenas dois meses antes recebera um lembrete inesquecível de todos eles e da razão pela qual podia considerar-me verdadeiramente abençoada. Dizia assim:

Cara Elisabeth:

Hoje é Dia da Mãe e tenho mais esperança neste dia do que tive nos últimos quatro anos! Acabei de regressar ontem do workshop Life, Death and Transition na Virgínia e tinha de lhe escrever para lhe contar como me afetou.

Há três anos e meio, a minha filha de seis anos, Katie, morreu de um tumor cerebral. Pouco tempo depois, a minha irmã enviou-me um exemplar do Dougy Book e as palavras que partilhou nesse livrinho tocaram-me profundamente. A mensagem da lagarta e da borboleta continua a trazer esperança e foi tão importante ouvir essa mensagem de si na passada quinta-feira. Obrigada por estar presente e partilhar-se connosco.

Não consigo sequer começar a dizer-lhe todos os dons que recebi dessa semana, mas quero partilhar alguns dos dons que recebi da vida e da morte da minha filha. Graças a si, compreendo melhor a vida e a morte da minha filha. Partilhámos um vínculo especial durante toda a sua vida, mas mais claramente

durante a sua doença e morte. Ela ensinou-me muito ao morrer e continua a ser a minha mestra.

Katie morreu em 1986 após uma batalha de nove meses contra um tumor maligno no tronco cerebral. Ao fim de cinco meses, perdeu a capacidade de andar e de falar, mas não de comunicar. As pessoas ficavam confusas quando a viam num estado semi-comatoso e eu dizia-lhes que conversávamos constantemente. Continuava, de facto, a falar com ela, e ela comigo. Insistimos para que lhe fosse permitido morrer em casa e até a levámos à praia com a família duas semanas antes da sua morte. Foi um momento muito importante para todos nós, incluindo vários sobrinhos e sobrinhas pequenos que aprenderam muito sobre a vida e a morte durante essa semana. Sei que se lembrarão durante muito tempo de como ajudaram a cuidar dela.

Uma semana depois de regressarmos a casa, ela morreu. Esse dia começou como de costume: medicação, alimentação, banho e conversa. Nessa manhã, quando a irmã de dez anos saiu para a escola, a Katie fez uns sons (algo que não fazia há meses) e eu comentei que estava a dizer “Adeus” à Jenny antes de ela ir para a escola. Notei que parecia muito cansada e prometi não a mexer mais nesse dia. Falei-lhe, disse-lhe para não ter medo, que estava com ela e que iria ficar bem. Disse-lhe que não precisava de aguentar por mim e que, quando morresse, estaria segura e rodeada de pessoas que a amavam, como o avô que tinha falecido dois anos antes.

Disse-lhe que sentiríamos muito a sua falta, mas que ficaríamos bem. Depois fiquei sentada com ela na sala de estar. Mais tarde, nessa tarde, a Jenny regressou, cumprimentou a Katie e foi para a outra divisão começar os trabalhos de casa. Algo me disse para ir até à Katie e comecei a limpar a sonda de alimentação, que estava a verter. Quando olhei para ela, os lábios ficaram brancos. Deu dois suspiros e parou. Falei-lhe e ela piscou os olhos duas vezes e partiu. Soube que não havia nada a fazer senão abraçá-la, e foi o que fiz. Senti tristeza mas também muita paz.

Nunca considerei fazer reanimação, embora soubesse como. Graças a si, compreendo porquê. Soube que a vida dela terminou quando tinha de terminar e que tinha aprendido tudo o que viera aprender e ensinado tudo o que viera ensinar. Grande parte do meu tempo agora é passado a tentar compreender o quanto ela ensinou enquanto viveu e enquanto morreu.

Imediatamente após a sua morte, e desde então, comecei a sentir uma onda de energia e vontade de escrever. Escrevi durante vários dias e continuo a ficar maravilhada com a energia e as mensagens que recebo. Logo após a sua morte, enchi-me da certeza de que a minha vida tem uma missão, de que estender a mão e dar aos outros é o que a vida realmente significa. “Katie viverá para sempre, como todos nós. A essência do que é mais valioso tem de

ser partilhada com os outros. Amar, partilhar, enriquecer as vidas dos outros, tocar e ser tocado—poderá alguma coisa estar à altura destes momentos?”

Assim, desde a morte da Katie, embarquei numa nova vida—iniciei um curso em aconselhamento que terminei em dezembro, trabalho com pessoas com SIDA… e compreendo cada vez mais os meus laços espirituais com a Katie e com Deus.

Gostaria ainda de partilhar um sonho que tive alguns meses após a morte da Katie. Este sonho tinha uma qualidade muito real e, ao acordar, soube que era significativo. A sua palestra de quinta-feira passada deu-me ainda mais sentido para ele:

Aproximei-me de um riacho que me separava de outro lugar. Sabia que tinha de ir até lá. Vi uma estreita ponte de madeira que atravessava o riacho. O meu marido estava comigo e caminhou atrás de mim durante um tempo até que tive de o carregar às costas para atravessarmos a ponte. Quando chegámos ao outro lado, entrámos numa casa. Lá dentro estavam muitas crianças com crachás com os seus nomes e fotografias. Encontrámos a Katie e soubemos que todas aquelas crianças tinham morrido e que nos seria permitido visitá-las durante algum tempo. Aproximámo-nos da Katie e perguntei se a podia abraçar. Ela disse: “Sim, podemos brincar um pouco, mas não posso ir contigo.” Respondi que sabia disso. Brincámos e conversámos durante algum tempo e depois tivemos de partir.

Acordei com a nítida sensação de que tinha estado com a Katie nessa noite. Agora sei que estive.

Com amor,

M.P.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

O Sinal do Manny

Não havia outra forma de ver a situação: estava rodeada de assassinos, pessoas que tinham cometido alguns dos piores crimes contra seres humanos de que já ouvira falar. Também não havia escapatória. Estávamos todos trancados atrás das grades de uma prisão de alta segurança em Edimburgo, na Escócia. E eu pedia-lhes uma confissão—não do crime hediondo que tinham cometido. Não, queria algo muito mais perturbador, muito mais doloroso. Queria que admitissem a dor interior que os levara a matar.

Claro, era uma abordagem nova à reabilitação, mas acreditava que nem uma pena de prisão perpétua teria hipótese de ajudar um assassino a mudar se o trauma que motivara tal crime brutal não fosse exteriorizado. Era a mesma

teoria dos meus workshops. Em 1991, propus realizar um deles atrás das grades a várias prisões, incluindo norte-americanas, e apenas a prisão escocesa aceitou as minhas condições pouco comuns—que metade dos participantes fossem presos e a outra metade funcionários prisionais.

Funcionaria? Pela experiência, não havia dúvida. Durante uma semana inteira, todos nós vivemos na prisão, comemos a mesma comida, dormimos nas mesmas camas duras, tomámos banho nos mesmos chuveiros frios (exceto eu—preferia morrer a cheirar mal do que congelar) e ficávamos trancados juntos à noite. Ao fim do primeiro dia, depois de a maioria dos homens explicar quais os delitos que os tinham levado ali, até dos olhos do preso mais duro escorreram lágrimas. Durante o resto da semana, a maioria revelou histórias de infâncias marcadas por abusos sexuais e emocionais.

A família Kübler-Ross cerca de 1988. Da esquerda para a dierita: Ken, Manny, Barbara, Elisabeth

Mas não foram apenas os prisioneiros a partilhar. Depois de a diretora da prisão, uma mulher frágil, reviver um problema íntimo da juventude diante dos reclusos e guardas, o grupo uniu-se numa proximidade emocional. Apesar das diferenças, surgiu de repente uma verdadeira compaixão, empatia e amor entre todos. No final da semana, reconheceram aquilo que eu há muito descobrira—que todos, como verdadeiros irmãos e irmãs, estão unidos pela dor e existem apenas para suportar dificuldades e crescer.

Enquanto os detidos alcançavam a paz que lhes permitiria viver vidas inteiras mesmo atrás das grades, eu fui recompensada com a melhor refeição suíça que alguma vez tive no estrangeiro e uma comovente despedida ao som de uma gaita de foles escocesa—talvez a única vez que aqueles prisioneiros ouviriam música assim dentro daquelas paredes. Embora workshops como este fossem incrivelmente produtivos, eram raros. A minha esperança era que inspirassem programas semelhantes nas sobrelotadas prisões norte-americanas, onde não se dá qualquer atenção à cura.

As pessoas troçavam destes objetivos e chamavam-nos irrealistas, mas havia muitos exemplos de metas que pareciam ainda mais impossíveis—exceto pelo facto de algumas pessoas se terem comprometido a fazer a mudança. Não havia exemplo melhor do que a África do Sul, onde o velho sistema repressivo do apartheid estava em vias de ser substituído por uma democracia multirracial.

Durante anos recusei convites para realizar workshops na África do Sul, a não ser que me garantissem uma mistura de participantes brancos e negros. Finalmente, em 1992, dois anos depois de Nelson Mandela, líder do Congresso Nacional Africano, ter sido libertado da prisão, foi-me prometida essa diversidade sob o mesmo teto, e aceitei ir. Embora não fosse exatamente seguir Albert Schweitzer, que me inspirara a tornar-me médica cinquenta e cinco anos antes, estava a cumprir um sonho de vida.

Esse workshop, que foi um enorme sucesso na criação de uma compreensão da humanidade baseada nas semelhanças em vez das diferenças, marcou uma grande conquista. Aos sessenta e seis anos, já tinha conduzido workshops em todos os continentes do mundo. Depois marchei numa manifestação política a favor de uma transição pacífica para um governo multirracial. Mas não importava estar em Joanesburgo ou em Chicago, porque todo o destino conduz ao mesmo caminho—crescimento, amor e serviço. Estar ali apenas reforçou a sensação de que já tinha chegado.

Mas depois veio um assunto triste, uma partida. Nesse outono, o Manny, que sobrevivera a uma operação de tripla ponte coronária, estava muito debilitado quando o coração começou a falhar. Temendo não aguentar outro rigoroso inverno em Chicago, quando a sua condição já era, no melhor dos casos, precária, passou os invernos em Scottsdale, no Arizona, onde o clima era aceitável. Em outubro, mudou-se para a casa de um amigo. Ali estava muito feliz. Muito além de qualquer ressentimento sobre o fim do nosso casamento, eu ia visitá-lo sempre que podia e enchia-lhe o frigorífico com refeições caseiras. O Manny adorava comer os meus pratos suíços. Recebia cuidados excelentes.

Não podia dizer o mesmo das poucas semanas que Manny teve de passar no hospital, depois de os rins começarem a falhar. Apesar de enfraquecer, o seu ânimo melhorou quando o trouxemos de volta a casa. Poucos dias antes de morrer, tive de voar para Los Angeles para uma conferência sobre hospices. Sabendo que os doentes terminais têm a maior perceção de quanto tempo lhes resta, sugeri ficar, mas Manny disse que queria algum tempo privado com outros familiares. “Está bem, eu vou”, disse. “Depois volto de avião nos próximos dias.”

Meia hora antes de partir para o aeroporto, lembrei-me do acordo que queria fazer com Manny caso ele morresse enquanto eu estava na Califórnia. Se toda a minha investigação sobre a vida após a morte estivesse correta, queria que ele me enviasse um sinal depois de morrer. Se não fosse válida, então ele não faria nada e eu continuaria a investigação. Manny protelou. “Que tipo de sinal?”, perguntou. “Algo fora do comum”, respondi. “Não sei exatamente, mas algo que eu saiba que só pode vir de ti.” Estava cansado e sem disposição. “Não saio daqui até me apertares a mão”, avisei. À última hora, ele concordou e parti animada. Foi a última vez que o vi vivo.

Mais tarde, nessa tarde, o Kenneth levou o Manny ao supermercado. Era a sua primeira saída depois de três semanas no hospital. No regresso, Manny parou numa florista e comprou uma dúzia de rosas vermelhas de haste longa para a Barbara ter no dia seguinte, o seu aniversário. Depois o Kenneth levou-o de volta ao apartamento, onde dormiu uma sesta enquanto o Kenneth arrumava as compras e voltava para casa.

Uma hora mais tarde, Kenneth regressou para preparar o jantar e encontrou o Manny morto na cama. Morrera durante a sesta da tarde. Quando cheguei ao quarto do hotel, já tarde nessa noite, vi a luz da mensagem no telefone a piscar. Pelos vistos o Kenneth tentara contactar-me muito antes, mas só conseguimos falar à meia-noite. Entretanto, o Kenneth telefonara à Barbara, em Seattle, quando ela regressou do trabalho, para lhe dar a notícia, e eles passaram a noite ao telefone. No dia seguinte, depois de fazer mais chamadas à família, a Barbara decidiu levar o cão a passear. Ao regressar a casa, deparou-se com a dúzia de rosas que Manny lhe enviara, pousadas na soleira da porta, na neve que caíra toda a manhã.

Não soube da chegada das flores até ao funeral do Manny em Chicago. Fiz as pazes com ele e estava feliz por já não ter de sofrer. Enquanto estávamos junto ao túmulo, começou a nevar intensamente. Notei dezenas de rosas espalhadas pelo chão à volta da sepultura e não suportei vê-las desperdiçadas ali na neve. Peguei nessas rosas magníficas e distribuí-as pelos amigos do Manny, as pessoas que estavam verdadeiramente consternadas. Dei uma rosa a cada pessoa.

A última entreguei à Barbara, porque era a menina do papá. Lembrei-me de uma conversa que tivera com o Manny quando ela tinha cerca de dez anos. Estávamos a discutir as minhas teorias sobre a vida depois da morte e ele virou-se para a Barbara e disse: “Está bem, se o que a tua mãe diz é verdade, então na primeira neve depois da minha morte, haverá rosas vermelhas a florescer na neve.” Ao longo dos anos, essa aposta tornou-se uma espécie de piada de família, mas agora era realidade.

A Barbara e o Manny, 1991

Fiquei transbordante de alegria, e o meu sorriso mostrava-o. Olhei para cima. O céu cinzento estava cheio de neve rodopiante que, para mim, parecia confete de celebração. O Manny estava lá em cima. Ah, os dois, os meus dois maiores céticos. Agora riam-se juntos. E eu também.

"Obrigada", disse, olhando para o Manny. "Obrigada por confirmares."

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

A Borboleta

Como especialista em lidar com a perda, eu não só conhecia as diferentes fases por que uma pessoa passa, como as defini. Raiva. Negação. Negociação. Depressão. Aceitação. Naquela fria noite de outubro de 1994, quando voltei de Baltimore e encontrei a minha amada casa engolida pelas chamas, passei por cada fase. Fiquei surpreendida com a rapidez com que aceitei a notícia. "O que posso fazer agora?", disse ao Kenneth.

Doze horas depois, a casa ainda ardia com a mesma intensidade de quando, na meia-noite anterior, eu passara pelo poste com a placa "Healing Waters" e reparara como o céu negro estava manchado por um brilho alaranjado estranho. Nessa altura, já tinha contado as minhas bênçãos, incluindo a sorte que tive por não ter vinte bebés com SIDA em risco por viverem ali. Eu também estava ilesa. A perda dos bens era outra questão, para lá da minha própria vida. Álbuns de fotografias e diários que o meu pai guardara foram destruídos.

O mesmo aconteceu a toda a minha mobília, eletrodomésticos e roupa. E ao diário da viagem à Polónia, que me mudara a vida. Fotografias que tirei em Maidanek. Perdi também vinte e cinco diários onde registara meticulosamente todas as conversas que tivera com o Salem e o Pedro. Além disso, centenas de milhares de páginas de documentação, notas e investigação desapareceram. Todas as fotografias que tirara dos meus "fantasmas" foram destruídas. Incontáveis fotografias, livros, cartas—nada além de cinza.

Mais tarde, nesse dia, o grosso do desastre abateu-se sobre mim e entrei numa espécie de choque. Tinha perdido tudo. Até à hora de deitar, sentei-me,

fumei e fui incapaz de fazer seja o que for para além disso. Na manhã do segundo dia, saí desse estado. Acordei muito melhor, sóbria e realista. O que vais fazer? Desistir? Não. “Isto é uma oportunidade de crescer”, lembrei a mim mesma. “Não crescerás se tudo for perfeito. Mas a dor é um presente com um propósito próprio.”

E esse propósito qual era? Uma oportunidade de reconstruir? Depois de avaliar os estragos, disse ao Kenneth que esse era o meu plano. Ia reconstruir. Mesmo por cima das cinzas. “É uma bênção”, declarei. “Já não tenho de fazer malas. Estou livre. Assim que reconstruir, posso passar metade do ano em África e metade aqui.”

Ele não tinha dúvidas de que eu não estava no meu perfeito juízo.

“Tu não vais reconstruir”, disse enfaticamente. “Da próxima vez, vão dar-te um tiro.”

“Sim, provavelmente vão”, respondi. “Esse será o problema deles.”

O meu filho via isso como problema dele também. Durante os três dias seguintes, ouviu-me a divagar sobre o futuro enquanto pernoitávamos na casa da quinta. Uma tarde, foi à vila, ostensivamente para me comprar o básico—cuecas, meias e jeans. Em vez disso, voltou com alarmes de incêndio, detetores de fumo, extintores e dispositivos de segurança—algo para todos os tipos de emergência possíveis. Mas isso não aliviou a sua preocupação comigo. O Kenneth não queria, pura e simplesmente, que eu vivesse ali sozinha.

Não fazia ideia de que ele tramava algo sorrateiro quando me levou à vila para jantar lagosta, uma das poucas coisas a que eu nunca dizia não. Mas, em vez de irmos a um restaurante, acabámos num avião com destino a Phoenix. O Kenneth mudara-se para Scottsdale para estar mais perto do pai, e eu agora ia atrás. “Vamos encontrar-te uma casa”, disse. Não protestei muito. Não tinha nada para arrumar. Sem roupa, sem móveis, sem livros, sem fotografias. Sem casa, já agora. Já não havia realmente nada que me prendesse à Virgínia. Porque não seguir em frente?

Limitei-me a dizer sim à dor e ela desapareceu.
No rio das lágrimas, faz do tempo teu amigo.

Alguns meses depois, um homem num bar de Monterey confessaria que “se livrara da senhora da SIDA”. Mesmo assim, as autoridades locais recusaram-se a apresentar queixa. A polícia do Condado de Highland disse-me que não tinha provas suficientes. Eu não estava com forças para lutar. E quanto à própria quinta? Apesar do dinheiro e do suor que ali investira, dei simplesmente o centro com o espaço de workshops a um grupo que trabalhava com adolescentes abusados e problemáticos.

Essa é a grande coisa sobre a propriedade. Eu tivera a minha oportunidade ali. Agora era tempo de outros tentarem fazer a terra funcionar para eles.

Mudei-me para Scottsdale e encontrei uma casa de adobe no meio do deserto. Não havia nada à minha volta. À noite, sentava-me no jacuzzi, ouvia os coiotes uivar e fitava os milhões de estrelas na galáxia. Podia sentir a infinitude do tempo. As manhãs tinham uma sensação semelhante—enganosamente calmas e silenciosas. As rochas escondiam cobras e coelhos e os pássaros faziam ninho em catos altos. O deserto podia ser ao mesmo tempo sereno e perigoso.

A 13 de maio de 1995, na véspera do Dia da Mãe, disse ao meu hóspede, o meu editor alemão, que estava a apreciar a oportunidade de reflexão que o deserto proporcionava. Na manhã seguinte, cedo, ouvi o telefone tocar, abri um olho e vi que eram sete horas. Ninguém que eu conhecesse se atreveria a telefonar-me a essa hora. Talvez fosse para o meu hóspede, alguém da Europa. Quando tentei inclinar-me para atender, percebi que algo não estava bem. O meu corpo não se mexeu. Não se mexia. O telefone continuou a tocar. O meu cérebro dava a ordem para me mover, mas o corpo não obedecia. Então percebi o problema. “Tiveste outro AVC”, disse a mim mesma. “Desta vez é maciço.”

Depois de o telefone ficar por atender, imaginei que o meu editor tivesse ido dar um longo passeio matinal. Fiquei sozinha. Pelo que consegui perceber, o AVC causara de facto alguma paralisia, mas parecia estar sobretudo confinado ao lado esquerdo. Apesar de sem forças, ainda conseguia mexer um pouco o braço e a perna direitos. Decidi tirar-me da cama e ir até ao corredor, onde poderia gritar por ajuda. Demorei perto de uma hora a arrastar-me para o chão. Estava como um pedaço de queijo a derreter lentamente. Só pensava em não cair, porque não queria partir a anca. Seria demais por cima do AVC.

Já no chão, passei outra hora a chegar à porta, que não conseguia abrir porque a maçaneta estava demasiado alta. Gastei mais tempo a usar o nariz e o queixo para a forçar dolorosamente a abrir. Quando finalmente consegui enfiar a cabeça no corredor, ouvi o meu editor no jardim, demasiado longe para ouvir a minha voz fraca. Talvez trinta minutos depois, ele entrou e ouviu-me a pedir ajuda. Levou-me de carro a casa do Kenneth, onde eu e o meu filho discutimos sobre se eu iria ou não ao hospital. Eu não queria. “Podes fumar quando saíres”, disse ele.

Assim que o Kenneth concordou que, acontecesse o que acontecesse, eu poderia sair do hospital passadas vinte e quatro horas, permiti que me internasse num hospital local. Mesmo então, embora paralisada do lado esquerdo, eu estava relutante, difícil, queixosa e a desejar um cigarro. Não a paciente ideal. Fizeram-me TACs, uma ressonância e todos os exames

básicos, que confirmaram o que eu já sabia—que tinha sofrido um AVC no tronco cerebral.

Quanto a mim, isso nada era comparado com o sofrimento provocado pelos cuidados de saúde atuais. Começou no hospital com uma enfermeira antipática e continuou depois com incompetência pura e dura. Na primeira tarde, uma enfermeira tentou esticar o meu braço esquerdo, que estava rígido numa posição dobrada e tão doloroso que eu nem suportava o ar a soprar-lhe em cima. Quando ela o agarrou, dei-lhe um golpe de karaté com o meu bom braço direito, fazendo com que chamasse mais duas enfermeiras para me deterem. “Cuidado, ela é combativa”, disse a primeira às outras.

Ela só sabia metade, pois dei-me alta no dia seguinte. Não havia maneira de eu aturar aquele tipo de tratamento. Infelizmente, uma semana depois voltei ao hospital com uma infeção urinária de estar sempre imóvel e de não beber o suficiente. Como tinha de urinar de meia em meia hora, era obrigada a depender das enfermeiras para me porem na aparadeira. Na segunda noite, a porta do meu quarto fechou-se, o botão de chamada caiu ao chão e esqueceram-se completamente de mim.

Estava calor e o ar condicionado avariado. A minha bexiga estava prestes a rebentar. Não foi uma boa noite. Então vi a minha chávena de chá na mesinha. Foi como um presente do céu. Usei-a para me aliviar. Na manhã seguinte, entrou uma enfermeira fresca como uma alface, um sorriso na cara. “Como está esta manhã, querida?”, perguntou. Olhei para ela com o calor de um prego enferrujado. “O que é isto?”, disse ela, olhando para a minha chávena.

“É a minha urina”, disse. “Ninguém entrou para ver como eu estava durante a noite inteira.”

“Ah”, respondeu, sem pedir desculpa, e saiu.

Os cuidados em casa não foram muito melhores. Pela primeira vez na vida, estava no Medicare, e isso ensinou-me muito—quase nada de bom.

Atribuíram-me um médico que eu não conhecia. Era um neurologista conceituado. O Kenneth empurrou a minha cadeira de rodas até ao consultório dele.

“Como está?”, perguntou.

“Paralisada”, respondi.

Em vez de medir a tensão arterial ou verificar os sinais vitais, o médico perguntou que livros eu tinha escrito desde o primeiro e insinuou que gostaria de receber um exemplar do mais recente, de preferência autografado. Quis mudar de médico, mas o Medicare não permitia. Um mês mais tarde, tive dificuldade em respirar e precisei de ajuda. A minha excelente fisioterapeuta ligou três vezes para o meu médico sem obter resposta. Finalmente liguei eu

mesma. A secretária atendeu e, com pesar, anunciou que o médico estava demasiado ocupado. “Mas pode fazer-me qualquer pergunta”, disse, alegre. “Se quisesse uma rececionista, ligava para uma”, respondi. “Mas eu quero um médico.”

Esse foi o fim dele. A sua substituta foi uma maravilhosa amiga minha, a médica Gladys McGarrey. Cuidou bem de mim. Importava-se genuinamente. Fazia visitas domiciliárias, até aos fins de semana, e avisava-me se fosse viajar. Ouvia-me. Era o que eu esperava de um médico.

A burocracia do sistema de saúde ficou exatamente à altura das minhas baixas expetativas. Atribuíram-me assistentes sociais sem intenção de trabalhar. Uma delas ignorou-me quando lhe perguntei sobre o que o meu seguro cobria. “O seu filho pode tratar disso”, disse. Depois houve a questão aparentemente pequena de uma almofada. Uma enfermeira encomendara-me uma almofada para o cóccix, que doía por estar sentada quinze horas por dia. Quando foi entregue, vi que o Medicare cobrara 400 dólares por aquela coisa que não valia mais de 20. Enviei-a de volta.

Dias depois, a empresa ligou a dizer que eu não podia devolver a almofada por correio. Tinha de ser recolhida pessoalmente pelo serviço de entregas. Estavam a enviar de volta a maldita almofada. “Está bem, mandem-na”, disse, incrédula. “Vou estar sentada em cima dela.”

Não havia nada de engraçado nos cuidados de saúde. Dois meses após o meu AVC, embora continuasse a sofrer dores e paralisia, a minha fisioterapeuta disse-me que a companhia de seguros cancelara o tratamento. “Dra. Ross, lamento, mas não virei mais”, disse. “Eles não pagam.”

Haverá frase mais assustadora em termos de saúde? Todas as minhas convicções de médica ficaram profundamente ofendidas. Afinal, fora chamada à medicina. Sentira-me honrada por tratar vítimas de guerra. Cuidara de pessoas consideradas sem esperança. Dedicara toda a minha carreira a ensinar médicos e enfermeiros a serem mais atenciosos e compassivos. Em trinta e cinco anos, nunca cobrara a um único paciente.

Agora diziam-me: “Eles não pagam.”

Era este o cuidado médico moderno? A decisão tomada por alguém num escritório que nunca vira o paciente. Teria a papelada substituído a preocupação com as pessoas?

Na minha opinião, os valores estão completamente distorcidos. A medicina atual é complexa e a investigação é cara, mas os dirigentes das grandes companhias de seguros e das HMOs ganham milhões em salários anuais. Ao mesmo tempo, os doentes com SIDA não conseguem pagar medicamentos que prolongam a vida. Os doentes com cancro veem recusados tratamentos porque são considerados “experimentais”. As urgências estão a ser

encerradas. Como é possível tolerar isto? Como pode alguém ser privado da esperança? Ou dos cuidados?

Em tempos, a medicina era sobre curar, não sobre gerir. Precisa de adotar novamente essa missão. Médicos, enfermeiros e investigadores devem reconhecer que são o coração da humanidade, tal como os clérigos são a sua alma. Precisam de fazer da ajuda ao próximo—rico ou pobre, preto, branco, amarelo ou castanho—a sua mais alta prioridade. Acreditem em mim, alguém que já foi pago em "sagrada terra polaca": não há recompensa maior.

Na vida após a morte, todos enfrentam a mesma pergunta. Quanto serviço prestaste? O que fizeste para ajudar?
Se esperares até lá para responder, será demasiado tarde.

A própria morte é uma experiência maravilhosa e positiva, mas o processo de morrer, quando prolongado como o meu, é um pesadelo. Drena todas as faculdades, sobretudo a paciência, a resistência e a serenidade. Ao longo de 1996, lutei com a dor constante e as limitações da paralisia. Estou dependente de cuidados vinte e quatro horas por dia. Se a campainha tocar, não consigo atender. E privacidade? Isso é coisa do passado. Depois de quinze anos de total independência, é uma lição difícil de aprender. Pessoas entram, pessoas saem. Às vezes a minha casa parece a Grand Central Station. Outras vezes é demasiado silenciosa. Que vida é esta? Uma vida miserável.

Em janeiro de 1997, data em que escrevo, posso honestamente dizer que estou ansiosa por graduar-me. Estou muito fraca, em dor constante e totalmente dependente. De acordo com a minha Consciência Cósmica, sei que se deixasse de ser amarga, zangada e ressentida com a minha condição e dissesse simplesmente sim a este tipo de "fim de vida", então poderia partir e viver num lugar melhor e ter uma vida melhor. Mas, como sou muito teimosa e desafiadora, tenho de aprender as minhas lições finais da maneira mais difícil. Tal como toda a gente.

Mesmo com todo o meu sofrimento, continuo contra o Kevorkian, que tira a vida às pessoas prematuramente só porque estão com dor ou desconforto. Ele não compreende que priva as pessoas das últimas lições que têm de aprender antes de poderem graduar-se. Neste momento, estou a aprender paciência e submissão. Por mais difíceis que sejam essas lições, sei que o Mais Alto de Todos tem um plano. Sei que Ele tem um momento certo para eu deixar o meu corpo da mesma forma que uma borboleta abandona o casulo.

O nosso único propósito na vida é crescer. Não há acidentes.

CAPÍTULO QUARENTA

Sobre a Vida e o Viver

É típico de mim já ter planeado o que vai acontecer. A minha família e amigos virão de todas as partes do mundo, atravessarão o deserto até encontrarem uma pequena placa branca numa estrada de terra que diz *Elisabeth*, e depois seguirão até avistarem o tipí indígena e a bandeira suíça erguida sobre a minha casa em Scottsdale. Alguns estarão de luto. Outros saberão o quanto estou finalmente aliviada e feliz. Haverá comida, histórias trocadas, risos, lágrimas e, a certo ponto, dezenas de balões de hélio serão libertados, parecendo E.T. a subir para o céu azul. Claro, eu já estarei morta.

Mas porque não dar uma festa de despedida? Porque não celebrar? Aos setenta e um anos, posso dizer que realmente vivi. Depois de começar como um "nada de novecentas gramas" que não se esperava que sobrevivesse, passei a maior parte da minha vida a lutar contra forças gigantes de ignorância e medo. Quem conhece o meu trabalho sabe que acredito que a morte pode ser uma das maiores experiências da vida. Quem me conhece pessoalmente pode testemunhar como tenho esperado, com impaciência, a transição da dor e da luta deste mundo para uma existência de amor completo e avassalador.

Não foi fácil, esta última lição de paciência. Nos últimos dois anos, graças a uma série de AVCs, estive totalmente dependente de outros para os cuidados mais básicos. Todos os dias eram uma luta para passar da cama para a cadeira, da cadeira para a casa de banho e de volta. O meu único desejo era deixar o corpo, como uma borboleta que larga o casulo, e finalmente fundir-me com a grande luz. Os meus espíritos repetiram-me a importância de fazer do tempo um amigo. Sei que o dia em que a minha vida terminar nesta forma, neste corpo, será o dia em que tiver aprendido esse tipo de aceitação.

O único benefício de uma aproximação tão lenta à passagem final da vida foi o tempo para contemplação. Suponho que seja adequado que, depois de aconselhar tantos doentes terminais, tenha tempo para refletir sobre a morte agora que a que enfrento é a minha. Há nisso uma poesia, uma ligeira tensão, como uma pausa num drama em tribunal em que o réu tem a oportunidade de confessar. Felizmente, não tenho nada de novo a admitir. A minha morte virá até mim como um abraço caloroso. Como sempre disse, a vida num corpo físico é apenas um curto intervalo da nossa existência total.

Quando passamos nos testes para os quais fomos enviados à Terra, é-nos permitido graduar. É-nos permitido largar o corpo, que aprisiona a alma da mesma forma que um casulo envolve a futura borboleta, e quando o momento certo chega podemos deixá-lo ir. Então ficaremos livres da dor, livres dos medos e das preocupações… livres como uma bela borboleta a regressar a casa de Deus… que é um lugar onde nunca estamos sozinhos, onde continuamos a crescer, a cantar e a dançar, onde estamos com aqueles que

amámos, e onde somos rodeados de mais amor do que possamos alguma vez imaginar.

Felizmente, cheguei a um nível em que já não tenho de voltar para aprender mais lições, mas, tristemente, não me sinto confortável com o mundo que estou a deixar pela última vez. Todo o planeta está em apuros. Este é um momento muito frágil da história. A Terra tem sido abusada durante demasiado tempo sem consideração por consequências sérias. A humanidade devastou a abundância do jardim de Deus. Armas, ganância, materialismo, destruição. Tornaram-se o catecismo da vida, o mantra de gerações cujas meditações sobre o significado da vida se extraviaram perigosamente.

Acredito que a Terra em breve corrigirá estes erros. Por causa do que a humanidade fez, haverá terramotos, inundações, erupções vulcânicas e outros desastres naturais em escala nunca antes testemunhada. Por causa do que a humanidade esqueceu, haverá enormes baixas. Sei isto. Os meus espíritos disseram-me para esperar convulsões e abalos de proporções bíblicas. De que outra forma as pessoas podem ser despertadas? Que outro modo há de ensinar respeito pela natureza e pela necessidade da espiritualidade?

Assim como os meus olhos viram o futuro, o meu coração vai para aqueles que ficam. Não tenham medo. Não há razão para isso, se se lembrarem de que a morte não existe. Em vez disso, conheçam a vossa própria essência e encarem a vida como um desafio em que as escolhas mais difíceis são as mais elevadas, aquelas que ressoarão com a retidão e darão a força e a visão d'Ele, o Mais Alto dos Altos.

O maior presente que Deus nos deu é o livre-arbítrio. Não há acidentes. Tudo na vida acontece por uma razão positiva. Se protegesses os desfiladeiros das tempestades de vento, nunca verias a beleza das suas esculturas.

Ao passar deste mundo para o próximo, sei que o céu ou o inferno são determinados pela forma como as pessoas vivem a sua vida no presente. O único propósito da vida é crescer. A lição suprema é aprender a amar e ser amado incondicionalmente. Há milhões de pessoas na Terra que passam fome. Há milhões que estão sem abrigo. Há milhões que têm SIDA. Há milhões que foram abusadas. Há milhões que lutam com incapacidades. Todos os dias, alguém novo clama por compreensão e compaixão. Escuta esse som. Ouve esse apelo como se fosse música bela. Posso garantir-te que as maiores recompensas da tua vida virão de abrires o coração aos que precisam. As maiores bênçãos vêm sempre da ajuda.

Acredito verdadeiramente que a minha verdade é universal—acima de todas as religiões, economias, raças e cores—partilhada pela experiência comum da vida.

Todas as pessoas vêm da mesma fonte e regressam à mesma fonte.
Todos temos de aprender a amar e a ser amados incondicionalmente.

Todas as dificuldades que te acontecem na vida, todas as provações e pesadelos, todas as coisas que vês como castigos de Deus, são na realidade como presentes. São uma oportunidade de crescer, que é o único propósito da vida.

Não podes curar o mundo sem primeiro curares a ti mesmo.

Se estiveres preparado para experiências espirituais e não tiveres medo, terás as tuas próprias. Não precisas de um guru ou de um Baba para te dizer como fazê-lo.

Todos nós, quando nascemos da fonte, a que chamo Deus, fomos dotados de uma faceta de divindade. É isso que nos dá conhecimento da nossa imortalidade.

Deves viver até morreres.
Ninguém morre sozinho.
Todos são amados para além da compreensão.
Todos são abençoados e guiados.

É muito importante que faças apenas aquilo que amas fazer. Podes ser pobre, podes passar fome, podes viver num lugar modesto, mas viverás plenamente. E, no fim dos teus dias, abençoarás a tua vida porque fizeste o que vieste aqui fazer.

A lição mais difícil de aprender é o amor incondicional.

Morrer não é nada a temer. Pode ser a experiência mais maravilhosa da tua vida. Tudo depende de como viveste.

A morte é apenas uma transição desta vida para outra existência onde já não há dor nem angústia.

Tudo é suportável quando há amor.
O meu desejo é que tentes dar mais amor a mais pessoas.
A única coisa que vive para sempre é o amor.

SOBRE A AUTORA

Elisabeth Kübler-Ross é uma médica, psiquiatra e tanatologista de renome mundial, conhecida pelo seu trabalho com crianças e doentes com SIDA, e é reconhecida por ter trazido o movimento hospício para os Estados Unidos. O seu trabalho foi traduzido em vinte línguas: catalão, chinês, dinamarquês, neerlandês, finlandês, francês, alemão, grego, hebraico, húngaro, islandês, italiano, japonês, coreano, norueguês, polaco, português, servo-croata, sueco e espanhol. Vive em Scottsdale, Arizona.